

A romantic close-up photograph of a man and a woman. The woman is on the left, leaning her head towards the man on the right. They are both looking down, and their faces are very close, suggesting an intimate moment or a kiss. The lighting is soft and warm, creating a romantic atmosphere. The woman has dark hair and is wearing a small earring. The man has short hair and a beard. The overall tone of the image is intimate and tender.

Um
AMOR para
recomeçar

Mesma autora de Mudança Radical
CRIS S. ROCHA



Um
AMOR para
recomeçar

Mesma autora de Mudança Radical
CRIS S. ROCHA

Copyright © 2018 Cris S. Rocha

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão: Analine Borges Cirne

Capa: Layce Design

Diagramação digital: [Layce Design](#)

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da editora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil.



[Dedicatória](#)
[Agradecimentos](#)

[1](#)
[2](#)
[3](#)
[4](#)
[5](#)
[6](#)
[7](#)
[8](#)
[9](#)
[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

[Contato](#)

[Notas](#)





Dedico esse livro a todos que perderam a esperança, que não acreditam em recomeços.



Primeiramente e sempre agradeço a Deus. Acredito que escrever é um dom que Ele me deu.

Em segundo, às minhas betas, que choraram e quase quiseram me bater depois do capítulo 13. Obrigada, meninas, Cristiane Fernandes e Rafaela Alves especialmente.

À minha salvadora da pátria Analine Borges Cirne, ou Ana Christie, como é conhecida nas redes sociais, minha revisora desde *Mudança Radical*, meu primeiro livro. Obrigada pela paciência, por corrigir cada inconsistência neste livro para que ele ficasse o mais perfeito possível. Sei bem o trabalhão que te dei.

E agradeço imensamente a todos vocês, leitores, que abriram a mente e o

coração para Emily e Lorenzo, que choraram e sorriram com eles ao longo das páginas. Espero do fundo do coração que este livro toque seus corações e que os encham de novas esperanças.



*Hoje o sol não brilhou, os pássaros não cantaram
Os risos se calaram e as lágrimas rolaram de meu rosto.
Meu coração sofre em silêncio
– Autor desconhecido*

Mais um dia amanhecia, lindo e ensolarado, na pequena cidade do interior do Paraná chamada Esperança¹. Nome peculiar e BEM o que eu necessitava: esperança de um novo recomeço; esperança de aliviar as dores de minha alma e de esquecer minhas desventuras dos últimos oito anos.

Era uma manhã de inverno, e mais uma vez eu acordava com aquele aperto no peito, aquela vontade de não me levantar da cama. Havia feridas em meu

peito, não físicas, mas dentro de mim, impregnadas em meu coração. Por mais que o tempo passasse, elas ainda continuavam ali. Eram feridas que estavam abertas e nunca iriam cicatrizar. Elas ficavam me cutucando para me lembrar de que eu nunca mais voltaria a ser a mulher que fora um dia.

Dois anos antes eu decidira vir morar com minha irmã nessa cidadezinha. Já tinha passado tempo suficiente na escuridão. Graças à amizade com um padre que tanto me aconselhara e mostrara as maravilhas que Deus me permitia ainda ver, depois de um sonho, eu acordara sem gritar e apenas sentindo saudades. Isso era uma prova de que era a hora de voltar à vida e fazer algo de útil. Minha irmã fizera o convite, e eu o aceitara.

Ela havia se separado uns dois anos antes por causa das brigas constantes com o ex-marido e morava com a filha adolescente em uma casa simples de dois andares, de madeira, um charme. Mudara-se para Esperança pela oportunidade de abrir um negócio próprio e pela vontade de se mudar para uma cidade de interior pequena e pacata.

Eu passara a trabalhar na escola da cidade. Dava aulas de português e leitura para a terceira série, e era esse trabalho, junto às crianças, que me fazia sorrir pelo menos por um motivo.

Levantei-me e fui tomar o café da manhã.

— Você pode se casar de novo! Já pensou? Se apaixonar de novo, quem sabe até ter filhos — comentou minha irmã, Rafaela, enquanto comíamos.

— Não. Você sabe que isso não vai acontecer.

— Por quê? Você é tão jovem ainda! É bonita, adora crianças, é inteligente.

— Já tive minha chance e a perdi. Agora vamos mudar de assunto por favor?

— Por que se nega a ser feliz de novo, irmã?! Você merece e tem todo o direito de recomeçar sua vida.

— Não me vejo nos braços de outro homem. Me parece algo tão estranho.

— Oh, meu Deus! Deus sabe o quanto rezo para que você não esteja falando isso do fundo do seu coração. Não seja tola. Já se passaram oito anos. OITO anos!

— Sim, mas minha ferida ainda está aberta.

— O padre Luiz já lhe disse, existem feridas que nunca vão cicatrizar. Mas, meu amor, você terá que levantar essa cabecinha e olhar para frente. A ferida estará sempre aberta e vai doer para sempre, mas Deus tem um propósito na sua vida. Por isso te deu uma chance de recomeçar. E eu ainda oro todas as noites para Deus te enviar um homem lindo, maravilhoso, que faça você mudar de ideia.

Rafaela não ia entender, e já tínhamos conversado sobre esse assunto

inúmeras vezes. Ela sabia que eu nunca mais abriria meu coração novamente. Eu o abrira uma vez, e agora ele estava com uma ferida não cicatrizada que me machucava a cada vez que eu me lembrava. Se não fosse os conselhos do padre Luiz, eu nem estaria onde estava. Uma vez ela até tentara armar um encontro forçado entre mim e um primo do seu namorado, mas não dera muito certo. O cara ficara assustado com minha carga emocional e se espantara com meu jeito quieto de ser.

Terminei meu café, peguei minhas pastas e caminhei até a escola, que ficava a umas quatro quadras de casa.

Fazia oito anos que eu não me arrumava. Não usava maquiagem, ou vestidos e roupas coloridas, ou mesmo com estampas. Eu sempre vestia roupas escuras ou em tons claros, nada muito chamativo ou alegre.

Ao chegar à escola, fui até a sala dos professores pegar minha apostila no meu armário e, quando saí, esbarrei com um homem e acabei derrubando minha apostila e uma pilha de papéis que ele carregava. Eu fiquei toda sem jeito e me abaixei para ajudá-lo.

— Nossa, como sou desastrada. Me desculpe. Eu não o tinha visto.

— Não se preocupe, moça. São só umas anotações. Prazer, me chamo Lorenzo. Sou o novo professor da sexta série. Professor de matemática.

— Bem-vindo, Lorenzo. Sou a professora Emily, ou tia Emy, como as crianças me chamam. Sou professora de português.

— Muito prazer, Emily! Espero não ter te atrapalhado, eu também tenho essa mania de não olhar por onde ando e esbarrar nas pessoas. Peço desculpas.

— Preciso ir, as crianças me esperam.

— Ah, sim, claro. Espero que nos esbarremos mais vezes por aí.

— Espero apenas não ter nenhum papel em mãos. Até mais, professor.

O rapaz era simpático. Era novato. Eu já tinha sido nova naquela escola e sabia como era o primeiro dia. Era assustador. Para mim, pelo menos, havia sido. No entanto, assim que me apresentara às crianças, mágica acontecera. Aquilo dera um colorido a minha vida, elas preencheram um pouco o vazio do meu peito.

Entrei na sala de aula, e uns cinco minutos depois, a diretora Ana bateu à porta. Vinha com um aluno novato.

— Com licença, professora Emily, a senhora tem um novo aluno. Esse é o André, filho do novo professor da sexta série. Acredito que já o tenha conhecido mais cedo na sala dos professores?

— Ah, claro.

Aproximei-me do menino, peguei a sua mochila e o encaminhei a uma das carteiras vazias. Ele parecia bem tímido, e a diretora, antes de eu retomar minha

aula, chamou-me para fora da sala.

— Só um minuto, crianças, tia Emy vai sair dois minutos e já volta. Alguém gostaria de escrever a data de hoje no quadro?

As crianças amavam escrever no quadro-negro. A Dudinha, a mais nova da classe, sempre era a primeira a pedir para escrever.

— Que tal deixarmos nosso novo coleguinha, André, escrever? O que me diz, querido? Gostaria de escrever no quadro-negro?

Ele deu um sorrisinho tímido e fez um gesto afirmativo com a cabeça. Fui até a diretora e saí da sala, fechando a porta atrás de mim. Ana veio me avisar que o pequeno André tinha dificuldades em fazer novas amizades, era um menino extremamente tímido e conversava pouco. Eu teria de ter cuidados especiais com ele. Não quis prolongar o assunto, disse apenas que ficaria de olho nele.

Durante aquela tarde o menino me pareceu apenas quietinho e tímido, algo normal para o primeiro dia de aula em uma nova escola. Mesmo assim eu tomaria cuidado se algo em sua personalidade se mostrasse estranho demais.

Durante o intervalo, fui almoçar na sala dos professores, como de costume, e o professor novo sentou-se ao meu lado.

— Soube que a senhora dará aulas ao meu filho.

— Ah, o pequeno André.

— Fico feliz. Ele é um menino muito amável, mas muito tímido.

— Fique tranquilo, que estarei atenta ao seu comportamento, professor.

Eu não era muito do tipo que gostava de conversar durante o meu almoço, na verdade eu não era uma pessoa muito sociável. Tratava todos muito bem, mas não era do tipo que colecionava amigos. A maioria das pessoas que eu conhecia já sabia da história da minha vida, ou parte dela. Entretanto, ele não. Aquele desconhecido ali não sabia de nada.



*Todo mundo é capaz
De dominar uma dor,
Exceto quem a sente*
– **William Shakespeare**

Uma semana após a chegada do professor e do aluno novo, marcamos uma reunião com os professores para tratarmos da festa de primavera que todo ano era feita na escola. Era uma tradição da cidade, já que em seus arredores existiam muitos campos de flores que eram vendidas para várias regiões do estado.

Eu nunca participava dessas festividades. Na verdade, fazia longos anos que

eu não participava de festa nenhuma, a não ser o Réveillon na casa dos meus pais, e ainda assim obrigada. Não havia motivos para festejar e muito menos para ficar em um lugar alegre, contagiando os outros com minha nostalgia e melancolia. Ajudava na organização, mas não participava dos festejos. Minha irmã insistia que era bobagem da minha parte, que eu não me sentiria melancólica e que seria bom para mim ver gente alegre, me animar, me distrair e sorrir um pouco.

A reunião era no sábado de manhã. Eu estava entretida com meus pensamentos enquanto todos discutiam sobre a festa. Fiz algumas anotações sobre ideias de sorteios de brindes e rifas e percebi que o professor novo, o Lorenzo, não parava de me olhar. Eu já estava ficando um tanto incomodada.

— Professor Lorenzo, algum problema?

— Na-não.

Percebi que ele ficou meio sem graça e voltou a conversar com os outros professores. Eu não gostava desse Lorenzo. Desde que ele chegara, eu ouvia o tempo todo pelos corredores sobre como ele era bonito, elegante, gentil e engraçado. Eu não tinha reparado nele, nem fisicamente, nem em seu comportamento, e tampouco me importava como ele era. Aquela sua atitude de ficar me olhando durante a reunião me incomodou.

Assim que a reunião terminou, todos saíram depressa. Fiquei na sala arrumando meus papeis para voltar para casa e não percebi que estava sozinha com o novo professor. Ele se aproximou e me ajudou a guardar as canetas e papeis que o pessoal havia largado sobre a mesa.

— Deixe-me ajudar a senhorita, já que todos foram embora.

— Não se preocupe, professor Lorenzo, eu mesma já coloco tudo em seu devido lugar. Pode ir. Tenho certeza de que o André está a sua espera.

— Sim, o deixei com uma diarista, mas sabe como ele é, não se enturma muito. Enquanto não arrumo uma pessoa para cuidar dele nessas horas, a Vânia, minha diarista, indicada pela diretora Ana, se ofereceu para cuidar dele.

— O André é um bom menino. Nessa semana, em que o observei em sala de aula, o percebi tímido e um pouco recluso, mas logo fará amizades. Os outros alunos da classe estão se aproximando dele também. Finalizamos. Podemos ir?

Ele me olhou e sorriu. Olhei-o nos olhos pela primeira vez. Ele tinha olhos azuis meio escondidos atrás das lentes dos óculos para leitura, cabelos pretos, e parecia ser um homem simpático. Não que eu estivesse reparando.

Fechamos a porta, e, ao sair, deixei com o segurança as chaves da escola.

— Até logo, professor. Passe bem.

— Não quero ser abusado, mas será que se importaria se eu a acompanhasse? Para que lado fica a sua casa?

— Não é necessário. Minha casa fica apenas a algumas quadras daqui.

— Está bem. Até logo.

Notei que ele ficou sem jeito com minha recusa, mas eu não gostava de ninguém tagarelado ao meu lado enquanto eu caminhava. Entretanto, quando segui pelo caminho de sempre, ele seguiu ao meu lado.

— Por favor, não precisa ficar zangada comigo, apenas vou na mesma direção que a senhorita. Minha casa fica para lá.

E apontou exatamente para o antigo vinhedo da cidade. Realmente ficava na direção da casa da minha irmã, na verdade era um pouco depois dela, seria seu caminho.

— Mas se não quiser que eu caminhe ao seu lado, é só me ignorar.

— Está bem, professor. Como quiser.

Ele continuou caminhando ao meu lado, e percebi que alguns moradores de casas próximas ficaram nos olhando. Cidade pequena é assim mesmo, todo mundo conhece todo mundo e todo mundo pensa que sabe tudo sobre todo mundo.

Ele tagarelou o caminho todo. Eu já estava bastante irritada, apenas respondia com palavras monossilábicas enquanto ele me falava da sua vida em São Paulo e das aventuras como professor quando se formou.

Quando chegamos à frente da minha casa, minha irmã, curiosa, viu da janela da cozinha que eu estava acompanhada – eu a vi espiando.

— Bom, professor Lorenzo, cheguei em casa. Acredito que esteja morando no antigo casarão onde funcionava o vinhedo. Obrigada pela companhia. Passe bem.

— Emily? Posso lhe pedir um imenso favor? Me chame apenas de Lorenzo. Não a chamo o tempo todo de professora Emily, não é mesmo?

— Não, senhor.

— Muito menos de senhor, apenas de Lorenzo. Você não é muito de conversar, não é mesmo?

— Até breve, Lorenzo.

— Até breve, Emily!

Dei as costas a ele e entrei em casa. Já na sala, minha irmã veio me encher de perguntas, como quem era o cara, o que conversamos, de onde ele era, por que eu não o havia convidado para entrar.

— Ora, é só o novo professor da escola. Não seja inconveniente.

— Não estou sendo inconveniente, só fiquei curiosa, você não tem muitos amigos, ainda mais bonitões como ele.

— Ele não é meu amigo. É petulante e falador, apenas isso.

— Nossa, ele me pareceu tão simpático e...

Interrompi-a antes de falar qualquer outra abobrinha. Como ela podia achar o cara simpático sem nem ter conversado com ele? Minha irmã era uma boba.

Subi até meu quarto e tomei um banho. Depois ajudei Rafaela com o almoço e passei o resto da tarde organizando as aulas para a semana seguinte.

À noite minha sobrinha, Sophia, bateu à porta do meu quarto, convidando-me para ir ao cinema.

— Não, minha linda, vá com sua mãe e divirta-se.

— Ah, tia, queria tanto que a senhora viesse com a gente.

— Quem sabe na próxima. Fiquei a tarde toda preparando as aulas da semana que vem, estou com um pouco de dor de cabeça.

— Está bem. Mas na próxima não aceito “não” como resposta.

Sorri para ela, e como de costume, ela me deu um beijo na testa e saiu.

Sophia era uma adolescente de 16 anos e era um amor, uma filha comportada, estudiosa, educada com o namorado da sua mãe, mas guardava no coração uma paixãozinha pelo colega de sala de aula que nem olhava para ela, segundo a mesma. Eu sempre tentava ajudá-la, dava-lhe conselhos, tanto para ela quanto para minha irmã, pois Rafaela dizia que Sophia era muito nova para sofrer por um moleque da escola e que ela não entendia nada sobre amor. E eu lhe lembrava que fora na idade de sua filha que eu conhecera o amor da minha vida. Um passado tão distante que parecia até ter acontecido em outra vida. Isso não significava que eu não sentia mais nada, muito pelo contrário, sentiria eternamente.

Peguei pela milésima vez o álbum de lembranças do meu passado. Minhas fotos da época do colégio, na idade de Sophia, tão feliz, tão empolgada, cheia de esperanças para a vida e para o futuro. Não reconhecia mais aquela menina, nem aquela mulher de oito anos atrás. Quando somos jovens, um leque de possibilidades se abre para nós, mas conforme vamos crescendo, envelhecendo, esse leque vai se fechando e as possibilidades vão se esvaindo. As minhas haviam se fechado completamente.

Ao me olhar com 16 anos, tão cheia de vida, tão sorridente, percebi que eu parecia muito com minha sobrinha. Eu havia sido uma adolescente feliz e apaixonada. Naquela época eu brigara muito com meus pais, porém, fora um período muito feliz. Na verdade, os anos dos 16 aos 23 foram os mais felizes da minha vida.

Agora eu era uma mulher renascida. Diferente. Não digo infeliz, pois seria um pecado. Ainda, feliz eu não era. Não mais.

Eu não queria ficar de novo triste, de novo imersa no escuro da minha alma e nos erros do meu passado. Minha vida estava diferente, é claro, mas fazia dois anos que eu estava reagindo e lutando para sobreviver depois de tudo que

acontecera.

No domingo de manhã, fui à igreja, como de costume. Depois da missa fiquei ajudando o padre Luiz a limpar a igreja.

— E como se sente hoje, minha amiga?

— Estou bem, padre. Mas cada dia é uma luta constante.

— Lembre-se, a sua fase de luto já passou. O Senhor tem uma missão muito importante na sua vida. Creia nisso. Nosso Pai não vai ficar nada satisfeito de te ver como quando te encontrei...

— Te dei muito trabalho, não foi?

— Um pouco. Mas acredito que fui designado para cuidar de você. Olha para você hoje! Acredito que essa foi uma missão muito importante do Altíssimo para mim e sou eternamente grato por isso. Mas ainda não me sinto satisfeito. Ainda quero vê-la casada com um homem digno, com filhos, também. Você verá, eu sinto; sua vida será muito abençoada ainda.

— Padre, acredito que o senhor deseja isso tanto quanto minha irmã. Mas meu coração já pertence a alguém. E dificilmente outra pessoa irá tomar o seu lugar.

— Não, querida, não pense assim. Outra pessoa não vai tomar o lugar do Heitor, mas sim tornar algo que hoje te machuca em algo bom, uma lembrança de vida feliz.

Como falar para o padre Luiz que eu não queria mais ninguém em minha vida? Ele e minha irmã insistiam sempre no mesmo assunto. No começo, quando eles começaram um ano antes com essa história, eu me irritava, brigava com eles; agora eu sorria triste, pois só quem passa pelo que eu passei, só quem vive a dor que eu senti, sabe o que perder alguém pode causar. É uma ferida não física, é uma ferida na alma, e essa é uma ferida que não se cura fácil. Não há substituições nem esquecimento, é luta diária mesmo. Um dia de cada vez.

No começo do meu tratamento, eu tinha de pensar assim, um minuto por vez, depois trinta minutos, depois uma hora, e agora, um dia por vez de uma luta interna interminável.

Eu entendia que Rafaela, o padre Luiz e meus pais desejavam muito minha recuperação total, que eu fosse feliz e voltasse a ser a mulher que eu era, mas eu acreditava que aquilo fosse algo meio absurdo. Apenas um milagre divino me faria ser uma pessoa “normal”, que sai para se divertir, que sorri, que namora... Uma vez a Rafa me perguntou se eu não sentia falta de namorar, mas eu nunca mais havia pensado naquilo. Depois de tudo, parece que eu tinha virado uma espécie de robô. Apenas nos últimos dois anos eu estava mais “humana”, eu diria.

Na manhã seguinte, no caminho para a escola, a professora Mariana veio

em minha direção toda sorridente com aquele seu vestido decotado, toda serelepe. Estava com um sorrisinho, e eu sabia que aí tinha coisa.

— Bom dia, Emily!

— Bom dia, Mariana.

— É, fiquei sabendo que você e o professor Lorenzo vieram embora juntos no sábado após a reunião. Fiquei intrigada, você não é de conversar muito.

Eu sabia...

— Ele só me acompanhou porque é o mesmo caminho até a casa dele.

— Oh, sim. Então, sabe o que disseram sobre ele, não é? Dizem que a mulher dele o traiu com o patrão dela e que ele os pegou juntos na cama. Disseram que foi um escândalo, e o menino, pobrezinho, foi abandonado pela mãe. O professor Lorenzo, além de bonitão, é um bom partido.

— Mariana, não me leve a mal, mas pouco me importa a vida particular do meu colega de trabalho, tão pouco a sua situação sentimental. Então, se me der licença, estou com pressa.

— Então não está interessada?

— Não mesmo. Nem um pouco.

— Então será que eu teria chance?

— Mariana, eu não faço ideia. Mas faça o que seu coração mandar. Estarei torcendo. Agora vamos apurar o passo, que ainda preciso organizar alguns papéis antes da aula.

Mariana era do tipo que não podia ver um par de calças, que já ia jogando charme e se atirando. Fez isso com outros professores que trabalhavam na escola. Ela era assim, “caiu na rede, era peixe”. Contudo, no fundo ela era uma boa pessoa. Ela dava aulas de história para os alunos da sexta e sétima séries, tanto no período da manhã quanto da tarde.

Naquela manhã, dei uma atividade diferente para as crianças. Pedi que elas fizessem um desenho bem bonito que representasse a primavera, como flores, árvores, o que elas quisessem, desde que fossem coisas coloridas e alegres.

Todos ficaram animados, mas percebi que o pequeno André estava amuado no seu lugar, quietinho, e decidi ficar observando. Vi que ele pegou a folha de papel e sua caixa de lápis de colorir e se debruçou sobre a carteira, não deixando que ninguém visse o seu desenho. Enquanto os outros alunos interagiam emprestando seus lápis, dizendo o que iam desenhar para os coleguinhas, ele permanecia quieto, debruçado sobre seu papel.

Fiquei intrigada com aquilo, esperei alguns minutos e fui passando de carteira em carteira, espiando os desenhos, até chegar até o André.

— Oi, André. Será que posso ver o seu desenho?

Ele me olhou desconfiado, mas se afastou, entregando-me o papel. Olhei o

seu desenho e vi uma criança sozinha pintada apenas com lápis preto, chorando, nada mais.

— Querido, eu pedi para desenhar algo alegre e colorido. Quem é esse menino chorando no desenho?

Ele me olhou e começou a chorar. Aquilo partiu meu coração. Peguei-o pela mão e avisei aos outros alunos que já voltava. Levei o pequeno André até o balanço do pátio da escola e fiquei de frente para ele.

— Agora estamos só nós dois aqui. Conte para tia Emy o que aconteceu. Alguém brigou com você? Quem é o menino do desenho? É você?

Ele soluçava. Enxugou os olhos com a manga da blusa, apenas me olhou e fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Mas por que você está triste? Brigaram com você?

— Não, eu só tô triste.

— Mas por quê?

— Sinto falta da minha mãe.

— Oh, meu querido, tenho certeza de que ela também deve sentir sua falta, só não pode ver você agora.

— A senhora acha mesmo, tia?

— Sim, eu acho, sim. E pense no seu pai. Você quer que ele veja você triste assim?

Ele balançou a cabeça em negativa, e eu apenas lhe sorri e lhe dei um abraço, e voltamos para a sala de aula. Depois disso ele continuou quietinho no seu canto, mas já começou a fazer um desenho com passarinhos coloridos. Fiquei com pena dele. Então podia ser mesmo verdade o comentário da Mariana sobre a ex-esposa do Lorenzo. É incrível como podem existir mulheres que, por causa de um homem, abandonam os seus filhos dessa maneira. No entanto, eu não ia perguntar algo assim para uma criança. Ele já estava bastante abalado e triste, e eu tinha medo de deixá-lo ainda mais na defensiva. Meu dever como professora era orientar, educar e, caso fosse necessário, conversar com o pai dele. Porém, no momento achei melhor apenas observá-lo.

Assim que a aula terminou naquele dia, fui para casa no fim da tarde, como de costume, sozinha, quando senti uma mãozinha pegando a minha. Levei um susto e vi o pequeno André ao meu lado, e seu pai logo atrás, carregando cadernos e a mochila do garoto.

— Ele parece gostar muito da sua professora. Assim que a viu, saiu correndo em sua direção.

— E eu gosto muito dele. Pena que ele não gosta muito de conversar. Mas eu te entendo, André, também não sou muito de conversar. Porém, é bom fazer amiguinhos. Logo você vai se enturmar.

Ele precisava mesmo se enturmar. Era tímido e muito recluso. Todavia, aos poucos eu pretendia ajudá-lo nisso.

Lorenzo chegou ao nosso lado e, depois que o André soltou minha mão e começou a correr à nossa frente, começou a conversar comigo sobre o filho.

— Lorenzo, me preocupa muito essa distância entre o André e a mãe. Me preocupo com ele. Hoje mesmo pedi...

— Emily, peço desculpas se estiver sendo um tanto grosseiro, mas prefiro não falar sobre a mãe do André, se não se importa.

— O senhor também foge do passado, professor? — *Que pergunta foi essa?* Nem eu mesma acreditei que dissera aquilo em voz alta. — Por favor, me perdoe, não quis ser intrometida.

— De forma alguma. Só não quero cutucar uma ferida que há muito por mim já foi esquecida.

— Sim, claro. Eu entendo.

Ele não falou mais nada no caminho até a frente da minha casa. Despedi-me e entrei em casa. Como de costume, minha irmã preparava o café da tarde e estava como sempre bisbilhotando da janela da cozinha.

— O professor bonitão te acompanhou de novo, é?

— Rafaela, ele mora a duas quadras daqui, e seu filho é meu aluno. Viemos juntos porque fazemos o mesmo caminho.

— Tudo bem, já vi que hoje não está de bom humor.

— Não, pelo contrário. Só quero que pare de ter esperanças de me ver novamente com alguém, pois isso não tem chance de acontecer.

— Não era isso que o Heitor ia querer.

— Você não sabe de nada. Mal o conhecia.

— Desculpa, é só que não consigo me conformar com o fato de que você queira passar o resto da sua vida assim, sozinha. Nunca vou aceitar isso.

— Não precisa aceitar. A vida é minha.

— Mas me preocupo com você.

— Eu sei, minha irmã, e eu te amo tanto por isso. Mas meu coração há muito foi despedaçado, e duvido muito que alguém seja capaz de remendar e juntar os caquinhos que restaram dele. É um fardo pesado demais.

Eu a abracei e lhe beijei a face. Meu coração era uma verdadeira peneira cheia de buracos e feridas que nunca poderia ser remendada. Ela sabia disso. Os fragmentos do meu passado eram dolorosos demais.



*O que tiver que ser, será,
Mas escute só a você e o que
o seu coração falar*
– **Autor desconhecido**

Uma semana depois, Lorenzo continuava me acompanhando no caminho de casa, tagarelando como sempre, falando de futilidades, e confesso, a maioria das vezes eu nem prestava atenção nele.

Até que, em uma terça-feira, no horário de almoço, vi a Mariana fazendo seu prato ao lado do Lorenzo, e ela não parava de falar. Ele parecia um pouco incomodado e, quando me viu sentada sozinha em meu canto costumeiro, veio

em minha direção com a tagarela atrás.

— Então, como ia falando, Mariana, hoje fiquei de ter uma conversa sobre meu filho com a Emily agora na hora do almoço, então vou me sentar aqui com ela hoje. Amanhã te darei uma resposta a respeito, tudo bem?

— Oh, sim, claro.

Ele me olhou, deu uma piscadinha de olho e se sentou à minha frente.

— Desculpa me sentar com você, mas precisava de uma boa desculpa para a Mariana me deixar um pouco em paz. A mulher fala mais que papagaio.

Eu ri alto.

— Sim, a Mariana é muito receptiva e ama conversar.

Percebi que todos a minha volta me olharam, pois eu nunca havia soltado uma gargalhada daquelas desde que chegara à cidade. Notei que Lorenzo me olhou sorrindo.

— Você deveria sorrir mais, Emily. Tem um sorriso e uma gargalhada lindos.

Senti meu rosto queimar na hora. Fazia muito tempo que eu não recebia elogios assim. O Heitor amava meu sorriso e às vezes me fazia cócegas só para me ouvir gargalhar. Baixei meus olhos com essa lembrança, e o Lorenzo logo percebeu.

— Ah, não, você estava tão bem até agora. Parece que uma nuvem passou por seus olhos e eles ficaram tristes novamente. Seja lá para onde seu pensamento te levou, esqueça e olhe para mim.

Eu o olhei e vi que ele estava fazendo uma careta muito engraçada. Voltei a sorrir. Ele era divertido. E pude ver seus olhos azuis ficarem um tom mais claro por trás das lentes de seus inseparáveis óculos de leitura.

Lorenzo começou a me falar sobre os seus alunos. Alguns eu até conhecia, mas não fiz nenhum comentário a respeito. Ele tagarelou o tempo todo. Comecei a pensar que talvez ele e a Mariana formariam um belo par, os dois eram muito falantes.

Quando ia me levantar para devolver a louça para a cozinha, ele me perguntou se eu participaria da festa da chegada da primavera, ao que eu logo respondi com um curto e grosso não.

— Poxa, estava doido para ver a professora com um vestido florido.

— Não uso vestidos floridos, professor. Gosto de cores neutras, sem nada de estampa.

— Isso é triste.

— Sou uma pessoa séria, Lorenzo. Também não gosto de festas. Muitas pessoas barulhentas, muita conversa, muito barulho e gente feliz me irritam. Mas tenho certeza de que a Mariana estará lá.

— Pessoas felizes te irritam, professora? Você me deixa muito curioso a seu respeito. Por acaso você é infeliz?

— Não sou infeliz, professor, mas muito barulho me incomoda. Prefiro ficar na paz de minha casa lendo um belo livro.

— Uau. Uma intelectual.

— Prefiro assim. Se você for à festa, pode ter certeza de que nossa querida professora Mariana estará lá e poderá até acompanhá-lo na celebração.

— Você é muito cheia de mistérios. Me deixa confuso. Você não sabe, mas eu a observo. E acho que nós ainda seremos bons amigos. Bem, vou deixá-la em paz com seus pensamentos. Até mais, Emily.

Eu o olhei incrédula. Que abusado! O que ele pensava que sabia sobre mim? Ele não sabia metade da minha história e de tudo o que eu passara na vida. Pelo visto a sua ex-mulher devia ter se irritado muito com aquele seu jeito palhaço e abusado de ser, por isso o deixara. Eu só não aprovava sua atitude de abandonar o filho. Filhos são nosso maior bem, nossa continuação nesta Terra e na vida. O que ela fizera fora um pecado.

Outra coisa que me incomodou foi a história absurda de Lorenzo dizer que queria me ver de vestido florido. O cara não batia bem da cabeça.

Eu estava decidida, não iria àquela bendita festa de jeito nenhum. Todavia, só bem depois eu percebi que naquele ano a primavera começaria no dia 22 de setembro, uma segunda-feira, então a festa seria no dia 27 à tarde, um sábado, coincidindo com o aniversário de minha sobrinha, que queria comemorá-lo naquele festejo. Portanto, eu seria obrigada a ir. Até o dia da festa faltavam dois meses, e muita coisa aconteceria. Eu ia tentar inventar uma desculpa, como sempre fazia, para não ir àquela bendita celebração.

É claro que eu nem imaginava que aquela festa seria o início do divisor de águas em minha vida. Aliás, o meu segundo divisor de águas. O primeiro viera com o Heitor, minha vida antes e depois dele. Agora seria com um certo professor.

No domingo fui à missa e depois, como sempre, fiquei um tempo conversando com o padre Luiz, dessa vez sobre o André. Ele continuava se excluindo e, mesmo durante as aulas em que eu tentava fazer com que interagisse com os demais alunos, ficava sempre quietinho no seu canto. Eu estava ficando preocupada. Tentara por vezes conversar com ele, mas o garoto sempre se esquivava. Eu já não sabia mais como lidar com aquela situação, então viera pedir conselhos ao padre.

— Minha amiga, crianças são difíceis mesmo. Por que não tenta se aproximar do pai para tentar entender um pouco o filho?

— Ai, eu não gosto muito do pai dele.

— Por quê?

— Eu o acho um pouco prepotente e convencido demais. Ele tem uma espécie de alegria exagerada.

— Como pode dizer isso? É um pecado. Só porque o rapaz é alegre e brincalhão não quer dizer que seja uma má pessoa. Não o julgue antes de conhecê-lo. Pense na criança, que precisa de ajuda. E uma amizade com um rapaz alegre seria muito bom para você.

Aproximar-me do Lorenzo e ter uma amizade com ele seria uma tarefa bem difícil, mas eu queria do fundo do meu coração ajudar o pequeno André a fazer amizades e gostaria muito de vê-lo brincar com os coleguinhas no recreio, pois sempre o via sozinho desde que chegara à cidade. Isso não faz bem a nenhuma criança.

Decidi fazer uma visita, então, ao Lorenzo na tarde daquele domingo e, por insistência de minha irmã, levei uma torta de maçã que ela fez especialmente para eles. Ela estava empolgada por eu dizer que iria me aproximar do professor, mesmo que apenas para ajudar o pequeno André. Ela pareceu não ter entendido essa parte, mas enfim, a Rafaela era sempre a Rafaela.

O portão da grande propriedade estava aberto, e eu fui entrando no terreno. Dei um grito de olá, e assim que o André percebeu que era eu, foi correndo para dentro de casa chamar o pai. Andei em direção à grande varanda da frente da casa, quando Lorenzo apareceu apenas de calça jeans, sem camiseta, todo suado.

— Emily? Que surpresa. Por favor, entre.

— Desculpe vir sem avisar, eu trouxe uma torta que minha irmã Rafaela fez e...

Não sei se ele percebeu que eu fiquei meio sem graça por vê-lo sem camisa, mas deve ter percebido, pois me fez entrar e ir à cozinha e saiu um minuto, voltando de camiseta.

— Me desculpe os trajés, estava dando uma carpida no terreno dos fundos. Aqui é enorme.

Fazia muito tempo que eu não tinha contato tão próximo com um homem, ainda mais com um assim, sem camisa. Eu nunca havia ficado ou namorado outro homem em minha vida além do Heitor e senti que alguma coisa dentro de mim deu sinal. Lorenzo era um homem bonito, ainda mais do jeito que eu o havia visto minutos antes, sem os óculos, sem camisa. Ele era bastante atraente, mas, enfim, não tinha espaço na minha vida para aquilo. Eu tinha um objetivo, que era ajudar o André, seu filho.

— Você aceita uma xícara de café? Ou chá?

— Sim, obrigada.

Sentei-me numa banqueta de sua espaçosa cozinha. Eu nunca havia entrado

naquela casa, mas sabia que ela estivera abandonada. Parecia que ele havia feito um ótimo trabalho com a reforma, a propriedade estava linda. A sala era enorme, estava com um sofá estofado novo, cinza, havia um tapete de pelo alto e um rack com blu-ray, console de videogame e TV de tela grande. Lorenzo colocou o café na cafeteira e me pediu licença para pôr um jogo novo no videogame para o André jogar na sala de estar enquanto conversássemos na cozinha. Quando ele voltou, comentei:

— É uma bela casa.

— Sim, assim que vi o anúncio, não tive dúvidas. Usei minhas últimas economias para a reforma, mas valeu a pena. Mas a que devo a honra da visita?

— É complicado dizer isso assim, mas percebo o André muito isolado ainda. Não conversa com os coleguinhas e, na hora do recreio, fica sentadinho em um canto, observando a todos. Faz duas semanas, e ele não fez sequer um único amigo.

— Entendo. Também me preocupo muito com ele. O que você sugere?

— Eu?

— Sim. Você trabalha com crianças, então me ajude.

— Bom, primeiro gostaria de saber se ele sempre foi assim, ou se isso aconteceu depois do que aconteceu com a mãe dele e...

— Professora, não quero ser rude novamente, mas não quero falar desse assunto. Sabe que estimo muito sua companhia, sua conversa, de verdade, mas não gosto de falar sobre meu passado.

Eu o entendia, e como! Tínhamos muito em comum. Também não gostava de falar sobre o meu passado. Então respeitei sua privacidade e lhe respondi:

— Está bem. Então, para te ajudar, ou melhor dizendo, ajudar o André, gostaria de ser sua amiga. Precisamos fazer com que ele faça novas amizades. Quem sabe se você, em vez de comprar um jogo novo de videogame, lhe comprar, ou melhor, adotar um cachorro? Faz bem para crianças, sem contar que seu terreno é enorme, perfeito para um animal de estimação.

— Sabe que essa é uma ideia maravilhosa!? E não estou falando apenas do cachorro. Quis fazer amizade com você assim que coloquei meus pés naquela escola. Você é casada, professora?

— Você não gosta de falar sobre o seu passado, Lorenzo; eu também não. E nossa amizade será apenas para ajudarmos o André.

— Poxa, nem para sairmos para tomar um sorvete, jogar conversa fora?

Eu o olhei incrédula. Fiquei em silêncio e, por isso, ele me olhou e caiu na gargalhada.

— Não precisa ficar tão na defensiva, professora. Estou apenas brincando. Mas isso não significa que não irei convidá-la para tomar um sorvete qualquer

dia desses.

— Não perca seu tempo, professor. Eu não irei.

— Convidarei no momento certo, e você vai aceitar.

Autoconfiante. Ele era mesmo um cara cheio de si. No entanto, o que importava era ajudar o André, e eu estava disposta a aturar aquele cara convencido para o bem de uma criança.

Ele mencionou uma ideia e pediu minha opinião. Já que seu terreno era enorme, pensou em fazer uma espécie de acampamento durante um fim de semana para as crianças e adolescentes da escola para que eles tivessem um pouco de contato com a natureza, claro que com a permissão dos pais e da diretora. Como a escola tinha muitos alunos e o terreno não comportaria todos, ele pensou em usar, como critério de seleção, a feira de ciências que já tinha ocorrido naquele de ano, de tal forma que as turmas com melhor desempenho participariam do acampamento, cerca de 100 alunos. Ele me disse que em sua propriedade tinha até um pequeno lago, e que, à noite, poderia acender uma fogueira e contar histórias. Achei a ideia interessante. Se a diretora Ana aceitasse, eu e outras professoras poderíamos cuidar das meninas, e ele e outros professores, dos meninos. Fiquei de pensar e lhe dar uma resposta no meio da semana, até porque ele queria fazer esse acampamento antes da festa da primavera.

Não demorei muito lá, despedi-me do André e fui para casa. A Rafaela e a Sophia já estavam me esperando à porta e me perguntaram sobre tudo. Falei para elas não ficarem tão animadas. Eu estava fazendo tudo aquilo para ajudar uma criança e nada mais.

— Ai, tia, por favor, o professor Lorenzo é tão gato. Pena não dar aulas para o ensino médio também. Acho ele um chame, ainda mais de óculos.

— Ele até pode ter uma aparência bonita, mas é muito convencido, eu o acho muito metido.

— Eu ouvi bem, minha irmã?! Está concordando que o professor Lorenzo, o partidão da cidade, é bonito? Deus, estou começando a ver uma luz no fim do túnel.

— Por favor, não me venham com esse tipo de conversa. Vocês sabem que o amor da minha vida é e sempre vai ser o Heitor.

— Sim, mas a senhora pode muito bem ter um segundo amor, tia! Pare de ser tão dura consigo mesma. Descongele seu coração frio e viva a vida que Deus te deu.

Não ia repetir meus motivos pela milionésima vez. Subi as escadas, tomei um banho e fui dormir.

Naquela noite, sonhei com o Heitor. Era muito difícil eu sonhar com ele, e

cada vez que isso acontecia, eu acordava triste, chorando, porque não queria nunca mais acordar, mas dessa vez foi diferente. Ele veio até mim com o rosto limpo, sem barba, com aquele sorriso mais lindo do mundo, uma calça jeans e uma camisa branca. Parecia tão em paz. Cochichou ao meu ouvido:

— *Minha princesa linda, está na hora de ser feliz. Sorria, meu amor. Fui seu começo, mas não seu fim. Estarei contigo sempre. Eu te amo. Um dia nos encontraremos novamente. Escolhi um anjo para te salvar, te proteger. Ele também precisa de você, amor. Não se preocupe comigo. Eu estou em paz. Isso não é um adeus. É um até breve. Seja feliz, porque eu te quero feliz. Viva a sua vida e me guarde apenas nas suas melhores lembranças. Sou seu protetor agora, meu amor. Seja feliz, abra seu coração!*

Acordei assustada, sentei-me em minha cama, acendi o abajur ao lado e senti uma única lágrima escorrer pelo meu rosto. Ainda era madrugada. Deitei-me novamente, mas não consegui pegar no sono.

Na manhã seguinte, acordei cheia de olheiras, e minha irmã logo percebeu que eu estava abatida.

— Emy, aconteceu alguma coisa? Teve outro pesadelo?

— Não. Apenas dormi mal. Somente isso.

— É só isso mesmo?

Não tive tempo de responder, minha sobrinha apareceu na cozinha toda eufórica.

— Tia, seu namorado está lá fora chamando a senhora.

— Está doida, Sophia? Eu não tenho namorado.

Saí à porta de casa e vi o Lorenzo e o André com bicicletas. O menino estava um pouco mais à frente, e seu pai segurava flores.

— Bom dia, Emily! Gostaria de uma carona na minha bicicleta? Juro que não irei derrubá-la.

“Esse cara deve ser louco”, pensei comigo mesma. Olhei-o torto, peguei minha pasta e saí sem olhar para minha irmã ou sobrinha. Cheguei perto do Lorenzo e perguntei o que ele pensava que estava fazendo.

— Sendo gentil. Ah, sim, essas flores são para sua irmã. Pensou que eram para você? Desculpe, não dessa vez.

Ele simplesmente desceu da bicicleta, pediu-me para segurá-la e foi em direção à porta de casa, onde minha irmã estava, entregando-lhe as flores.

— Prazer, me chamo Lorenzo. E essas flores são em agradecimento pela torta de maçã, que estava simplesmente deliciosa.

— Nossa, que gentileza. Prazer, Lorenzo, sou Rafaela, irmã de Emily, e esta é minha filha, Sophia.

— Prazer em conhecer as duas. Agora, se me dão licença, preciso pegar

minha bicicleta antes que a Emily a derrube no chão e a quebre em mil pedaços.

Minha irmã deu uma gargalhada e ficou toda derretida por ele. Eu fechei minha cara e soltei a bicicleta assim que ele se aproximou. Lorenzo olhou sério para mim e fez sinal para eu subir na garupa da sua bicicleta.

— Quê? Mas não subo aí “nem que a vaca tussa”. Prefiro ir a pé. Falando nisso, vou apurar meu passo, pois esse seu exibicionismo já cedo me atrasou.

— Por isso estou lhe oferecendo uma carona de bicicleta. Pode sentar na minha garupa e se segurar em mim. Não vou te derrubar.

— Agradeço, mas prefiro chegar atrasada.

Fechei a cara, e como ele percebeu que não me convenceria, começou a pedalar e, ao passar por mim, disse:

— Não fique chateada comigo. Na próxima vez trarei flores para você. Mas quero que sejam especiais, não apenas flores do campo. Quero lhe dar flores bonitas e em um dia especial. Te vejo na escola, Emy.

E saiu pedalando ao encontro de André, que já estava a uma quadra à sua frente.

Cheguei à escola com uns dez minutos de atraso e fui direto para a sala, onde meus alunos já me aguardavam. O André, quando me viu, veio correndo em minha direção e me trouxe uma maçã, dizendo que ele mesmo havia escolhido a mais bonita para me dar. Eu lhe agradei e percebi que, junto a ela, havia um bilhete, que li discretamente em seguida.

Não seja tão medrosa, era só uma carona em uma bicicleta. Se tem medo que eu vá te agarrar, pode ficar tranquila, pois não farei isso... não sem a sua permissão. Brincadeira. Me desculpe o mal jeito, só queria te fazer sorrir. Tenha um bom dia.

Lorenzo

O cara era mesmo abusado. Agarrar-me só com a minha permissão? Como assim? Ele não havia entendido que eu não estava interessada nele nem um pouco?



*Tem marcas nessa vida
Que o tempo não vai apagar
– Luan Santana*

Uma semana depois foi decidido junto com a escola, na reunião de pais e professores, que faríamos o tal acampamento para os alunos das turmas com melhor desempenho na feira de ciências que acontecera dois meses antes. Seria mesmo no terreno nos fundos da casa do Lorenzo. Aliás, ele continuava indo trabalhar de bicicleta e insistia para eu subir na sua garupa, e eu, como não era louca, nunca aceitava.

O pequeno André estava tendo pequenos progressos depois que o Lorenzo

foi até o veterinário da cidade e adotou um cachorro sem raça que agora era o melhor amigo do menino. Até com os colegas, ele estava conversando e interagindo melhor. A Duda, a caçulinha da turma, estava se tornando sua melhor amiguinha. Observei, durante o decorrer da semana, que eles até trocavam lanches no recreio.

Quanto ao acampamento, ficou decidido que seria no último fim de semana de agosto, ou seja, fora o que viria, no próximo. Nós faríamos um mutirão nesse fim de semana para limpar o terreno e já deixar tudo certinho para o acampamento. Eu cuidaria das barracas das meninas junto com a professora Mariana (que, se não fosse, iria ter um ataque do coração) e outra professora, e o Lorenzo juntamente com o professor Mathias e outro professor cuidariam das barracas dos meninos.

Obviamente enviamos uma autorização para os pais assinarem; sem a mesma, os alunos não participariam do acampamento. Faríamos atividades para as crianças e os adolescentes. Como era inverno, a água do lago estava fria, então não faríamos muitas atividades aquáticas. Para a noite, já havíamos juntado lenha para fogueiras e iríamos num mutirão preparar um almoço especial para todos, já que eram muitas bocas. O professor Mathias traria seu violão.

Minha sobrinha estava muito ansiosa por esse acampamento, pois o Felipe, rapazinho por quem ela estava apaixonada, também iria. Eu estava curiosa para conhecê-lo.

E assim combinamos todos de, na sexta-feira à noite do fim de semana do acampamento, deixarmos as barracas todas montadas. Os professores, a diretora e alguns pais foram voluntariamente nos ajudar – era claro que os pais também queriam conhecer o lugar onde os filhos ficariam.

Minha irmã estava toda preocupada com a filha, mas eu tentava fazer com que ela ficasse mais tranquila.

— Rafa, não tem com que se preocupar. Os meninos ficarão em barracas separadas das meninas, e eu ficarei de olho. Além do mais, a casa do Lorenzo fica a umas duas quadras de nossa casa.

— Ai, eu sei, mas ela nunca dormiu fora de casa e...

— Por que você não aproveita a noite de sábado com seu namorado? Aproveita que você estará sozinha em casa e convida o Lucas para um jantar, uma noite romântica só para vocês.

— Hum... Sabe que você tem razão?! Farei isso mesmo! Mas fique de olho na Sophia, ainda mais que aquele tal de Felipe vai estar lá também.

— Minha irmã, não tem com o que se preocupar. Fica tranquila.

— Estou te achando tão diferente esses dias, Emy... Está mais calma, serena. Voltou a tomar seus remédios de tarja preta? Está drogada?

— Rafaela, sabe muito bem que não tomo mais nada há dois anos.
— É que está agindo de maneira tão estranha. Parece mais, sei lá, disposta.
— Só fiquei feliz pelas crianças. Elas estão tão empolgadas com esse acampamento. Acho que me contagiaram, só isso.

Eu não sabia por que me sentia assim mesmo. Não que eu não sentisse aquela dor em meu peito toda manhã, mas estava mais calma realmente. Foi depois do sonho com o Heitor. Parecia que ele me tinha trazido um pouquinho de paz.



Depois que as barracas foram montadas, umas dez de cada lado, cada uma com espaço para cinco alunos, o pessoal começou a voltar para suas casas, e eu acabei ficando por último, ajudando o Lorenzo com os cobertores e lençóis para a turminha que passaria a noite seguinte ali.

Assim que terminamos, começou uma chuva forte, e não tínhamos como sair de dentro de uma das barracas. O André dormia tranquilamente em um colchonete no fundo da mesma barraca.

— Ai, eu deveria ter ido embora junto com o pessoal. Agora como vou sair daqui?

— Espera um pouco. Daqui a pouco a chuva passa. Sente-se aqui, ao meu lado. Vamos conversar. Prometo que não vou arrancar pedaço seu nem te morder.

Olhei-o meio desconfiada, mas que outra opção eu tinha? Fui para perto dele e me sentei. Tirei uma mecha de cabelo do meu rosto, e minha tatuagem no pulso esquerdo ficou exposta. Lorenzo mais do que depressa comentou:

— Uau. Não sabia que tinha tatuagem. Posso ver?

Mostrei-a muito rapidamente, sem deixá-lo encostar na minha pele.

— Posso saber o que significa? É um anjo no meio do símbolo do infinito?

— Sim.

— Não quer me contar o que significa?

— Não, professor.

— Olha só, tem outra aqui, no outro pulso.

Ele puxou minha mão para ver a tatuagem mais de perto, mas eu a puxei de volta e a mostrei de longe.

— Essa do pulso direito tem um nome... De quem é?

— Não importa, professor. Não quero falar sobre as minhas tatuagens, pode ser?

— Está bem. Vamos conversar sobre o quê, então?

— Que tal sobre a mãe do André?

— Não, sobre isso não quero falar. Que tal falarmos sobre a festa da primavera? Já decidiu se vai?

Ele nunca falava sobre a mãe do seu filho. No entanto, tudo bem, eu também não queria falar sobre o Heitor para ele, nem sobre as minhas tatuagens e os seus significados. Eu as havia feito por duas razões uns quatro anos antes, e cada uma era para uma pessoa diferente. Cada uma representava um pedaço de mim, da minha vida.

Ficamos ali conversando sobre coisas banais por um longo tempo. Ele me questionava sempre o porquê de eu usar roupas sem estampas, de cores sóbrias, por que eu nunca usava maquiagem, por que nunca soltava meu cabelo. Encheu-me tanto de perguntas que eu as respondi normalmente, tanto que nem percebi quando a chuva parou. Havia me distraído com o seu falatório. Pela primeira vez percebi que alguém recebia minha atenção e conversava comigo sem eu ficar emburrada ou simplesmente ignorar. O que estava acontecendo comigo? Que poder o Lorenzo tinha de me fazer responder suas perguntas e me esquecer do tempo? Ficamos mais de duas horas ali, sentados e conversando.

Quando notei que a chuva já tinha cessado, levantei-me e me despedi dele.

— Me deixe acompanhá-la até o portão, pelo menos.

— Não precisa, professor. Além do mais, o André está dormindo aí. Fique com ele, aproveite e durma também. Treine para amanhã.

— Sim. Te vejo amanhã então às 8h aqui na frente do meu portão.

— Sim, Lorenzo.

Dei-lhe um sorriso tímido, e ele devolveu o sorriso da mesma maneira. Antes de eu sair, ele ainda me falou:

— Deveria deixar mais à mostra suas tatuagens. Não sei o que significam, mas são lindas e parte de você, de quem você é. E sorria mais. Fica mais linda sorrindo.

— Boa noite, Lorenzo.

Cheguei a casa, e minha irmã e minha sobrinha me esperavam sentadas no sofá da sala. Assim que me viram, já vieram com sorrisos marotos e me enchendo de perguntas. Eu expliquei a elas que estava esperando a chuva passar e apenas isso. Não dei atenção para as duas e subi até meu quarto, despi-me e, quando fui colocar a blusa do meu pijama, fiquei encarando as minhas tatuagens, observando seu traçado, o desenho escolhido com tanto amor. Elas foram tão bem-feitas, uma para Heitor, outra para Miguel.

Distraída, não percebi quando a Rafaela entrou em meu quarto e falou,

pegando-me desprevenida:

— Você está gostando dele, não está?

— Gostando de quem, Rafaela? Está doida?

— Não se faça de desentendida. Fazia muito tempo que eu não via esses olhinhos lindos brilhando. Estavam sempre com aquele ar tristonho. Agora parecem estar ganhando vida novamente.

— Rafaela, você está fantasiando.

— Será mesmo?

— Eu não estou preparada. Não está na hora ainda.

— Sabe que está, sim. Está mais do que na hora de você deixá-los ir. Você sabe... eles serão sempre parte de você, mas passou da hora de você refazer sua vida, meu amor.

— Eu só queria que Miguel tivesse essa chance, entende? Eu não consigo me conformar, por mais que o tempo passe. Por que ele? Por que não eu?

— Porque Deus tinha outros planos para você. Isso é tão visível, meu amor. Ah, não, não quero que chore.

Ela correu até mim, ajudou-me a terminar de colocar a blusa do pijama e me fez deitar em seu colo, em minha cama.

— Lembra quando nós éramos crianças e eu sempre deixava você dormir comigo na minha cama quando tinha um pesadelo?

— Lembro.

— Nós temos boas lembranças da vida, Emily. O Heitor e o Miguel hoje fazem parte dessas lembranças boas da sua vida. Não chore mais por eles. Toda vez que você sentir esse aperto no peito e te der vontade de chorar, pense nas lembranças boas que eles deixaram em sua vida. Eles te amaram tanto, mais tanto que tenho certeza de que agora são anjos de luz te olhando e te protegendo. Mas está na hora de você seguir em frente. Já se passaram oito anos. Quero te ver feliz. E conte comigo sempre. Se estiver gostando desse professor, que, aliás, se não fosse o Lucas, eu juro, eu pegaria sem dó nem piedade... Oh, homem gostoso, e cheira bem, viu?!

Só a Rafaela para me arrancar um sorriso naquela hora.

— Mas continuando, irmãzinha, se estiver sentindo alguma coisa diferente por esse professor, vá em frente. Abra seu coração. Deixe um espacinho para ele ocupar. Porque, posso estar enganada, mas ele está interessado em você. Vejo isso nos olhos dele. Percebi enquanto arrumávamos as coisas para o acampamento de amanhã. Ele não tirava os olhos de você.

— Tenho tanto medo. Meu passado é uma carga que ninguém merece carregar.

— Sim, nem mesmo você merece. Mas se ele estiver disposto a te

conquistar, ele vai te ajudar a aliviar o peso da carga e gostar de cada ponto fraco seu. Todos nós sofremos e temos feridas do passado, mas cabe a nós mesmos decidir se queremos viver na escuridão ou vir para a luz e viver coisas inenarráveis e uma felicidade que nem imaginamos poder sentir. Viva a vida, minha irmã. Dê mais uma chance não para o Lorenzo – pode ser ele ou qualquer outro –, mas para você.

Rafaela não percebeu, mas escorriam lágrimas de meus olhos enquanto ela falava. Até que ela me fez levantar de seu colo e me olhou bem nos olhos, dizendo:

— Não precisa esconder o que aconteceu com você, não é vergonha nenhuma. Fale sobre o Heitor e sobre o Miguel quando quiser. Mas se permita arriscar e se apaixonar de novo. Você é a prova viva de que milagres existem. Mais uma coisa, amo suas tatuagens. Pare de escondê-las. Agora arrume essa cama, pois estou carente de irmã e vou dormir com você hoje.



*Explicar as coisas que eu sinto,
É quase como explicar as cores
Para um cego
– Bob Marley*

Na manhã seguinte, às 8h, estávamos todos, alunos e professores, em frente ao portão da casa do Lorenzo. Ele veio até nós, abriu os portões, e cerca de pouco menos de 100 alunos – alguns não vieram –, cinco professores e a diretora entraram. Organizamos o pessoal todo nas barracas, dividindo os grupos, e começamos as atividades.

Como estávamos no auge do inverno e o tempo não estava muito bom para

nadarmos no lago, tínhamos inventado durante a organização do acampamento nos dias anteriores gincanas e brincadeiras diferentes para as crianças e os adolescentes, como futebol e vôlei. Também organizamos pescarias e passeios de bote – com o uso de coletes salva-vidas, claro, e a presença de adultos com os alunos mais jovens.

Eu, a diretora Ana e as demais professoras tínhamos ficado responsáveis por fazer o almoço no dia anterior, numa espécie de mutirão. Tínhamos optado por algo simples, cachorro-quente e refrigerantes. Era um fim de semana especial, então as crianças e os adolescentes iriam amar. O problema era que as panelas com as salsichas estavam um pouco pesadas, e nenhuma de nós conseguiria levá-las de dentro da cozinha da casa do Lorenzo até o acampamento. Claro que a Mariana foi correndo pedir ajuda a ele, que veio nos ajudar.

Arrumamos algumas grandes mesas de madeira em frente ao lago, e todos nós fomos almoçar juntos. Lorenzo sentou-se ao meu lado, e ao seu outro lado, sem perder tempo, Mariana ocupou o lugar.

Comecei a sentir um cheiro muito forte de perfume doce de mulher. Sabe aquele tipo de perfume doce demais que, se usado em excesso, enjoa? O cheiro vinha do lado do Lorenzo, que, ao sentir o mesmo, olhou-me discretamente e me pediu:

— Por favor, troca de lugar comigo? — Fazia uma cara tão engraçada que eu me segurei para não rir.

— Nem pensar, tenho o olfato muito apurado e estou ficando enjoada aqui, imagina se me sentar aí?!

O Lorenzo, muito sem graça, permaneceu ali. Porém, o cheiro estava mesmo insuportável. Então o Mathias (o único professor, aliás, para quem a Mariana não dava muita atenção, mas eu acreditava que ele tinha uma “quedinha” por ela), que estava sentado em frente a Mariana, falou:

— Me perdoe, Mariana, mas acho que a senhorita andou exagerando no perfume...

— E-eu? Imagina, professor, eu nem trouxe perfume para o acampamento.

— Jura? Pois o cheiro vem da sua direção. Não me leve a mal, eu amo mulheres perfumadas, mas acho que a senhorita exagerou um pouquinho.

Ela ficou sem graça, a coitada. Confesso que tive pena dela e acho que exagerou no perfume na hora do almoço a fim de chamar a atenção do Lorenzo. Todavia, como sua autoestima era inabalável, ela continuou sentada ali e sorriu, dizendo que talvez tivesse exagerado um pouquinho antes de sair de casa.

Era notável o quanto ela estava se esforçando para chamar a atenção do Lorenzo, servindo-o durante o almoço, puxando assunto, mas o professor parecia

nem notar, ou fingia não notar.

Após o almoço, fomos todos dar uma volta no bosque da propriedade. Os alunos pareciam estar em uma espécie de colônia de férias. Estavam se divertindo muito.

Eu fiquei observando Sophia de longe e, assim que voltamos para o acampamento, onde passamos a preparar as fogueiras para a noite, vi-a sentada perto do lago, sozinha. Aproximei-me e me sentei perto dela.

— Oi... Por que está aqui sozinha?

— Oi, tia. Ah... minhas amigas não vieram, e o Felipe, que eu tinha esperanças que viesse também, não apareceu.

— Poxa... mas até que está divertido, não?

— Ah, sim.

— Ei, tem alguma coisa incomodando essa cabecinha, eu te conheço. Anda, me conta o que aconteceu.

— Eu não sei se é verdade, tia, mas a Jéssica, uma das minhas colegas de sala de aula, veio me dizer que a May, minha melhor amiga, não é tão melhor amiga assim.

— Como assim?

— Bem, eu não sei como a Jéssica descobriu que eu gosto do Felipe. Aí ela veio me dizer que viu a Mayara o convidando para ir ao cinema com ela. Disse que ela também é a fim dele e não me contou porque é uma mentirosa.

— Se a Mayara é sua melhor amiga, pergunte para ela. Tenho certeza de que isso é fofoca, intriga, pois vocês são amigas desde sempre. Converse com ela antes de mais nada. Eu já passei por isso e, por ciúmes, quase briguei feio com a Carmem, minha melhor amiga do colégio.

— Sério, tia?

— Sim. Então, por experiência própria, minha querida, converse com sua amiga. Pode ser só um mal-entendido.

— Me conte, tia, o que aconteceu entre você e sua amiga Carmem?

— Um dia eu contarei. Mas não agora.

— Eu entendo. Ainda dói falar deles, não é?

— Acho que sempre vai doer. Mas, com o tempo, vou conseguir conversar sobre eles apenas com saudades. Pelo menos foi o que o padre Luiz me disse.

O dia passou tranquilo. À noite, depois de as crianças terem ido dormir em suas barracas, ficamos nós, os professores e os adolescentes, contando histórias e cantando ao redor da fogueira. O fogo deu um clima bucólico e esquentou um pouquinho o ar frio.

Quando, enfim, os adolescentes foram convocados a se recolher também, ficamos somente eu, o Mathias, a Mariana e o Lorenzo, que teve a ideia maluca

de nos servir quentão, que ele havia preparado e trazido para todos nós. Os outros dois professores preferiram ir para as barracas.

— Me desculpe, professor, mas eu não bebo nada com álcool.

— Por quê? Não seja boba, Emily, é só um copo. Não vai lhe fazer mal. Eu iria trazer taças, mas nós não estamos tão formais assim.

— Eu aceito, Lorenzo. Obrigada — disse a Mariana, já estendendo a mão para pegar o copo.

Fazia alguns anos que eu não bebia. Até porque até dois anos antes eu fazia uso de medicamentos controlados, então não podia tomar bebidas alcoólicas. Contudo, aceitei o copo de quentão. Mal não faria.

Percebi que o Mathias não tirava os olhos da Mariana, que olhava o tempo todo para o Lorenzo, que não parava de falar. Até que percebi o Lorenzo fazendo um sinal com a cabeça para o Mathias, que se levantou e convidou a Mariana para dar uma volta perto do lago. Ela o olhou surpresa. No entanto, como o Mathias disse que não aceitaria um não como resposta, ela foi. Entretanto, não pegou em sua mão e, ao sair, ficou olhando para ver se o Lorenzo falava alguma coisa. Porém, como ele nada disse, eles seguiram o caminho, deixando-nos ali, sozinhos em frente à fogueira.

— Então, Emy, não vai me contar as histórias das tatuagens? — questionou Lorenzo me olhando e vindo se sentar ao meu lado.

— Que interesse o senhor pode ter nisso?

— Posso não ter interesse nelas em si. Mas tenho interesse na pessoa que as possui. Desde que cheguei aqui na cidade, professora, eu a observo e tento entender sua amargura e seu mau humor. Me parece misteriosa demais. O que aconteceu?

— Já lhe disse que não importa. Agora, se me der licença, eu vou me recolher.

— Não. Por favor. Não vá. Desculpe. Mas é que não consigo pensar muito em outra coisa quando estou perto de você. Me parece uma mulher tão frágil, embora se esconda nesse seu mundo fechado, disfarçado de amargura, para afastar as pessoas de você.

— Eu não faço isso propositalmente, professor. Esta pessoa mal-humorada e amargurada de quem o senhor fala, sou eu. É quem eu sou.

— Não. Tenho certeza de que, por trás de tudo isso, você é a pessoa mais doce e delicada desse mundo. E tudo o que eu mais quero é me aproximar de você. Te conhecer, ser seu amigo de verdade.

— Como bem percebeu, não sou muito do tipo que coleciona amizades, professor. Tenho certa dificuldade em me relacionar. Se tentei me aproximar de você, foi para ajudar o André, que, por sinal, já está bem mais sociável e tem

amigos na escola.

— Já foi casada?

— Não quero falar sobre isso. Vou dormir, estou cansada.

— Por favor, não se zangue comigo. Só quero te entender.

Quando eu passava por ele para ir até a barraca onde eu dormiria naquela noite, ele pegou em meu pulso bem em cima *dela*. Para minha sorte ele pareceu não notar a marca por causa do casaco que eu usava e cuja manga estava por cima, mesmo assim eu fiquei sem cor na mesma hora e puxei meu pulso com rispidez.

— Lorenzo, eu te peço, não faça isso de novo.

— Eu quero conquistar você. Eu estou encantado com você e nem sei a razão. Você é tão indiferente comigo, e mesmo assim, eu não paro de pensar em você desde que esbarramos um no outro na sala dos professores quando cheguei aqui. Será que não percebeu?! Estou interessado em você, Emy. Pode até me chamar de louco, mas posso dizer até que estou me apaixonando por você, e pior, você nem liga.

O quê? Se apaixonando por mim?! Realmente ele era louco. Não me conhecia nem um pouco para dizer aquele absurdo e nem sabia de metade das coisas pelas quais eu havia passado. Ele não sabia de nada. Olhei-o dentro de seus olhos azuis, agora sem as lentes dos óculos, e declarei:

— Lorenzo, para o seu próprio bem, me esqueça. Eu não estou disponível para me relacionar amorosamente nem com você, nem com quem quer que seja.

— Por quê? Você não é casada, a cidade é pequena, eu já saberia se fosse. Gosta de outro cara? Ou o quê?

— Nem uma coisa, nem outra, professor. Apenas acredite em mim, eu não sou uma mulher por quem vale a pena se apaixonar. Tenho muitos traumas e um passado pesado demais.

— Não tenho medo disso. Todos nós temos um passado, Emy, inclusive eu. Mas é no presente que eu vivo. E não vou desistir de você. Não desisto fácil do que eu quero. E, se não vai me contar sobre as tatuagens ou sobre o que quer que tenha acontecido em sua vida, eu respeitarei, mas não vou ficar de braços cruzados vendo uma mulher maravilhosa desperdiçando o dom da vida em uma solidão e uma vida sem cor. Vou descobrir por mim mesmo. Vou te entender, e você vai ter que me dar uma chance.

Dei um sorriso triste para ele e sussurrei:

— Eu duvido muito.

Entrei na barraca em que dormiria, vesti um pijama e me deitei. No entanto, não conseguia dormir. Por que aquele homem mexia comigo? Por que ele me falara tudo aquilo? Por que ele não se interessava pela Mariana, que pelo visto

nutria sentimentos por ele? Não, ele era do tipo que gostava de sofrer. Gostava do que não podia ter. Não nego que fiquei bastante mexida com o que ele havia falado, mas eu não estava pronta.

Na manhã seguinte, acordamos cedo, e eu precisava sair para conversar com meu amigo padre Luiz, pois tudo o que o Lorenzo tinha me falado estava martelando na minha cabeça. Pedi para a diretora Ana cuidar das atividades das crianças, pois eu precisava ir até a igreja.

Saí cedo e, quando cheguei, o padre estava arrumando o templo para a missa daquele domingo. Ele já me conhecia havia uns anos e percebeu só de olhar para mim que eu estava aflita.

Contei-lhe sobre a declaração do Lorenzo, e ele simplesmente ergueu as mãos para o céu e exclamou:

— Deus ouviu minhas preces finalmente!

— Padre! Isso é sério. E-eu ainda não estou pronta.

— Minha filha, Deus faz as coisas no momento certo. Ele não atrasa e nem adianta nada. Se o Pai Altíssimo acha que está na hora e que o professor Lorenzo é o rapaz certo para você, é porque é. Se Ele está dizendo, quem sou eu para duvidar?

— Deus não disse nada, padre.

— Sim, mas se você está mexida, é porque Deus está te apontando que é ele, sim. Não seja medrosa, Emily. Abra seu coração. Seja feliz. Agora vá, porque tenho que abrir as portas da igreja, pois logo começarei a missa.

Eu o olhei incrédula. Ele sempre me ouvia e me dava conselhos e agora estava me pedindo para sair porque precisava iniciar a missa?

— Não vai falar mais nada para mim?

— Não é preciso que eu te diga nada, mocinha. Converse com Deus, pois Ele já está respondendo aí dentro do seu coração. Siga o seu coração e pare de ouvir sua cabeça irracional.

Voltei para o acampamento e encontrei o Lorenzo conversando com minha sobrinha. Não cheguei perto e não deixei que eles me vissem, fiquei observando de longe, tentando ouvir alguma coisa. Entretanto, a única coisa que consegui ouvir foi:

— Ela tem medo, professor. Mas acho que você tem uma chance. Só que vá com calma, minha tia é uma pessoa muito triste.

— Mas por quê? Me conte o que aconteceu!

— Se ela não contou, professor, eu prefiro não dizer. Nós, eu, minha mãe e o padre Luiz, combinamos que, sempre que alguém nos perguntar o que aconteceu com a tia Emily, é para deixar ela mesma contar, e acredite, ela nunca conta. Só posso dizer que ela perdeu amores em sua vida que jamais terá de

volta.

— Ela é viúva? Agora posso entender um pouco... É isso, ela é viúva?

— Sim. Mas não me pergunte mais nada, pois não irei dizer.

— Está tudo bem. Muito obrigado.

— Vou torcer pelo senhor, minha tia merece uma segunda chance. Ela merece recomeçar.

Saí de onde estava e fui ajudar a diretora e as professoras a desmontar as barracas das meninas.

No fim da tarde, os pais vieram buscar os alunos, e a experiência havia sido um sucesso.



*Choremos a morte das flores,
Mas jamais percamos a
Esperança de uma nova primavera
– Autor desconhecido*

Após aquele fim de semana, os alunos estavam mais agitados e alegres em sala de aula. O André estava tão falante que chamei sua atenção duas vezes por conversar em sala de aula. E ele somente sorria e me pedia desculpas.

Lorenzo, depois daquela declaração toda, não me acompanhou mais na volta da escola, nem parava mais de bicicleta com André à minha porta durante a ida, pela manhã. Na escola, à tarde, sempre saía antes ou depois de mim. Talvez

fosse melhor assim. Porém, eu tinha de admitir que sentia falta das suas conversas irritantes no caminho de volta para casa.

Passou-se quase um mês, e finalmente chegou a semana da abençoada festa da primavera. Minha irmã e minha sobrinha estavam radiantes, mas eu estava tentando inventar uma desculpa para não ir.

— Tia, você tem que ir. Vai ter até pista de dança. Nesse ano a festa não tem hora para acabar. E quero você lá, pois a Mayara e a Jéssica vão levar um bolo e cantar parabéns para mim.

— Ah, agora a Jéssica fez as pazes com a Mayara?

— Ai, tia, nem te contei! Fui conversar com a May, como você me aconselhou, e ela me contou tudo. Ela estava armando um encontro entre mim e o Felipe, só que não deu muito certo, pois eu estava no acampamento no fim de semana, e ele foi para a casa da avó em Curitiba. Agora elas estão unidas para nós ficarmos juntos na festa da primavera.

Adolescentes, ansiosos e apressados como sempre. Ela falou tanto sobre essa festa da primavera e do seu aniversário, que seria no mesmo dia, que me fez prometer que eu iria.

A festa seria no sábado. Durava o dia todo. Teria parque de diversões e barracas com produtos da região. Era uma festa bem conhecida na cidade, e várias pessoas de regiões próximas vinham para participar.

Na sexta-feira, véspera do dia da festa, quando eu estava voltando para casa no fim do dia, escutei o André me chamando:

— Tia Emy! Tia Emy! Espera!

Ele e o seu pai vieram correndo até onde eu estava. O André, como sempre, saiu em disparada na frente, deixando-me com o Lorenzo logo atrás.

— Como você está?

— Bem, e você, professor?

— Sentiu minha falta, confesse.

— Na verdade, acho que me acostumei com sua tagarelice, apenas isso.

— Vou considerar que isso foi um “sim, Lorenzo, eu senti sua falta, e especialmente da sua conversa, mesmo boba, no caminho”.

— O que quer, professor?

— Nada, só caminhar ao seu lado novamente. Na verdade, estou a pé, porque o pneu da minha bicicleta furou. Mas também senti falta de acompanhar você no caminho.

Ele não disse mais nada durante o resto do trajeto, mas quando chegamos em frente à minha casa, entregou-me uma sacola colorida.

— Já fiquei sabendo que vai à festa da primavera. Decidi te dar um presente e, por favor, como minha amiga, pois, mesmo que negue, sei que sentiu minha

falta, use isso durante a festa. Até amanhã, Emily.

Ele nem me deixou responder. Deu-me um beijo rápido no rosto e seguiu seu caminho, dando uma olhadinha para trás para ver minha cara de espanto.

Assim que entrei em casa, sentei-me no sofá e fui abrir a sacola. Dentro dela havia um vestido de tecido superleve com estampa de flores. Ele era branco com desenhos de flores vermelhas e folhas verdes, a barra devia ir até um pouco abaixo dos joelhos, mas era tomara que caia. Quando eu era mais nova, o meu eu de antes ia amar um vestido daqueles. Ele era lindo, mas eu não tinha certeza se conseguiria usá-lo. Iria me sentir meio exposta.

Minha irmã e minha sobrinha, quando chegaram a casa e viram o vestido, amaram-no e me fizeram vesti-lo na mesma hora.

— *Caraca*, tia!!! Você está linda! Vai arrasar na festa, hein?!

— E-eu não sei se vou conseguir usar uma roupa dessas, eu...

— Se não vai usar, por que comprou?

— Eu não comprei, Rafa. O Lorenzo me deu.

— Uau, e ele acertou em cheio o seu tamanho. Ficou perfeito.

— Eu avisei a ele que ia ser muito difícil a tia usar, mas ele insistiu.

A pestinha da Sophia ajudara o Lorenzo a comprar o vestido para mim. Ela disse que queria me ajudar, já que eu a tinha ajudado na questão com a sua amiga.

Realmente o vestido era lindo. Todavia, eu não sabia se teria coragem de usá-lo. Quando fui me deitar para dormir, à noite, escutei um barulho do meu celular. Era uma mensagem:

Então, professora, o vestido serviu? A propósito, sou eu, Lorenzo. Sophia me deu seu número.

Imediatamente respondi:

O vestido é lindo, mas não sei se terei coragem de vesti-lo. Não estou acostumada a usar roupas tão coloridas e que me deixem tão exposta.

Logo outra mensagem veio:

Poxa, que desfeita. Ficarei com meu coração partido se não usar. Prometo que, se você se sentir exposta ou mal durante a festa, eu mesmo a acompanho de volta para casa.

Suas palavras me amoleceram.

Está bem, professor, eu usarei o vestido. Agora me deixe dormir. Boa noite.

Ele se despediu:

Boa noite, Emy.

Adormeci sorrindo. O Lorenzo era muito bobo. Contudo, tinha um bom coração. O desafio era eu ter coragem de usar o tal vestido.

Na manhã de sábado, Rafa e Sophia não falavam em outra coisa que não a festa. Minha sobrinha estava tão feliz pelo seu aniversário de 17 anos e por ele ser no dia da festa da primavera que era emocionante de ver.

Lá pelas 2h da tarde, a Rafa e a Sophia já estavam prontas. Eu coloquei o vestido, mas não estava muito confortável nele. Na verdade, não tinha me levantado muito disposta. No entanto, havia prometido a Sophia que iria.

Quando as duas entraram no meu quarto para me chamar para sairmos, minha sobrinha me olhou de cara feia.

— Ah, não, tia. Por favor. Vamos dar um jeito nessa cara.

Ela foi até seu quarto e voltou com seu estojo de maquiagem. Eu me recusei a usar. Fazia alguns anos que não punha nada em meu rosto. Entretanto, ela insistiu. Sentou-se em um banco à minha frente e passou a me maquiar.

— Não gosto dessas coisas, Sophia.

— Tia, não se preocupe, vou deixar o mais natural possível.

Assim que ela finalizou, não me deixou olhar no espelho antes de desfazer minha trança e soltar meus cabelos, que não eram muito longos. Na verdade, meu cabelo era na altura dos ombros, mas o usava sempre preso. Eu sempre tivera cabelos lindos e longos, mas, quando estivera em tratamento, na primeira vez em que ficara em uma clínica, cortara meus cabelos. Eles tinham ficado curtos como os de um homem e hoje se encontravam na altura dos ombros.

Quase não me reconheci. Eu estava bonita. A maquiagem havia disfarçado minhas olheiras e me dado uma pele mais suave, sem manchas. Meus olhos estavam realçados pelo lápis e o rímel. Nada mais. Porém, ainda assim, não parecia ser eu. Estava acostumada a ficar com meus cabelos presos. Todavia, a Sophia e a Rafa não me deixaram prendê-los de jeito nenhum.

Saímos de casa, e os vizinhos ficaram me olhando de forma estranha. Ao chegarmos ao local da festa, fomos direto para a barraca do padre Luiz, que, junto com algumas voluntárias, vendia tortas e bolos. Quando meu amigo me viu, arregalou os olhos e logo veio em nossa direção.

— Mas que milagre estou vendo! Minha amiga Emily está linda!

— Padre! Assim o senhor me deixa sem jeito.

— Mas está. Que bom vê-la assim. Rezo por isso há anos, desde que a

conheço.

Na verdade, percebi que todos que ali estavam e me conheciam ficaram me olhando com uma cara esquisita. Decidi entrar na barraca da igreja e ajudar as voluntárias, o que deixou minha irmã e minha sobrinha possensas. Contudo, eu não ia ficar andando sozinha de um lado para o outro naquela festa com brinquedos de parque de diversões, já que a Sophia ia se encontrar com as amigas e com o tal do Felipe e minha irmã já estava à procura do Lucas.

Comecei a servir ao pessoal que comprava as fatias de bolos e tortas, quando senti alguém pegar na minha mão.

— Ah, dá uma voltinha para eu te ver. Quase não acreditei que era você. — Era o Lorenzo, e puxei minha mão depressa e baixei a cabeça. — Só a reconheci pelo vestido que lhe dei. Gostou?

— Estou tentando me acostumar, professor. Agradeço pelo presente. Mas não havia necessidade.

— Havia, sim. Ele foi feito para você. Mais tarde terá que sair dessa barraca, quero dançar com você.

— Eu não danço.

— Eu mereço uma dança, o senhor não acha, padre? Eu lhe dei o vestido de presente, o mínimo que ela pode fazer é dançar pelo menos uma música comigo, o senhor não concorda?

— Sim, meu amigo, eu concordo. Emily, não faça essa desfeita.

Eu olhei para o padre Luiz e falei para o Lorenzo que pensaria a respeito. De todas as formas, ele não poderia me obrigar.

No entanto, quando falei isso, Lorenzo simplesmente tirou o avental de uma das voluntárias e pediu para ela aproveitar a festa, dizendo que ficaria ali, ajudando na barraca da igreja, já que o André preferira curtir o festival com a amiguinha Duda e seus pais. Eu o olhei irritada e afirmei:

— Eu não acredito nisso. Você só está fazendo isso para me importunar.

— Não, estou fazendo isso para ajudar a igreja e para fazer com que você aceite pelo menos dançar uma única música comigo quando o baile começar às 8h da noite em ponto.

E o infeliz não saiu dali. Ficou o resto da tarde nos ajudando a vender os bolos e as tortas. Lá pelas 6h da tarde, já havíamos vendido tudo.

Ajudamos o padre Luiz a desmontar a barraca e caminhamos por ali, matando tempo até o início do baile.

Por volta das 7h da noite, as amigas da Sophia vieram até nós com o bolo de aniversário dela, e todos cantamos parabéns para minha sobrinha. Ela e o Felipe pareciam ter se entendido. Fui até Sophia para lhe dar um abraço, e ela me apresentou ao famoso Felipe.

— Parabéns, minha linda! Que Deus te abençoe infinitamente.
— Obrigada, tia. Lipe, venha conhecer minha tia Emily.
— Oi, prazer.
— Ah, então você é o famoso Felipe?! Prazer.
— Famoso? — Ele riu, sem jeito. — Obrigado. A Sophia também já era bem conhecida, por nome, é claro, em minha casa.

Então os dois me contaram que um era apaixonado pelo outro, mas não tinham coragem para se declarar, e graças à ajuda das amigas de ambos, acabaram se declarando e agora eram namorados. Nunca vi minha sobrinha tão radiante. Fiquei feliz por ela. Ela lembrava tanto a mim mesma naquela idade, quando minha vida era colorida e cheia de sonhos, esperanças e alegria.

Em meio aos meus pensamentos, a Mariana veio ao meu lado puxando conversa:

— Emily, queria dizer que você está muito bonita hoje.
— Obrigada, Mariana.
— Por acaso você e o Lorenzo estão tendo algum tipo de envolvimento amoroso?
— Mariana, ele é apenas meu colega de trabalho e está se tornando um amigo. Nada mais do que isso.
— Não seria problema, então, se eu tentasse me aproximar mais dele... seria?

— Problema nenhum, Mariana. Aliás, acho que vocês dois têm muito em comum. Ambos são alegres, extrovertidos.

Parando para refletir, era mesmo verdade. Lorenzo e Mariana combinariam como um casal, não fosse o fato de ele ficar no meu pé o tempo todo.

Às 20h começou o tal baile. Eu estava sentada, observando minha sobrinha com o namoradinho, lembrando-me da época do início do meu namoro com o Heitor. Eu era tão feliz. Quando eu estava prestes a me levantar para ir para casa, pois as lembranças estavam apertando meu peito, o Lorenzo apareceu me estendendo a mão.

— Você me prometeu uma dança, lembra?
— Professor, eu estou com um pouco de dor de cabeça, já estava me preparando para ir para casa.
— Você prometeu. Não fuja. Depois da dança eu te acompanho até em casa com todo o prazer.

Olhei-o e percebi que todos ao meu redor me olhavam. Peguei em sua mão, e fomos para o centro do salão, juntando-nos a tantos outros casais. Estava tocando uma música lenta em inglês. Percebi que a Mariana nos olhava com uma cara estranha. Porém, que culpa eu tinha? Minha sorte foi que o Mathias a

chamou para dançar.

Durante a dança, acabei pisando no pé do Lorenzo. Fiquei toda sem graça.

— Me desculpe, é que faz muitos anos que não danço.

— Não se preocupe. Pode pisar no meu pé quantas vezes quiser...

Ele me encarava com aqueles olhos azuis brilhantes, que ficavam em evidência sem os óculos. Um frio corria por minha espinha. Comecei a sentir uma coisa estranha, algo que eu pensei que jamais voltaria a sentir, para a qual eu pensava não estar preparada. Então, assim que a música acabou e o rosto de Lorenzo estava tão próximo ao meu, eu fugi.

Soltei-me de seus braços e corri para fora do salão. Ele correu atrás de mim gritando meu nome, mas eu não olhei para trás. Quando finalmente consegui sair do local da festa e estava na rua, ele me alcançou, pegando em meu braço.

— Por que você foge de mim dessa maneira? O que acontece com você, que acredita que não pode se envolver comigo? Acha que eu sou um moleque que quer brincar com os seus sentimentos?

— Não é isso!

— O que é, então? Me explique! Eu quero entender, pois percebi hoje, durante a dança, que você também está sentindo alguma coisa por mim. Você não é indiferente.

— Lorenzo, é complicado. Eu não sou uma pessoa totalmente livre e disponível. Meu coração foi muito machucado. Eu tenho feridas abertas que nem mesmo você seria capaz de curá-las.

— Eu entendo sua dor...

— Não. Você não entende.

— Entendo mais do que você imagina.

— O que você pode entender, professor? Sua ex-mulher te deu um chute na bunda, te trocou por outro, e sua vida seguiu em frente! Como pode entender a dor de uma mulher que perdeu o único homem que amou durante toda a vida?! Por favor, não fale como se soubesse como é.

— Co-como é? Então você realmente acha que minha mulher me deu um chute na bunda?

— É o que todos dizem a seu respeito, professor.

Vi crescer em seus olhos uma mágoa, uma dor que eu não sabia exatamente de onde vinha. Talvez ele ainda não estivesse preparado para ouvir a verdade, que todos nós sabíamos sobre a sua ex-esposa e a traição dela. Todavia, fui surpreendida por aquela resposta:

— Então é isso que dizem a meu respeito? Pois irei lhe dizer a verdade. A verdade é que, sim, eu entendo sua dor, pois passei pelo mesmo. A Lisandra, minha mulher, não me traiu. Isso que falam é o mesmo que ofender a sua

memória. Falam o que não sabem. A Lisandra faleceu há dois anos. Mas, enfim, eu sou um sem noção, não é mesmo? Eu não sou capaz de entender pelo que você passou. Se me der licença, professora, agora quem quer ir para casa sou eu!

Eu senti que perdi a cor na mesma hora. Eu não podia imaginar que ele houvesse passado por algo assim. Ele sempre era tão alegre, brincalhão, extrovertido. Eu não sabia o que dizer. Eu não tinha nada para dizer. E mesmo que tivesse, após aquele desabafo, com os olhos cheios de mágoa, ele me deu as costas e foi embora, deixando-me sozinha e envergonhada.

Fui para casa, tomei um banho e me deitei, mas não consegui pregar os olhos. Escutei minha sobrinha e minha irmã chegarem, mas fingi estar dormindo. Percebi que minha irmã veio até mim, mas, como pensou que eu estava dormindo, apenas encostou a porta e foi para seu quarto.



*Não julgue uma história que
você não viveu ou presenciou
Sem antes analisar os dois lados
– Andreza Filizzola*

Eu me senti péssima por ter julgado mal o Lorenzo. Mal consegui dormir. Então, assim que acordei naquele domingo de manhã, saí sem avisar a minha irmã e minha sobrinha e fui até a sua casa. Precisava pedir desculpas por ter sido tão arrogante e insensível com ele.

Passei pelo portão e bati à sua porta. Eu mal vi que horas eram, nem me lembrei de que o Lorenzo e o André podiam estar dormindo. Não demorou

muito para o Lorenzo aparecer vestido apenas com uma calça de moletom e sem camisa, deixando todo o seu peitoral definido à mostra.

Fazia muito tempo que um homem não mexia comigo daquela forma. No entanto, contive-me e perguntei se podia entrar. Ele abriu a porta para que eu entrasse e a fechou assim que entrei. Foi para a cozinha e me serviu uma xícara de café.

— O que faz aqui, Emily?

Ele estava com o olhar triste, parecia distante. E eu me senti ainda pior por dentro.

— Queria me desculpar. Me desculpar por tudo. Eu pensei que...

— Não tem o que pensar, Emy. Era só ter me perguntado — disse sem me olhar nos olhos. — Eu entendo que as pessoas especulem sobre a minha vida e tirem suas conclusões, mas se quisesse saber a verdade, você poderia ter me perguntado. Ao contrário de você, eu não tenho problemas de falar sobre meu passado. Pelo contrário, me ajuda.

— Cada um tem uma maneira de passar pelo luto. E você mesmo me disse várias vezes que não gostava de falar sobre ela e...

— Sim, mas se me perguntasse com jeitinho, eu te contaria. E eu tive o meu período de luto. Não pense você que não penso nela, ou que cheguei a pensar que não conseguiria viver sem ela, ou que não a amava tanto assim, porque doeu. Doeu muito. Mas a minha vida continuou, e meu filho precisava de mim.

— Por isso ele sente tanta falta dela.

— Sim. Ver o sofrimento dele acabou comigo. Mas tentei ser forte por ele.

— Você teve motivos para continuar...

— Você também tem.

— Meu luto vive comigo todos os dias, todas as horas de minha vida. Faz oito anos, mas parece que tudo aconteceu ontem. Não me sinto à vontade para falar sobre nada disso com ninguém. Parece que, cada vez que falo sobre isso, estou cutucando a ferida.

— Eu não me importo. E um dia você também irá se sentir assim. A saudade sempre vai existir. Mas a ferida já não vai doer tanto. Vou lhe contar a minha história, e não se preocupe, não irei lhe cobrar que me conte a sua. Faça isso apenas quando se sentir à vontade.

Então Lorenzo se sentou ao meu lado na cozinha e contou-me que sua esposa, Lisandra, falecera dois anos antes. Eles estavam casados havia dez anos, e ela estava à espera do segundo filho deles. A gravidez desde o começo fora complicada. Ela tivera várias complicações, e a pior fora a pré-eclâmpsia. Eles tentaram fazer de tudo para controlar a pressão alta, Lisandra tomava medicamentos a cada hora. Entretanto, ao completar os seis meses de gestação,

ela sentira muitas dores. Fora levada às pressas para a maternidade. Os médicos haviam feito uma cesariana de emergência, tirando o bebê prematuramente do ventre da mãe para que elas tivessem uma maior chance de sobreviver. Porém, infelizmente Lisandra, após o procedimento, piorou muito, teve uma convulsão e entrou em coma. Os médicos fizeram de tudo para ela voltar, mas ela acabara não resistindo.

Já o bebê – segundo Lorenzo, uma menina – morrera devido à doença da membrana hialina, uma doença respiratória por ele ter nascido antes do tempo, ser muito frágil e pequeno. Ficara na UTI, mas após algumas horas, mesmo com todos os cuidados, também não resistira.

Sua história se parecia bastante com a minha em alguns aspectos. A diferença era que ele falava com certa tristeza, mas não se debulhava em lágrimas e nem entrava em desespero.

Num gesto meio automático, segurei em sua mão e disse que sentia muito. E me desculpei mais uma vez por ter acreditado em fofocas e invenções sem sentido.

— Não precisa se desculpar, professora. Não tinha como você saber. E eu também não fico falando da minha vida, pelo menos não essa parte. Gosto que as pessoas me vejam alegre e positivo, como eu realmente sou.

— Como conseguiu dar a volta por cima tão rápido?

— Fiquei um ano perdido. Fui forte pelo André. Ele precisava de mim.

— Queria ter essa força de vontade, essa coragem de continuar.

— Você tem. Já começou. Na verdade, se acomodou em viver na solidão, no escuro da sua dor. Mas está na hora de reagir. Já passou da hora, eu diria.

— É tão difícil...

— Fácil não é mesmo... mas você vai conseguir, e eu vou te ajudar, se você permitir.

Ele pegou no meu pulso esquerdo, em cima *dela*. Em cima *daquela* que me fazia lembrar do que eu mais me arrependo até hoje.

— Sei que você tem traumas do passado, dores e feridas em aberto. Mas eu só quero cuidar de você, te provar que a vida continua e que é muito mais do que dor, saudade e luto. Eu só quero poder abraçar você, cuidar de você. Desde que eu te vi, minha vontade é te beijar, te abraçar, poder me aproximar de você... ser teu namorado, te conhecer melhor... descobrir essa mulher maravilhosa que você é. Me dê uma oportunidade, Emy. Só te peço uma chance, é tudo o que eu preciso.

— Não sei se sou capaz de te corresponder.

— Você sabe que é. Está escrito nos teus olhos.

Ele se aproximou, pegou em meu rosto e me beijou. Um beijo delicado,

demorado. Eu não havia beijado ninguém além do Heitor. Foi estranho, mas foi bom ao mesmo tempo. Eu estava perdida, eu não sabia o que sentia.

De repente eu o afastei. Olhei-o com lágrimas nos olhos e declarei:

— Não sou capaz de corresponder às suas expectativas. Me desculpe.

Saí em disparada para longe dali. Todavia, não queria ir para casa. Eu estava chorando. Sabia que o que Lorenzo tinha falado era verdade.

Na manhã seguinte, eu mal conseguia olhar para o Lorenzo. Durante o horário de almoço, estava eu almoçando em minha mesa, isolada como de costume, quando ele veio e se sentou ao meu lado. Com um sorriso disse:

— Sabe o que é engraçado? Você fugiu depois que te beijei, e ainda assim, eu não paro de pensar no beijo. É como se seu gosto ainda estivesse aqui em minha boca.

— Por favor, professor, aquilo não poderá mais se repetir.

— Não entendo o porquê! Eu sou livre, você também, não vem me dizer que não sente nada, que é indiferente, pois sei que não é.

— Você não sabe nada, Lorenzo. Com licença.

Peguei minha bandeja e me levantei, mas ele se ergueu e me puxou pelo braço. Àquela altura, todos os outros professores nos olhavam.

— Não! Eu não sei, mas por que não me conta? Sou paciente, sei escutar. Tudo o que quero é uma chance.

— Não!

Eu sentia a pressão dos olhares dos outros sobre nós e ouvia a súplica de Lorenzo em sua voz. Eu estava com medo. Estava com toda a minha história de vida entalada em minha garganta. Eu mencionava o nome do Heitor, o do Miguel, mas fazia dois anos que não contava a história deles. Simplesmente não conseguia.

— Me deixe em paz, professor, é melhor para você e para mim!

Ele me olhou e viu que eu estava tremendo de nervosa. Soltou-me e finalmente me falou aquilo:

— Você não sabe o que é melhor para mim. E eu não desisto assim tão fácil. Vou ficar te esperando. Não importa como, Emily, você ainda vai ser minha.

Eu mal prestei atenção ao que ele disse. Larguei minha bandeja com meu prato de comida pela metade na pia e corri para o banheiro.

Olhei-me no espelho; meus olhos já estavam vermelhos, eu tremia. Peguei meu pulso e apertei a cicatriz escondida por baixo da tatuagem. A viagem de volta no tempo seria inevitável. Eu sentia que estava na hora de falar sobre Heitor e Miguel.

Tomei um copo de água para me acalmar e, assim que o sinal da escola

bateu, avisando que o horário de almoço tinha acabado, que estava na hora de voltar para a sala de aula, respirei fundo e me encaminhei para o corredor, seguindo em direção a minha sala de aula. Encontrei-me com o Lorenzo no corredor.

— Emily, me desculpe, eu só...

— Tudo bem, Lorenzo. Acho que talvez você tenha razão. Não estou pensando muito agora, mas se quer mesmo saber minha história, vou lhe contar. Mas preciso que esteja sozinho.

— Pode ser no sábado à noite, em minha casa. O André dorme cedo. Farei um jantar, e podemos conversar tranquilamente lá. Mas só faça isso se realmente se sentir à vontade. Eu não quero pressioná-la a nada, só quero entender esse seu medo de namorar.

Não disse nada. Apenas fiz um gesto afirmativo com a cabeça e fui para a sala de aula, onde meus alunos me aguardavam.

Quando voltei para casa naquele fim de tarde, contei para a Rafa o que tinha combinado com Lorenzo.

— Eu acho ótimo. Será bom para você. Quem sabe compartilhar essas lembranças...

— Não vejo como isso pode ser bom, mas esse professor mexe comigo e não vai largar do meu pé até que eu conte tudo. Então, se é isso que preciso fazer para ele desistir de mim, vou fazer isso.

— E se ele não desistir? Ele parece ser do tipo de homem que, quando quer uma coisa, não desiste tão fácil, e Emy, você sabe, está na hora.

— Não sei se estou preparada para voltar ao passado, mas vou ter que fazer isso. Lorenzo é muito insistente, quem sabe assim ele desencana e...

— Acho isso pouco provável, talvez ele fique ainda mais apaixonado. Mas boa sorte.



*Embora muitas histórias de amor tenham um começo,
Um meio e um fim, eu ainda não consigo aceitar
Porque a gente não teve um Para sempre.
Mas saiba, aqui dentro do meu peito
Isso não é um adeus...
– Thaeme e Thiago*

Assim, fui me preparando durante toda a semana para aquele sábado. Peguei meu álbum de fotografias havia tempo esquecido dentro do guarda-roupa e à noite fui até a casa de Lorenzo. Ele me atendeu todo respeitoso. Tinha preparado uma massa e me serviu uma boa taça de vinho.

Jantamos, e, quando ele foi colocar o André para dormir, escutei o pequeno

perguntar ao seu pai se eu era a namorada dele e escutei sua resposta:

— Ainda não, meu pequeno. Eu quero muito, mas a Emy é difícil. Mas você sabe que seu velho pai aqui é paciente...

— Eu gosto da tia Emy. Ia ficar feliz.

— Eu também, meu menino, eu também. Agora chega de conversa. Faça sua oração do anjo da guarda e vamos dormir.

Ouvi a oração que eu por muitas noites também fazia quando tinha o Heitor e o Miguel junto comigo e inevitavelmente senti uma lágrima escorrer pelo meu rosto. Na verdade, aquela lágrima era só a primeira de todas as outras que se seguiriam assim que eu começasse a contar minha história e fazer a viagem de volta ao meu passado.

Assim que Lorenzo saiu do quarto do André e fechou a porta, sentamo-nos na sala, e eu lhe entreguei meu álbum.

— Adoro fotografias.

— Eu costumava gostar também. Mas esse álbum faz algum tempo que está guardado; eu não consigo olhar para ele sem chorar.

Ele foi folheando as páginas e sorrindo ante algumas, até que chegou à última foto. A última foto tirada com o Heitor e o Miguel.

— Quem são eles? Esse é o Heitor, suponho, e esse menino? Quem é esse menino sorridente? — Eu o olhei já com os olhos cheios d'água, e nem foi preciso dizer nada. Ele entendeu. — Era seu filho? Vo-você teve um filho, Emy? Oh, meu Deus, eu sinto muito, eu...

— Tudo bem. Eu não gosto de falar sobre isso. Mas você queria saber a história toda, não? Então agora você vai ouvir.



São Paulo, 15 de outubro de 1998.

Era outubro de 1998, eu estava então com meus 15 anos. Eu era uma adolescente normal como qualquer outra, estudiosa e a filha caçula de meus pais. Meu pai era um famoso e rico advogado na época, com pretensões políticas, e nós tínhamos uma vida de classe média alta.

Aquele era para ser mais um dia normal na sala de aula, quando ele entrou com aqueles olhos castanho-claros, aquele sorriso de dentes brancos e perfeitos. Assim que coloquei meus olhos nele, eu sabia, ele não seria mais um colega de sala de aula normal.

Ele chegou à sala, sentou-se numa carteira dos fundos e já se enturmou com o Rodrigo, irmão da minha melhor amiga, Carmem. Eu não conseguia parar de

olhar para ele, quando a Carmem me chamou, rindo:

— Amiga, disfarça.

— Ele é o cara mais lindo que eu já vi. Você viu que sorriso?!

Naquele instante o professor começou a falar mais sobre o novato:

— Esse é o novo aluno, Heitor Velasques. Seja bem-vindo, Heitor.

Ele me pareceu tímido, mas aquele sorriso ficaria gravado em minha memória eternamente.

No intervalo, eu queria me aproximar dele, queria saber mais dele. Contudo, a Carmem me dizia que eu estava sendo ridícula, que ele nem era tão bonito assim.

— Ah, você precisa de óculos! Ele é simplesmente perfeito.

— Você sabe que ele é bolsista, né? Sabe de quem ele é filho?

— Não e nem me importa.

— Ele é filho da dona Eloísa, a tia da limpeza aqui da escola.

— E o que tem isso demais? Eu não ligo para dinheiro, você sabe disso, caso contrário você não seria minha melhor amiga.

Carmem era bolsista também, ela e o irmão Rodrigo conseguiram as bolsas de estudos no colégio San Giovanni pelo fato de a mãe deles, a tia Edna, ser a secretária de um dos donos do colégio.

O fato de o Heitor não ser rico, ser bolsista e ser filho da dona Eloísa não me incomodava. O meu pai era quem não apreciava pessoas humildes. Ele sequer gostava da Carmem. No entanto, eu sempre deixei claro que era eu quem escolhia minhas amizades.

Na verdade, eu não tinha como me aproximar do Heitor. Eu ficava tímida perto dele. Eu o encarava, sim, e muito, mas, na hora de conversar, eu simplesmente ficava muda.

A oportunidade surgiu quase dois meses depois. Teria uma festa de aniversário do Rodrigo, irmão da Carmem, na casa deles, e o Rodrigo havia convidado o Heitor. Eu tinha de ir a essa festa. O problema era que ela seria no sábado à noite, justamente no dia do baile de debutante da filha de um senador amigo do meu pai, que fez questão de dizer que eu iria e que faria parte do “bolo vivo” para o aniversário da garota. Eu nem a conhecia. Conheci-a um fim de semana antes, no ensaio para a valsa. Eu achava isso um tremendo tédio. Tivera também meu baile de debutante, mas só convidara verdadeiras amigas para serem parte do “bolo vivo” e dançarem a valsa comigo. No entanto, a garota, a Eliane, era do tipo nojentinha e não tinha muitas amizades. Então meu pai, como sempre, quis que eu me enturmasse com as filhas metidas de seus amigos e me colocou naquela roubada.

Eu não queria perder a festa do Rodrigo, não podia. Entretanto, o que eu

iria fazer? Se eu contasse para minha mãe, ela também não me deixaria ir para a festa na casa da Carmem. Lembro que pedi para a Rafaela me dar um conselho.

— Ah, minha irmã, você sabe que isso não vai dar certo.

— Mas eu não queria ir a esse baile com essas patricinhas fúteis. Quero ir à festa do Rodrigo.

— Rodrigo? O irmão da Carmem? *Tá* a fim dele?

— Não, claro que não. Ele é como um irmão para mim. É que quero ir à festa, só isso.

— Te conheço não é de hoje... Tem alguma coisa aí.

— Tem. Tem um garoto de quem eu quero muito me aproximar e no colégio não tenho como... Ele é simplesmente o cara do sorriso mais lindo e apaixonante que eu já conheci.

— Bom, o que você pode fazer é o seguinte...

Minha irmã na época tinha seus 19 anos e estava noiva do pai da Sophia. Ela sempre me protegia e me ajudava no que podia. Era minha cúmplice desde sempre.

O que ela me pediu para fazer, foi dizer a papai que eu estava mal, com febre, com disenteria e que não poderia ir ao baile. E, quando meus pais saíssem, eu sairia escondida para a festa na casa da Carmem. Acontece que meu pai não era um homem fácil de se enrolar. E, mesmo eu dizendo e até fazendo uma cara de doente, ele falou que eu iria ao tal baile e ponto.

— Mas, papai...

— Isso que você tem é frescura. Você vai, dança a valsa, e depois, se quiser, eu trago você para casa de volta.

Lá pelas 10h da noite, eu já estava maquiada, de cabelo feito, com aquele vestido rodado, parecendo um bombom ou uma das princesas da Disney, e liguei para a Carmem.

— Oi, amiga, *tá* chegando?

— Carmem, ainda não. Vou ter que ir a um baile de debutante antes. Invenitei que não estava bem, mas meu pai praticamente me obrigou a ir.

— Amiga, fica tranquila, aqui as festas nunca têm hora para acabar.

Fácil para ela falar. Cheguei àquele lugar todo decorado lindamente, sonho de todas as adolescentes de nossa época. Era uma pena que só as mais metidas e patricinhas tivessem a oportunidade de ter uma festa como aquela.

Para piorar, eu teria de dançar a valsa com o Jair, o primo da aniversariante, que estava no terceiro ano do colégio e era o cara mais metido e arrogante que eu conhecia. No colégio ele era conhecido como o conquistador, ficava com todas as meninas de lá. Não que ele fosse feio. Fisicamente ele fazia a cabeça de muitas meninas, inclusive a cabecinha fraca da minha amiga Carmem, que nutria

um amor platônico por ele. Ele era loiro, tinha olhos verdes, fazia academia, mas sua prepotência e autoestima elevadas em demasia o faziam um dos seres mais horrendos que eu já conhecera na vida. Ao contrário do irmão dele, o Johnny, que era um amor. Esse eu conhecia pouco, conversara com ele uma vez na minha festa de debutante, no início do ano, e hoje ele cursava o primeiro ano da faculdade de veterinária. Ele tinha cabelos castanhos e os mesmos olhos verdes do irmão, mas, diferente daquele, era educado, gentil e tímido. Ele dançara a valsa do meu baile com a Carmem, e desde então, eu achava que ele tinha uma quedinha por ela. Porém, a Carmem preferia o irmão idota dele.

O Jair por várias vezes me cantara. Eu sempre o cortava, pois o achava nojento demais. Meu pai, por conhecer a família dele, vez ou outra falava dele em minha casa, dizendo que faria gosto se eu quisesse namorar um rapaz feito ele. Todavia, aquilo nunca aconteceria. Eu preferia morrer solteira.

Às 23h, nós, que iríamos dançar a valsa com a debutante, fomos convocados. Tive de aturar aquele Jair a dança toda me encarando e me bajulando, dizendo o quanto eu estava linda, que era injusto com a debutante eu estar mais linda que ela. Ui, que vontade de vomitar!

Após a valsa, tive de esperar as fotos e a aniversariante cortar o bolo. Nesse meio tempo, disfarçadamente, corri ao banheiro, peguei meu celular e liguei para o telefone fixo da casa da Carmem, já que ela não tinha condições de ter um aparelho celular.

— Alô? — Carmen atendeu.

— Sou eu, Emily.

— Amiga, ele acabou de chegar! Você tem razão, fora da escola ele é um gatinho. Nada comparado ao Jair, mas é bonito. E cheira bem.

— Eu não te disse?

— Minha prima Ângela está aqui e já está se oferecendo para ele. A festa está bombando. Venha!!! Você está perdendo.

— Não acredito que ele vai ficar com ela! Vou dar um jeito de sair desta festa.

— Não quero te desanimar, mas parece que ele *tá* caindo na conversa da oferecida da minha prima. Venha assim que puder. Estou te esperando.

— Vou ver como farei para chegar aí, até logo!

Eu conhecia a Ângela, prima da Carmem. A danada era uma das garotas mais lindas que eu conhecia. Já imaginei ter perdido a oportunidade para ela. Contudo, eu não podia desanimar. Corri para perguntar ao Johnny se ele podia me fazer um tremendo favor.

— Você está maluca! Se seu pai descobrir, vai me matar!

— Ele não vai descobrir. Ele vai achar que fui para casa, pois estava

passando mal e fui dormir. Além do mais, acredito que você também tem interesse em ir a essa festa. É na casa da Carmem.

— Sêrio? Aquela menina linda com quem dancei a valsa em sua festa de debutante?

— Ela mesma. Então? Topa? Por favor, você é minha única esperança.

— Está bem, vamos conversar com seu pai.

Se eu desconfiava que o Johnny tinha uma “quedinha” pela Carmem, agora era um fato confirmado.

Corri até a mesa onde meus pais conversavam distraidamente com outros convidados e lhes avisei que queria ir embora, pois não me sentia nada bem.

— Tem certeza, Emily? A festa está tão divertida.

— Sim, mamãe. Ainda me sinto fraca e acho que estou um pouco quente.

— Se é assim, eu a levarei.

— Não se incomode, senhor Elivir, eu mesmo a levarei. Também preciso ir. Tenho que descansar e estudar muito amanhã, já que segunda tenho prova na faculdade.

— Você é quem, meu rapaz? Tem carteira de habilitação?

— Oh, sim. Desculpe, achei que o senhor havia me reconhecido. Meu nome é Jonathan Coelho, sou filho do deputado Henrique e irmão do Jair. Estive em sua casa algumas vezes.

— Oh, sim. Claro, meu rapaz. Desculpe, não o reconheci logo de início. Vai levar minha filha direto para casa em segurança?

— Sim, senhor.

— Então está bem. Cuide de minha filha. E Emily, assim que chegar em casa, me ligue no celular, está bem?

— Pode deixar, pai.

Despedi-me dos meus pais com um beijo no rosto e puxei o Johnny pela mão até o estacionamento. O carro dele era um Mercedes Classe A preto, com bancos de couro. O veículo cheirava a novo, ele devia ter ganhado do pai quando entrara na faculdade.

No caminho liguei para a Carmem para avisar que eu estava indo e que estava levando um amigo. Percebi que o Johnny estava um pouco nervoso. Assim que desliguei o celular, tentei tranquilizá-lo:

— Fica calmo, Johnny. Ninguém vai ficar sabendo. É um segredo entre amigos.

— Não sei, nunca fiz nada parecido. Estou suando frio.

Ele era um cara certinho demais, daqueles que nunca desobedecem aos pais, que sempre são bons alunos, bons filhos, enfim, era um exemplo de rapaz. Por isso, caso alguém descobrisse o que estávamos fazendo, o que eu achava

bem pouco provável, eu o defenderia até o meu último suspiro.

Chegando perto da casa da Carmem, reparei que o Johnny estava muito bem-vestido para uma festa no estilo a que estávamos indo. Pedi para ele tirar o casaco do terno, a gravata e o colete que usava. Ele ficou apenas com a camisa branca de mangas longas e ainda assim suave.

— Você está suando assim pelo calor ou pelo nervosismo?

— Um pouco dos dois.

— Está usando uma regata branca por baixo da camisa, não está?

— Sim, estou.

— Tire a camisa também.

— Tem certeza?

— Amigo, para a festa a qual vamos, essa camisa é muito formal, seria mais adequada para um casamento.

Ele deu um sorriso tímido e ficou apenas de regata e calça social preta, peça que, infelizmente, não teria como ele trocar.

O problema era a minha roupa. No entanto, eu tinha certeza de que a Carmem me emprestaria uma roupa dela.

Assim que paramos o carro em frente à sua casa, dava para ouvir o som alto, conversas e risadas vindos do imóvel. Eu estava com aquele vestido estilo princesa, tomara que caia, cor-de-rosa, usando um coque nos cabelos e uma maquiagem leve. Antes de descer do automóvel, soltei meu cabelo.

O portão estava aberto, e fui recebida na porta pela dona Edna, mãe da Carmem.

— Oh, meu Deus, que boneca linda você está, Emy!

— Este vestido é quente demais para o calor que está fazendo. Trouxe um amigo. Este é o Jonathan.

— Prazer, Jonathan. Não repare, aqui não temos luxo, viu?

— Não se incomode, senhora. E obrigado por me receber.

— Fique à vontade, filho.

Dona Edna, ao contrário de minha mãe, adorava festas e ver a casa cheia de gente, música e alegria.

Eu não queria que os outros convidados me vissem vestida daquela maneira. Seria uma vergonha para mim, um exagero para o ambiente. Então, antes de entrar para o quintal dos fundos, onde estavam todos, pedi para a dona Edna chamar a Carmem para ela me emprestar uma roupa mais decente para a festa.

Eu e o Jonathan estávamos na sala, quando o Rodrigo apareceu para ver quem tinha chegado. Eu o cumprimentei, apresentei o Johnny a ele, que já puxou o novo amigo para a festa. Ele deu uma piscadinha para mim e, quando deu a

volta, dei de cara com o Heitor.

Droga, justo ele me ver deste jeito!

— Uau. Temos uma princesa na festa!

— Sou eu. Eu estava em uma outra festa antes dessa e não tive tempo para me trocar.

— Estou brincando, bobinha. Está linda. Parece realmente uma princesa.

Ele chegou perto de mim e me estendeu a mão. Era a primeira vez em dois meses que chegávamos tão perto. Em sala de aula, eu o ficava observando, mas não trocávamos uma única palavra.

Lembro daquele momento como se fosse ontem. Meu coração batia descompassado, acelerado, parecia que ia sair pela boca.

— Estudamos na mesma sala, e eu nunca me apresentei devidamente. Prazer, sou o Heitor.

— Eu sou a Emy. Q-quer dizer, Emily, mas todos me chamam de Emy.

— E eu a chamo de princesa, Emy.

Senti meu rosto corar na mesma hora. Naquele instante a Carmem apareceu, falando que já passava da hora de eu ter chegado. Puxou-me até seu quarto e me emprestou uma calça jeans preta e um top tomara que caia vermelho.

Consegui pentear meu cabelo, que, diferente do que estava anos depois, era longo, ia até um pouco abaixo da cintura, liso, com as pontas cheias de cachos. Agora, sim, eu estava vestida decentemente.

— Obrigada, amiga.

— Seu vestido é lindo, mas muito exagerado para essa festa.

— Será que o Heitor gostou da sua prima?

— Ai, amiga, não sei, mas vi os dois no maior bate-papo. Agora, sem perder tempo, vamos lá para a festa.

— Não, espera, preciso ligar para meu pai antes.

Como havia muito barulho e ele poderia perceber, tranquei-me no banheiro para abafar os ruídos da festa, liguei e disfarcei a voz, dizendo que já estava em casa e que estava deitada. Mande-i-lhe um beijo de boa-noite, e ele sequer desconfiou.

Era verão, e a festa era no quintal. Estavam fazendo um churrasco. Era o aniversário de 17 anos do Rodrigo. Como ele era repetente, ainda estava no segundo ano do ensino médio e na mesma sala que eu e sua irmã.

Eu também não poderia ficar muito tempo ali, pois meus pais não gostavam de ser os últimos a saírem de uma festa. Provavelmente lá pelas 3h da manhã, eu já teria de ir embora.

Começaram a tocar umas músicas, e todos passaram a dançar. Quando

tocou uma canção mais romântica, o Johnny tirou a Carmem para dançar. Nessa hora senti um frio em minha espinha; o Heitor vinha em minha direção. Eu já estava com esperanças de que ele fosse me tirar para dançar, mas a Ângela o puxou no meio do caminho, e ele foi dançar com ela.

Desanimada, pensei comigo mesma que eu não tinha chance. Fui até a cozinha pegar um refrigerante, e, quando voltei, meu coração ficou em pedaços. Vi o Heitor aos beijos com a Ângela. Para disfarçar, sentei-me a uma mesa que ficava de costas para eles. Eu tremia, minha vontade era de chorar. O Johnny veio se sentar comigo.

— E aí, amiga, quer ir embora?

— Não. Você pode ter mais chances do que eu. Você viu o Heitor beijando a Ângela?

— Então é por ele que está aqui?

— Sim... era sim.

— Bom, se isso serve de consolo, acabei de levar um fora da Carmem também. Ela confessou que é apaixonada pelo meu irmão.

— Isso eu sei, mas você deveria insistir um pouco mais. Com todo respeito e amizade que tenho por você, seu irmão é um esnobe e convencido. Vamos, convide-a para ir ao cinema com você amanhã à tarde. Não desista assim tão fácil.

— Ela não vai aceitar.

— Vai, sim, quer ver? Carmem! — chamei-a, e ela veio se sentar conosco ali à mesa. — Amiga, vamos ao cinema amanhã? Tem um filme em cartaz que quero muito ver. Vamos, por favor?

— Quem vai? — perguntou meio desconfiada.

— Eu, você, o Johnny, o Jair...

— Então eu topo.

— Ótimo. Nos encontramos amanhã na entrada do cinema do shopping às 15h30, ok?

Pronto, simples assim. O Johnny me olhou sem entender nada. Entretanto, depois eu expliquei que eles iriam sozinhos, eu inventaria uma desculpa para ela, dizendo que não poderia ir, e o Jair, é claro, esse ela nem precisava saber que não tinha nada a ver com aquilo. Era só o Johnny dizer que seu irmão também não poderia ir e fim de papo. Pronto, os dois estariam sozinhos.

Para solucionar a vida sentimental dos outros, eu era ótima, mas a minha era realmente complicada.

Lá pelas 2h da madrugada, o Heitor veio puxar conversa comigo:

— Está com uma carinha de sono, princesa.

— É, acho que daqui a pouco vou para casa. Estou cansada.

— SÉrio? Poxa, queria conversar mais com você. Em sala de aula você é sempre tão quietinha.

— Pois é... sou mesmo.

Então ele passou a perguntar algumas coisas sobre mim, coisas banais, tipo que faculdade eu gostaria de fazer, que comida eu gostava, que matéria eu mais apreciava no colégio, enfim, um papo simples, até a Ângela o chamar e ele ir feito um patinho atrás dela.

Cansada e entediada, decidi ir embora. Chamei o Johnny, que estava no maior bate-papo com o pai da Carmem, o seu Carlos, despedimo-nos de todos, e o Johnny me deixou em casa. Agora ele era meu novo melhor amigo. Poucas pessoas fariam por mim o que ele fizera naquela noite.

— Obrigada, Johnny. De coração. Vou estar torcendo por você e a Carmem amanhã. Me ligue me contando tudo depois, *tá bom?*

— Está bem, linda. Dorme com Deus.

Ele me deu um beijinho na testa, e eu entrei. Escutei quando ele saiu e eu mal coloquei meus pezinhos dentro de casa, escutei o carro dos meus pais chegar. Eu tinha mais sorte que juízo mesmo. Eles nunca vieram a saber daquela festa.



*O primeiro amor é eterno
Apesar de pertencer a um passado distante
– Hugo Meireles*

Dezembro, 1998.

Meu pai se orgulhava muito da Rafaela, minha irmã, por estar noiva do filho de um deputado amigo dele, mas o que ele não contava era ter aquela surpresa no fim do ano.

Lembro que foi no primeiro fim de semana de dezembro. Eu achei muito estranho, pois minha irmã pediu para meus pais fazerem um jantar em nossa casa

e convidarem a família do Augusto, seu noivo. Percebi que ela andava bastante aflita naquele dia. Na verdade, minha irmã não andava muito normal nos últimos tempos, e como ela não me contava muita coisa naquela época, eu não fazia ideia da bomba que viria.

No horário combinado, todos estavam lá na sala, conversando, quando o Augusto veio com a novidade:

— Então, seu Elivir, sabe o que é... nós queríamos adiantar o casamento.

— Mas que pressa é essa, meu rapaz? Um casamento precisa de tempo para organizar, e quero o melhor para minha filha.

— Sim, eu entendo, mas aconteceu uma coisa maravilhosa que nós não prevíamos...

Naquela hora minha irmã, entre lágrimas, disparou:

— Eu estou grávida, pai. De quatro meses.

Aquilo pegou todos nós de surpresa. Meu pai deu lição de moral nos dois, os pais do Augusto também, mas agora era tarde; ela já estava grávida e ia ser mãe aos 19 anos.

O casamento foi marcado para janeiro e tudo foi feito na correria. Porém, foi lindo. Minha irmã estava feliz, ela e o Augusto eram apaixonados um pelo outro naquela época.

No dia de seu casamento, eles comunicaram que esperavam uma menina, que se chamaria Sophia.



Março, 1999.

No início daquele ano, nada consegui com o Heitor, a não ser sua amizade. Por sorte continuamos na mesma sala no último ano do ensino médio. Ele e a Ângela não engataram um namoro, mas às vezes ele saía com ela. Iam ao cinema e coisas assim.

A Carmem infelizmente ficou em outra turma. Todavia, ainda assim, éramos inseparáveis. Ela finalmente começara a namorar o Johnny, coisa que eu adorei. Ela merecia um cara bacana. Claro que ela teve uma vontade imensa de me matar por causa da história do cinema, mas foi ali que ela e o Johnny se aproximaram e que tudo deu certo entre eles. Fiquei muito feliz.

Eu fiquei amiga do Heitor. Em sala de aula, sempre fazíamos trabalhos juntos e, na maioria das vezes, ficávamos conversando sentados no meio-fio da calçada em frente à escola quando saíamos mais cedo, ou quando minha mãe se atrasava para vir me buscar. Ele ficava até ela chegar, depois ia para o ponto de

ônibus e partia para sua casa.

Até que, numa tarde de março, caiu uma tremenda chuva e minha mãe ficou parada em um engarrafamento. Demorou quarenta minutos para vir me buscar, e eu não podia ficar dentro do colégio e nem sabia pegar ônibus para ir para casa. Nem sombrinha eu tinha. Então o Heitor apareceu e me cobriu com seu guarda-chuva.

— Minha mãe vai demorar, Heitor, pode ir para casa.

— Eu espero.

— Não, ela vai demorar mesmo. Pode ir, ainda mais com essa chuva.

— Está bem, eu irei. Mas tome, fique com meu guarda-chuva, princesa. Eu não seria um cavalheiro se não fizesse isso por você. Amanhã você me devolve.

— Ma-mas e você?

— Eu só vou atravessar a rua para ir até o ponto de ônibus. Quando descer dele, vou correr até em casa. Não é longe.

— Tem certeza?

— Melhor eu pegar um resfriado do que você. Até amanhã.

Deu-me um beijo no rosto e saiu na chuva.

Quando minha mãe chegou, perguntou de quem era o guarda-chuva. Eu respondi que um amigo tinha me emprestado. Eu não podia contar nada para minha mãe. Ela sempre contava tudo para o meu pai. Apenas a Rafaela sabia da minha *paixonite* pelo Heitor, coisa que ela achava uma loucura, já que ele era de uma classe bem diferente da nossa. E a gente manda no coração? Ele era meu primeiro amor. Eu sonhava com ele. Eu fazia tudo para que ele me olhasse com os mesmos olhos, mas parecia que ele me olhava como uma amiga e apenas isso.

Contudo, eu não sabia o que estava prestes a acontecer. Era um domingo como outro qualquer. Eu fiquei de ir até a casa da Carmem para lhe emprestar um dicionário de inglês para um trabalho. Quando cheguei, vi que o Johnny estava por lá, como também o Rodrigo, reunido com outros amigos para irem ao campo jogar futebol. O Heitor era um desses amigos.

A Carmem me chamou para ir junto aos meninos à quadra que ficava perto da sua casa para vê-los jogarem. Eu não gostava de futebol, mas, pelo fato de o Heitor ser um dos jogadores, eu fui.

Ficamos lá, olhando para os meninos jogarem bola, só eu e a Carmem de torcida. O Heitor era o goleiro. O Johnny até jogava bem, era impossível não surtar com os gritos da Carmem em meu ouvido:

— Vai lá, amor! Faz um gol para mim! Lindoooo!

— Ai, amiga, acho que vou embora. Você sabe que não gosto muito de futebol.

— Não, senhora, fica aqui. Preciso te contar uma coisa.

— Não pode me contar depois?

— Não. Tenho certeza de que você vai amar a novidade. Sabe quem veio me perguntar sobre você?

— Nem venha me dizer que foi aquele escroto do Jair, irmão do Johnny, porque desse eu quero distância.

— Não, amiga. Quem veio conversar comigo sobre você foi seu lindinho, Heitor.

Quando ela falou o nome dele, meus olhos chegaram a brilhar.

— É? O que ele falou de mim para você?

— Perguntou se você gostava de alguém, porque ele não entendia como uma menina tão bonita e gente boa feito você não tinha namorado. Perguntou se seu pai não deixava.

— É estranho ele perguntar isso.

— Calma, que eu não terminei... Ele vai te convidar para sair.

— Quê? Como? Quando?

— Assim que o jogo terminar. Por isso você não pode ir embora. Agora disfarça, finge que eu não falei nada, pois é hora do intervalo, e eles vão vir tomar água.

Meu coração se encheu de esperanças. A Carmem ouvira direito? Seria mesmo verdade? Bem, para descobrir, eu precisava assistir àquele jogo até o final.

E assim, o jogo terminou. Os meninos fizeram um lanche, jogaram conversa fora, falaram do jogo. Eu, ansiosa e nervosa como estava, decidi ir embora. Despedi-me apenas da Carmem e saí. Quando estava na rua de cima, escutei alguém gritando meu nome:

— Emily!

Era o Heitor. Veio correndo, vestido ainda com suas chuteiras, a camisa de futebol suada e levando uma mochila nas costas.

— Ei, espera. Preciso falar com você.

— Já estou indo. Não posso chegar tarde em casa, vou chamar um táxi assim que chegar na casa da tia Edna.

— Tá, você pode fazer tudo isso. Mas quero falar com você.

— Estou ouvindo.

— Emy, princesa, será que uma garota linda feito você aceitaria, sei lá, tomar um sorvete ou ver um filme comigo na sexta-feira depois do colégio? Prometo que te deixo em casa, te acompanho de ônibus, porque eu ainda sou menor de idade e não tenho carro, talvez nem chegue a ter um, como os seus outros amigos ricos, e...

— Eu adoraria.

Ele sorriu daquele jeito que eu já amava. Um sorriso lindo, espontâneo e perfeito. O sorriso que sempre morou em meu coração.

Assim, nossa história de amor começava. Nosso primeiro beijo aconteceu dentro do ônibus na volta para casa, naquela tarde depois do cinema. Eu achei que ele nunca fosse me beijar, mas beijou. Foi ele que me ensinou a andar de ônibus, na verdade. Até então minha mãe ou meu pai me levavam para todos os lugares de carro, ou me davam dinheiro para eu ir de táxi.

Nosso namoro começou assim, suave, e eu era simplesmente a adolescente mais feliz do mundo. Chegava sorrindo a casa. Suspirava à toa.

Em meados de junho, às vésperas das férias do colégio, o Heitor me veio com aquela ideia:

— É importante para mim que seus pais aceitem nosso namoro.

— E-eu não faço ideia de como eles vão reagir. Minha mãe sempre concorda com tudo que meu pai diz, e meu pai...

— Não importa. Não quero mais esse negócio de te namorar às escondidas, com você tendo sempre de inventar desculpas para sair comigo. Você tem vergonha de mim?

— Não! É claro que não!

— Então converse com seus pais. E marcamos de eu ir lá pedir a permissão deles.

Na minha cabeça, eu sabia que aquilo não ia funcionar. Meu pai já não o aprovaria só por ele ser bolsista, e saber que ele ainda era filho da tia da limpeza da escola para ele seria o fim. No entanto, meu coração apaixonado tinha esperanças de que meu pai ficasse balançado ao me ver tão feliz e apaixonada. Como eu era sua filha caçula, até então ele nunca havia me negado nada.

Na sexta-feira, durante o jantar, eu estava tomando coragem para falar com meus pais e não conseguia colocar nada na boca, de tão nervosa que eu estava.

— Emily, você quer nos contar alguma coisa? Já te conheço, filha, está só revirando a comida no prato, e não a vi colocar nada para dentro. O que está acontecendo?

— Eh, mãe, pai... Eu queria apresentar uma pessoa para vocês e queria saber se essa pessoa pode vir almoçar conosco no domingo...

— Pessoa, Emily? Não vai me dizer que é aquela sua amiga Carmem, pois sabe que não gosto daquela menina.

— Não, pai. Na verdade, é outra pessoa.

— Quem, Emily?

— O nome dele é Heitor. Ele é meu colega de colégio, estudamos juntos desde o fim do ano passado e ele quer vir aqui pedir sua permissão para me namorar.

— Como é? Heitor? Quem é ele? Ele é filho de quem?

— Pai, posso convidá-lo ou não? O senhor pode perguntar tudo isso a ele.

— Irmãzinha está namorando! Parabéns, Emy, fico feliz por você — comentou a Rafa, tentando quebrar o clima estranho no ar.

Entretanto, percebi que o meu pai fechou o semblante. Eu sabia que, se eu falasse o nome do Jair, por exemplo, sua reação seria totalmente diferente.

Para quebrar o silêncio, por um verdadeiro milagre, minha mãe decidiu finalmente falar alguma coisa:

— Está bem, Emily. Pode convidar o rapaz para almoçar conosco nesse domingo. Já percebi não é de hoje que está apaixonada. Vive suspirando pelos cantos e escutando músicas românticas o dia todo. Traga o rapaz para o conhecermos.

Meu pai não estava com a cara muito boa. Eu pressentia que aquele almoço seria um verdadeiro desastre.

Assim, no domingo, a campainha tocou ao meio-dia. Eu tinha-me arrumado toda e, como sabia que era o Heitor, fui correndo abrir a porta para recebê-lo.

— Oi.

Ele estava todo arrumadinho com uma camisa social de algodão preta, uma calça jeans e sapatos, coisa que nunca o vi usar, pois ele só andava de tênis. Dei um beijo em seu rosto e percebi que ele trouxe um ramallete de flores do campo, que entregou para minha mãe assim que fiz as apresentações.

— Que gentileza. Muito obrigada, Heitor. Fique à vontade, o almoço será servido em vinte minutos.

Peguei em sua mão e o levei até a sala de nossa casa, apresentando-o a meu pai, que o olhou de cima a baixo com aquela cara de poucos amigos. Não que ele tenha sido mal-educado com Heitor, mas não gostei da forma como ele olhara para o meu namorado.

Durante a refeição, eu sabia que viriam as perguntas intimidadoras do meu pai. Até então minha mãe parecia ter gostado dele, mas papai, é claro, não me pareceu nada satisfeito.

— Então me diga, meu rapaz, mora com quem?

— Moro com minha mãe e duas irmãs mais novas. Meu pai faleceu há cinco anos.

— Entendo. E sua mãe faz o que da vida?

Meu olhar cruzou com o do meu pai, e percebi naquele momento que ele já não aprovava a minha escolha.

— Bem, minha mãe trabalha no Don Giovanni como zeladora. Eu e minhas irmãs conseguimos bolsas de estudos lá por causa disso.

— Bolsista? Hum, e pretende ou tem recursos para cursar uma faculdade?

— Pretendo fazer vestibular para engenharia mecânica na faculdade federal, senhor.

— E se não passar? Sabe que é um curso bastante concorrido.

— Sim, eu sei. Mas não irei desistir. E não tenho medo de trabalhar. Meu avô tem uma oficina mecânica em Curitiba, e posso ir trabalhar lá.

Meu pai não falou mais nada. A nossa secretária do lar na época retirou a mesa, e após o almoço, fomos conversar na sala de estar. Eu me sentei ao lado do Heitor e segurei em sua mão, que suava frio, sinal de que ele estava nervoso.

— Sei bem o motivo de sua visita aqui, rapaz. Por isso não precisa nem perguntar, pois minha resposta é não. Você não tem permissão para namorar minha filha. Você não tem a mesma classe social nem educação dela. E tem mais, não quero nem imaginar minha filha namorando um mecânico. Por favor! Não trabalhei tanto para isso.

— Pai!

— Eu entendo tudo o que o senhor diz e pensa a meu respeito. Posso não ter dinheiro, nem as condições de vida que o senhor possui, mas eu tenho uma coisa que dinheiro nenhum no mundo compra: dignidade e caráter. O senhor não quer me dar a permissão para namorar sua filha só porque sou pobre? Tudo bem, porque farei de tudo para ela ter orgulho de mim e ficar comigo, pois eu a amo. E não será esse impedimento que vai me afastar dela. Agora, se me der licença, vou embora.

— Escute aqui, rapaz, não ouse nem chegar perto da minha filha!

— Pai! Pare com isso! Eu o amo. E vou ficar com ele tendo ou não sua permissão.

— Quem te sustenta sou eu. Você ainda mora debaixo do meu teto e é menor de idade, ainda me deve obediência. E que fique bem claro, não quero você perto desse rapaz. Eu a proíbo!

Eu me lembro de que discuti e ouvi muitos absurdos do meu pai, que me colocou de castigo, e fiquei o resto do domingo em meu quarto. O Heitor, coitado, depois de ser humilhado pelo meu pai, saiu batendo a porta e nem se despediu de mim. Porém, algum tempo depois, quando eu já estava em meu quarto, ele me ligou:

— Princesa?

— Anjo, me perdoe por tudo isso. Meu pai é um ignorante.

— Quando entrei em sua casa e percebi nossa diferença social, eu sabia que não seria fácil, Emy. Mas eu não vou desistir de você se você não desistir de mim.

— Não. Nunca. Eu amo você.

— Fico feliz por isso, princesa. Mas saiba que teremos uma grande guerra

pela frente.

— Eu fujo de casa se for preciso, mas não fico sem você.

E era verdade, eu estava disposta a tudo para ficar com o Heitor. Porém, meu pai também estava disposto a tudo para me separar dele.



*Eu quero ir para um lugar
Onde não seja “proibido”
Te amar
– Eduarda Lima*

Agosto, 2000.

Talvez com a mesma intensidade que eu e o Heitor queríamos ficar juntos, meu pai queria nos separar. E, quanto mais ele menosprezava meus sentimentos pelo meu namorado, mais apaixonada eu ficava.

Papai fez várias ameaças para que eu não me encontrasse mais com ele. Eu

mentia, é claro, e sempre dava um jeito de me encontrar com o meu namorado. Normalmente íamos à casa dele, pois, ao contrário da minha mãe, a dona Eloísa não era contra o nosso namoro e deixava a gente se encontrar em sua casa. Logicamente ficávamos na sala ou no quarto dele, mas com a porta aberta. Nós a respeitávamos e não queríamos perder o seu apoio.

Todavia, num dia típico de inverno, e não sei até hoje como, meu pai soube que eu ainda me encontrava com o Heitor às escondidas, e quando eu cheguei no fim da tarde a casa, ele me deu um ultimato: já que eu havia desobedecido suas ordens, ele ia me tirar do colégio e, se ainda assim eu me encontrasse com o Heitor, ele iria até o colégio Don Giovanni e faria com que a dona Eloísa perdesse o emprego. Com isso o Heitor e suas irmãs perderiam as bolsas de estudo. Enfim, ele mexeu com o meu psicológico. O coração do meu pai era mais gelado do que o frio que fazia lá fora.

Naquela época eu já estava com 17 anos e não via a hora de completar minha maioridade para me ver livre daquela pressão.

— Você contratou um detetive para me vigiar?

— Olha como dirige a palavra para mim. Eu sou seu pai. Pense nesse garoto e na pobre da mãe dele, em como ela vai fazer para sustentar os filhos sem o salário de zeladora do Don Giovanni.

— Você não pode fazer isso comigo, pai!

— Claro que posso. E posso ainda mais. Encontre esse rapaz novamente às escondidas e veja do que sou capaz. Sua sorte é que teve juízo suficiente para não engravidar desse marginal.

Ele não estava brincando. Naquela mesma semana fui obrigada a me adaptar a um novo colégio, e o único jeito de me comunicar com o Heitor era através de cartas que meu amigo Johnny fazia o favor de nos entregar, pois até a Carmem fora proibida de ir a minha casa, e eu, de ir vê-la. Meu pai me proibira de sair sozinha, tomara meu celular, e eu era vigiada por ele e por minha mãe a cada segundo do dia.

Ficamos nos falando por cartas por um longo período. Eu estava morrendo de saudades dele, do seu abraço, do seu sorriso, dos seus beijos. Estava meio deprimida.

Então o fim do ano chegou, e fui surpreendida pelo meu pai dizendo que, no fim de janeiro, eu iria para os Estados Unidos fazer faculdade de direito. Segundo ele, lá eu teria uma educação de primeiro mundo.

— Mas, papai, eu não quero cursar direito. Eu queria fazer pedagogia.

— Pedagogia? Para quê? Ganhar uma mixaria como professora? Não, senhora. Não lutei tanto para você ser uma mísera professora.

— Pelo jeito eu não tenho mais opinião e nem vontade própria, não é

mesmo, pai? Não posso ver meus amigos, pois você não os aprova; não posso namorar o cara por quem estou apaixonada, porque o senhor não gosta dele por ele ser pobre; não posso cursar a faculdade que quero. Enfim, o que eu posso fazer? Respirar, será que ainda posso?

Deixei-o falando sozinho durante aquele jantar. Eu estava disposta a tudo, a qualquer coisa, até a fugir de casa. Precisava sair daquele inferno em que meu pai estava transformando minha vida.

Quando menos esperava, naquela noite, minha irmã entrou em meu quarto e me emprestou seu celular para eu ligar para quem eu quisesse. Ela também não concordava com as atitudes do meu pai.

Claro que a primeira coisa que fiz, foi ligar para a casa do Heitor. Fazia quatro meses que eu não ouvia sequer a sua voz.

— Alô?

— Amor?

— Prin-Princesa? É você mesmo, amor?

— Sim. Minha irmã me emprestou seu celular por uns minutinhos, ela está aqui de visita. Eu estou louca de saudade de você.

— Eu também quero e preciso muito te ver. Tenho tantas novidades boas para te contar, amor.

— Mas como vou fazer? Eu estou sendo vigiada por meus pais 24 horas por dia. Eu não aguento mais isso!

— Eu vou dar um jeito de te ver. Não se preocupe.

— É tão bom ouvir sua voz...

— Emy, eu te amo.

— Também te amo.

Ficamos apenas alguns minutos nos falando, pois escutei passos no corredor, e eram do meu pai vindo em direção ao meu quarto.

A Rafa estava ali comigo, vendo meu desespero, quando meu pai entrou no quarto e veio me pedir desculpas por estar sendo duro demais comigo, mas disse que tudo que estava fazendo era para o meu próprio bem e que um dia eu lhe agradecería. Eu não lhe dirigi mais a palavra desde aquele dia.

De tanto a Rafa perturbar a paciência do meu pai, ele permitiu que a Carmem viesse me ver em casa. Era um sábado, estava calor, e tinha mais gente em casa, uns amigos da minha irmã e do marido dela. Eles estavam morando por um período lá em casa, já que o seu apartamento estava em reforma. Estavam todos na piscina, e minha mãe falou para que eu e a Carmem ficássemos conversando na cozinha. Claro, para eu e a minha amiga não termos nenhuma privacidade e para ela não me dar notícias do Heitor. No entanto, a Carmem era muito esperta.

— Então, amiga, lembra daquela aluna da nossa sala, do ano passado, a Érica? Que queria prestar vestibular para engenharia mecânica? — Ela me deu uma piscada de olho, e percebi que estava falando do meu Heitor.

— Lembro. Como ela está?

— Feliz. Passou na Universidade Federal do Paraná. Daqui a duas semanas ela vai para Curitiba para fazer a inscrição. Vai morar com o avô, que tem uma oficina mecânica, e parece que a tia tem uma pequena mercearia, e ela vai ajudar os dois.

Meus olhos se encheram d'água de orgulho. O Heitor havia conseguido passar para uma faculdade pública e muito boa, por sinal. Entretanto, por dentro meu coração ficou dilacerado. Ele ia embora, ele ia me abandonar.

— Amiga, ela pediu para eu te entregar essa carta de agradecimento por você a ter ajudado, mas pediu para que você a lesse sozinha.

— Obrigada.

— Emy, estou apertada, você pode me mostrar onde é o banheiro?

Eu entendi o recado e a acompanhei até o corredor que levava ao lavabo. Ela entrou e, sem que ninguém percebesse, entrei junto. Ela olhou para mim e me abraçou.

— Amiga, o que seu pai está fazendo com você? Acho que já deve ter emagrecido uns seis quilos desde a última vez que te vi.

— Ele não me deixa sair. E, se não é ele, é minha mãe que fica na minha cola. Só podia ir até o colégio e voltar.

— E que milagre o fez me deixar vir te ver hoje?

— No fim de janeiro, eu vou embora. Ele já deixou tudo acertado. Vou embora para os Estados Unidos, estudar direito.

— Quê? Mas você nunca... Amiga, seu pai acha que você é um fantoche.

— Eu queria bater o pé e dizer que não vou, mas só farei 18 anos na segunda semana de fevereiro e não posso fazer nada.

— Emy, tenho um recado do Heitor, fora essa carta. Bem, eu vou sair de viagem. Minha mãe parcelou um pacote de viagens em família, e vamos para Fortaleza amanhã. Estou aqui para te entregar uma cópia da chave da minha casa. Você vai sair daqui e vai para a minha casa à madrugada encontrar o seu Heitor. Ele já sabe de tudo.

— Mas é muito perigoso!

— Já combinamos tudo, todas as instruções estão na carta. Agora é melhor sairmos do banheiro, antes que alguém sinta a nossa falta.

Eu não havia entendido nada, mas depois lia com calma a carta, que escondi dentro da fronha do meu travesseiro antes de voltar para a cozinha.

Assim que voltei, a Carmem já estava lá sentada, tomando um sorvete que

minha mãe educadamente lhe servira. Só então reparei que ela estava usando uma aliança no dedo anelar da mão direita. Isso só podia significar que ela ia se casar.

— Carmem! Amiga, que aliança é essa no seu dedo?

— Ai, meu Deus, como sou distraída! Também é muito assunto para quatro meses sem nos falarmos. Amiga, fui pedida em casamento pelo Johnny! Vou me casar daqui a um ano!

— Meus parabéns!!!

— Claro, você será madrinha. Sei que vai estar muito ocupada no “estrangeiro”, mas terá que pedir um fim de semana de folga para ir ao meu casamento.

Eu estava tão feliz por ela. Ela, sim, era e sempre seria a minha verdadeira e melhor amiga.

Não demorou muito para o Johnny vir buscá-la. Dei um abraço forte nele e lhes desejei inúmeras felicidades, pois os dois mereciam. A felicidade deles era tão importante para mim quanto a minha própria.

À noite, em meu quarto, peguei o envelope com a carta. Ali estavam as instruções para eu e o Heitor nos encontrarmos.

Oi, Princesa Emy! Quanta saudade tenho de você, amor. Está na hora de a gente se ver, matar as saudades. Você tem coragem? Então, a essa altura, você está com a cópia da chave da casa da Carmem. Ela vai viajar com a família e vai nos ajudar nisso. Pode se orgulhar de mim, amor, passei para uma universidade federal, e tem mais... tirei minha carta de motorista! Estou com um carro velhinho, um Chevette amarelo que comprei parcelado de um conhecido da minha mãe. Se você tiver coragem, amanhã à meia-noite e meia estarei te esperando com meu carro na esquina de sua casa. Sei que lá não tem câmeras. Se não tiver coragem, eu entenderei. Vou te esperar até a meia-noite e 45. Se você não vier, devo entender que não conseguiu ou teve medo. Sei o que deve estar passando, o Johnny tem me contado tudo, amor. Mas tenha paciência. Me espere, pois vou fazer de tudo para te dar uma vida digna, ao menos. Ainda não sei como convencer seu pai sobre isso, mas vou dar um jeito.

Não esqueça que te amo e que você é a razão para eu não ter desistido de nada.

Estou louco para te ver.

*Com amor,
Heitor.*

Se eu tinha coragem? Para vê-lo mais uma vez, eu teria coragem de fazer qualquer coisa.

E assim, na noite do dia seguinte, eu estava muito ansiosa e desejei boa-noite para meus pais antes das 10h da noite, coisa que eles estranharam um pouco, já que eu sempre dormia tarde. Inventei uma dor de cabeça e fui para meu quarto.

Eu havia tomado banho e vestido um conjunto de lingerie novo, pois, se tudo desse certo, eu não perderia a oportunidade. Eu amava Heitor e não sabia quando o veria de novo. Ia me entregar de corpo e alma a ele, o amor de minha vida.

Vesti um jeans e uma blusa de moletom. Escutei meus pais subirem até o quarto deles e irem dormir. Minhas mãos suavam frio, eu estava muito nervosa. Porém, não ia desistir de nada. Por Heitor, tudo valia a pena.

Quando deu no relógio meia-noite e 15, eu abri a porta do meu quarto em silêncio e desci as escadas, mas quando cheguei à sala, minha irmã apareceu de pijamas, saindo da cozinha com a mamadeira da Sophia na mão.

— Emily, o que está fazendo acordada a essa hora da noite? E vestida assim? Vai aonde?

— Por favor, Rafa, você tem visto o quanto eu tenho sofrido. Eu combinei de me encontrar com o Heitor. Por favor, me ajude! Não conte para ninguém!

— Ai, minha irmãzinha... que amor é esse seu e desse rapaz, hein?! Está bem, vá logo. Nunca tivemos essa conversa.

Ela me deu um beijo na testa e subiu até seu quarto. Consegui respirar aliviada.

Abri a porta de casa e corri até a esquina, onde vi o Chevette amarelo e o Heitor em seu interior. Assim que ele me viu, deu aquele sorriso pelo qual, desde a primeira vez que eu vi, apaixonei-me.

Corri até o carro e entrei o mais depressa que pude. Ele me deu um beijo *daqueles* dentro do veículo. Ah, que saudades que eu estava daquele beijo, daquele perfume, daquele calor que ele me fazia sentir.

— Vamos?

— Sim.

Não trocamos muitas palavras no caminho. Assim que chegamos à casa da Carmem, ele entrou com o carro na garagem, e eu o esperei para entrarmos no imóvel juntos. Adentramos, e ele trancou a porta e acendeu o abajur da sala. Ficou ali parado, olhando-me, sorrindo, e me beijou novamente, daquele jeito que me fazia perder o fôlego.

— Você quer comer alguma coisa? — questionou-me.

— Não.

— Você está bem? Me parece tão magra.

— Agora eu estou bem. Com você eu estou bem. Eu só preciso de você.

— Como eu te amo! Chega a doer em mim.

Ele me beijou de novo. Eu já conhecia a casa e o fui guiando até o quarto do Rodrigo, onde eu sabia que tinha uma cama de casal. Quando Heitor percebeu quais eram as minhas intenções, comunicou:

— Não precisamos fazer isso se você não quiser.

— Eu quero.

— Eu também, e muito.

E voltou a me beijar de maneira mais intensa. Eu comecei a sentir meu corpo todo se incendiar, ao mesmo tempo em que estava nervosa, afinal, era minha primeira vez. Contudo, tudo o que importava era aquele momento.

Tirei a sua camiseta, ele tirou minhas roupas também, e o momento que eu mais esperava, aconteceu. Claro que não foi como nos filmes e novelas a que eu assistia, mas eu me senti plena, realizada. Estava com o Heitor, e nada mais importava. E ele foi tão carinhoso comigo, tão gentil.

— Como se sente? Te machuquei?

— Não, eu estou ótima.

— Na próxima vez vai ser melhor, eu garanto.

Deitamo-nos e ficamos abraçados ali na cama, como se não existisse mais nada, até que lhe falei da minha viagem para os Estados Unidos.

— Não! Você não pode ir... Você não pode!

— Mas o que faremos?

— Bem, eu tenho uma ideia, mas não sei se você aceitaria.

— Eu aceito qualquer coisa se for para ficar com você.

Então combinamos tudo. Eu fugiria com ele para a casa do seu avô em Curitiba. Lá começaríamos uma nova vida juntos. Fácil não seria. No entanto, eu estava disposta a tudo por ele. Para fugir dos meus pais, eu faria exatamente o que havíamos feito naquela noite. Seria exatamente um dia antes da minha viagem para os Estados Unidos, isso explicaria o fato de eu estar fazendo as malas.

Assim, duas semanas se passaram. Como o combinado, fiz tudo exatamente igual à madrugada em que nos encontramos na casa da Carmem. Deixei uma carta de despedida para minha irmã e outra para os meus pais, desculpando-me por tudo, mas explicando que eu queria ser feliz e estava indo atrás da minha felicidade. Como não me deixavam ficar com o Heitor, eu estava indo embora para muito longe.

Peguei uma única mala, levando algumas peças de roupas e uma foto da família que agora eu estava deixando para trás.

Como daquela vez, o Heitor me esperava na esquina com o seu velho carro amarelo, e seguimos para Curitiba.



*A infância não vai do nascimento até certa idade,
E a certa altura a criança está crescida, deixando de lado
As coisas de criança. A infância é o reino
Onde ninguém morre
– Edna St. Vincent Millay*

Fevereiro, 2001.

Era claro que meus pais não iam deixar barato minha fuga de casa. Eu já esperava que meu pai viesse atrás de mim. Entretanto, até ele conseguir localizar o endereço onde eu me encontrava, iria demorar um bom tempo. Assim eu

esperava.

Quando chegamos ao lar do avô do Heitor, fomos recebidos com tanto amor e carinho que eu me senti em casa. O avô do meu namorado morava em uma propriedade simples com a sua filha mais nova, tia do Heitor, que era casada, mas não tinha filhos, pois, devido a um problema de saúde, não pudera realizar o sonho de ser mãe. Então ela nos recebeu de braços abertos.

— Olha, até arrumei o quartinho dos fundos para vocês até conseguirmos montar um puxadinho para vocês terem o seu cantinho, né?

Eles não faziam ideia de que eu havia fugido de casa. Achavam que nós tínhamos decidido ficar juntos e nos mudar com o consentimento dos meus pais. Eu e o Heitor decidimos não contar nada a eles, até porque, dentro de algumas semanas, eu faria 18 anos, e meus pais já não poderiam fazer nada àquele respeito.

O quartinho onde ficaríamos era simples. Tinha apenas um guarda-roupa pequeno e uma cama de casal. Porém, eu estava feliz. Já no dia seguinte, o Heitor começou a trabalhar na oficina do seu avô, e eu passei a ajudar no mercadinho da sua tia.

Na segunda noite naquela casa, eu voltava do mercadinho com a dona Leonora (tia do Heitor), depois de um dia todo trabalhando no caixa. Assim que pisamos em casa, o Heitor e o seu avô me fizeram uma surpresa quando coloquei o pé na sala.

— Princesa, sei que não é como você merece, nem talvez como você imaginava... mas você quer se casar comigo?

Ele estava de joelhos segurando um par de alianças. Eu o olhava emocionada, e o seu Jojo (Jonas, avô do Heitor, que eu passei a chamar de Jojo) disse rapidamente:

— Sou velho, menina, quero ver meu neto casado. Não vai ser um casamento grande, não. Vai ser simples, aqui na capelinha do bairro, e as alianças pertenceram a mim e minha falecida esposa, então eu ficaria muito feliz se vocês as aceitassem. O casório e a festa são por minha conta, viu?!

Eu fiquei sem palavras. E, com os olhos cheios d'água, aceitei o pedido. Na manhã seguinte fomos ao cartório para marcar a data. Todavia, como nem tudo eram flores, tínhamos um problema: precisávamos da assinatura dos meus pais nos documentos do cartório, já que eu ainda era menor de idade. Perante a lei, meus pais tinham de assinar os papeis para que o casamento fosse realizado. Ou isso, ou eu teria de esperar meu aniversário de 18 anos para marcarmos uma data, o que eu realmente não queria.

— Mas o que pretende fazer, amor? Não temos escolha. Vamos esperar seu aniversário e marcamos a data, até porque é daqui uma semana. O que é uma

semana a mais, uma a menos? Não fará diferença.

— Tem razão. Vamos esperar e torcer para meu pai não nos encontrar até lá. Se viermos dar entrada no processo para o casamento daqui a uma semana, que data teremos disponível, senhora?

— Bom, não é tão rápido. Primeiro precisará esperar o prazo dos proclamas, e há uma fila de espera. Entre a solicitação e a data efetiva do casamento pode demorar entre trinta e noventa dias.

Mais aquela. Mesmo depois que eu mesma pudesse assinar os papeis, o casamento seria marcado para no mínimo trinta dias depois. Eu rezaria para que meu pai não me encontrasse até lá.

Enquanto não podíamos marcar a data, a dona Leonora me ajudou em tudo. Até um vestido ela alugaria para eu usar no casamento. Tudo seria o mais simples possível, e poucas pessoas seriam convidadas.

Na manhã seguinte, liguei para a Carmem e a convidei para ser madrinha junto com o Johnny.

— Ai, amiga, como vai se casar assim?

— Vou. E estou feliz. Será simples, teremos apenas alguns convidados, faremos uma costela de chão, teremos churrasco, comida e bebida com as quais o vovô Jojo está arcando, irei usar um vestido que a tia Leonora ficou de alugar para mim, como um presente. Vai ser tudo simples, mas não estou cabendo em mim de felicidade. Já que não posso ter minha irmã e meus pais aqui, quero meus melhores amigos comigo.

— Eu irei, claro, o Johnny também. Mas preciso te falar uma coisa muito importante. Faz uma semana que você fugiu, ninguém sabe onde vocês dois estão, e seu pai procurou a polícia. O Heitor está sendo procurado por sequestro, amiga. E outra dúvida, como você irá se casar sendo menor de idade? Não precisa da assinatura dos seus pais?

— Sim, e eu até pensei em falsificar as assinaturas, mas fui ao cartório, e eles disseram que meus pais teriam de ir até lá para a assinatura dos papeis... Por isso vamos esperar meu aniversário chegar e, no mesmo dia em que eu completar a maioridade, iremos ao cartório marcar a data. E torço muito para papai não conseguir me achar aqui. Além do mais, meu aniversário já é semana que vem, e responderei por meus próprios atos. O Heitor é escolha minha, goste meu pai disso ou não. Então, dentro de um pouco mais de trinta dias, estarei casada, se Deus quiser!

Se eu sentia falta dos meus pais? Claro que sentia. Contudo, agora o Heitor era minha família, e eu estava tão feliz e sendo tão amada que nada poderia me fazer mais feliz do que estar perto dele.

E assim, uma semana depois, meu aniversário chegou. A tia Leonora fez

um bolinho de chocolate, minha nova família cantou parabéns para mim, e o vovô tirou algumas fotos, inclusive algumas estão em meu álbum proibido.

Eu estava radiante. Depois do bolo e dos parabéns já cedo, no café da manhã, eu e o Heitor fomos cheios de alegria até o cartório e damos entrada no processo para a tão sonhada data de casamento.

Deu tudo certo, como o esperado. O edital dos proclamas, para nossa sorte, foi publicado quase imediatamente, e conseguimos marcar o casamento para o início de abril, exatamente 45 dias depois do início do processo. Porém, nada e nem ninguém poderia estragar a minha felicidade. Agora meu pai não poderia me obrigar a voltar para casa com ele, por mais que me encontrasse, o que eu rezava para que não acontecesse até lá. Eu só queria curtir minha felicidade.



Quando Deus quer, quando algo está escrito por Ele, nada pode atrapalhar, e o tão esperado grande dia chegou. Tia Leonora me acordou cedo para que eu fosse a um salão de beleza de uma amiga dela, que me arrumaria. Eu estava nervosa, ansiosa, e um monte de outras sensações mais passava pela minha mente. A Carmem e o Johnny ainda não tinham dado sinal de vida, o que me deixava ainda mais nervosa.

O vestido que a tia Leonora alugara para mim era simples, mas lindo. Era de alças, e o corpete era justo e todo bordado com rendas. Já a saia não era como eu sonhara um dia, naquele estilo princesa, era mais simples, mas era longa, de um tecido esvoaçante e branco. Mesmo assim, eu amei o meu vestido. Meu cabelo, que na época ia até o começo do bumbum, fora inteiramente cacheado, e em minha cabeça fora colocado um arranjo de flores. Eu parecia uma fada. No entanto, eu estava triste por minha família ser contra a minha escolha, contra o amor que eu sentia pelo Heitor.

Minha tristeza só foi aplacada na hora em que tia Leonora, que havia saído do salão para ver como estava a decoração do quintal da casa, onde seria a nossa festa, voltava com a minha amiga e madrinha de casamento, Carmem.

Assim que ela me viu, veio correndo em minha direção, dando-me um grande abraço e chorando de emoção.

— Oh, minha amiga, você está tão linda!

— Obrigada por estar aqui!

— Eu não perderia isso por nada. Dei uma espiada no quintal. A festa vai ser simples e linda. Olha, eu trouxe uma cartinha da sua irmã, às escondidas, é claro, porque seu pai continua todo louco atrás de você.

— E como está minha irmã? E minha mãe? Minha sobrinha?

— Sua irmã e sua sobrinha estão bem. A Sophia está uma graça. Sua mãe está... bem, indo. Está arrasada com o seu sumiço... mas não vamos falar disso, por favor! Hoje é seu dia. Seu casamento.

Ela tinha razão. O frio na minha barriga estava só aumentando à medida que ia chegando a hora de ir até o cartório. Lembro-me perfeitamente daquele dia. Um vizinho, amigo do seu Jojo, foi quem tirou as fotos. Eu não conseguia parar de sorrir. O cartório estava cheio de outros casais esperando como nós, mas isso não me importava em nada. Heitor estava perecendo um príncipe com seu terno preto alugado.

Assim que segurei a sua mão em frente ao juiz de paz, tive a certeza de que meu noivo era tudo o que eu precisava. E, se minha família não o aceitava, infelizmente eu não podia escolher entre ela e ele, pois seria ele. Sempre fora, sempre seria.

O casamento foi perfeito. Eu e Heitor estávamos tão felizes. Assim que a cerimônia terminou, fomos para casa, para a festa. Tia Leonora e suas amigas haviam feito uma espécie de tenda com luzes como aquelas que a gente coloca nas árvores de Natal. O lugar estava lindo. Havia mesas decoradas com arranjos de flores. Tudo estava encantador demais, e eu não podia estar mais feliz. Quando o seu Jojo pegou um microfone antes de a festa começar para dizer umas palavras, antes mesmo que ele abrisse a boca, escutamos sirenes de carro de polícia e vimos o lugar ser invadido por dois policiais e, em seguida, logo atrás deles, meu pai e minha mãe.

Foi a maior vergonha, os policiais acusavam o Heitor, o meu marido, de sequestro. Eu olhei incrédula para meu pai e, com lágrimas nos olhos, fui em sua direção. Apontando o dedo para sua face, gritei:

— Com que direito o senhor vem aqui, no dia do meu casamento, acusar meu marido de sequestro?! Eu já sou maior de idade, se o senhor não sabe!

— Marido?! Como você pôde fazer isso com a sua própria família, Emily?! Estragar sua vida dessa forma?!

Enquanto isso, o vovô Jojo tentava acalmar os policiais, e a tia Leonora pegava meus documentos para provar que eu era maior.

— Estragar minha vida?! Será que o senhor não enxerga o quanto eu estou feliz e realizada?! Por que simplesmente não aceita a escolha que eu fiz?! Por que não aceita que eu amo o Heitor, pai?!

— Porque você merece mais que um marido pé-rapado que não tem nada a te oferecer!

— Eu o amo. E não me importo com isso. Por ele, eu viveria até debaixo da ponte. Mas sem ele, eu não vivo. E ele me oferece coisa que dinheiro nenhum no mundo pode me dar... amor!

Os policiais vieram com meus documentos em mãos e disseram a meu pai que nada poderiam fazer, já que eu era maior de idade e respondia por meus atos, em seguida saíram. Enquanto isso, minha mãe me olhava ao longe, chorando. Eu até tentei me aproximar dela, mas meu pai me conteve me segurando pelo braço com certa força, o que deixou o Heitor nervoso. Meu marido foi até ele.

— Larga a minha mulher!

— Já que esse é o verme que você escolheu como marido, não me procure mais, pois para mim hoje é o dia em que perdi minha filha mais nova. Minha princesinha tão amada, hoje, para mim, morreu.

— Na-não pode dizer isso, pai!

Eu estava sentindo uma dor tão grande no peito que me doía até para respirar. Vi minha mãe vindo em minha direção e, quando ela chegou até meu pai, ele deu a volta e a segurou para que ela não chegasse até mim.

— De-deixe-me abraçar minha filha uma última vez, pelo menos?! — pedia ela entre soluços desesperados.

— Ela não é mais sua filha. Sua filha está morta.

— Ma-mas...

— Vera, esqueça. Ela fez a escolha dela. Ela agora tem outra família.

Eu chorava de soluçar e fui correndo atrás deles implorando para que me entendessem, me respeitassem e aceitassem o meu amor pelo Heitor, mas meu pai puxou minha mãe, e ambos andaram rapidamente em direção ao carro enquanto eu gritava entre soluços:

— Pai, não faça isso! O senhor não pode me ignorar dessa forma! Eu sei que te decepcionei, mas o senhor também tem defeitos, o senhor também tem um coração! Não pode simplesmente virar as costas para mim e dizer que estou morta para o senhor!

— Você não é minha filha. Minha filha jamais faria algo assim. Minha filha Emily morreu.

— O senhor pode falar o quanto quiser! Nada vai mudar o que sinto! Pode falar que morri para o senhor, mas o senhor não morreu para mim. O senhor mora no meu coração, e mesmo que tenha me abandonado agora, não tenha me estendido a mão e não tenha entendido o meu amor pelo Heitor, um dia, quando precisar, eu ainda vou estar aqui e não vou abandoná-lo. Porque o senhor é meu pai e, apesar de todas as coisas horríveis que me disse, eu ainda o amo!

Ele soltou um longo suspiro e me olhou com muita mágoa.

— Nunca mais me chame de pai. Adeus, Emily.

— Não, pai, por favor! Mãe, diga alguma coisa! Mamãe, diga a ele! Eu preciso da senhora, mamãe!

Eu caí de joelhos em frente à porta do carona, onde ela estava, e vi que ela

chorava, mas meu pai entrou no carro, fechou os vidros e saiu dali derrapando os pneus. Aquele era para ter sido o melhor dia da minha vida, mas não foi. Fui carregada para dentro de casa por meu marido e acompanhada por Carmem e tia Leonora. Eu soluçava feito criança. O vovô Jojo e a tia Leonora não entendiam nada, e a Carmem contou tudo a eles desde o começo. Então o vovô veio até mim, pegou em minha mão e disse:

— Eu não sou seu pai, mas agora também sou sua família, e, no que depender de mim, nada vai faltar a vocês dois. Nem ao Heitor, nem a você.

Eu olhei emocionada para ele, abracei-o, enxuguei minhas lágrimas e decidi que aquilo não podia estragar a felicidade que eu sentia por estar com o homem que eu amava.

Os convidados já estavam se preparando para ir embora quando eu voltei para o quintal e lhes avisei que a festa começaria naquele momento e que o vovô Jojo havia comprado tudo, comida e bebidas, e que seria uma desfeita não aproveitar tudo aquilo. Todos voltaram, colocaram músicas e se animaram de volta.

Apesar de eu estar sorrindo por fora, por dentro meu coração sangrava de dor. Lembrei-me, então, da carta de minha irmã, que a Carmem havia trazido para mim. Disfarcei e fui até dentro de casa, deixando um pouco os convidados e meu marido na festa. Abri o envelope, e lá estava o papel com a letra da Rafa, toda redondinha e perfeita como sempre:

Oi, irmãzinha!

Como você está, meu bem? Tenho certeza que bem. O Heitor que cuide bem de você, pois você vale ouro, meu amor. Estou escrevendo umas palavras para que você nunca se esqueça, eu estou contigo, viu? Não desista do seu amor pelo Heitor, ele te ama imensamente, eu vi isso nos olhos dele. É lindo o amor que sentem um pelo outro. É aquele tipo de amor que dói, sabe? Mas é lindo ao mesmo tempo. É aquele tipo de amor que a gente só tem uma vez na vida. Amor de almas. Fiquei sabendo que hoje é dia de seu casamento, e eu rezo todos os dias para que seja feliz, e eu sei que é. Sei que será. Você não seria completa sem ele, e nem ele, sem você. Eu te amo, minha irmãzinha. Queria tanto estar aí para te abraçar, é uma pena que não poderei ir. A Sophia está tão linda. Sabia que ela me lembra muito você, não na aparência, mas no gênio? É decidida desde pequena, como você.

Estou morrendo de saudades, mas quero que você saiba de algo muito importante: estou orgulhosa de você, da mulher que se tornou. Sei que agora é um adeus para o papai e para a mamãe, pois eles nunca irão aceitar seu casamento, infelizmente. Mas eu nada tenho contra isso. Você e o Heitor têm

todo o meu apoio. Como presente de casamento, dentro do envelope você vai encontrar um cheque. Não é muito, mas acredito que já dê para ajudar a dar uma entrada para a compra de um apartamento ou um terreno para vocês começarem a vida de vocês. Não se preocupe, pois essa grana não vai me fazer falta. Aproveitem, e você me faça um favor: ame imensamente o seu amado e seja feliz. Por mim!

Te amo, maninha. Não se esqueça de mim.

Beijos de sua irmã Rafa e sua sobrinha Sophia.

Dentro do envelope havia um cheque no valor de dez mil reais. Eu quase caí para trás. Não podia aceitar, mas como ia devolver e fazer uma desfeita daquelas para a Rafaela? Se eu mandasse o cheque de volta pela Carmem, a Rafa ia se sentir ofendida. Então apenas guardei a carta e o cheque dentro do envelope e, emocionada, agradei a Deus por ter a irmã que eu tinha.

Sim, aquele foi o dia do adeus para papai, adeus para mamãe... Minha família agora era o Heitor. Nada mais ia atrapalhar nosso amor.



*Imagine uma nova história
Para a sua vida e acredite nela*
– **Paulo Coelho**

Junho, 2001.

Dois meses após o casamento, com a ajuda do cheque de minha irmã, demos entrada em um pequeno apartamento, e o restante, financiamos. O Heitor continuava a trabalhar na oficina do avô durante o dia e, à noite, ia para a faculdade. Eu, durante o dia, trabalhava no mercadinho da tia Leonora e, à noite, fazia meu curso de pedagogia. Aos poucos íamos comprando os móveis para o apartamento. No começo nós não tínhamos nada, apenas uma pia, um colchão de

casal, um velho guarda-roupa, um pequeno fogão e meia dúzia de panelas, mas aos poucos conquistaríamos tudo que precisássemos. Estávamos juntos e, por isso, éramos mais fortes.

Lembro que era um domingo chuvoso em Curitiba quando eu acordei *daquele* jeito. Corri até o banheiro e vomitei. Ao me levantar, o mundo parecia girar ao meu redor, e quase caí. No entanto, o Heitor se levantou assustado pela minha corrida ao banheiro e me segurou a tempo.

— Que foi, amor? Você está bem?

— E-estou. Só fiquei um pouco tonta e... espera aí...

Comecei a fazer as contas mentalmente e fui ligando os fatos, e o sorriso em minha face foi incontrolável. O Heitor, a princípio, achou que eu estava ficando louca, mas eu tinha quase certeza do que se tratava.

— Princesa, você está bem mesmo? Está me assustando.

— Amor... se eu estiver certa... é bom que se forme rápido nessa faculdade... pois acredito que nossa família vai crescer!

Ele me olhou bobo, quase não acreditando. Pegou-me no colo sorrindo e me levou até o nosso quarto, dizendo que, se realmente fosse confirmado o que eu estava suspeitando, seria o dia mais feliz da vida dele.

Uma semana depois eu estava com o teste de gravidez em mãos. Entretanto, não quis abri-lo. Esperei Heitor chegar a casa, da faculdade, para lermos o resultado juntos.

Quando meu marido chegou e abrimos o resultado do exame de sangue, ele chorou emocionado. O exame deu positivo. Estávamos grávidos. Eu fiquei apavorada, pois nossa vida não era assim tão fácil. Porém, como sempre, ele me enchia de esperanças e positividade.

E assim, com o passar do tempo, tudo foi se ajeitando. Em março de 2002, nosso menino, o Miguel, nasceu. Meu menino tão amado, tão esperado. Foi nessa época que o Heitor conseguiu um estágio no qual ganharia muito bem em uma montadora de carros conhecida na região metropolitana de Curitiba.

Quando o Miguel nasceu, eu não pude mais ajudar tia Leonora no mercadinho. Todavia, graças aos Céus, o Heitor começou a ganhar bem no estágio e conseguiu nos manter.

Um ano depois, o Heitor foi finalmente contratado. E seu salário agora era três vezes maior. Nossa vida era simples, mas era perfeita e cheia de amor. Quando o Miguel nascera, eu mandara uma carta para minha irmã avisando-a. Ela tentara conversar com meu pai, mas, quando tocara em meu nome, ele a dispensara dizendo que eu tinha morrido para ele. Contudo, minha mãe ficara balançada e queria saber como eu estava, e a Rafa lhe mostrara a carta na qual eu contava como estava minha vida e sobre a chegada do Miguel ao mundo. Depois

disso, não sei como ela soube meu endereço e começou a enviar cartas e alguns presentes para o Miguel. Em troca, eu mandava respostas vagas e algumas vezes fotos do meu filho. No entanto, ir até minha casa, ver como eu estava e conhecer o neto, ela nunca o fez.

Quando o Miguel estava com três anos, o Heitor recebeu uma proposta de trabalho muito boa em Londrina. Então vendemos nosso apartamento em Curitiba, compramos outro na nova cidade e nos mudamos para lá. Nossa vida agora estava muito melhor do que no início. O Heitor tinha um cargo importante na empresa. Assim como eu, ele já estava formado, e seu salário era muito bom. Eu não podia reclamar, apesar de ter me formado como pedagoga, eu não trabalhava, cuidava apenas da minha casa e minha família, e ele não deixava faltar nada para mim e para o nosso filho. Até carro a gente tinha um melhor. Não era novo, mas também não era tão velho quanto o Chevette.

Eu olhava para tudo o que tínhamos conquistado juntos e me orgulhava de nós, da nossa história, do nosso amor. Tínhamos conseguido. Heitor tinha esperanças de um dia eu fazer as pazes com meu pai, mas eu sabia que aquilo nunca ia acontecer. Bem, eu estava errada. Entretanto, isso só aconteceu depois da grande perda em minha vida.

O Heitor era assim, positivo, alegre, de bem com a vida. Quando ele percebia que eu estava meio triste, principalmente no dia do aniversário do meu pai, ou da minha mãe, ou no Dia dos Pais e Dia das Mães, ele sempre tentava me alegrar. Era do tipo romântico à moda antiga. Trazia-me flores, abria a porta do carro, puxava a cadeira para mim. Era o homem dos meus sonhos, e seu cavalheirismo nunca, nunca mudara, só me fazia me apaixonar cada vez mais por ele. Nunca, em nenhum momento da minha vida, eu me arrependi de tudo o que fiz para ficarmos juntos. Eu segui meu coração, e minha irmã tinha razão, eu não era nada sem ele, e ele não era nada sem mim. Nós nos completávamos. Éramos feitos um para o outro.



*Eu lembro do sorriso, lembro do seu jeito
Eu lembro dos seus olhos, lembro do seu cheiro
Lembro dos abraços, da sua voz
Eu lembro de tudo
– Thaeme e Thiago*

Maio, 2006.

Lembro-me perfeitamente daquele primeiro fim de semana de maio. Seria o aniversário do vovô Jojo, e iríamos viajar até Curitiba para a festa dele. O Miguel estava ansioso para rever o seu *biso*. Meu filho estava então com quatro anos. Era o menino mais meigo, carinhoso e esperto do mundo.

Eu me lembro de cada detalhe daquele dia. Eu me levantei cedo para fazer o café da manhã e me sentia um pouco estranha. Acordara com uma sensação esquisita, um aperto no peito, um pressentimento ruim. Porém, não levei em conta; devia ser apenas ansiedade pela viagem.

O Heitor havia se levantado um pouco antes e fora buscar o carro na oficina onde o deixara, pois parecia “ferver” o tempo todo. O problema era que a festa do vovô seria no sábado à tarde, e, se não saíssemos no máximo naquela sexta à noite, não chegaríamos a tempo.

Quando terminei de colocar o café na mesa, o Heitor entrou pela porta com uma cara meio frustrada.

— Bom dia, princesa! Tenho uma boa e uma má notícia. Qual você quer primeiro?

— A má...

— O carro não vai ficar pronto antes de segunda-feira.

— Poxa vida, amor, nós prometemos para o vovô que estaríamos na festa de aniversário dele e...

— Nós iremos. Essa é a boa notícia. Comprei passagens de ônibus. Vamos pegar o ônibus na rodoviária hoje às 6h da tarde. Não podemos perder o aniversário do vovô de jeito nenhum.

— Está certo.

— Está tudo bem, princesa? Estou achando a sua cara estranha...

— Estou bem, é só uma angústia, um aperto no peito. Sei lá. Deve ser ansiedade pela viagem mesmo.

— Com certeza, amor. E... bem, sabe o que eu queria mesmo?

Ele me abraçou, dando pequenos beijos em meu pescoço, causando pequenos arrepios em todo o meu corpo, e completou:

— Acho que está na hora de darmos um irmãozinho, ou irmãzinha para o Miguel. O que me diz?

— Está falando sério?

— Muito! Estou louco para ter outro filho com você. Quero três filhos.

Eu ri.

— Sempre quis a casa cheia também.

— Então isso é um sim?

— Sim!

— Sabe qual é a parte boa disso? A gente poder treinar bastante.

Ele me deu aquele sorriso mais lindo e apaixonante do mundo, capaz de quebrar qualquer sensação ruim dentro de mim.

Não demorou para o Miguel se levantar da cama, de pijama, cabelo bagunçado e meias, cujas pontas ele sempre deixava soltas, parecendo o Pateta

do desenho animado.

— Bom dia, meu amor!

— Bom dia, mamãe! Bom dia, papai!

— Bom dia, meu Patetinha! — cumprimentei-o. — E aí, ansioso para rever o *biso*?

— Muito! Ele disse que eu vou pescar com ele.

— Uau! E adivinha só, nós vamos viajar de ônibus — informou o Heitor.
— Sabe aqueles grandões em que você sempre quis andar?

— Aham!

— Então... nós vamos num deles!

Os olhinhos do meu filho brilharam. Mal sabia eu que aquele seria seu último café da manhã; que eu estava vendo pela última vez meu marido tomando café com nosso “Patetinha” descabelado no colo; que eu jamais sentiria seu cheirinho pela casa; que eu não mais veria o sorriso mais lindo do mundo, que era o do meu marido. O sorriso que me havia feito me apaixonar à primeira vista.

Aquele pressentimento que eu tivera naquela manhã era um aviso. Todavia, a gente nunca tem como prever o que vai acontecer em nossas vidas. Tudo muda em questão de segundos, em uma parada, em uma curva da estrada. Em microssegundos tudo que você conhece e ama pode simplesmente desaparecer.

Tudo estava arrumado. Pegamos um táxi e, na hora marcada, estávamos na rodoviária. As malas foram colocadas no compartimento do ônibus, e embarcamos. Seriam seis longas horas de viagem. Chegaríamos por volta da meia-noite, meia-noite e meia.

O Miguel estava encantado com o ônibus. No começo da viagem, ele foi em meu colo, mas umas duas horas depois, já pulou para o colo do pai. Os dois eram muito unidos.

O veículo estava cheio. Tinham exatamente 42 passageiros, fora o motorista. Apesar disso, a viagem estava tranquila. Lá pelas 10h da noite, no meio do caminho, meu “Patetinha” começou a ficar com sono e quis dormir. Olhou-me com os olhinhos sonolentos e disse:

— Mamãe, eu vou dormir.

— Durma, “Patetinha”. Boa noite, meu amor, durma com Deus e sonhe com os anjinhos. Te amo.

— Boa noite, eu também te amo, mamãe, para sempre.

Ele adormeceu, e eu encostei minha cabeça no ombro de Heitor, fazendo carinho nos cabelos do meu menininho. Ele era tão cheio de vida. Ele era tão pequeno.

Eu comecei a me sentir sonolenta também, e não me lembro em que parte

do caminho eu encostei minha cabeça no vidro da janela e adormeci.

Não lembro quanto tempo eu dormi. Só recordo de ter acordado sentindo um solavanco, e de repente tudo aconteceu rápido demais. O ônibus saiu da estrada em uma curva e capotou em uma ribanceira algumas vezes, nem consegui contar quantas. Eu simplesmente apaguei no segundo baque.

Quando consegui abrir meus olhos, vi algumas pessoas descendo a ribanceira, e um homem ao meu lado no celular gritou:

— Tem uma sobrevivente aqui! Chamem logo a ambulância, pelo amor de Deus!

Depois daquilo tentei manter meus olhos abertos e procurar por Heitor e Miguel, mas não consegui ver nada, não conseguia me mexer, e meu corpo doía, até que a escuridão tomou posse de mim, e eu apaguei novamente.

Tudo o que posso dizer, foi o relato das pessoas que me socorreram. Dos 42 passageiros, apenas três sobreviveram, incluindo eu. Contudo, eu não sabia o que tinha acontecido, eu não fazia ideia. As dores físicas passariam, mas a dor emocional que eu sentiria quando realmente acordasse seria um milhão de vezes pior.

Não sabia quanto tempo se passara. Não sabia que horas eram, se era dia, se era noite e muito menos onde estava. Apenas abri os olhos e vi que estava em um quarto claro e me encontrava entubada. Minha irmã estava ali, sentada perto de mim, segurando minha mão. Quando abri os olhos, ela chamou rapidamente uma enfermeira. Eu estava confusa, não me lembrava de nada. A última coisa de que me lembrava era de dar boa-noite ao Miguel, no colo do Heitor, e escutar dele um “boa noite, eu também te amo, mamãe, para sempre”.

A enfermeira chegou, olhou para a Rafaela e revelou:

— Sua irmã é um milagre.

Eu sentia muitas dores. Olhei para minha perna e notei que ela estava com pinos de ferro. Meu braço estava cheio de cateteres ligados a garrafas de soro. Tentei falar alguma coisa, tentei entender o que houve, mas não conseguia falar. Além disso, a claridade do quarto machucava meus olhos.

A enfermeira percebeu e fechou as persianas do cômodo. Só então eu percebi que estava dentro de um quarto de hospital. Tentei falar alguma coisa, mas ela não deixou. Mesmo assim balbuciei:

— F-filho...

— Você precisa descansar, mocinha. Quase a perdemos duas vezes. Agora relaxe.

Olhei em volta do quarto procurando minha irmã, mas não a encontrei mais. Não entendia o que estava acontecendo. Onde estavam Heitor e Miguel? Queria ver os dois naquele momento. A enfermeira então percebeu que eu começava a

ficar ansiosa e aplicou algum medicamento, sei lá qual, em meu soro, fazendo-me apagar novamente.

Quando acordei pela segunda vez, não sei quanto tempo depois, escutei vozes dentro do quarto. Não abri os olhos ainda e tentei prestar atenção ao que ouvia ao meu redor:

— É um milagre que sua filha esteja viva e que não terá sequelas. Poderá ter uma vida normal novamente.

— Sim. Pretendo dar a ela todo o apoio financeiro necessário. Ela vai precisar de nós. Da sua família.

— Engraçado, não é, pai, agora ela é da sua família?! Quando ela queria o senhor por perto, o senhor disse que ela estava morta!

— Acontece que agora as coisas são diferentes. Agora ela só tem a nós. Ela vai precisar de nós. Deus deu uma nova oportunidade a ela de retomar sua vida e voltar para sua família de verdade.

— Acha que é assim tão simples? Acha que ela vai voltar a ser a sua menininha de anos atrás? Acorda, pai. Ela terá feridas muito maiores para curar do que apenas as físicas e...

— Ra... — tentei chamar minha irmã e abri os olhos finalmente.

A discussão cessou na mesma hora. Olhei ao meu redor e percebi que o quarto em que eu estava era de algum hospital particular e ali estavam minha irmã, meu pai, minha mãe e uma enfermeira.

— Olá, minha guerreira! — murmurou a cuidadora. — Como se sente? Está com dor?

Eu sentia dor em cada músculo do meu corpo. Não conseguia me mexer. Olhei para ela e falei o nome do meu filho:

— Mi-Miguel... O-onde está ele?

— Muito bem, tenha calma, guerreira. Vou chamar seu médico.

Minha irmã veio até mim, pegou uma de minhas mãos, e a minha mãe, a outra. As duas estavam com os olhos cheios d'água, embora disfarçassem. Nada disseram até o médico chegar. Aliás, dois médicos, e eu não estava entendendo nada. Eu só queria saber onde estavam o Heitor e o Miguel.

— Bem-vinda de volta, guerreira.

— Por favor, doutor, me diga onde estou. O que aconteceu? Onde estão meu marido e meu filho? — consegui dizer tudo de uma só vez, mal conseguindo respirar.

— Vamos com calma, está bem? Eu me chamo Renato, sou seu médico. Eu fui o primeiro a socorrê-la e venho acompanhando seu caso desde então. E esse aqui é o psicólogo do hospital, doutor Hélio.

Psicólogo? Por que cargas d'água havia um psicólogo em meu quarto? O

que estava acontecendo afinal de contas?

— Minha querida, precisamos que você seja forte agora. Assim como tem sido há três meses — soltou finalmente minha mãe.

— Três meses? Como assim? O que está havendo? O que aconteceu?! Cadê meu marido?! Onde está meu filho?!

Foi me dando um aperto no peito, uma angústia de tal forma que as dores físicas que eu sentia não eram nada. Sentei-me querendo arrancar todos aqueles cateteres dos meus braços, quando o médico se aproximou e comunicou:

— Já vamos lhe dar todas as explicações possíveis, mas antes preciso que se acalme. Você está no quarto do hospital San Clear. Sofreu um acidente feio de ônibus. Você se lembra disso?

— Me lembro de estar dentro do ônibus indo para Curitiba. Lembro do Miguel me dando boa-noite e dizendo “mamãe, eu te amo para sempre”. Depois disso, é tudo escuridão, não me lembro de mais nada.

— Você passou por muita coisa. Está com dor?

— Estou com muita dor, mas não quero que me dê droga alguma. Quero saber onde meu marido e meu filho estão. Ande logo, doutor, me diga onde eles estão!

Minha irmã, vendo meu desespero, soltou minha mão e me deu as costas, e notei que cobriu seu rosto com as mãos que minutos antes seguravam a minha. Eu comecei a ficar ainda mais nervosa, e lágrimas passaram a brotar de meus olhos, quando meu pai disse:

— Doutor, acabe logo com isso. Conte logo a ela.

— Muito bem, Emily. A senhora sofreu um acidente de ônibus gravíssimo. Teve várias fraturas. Quebrou três costelas, o braço direito em dois lugares e a perna esquerda teve fratura exposta, por essa razão está usando a gaiola. A senhora teve hemorragia interna quando chegou aqui, mas conseguimos reverter o quadro. Tivemos que colocar a senhora em coma induzido e quase a perdemos duas vezes, pois teve paradas cardíacas, mas, pelo que percebemos, Deus tinha outros planos para a senhora. Lutou com muita força, e hoje, três meses depois, a senhora está acordada e não terá sequelas.

— Três meses? Que dia é hoje?

— Dia 24 de agosto.

— Onde está meu filho?! Onde está meu marido?! — eu gritei enquanto as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Eu já desconfiava do que estava por vir.

Minha irmã, não aguentando mais meu desespero, chegou perto de mim e soltou a bomba:

— Meu bem... eles se foram. O Heitor e o Miguel se foram, meu amor. Deus os chamou para perto dele.

— O quê? Co-como assim? O que está dizendo? Isso... isso não é verdade! Eu quero vê-los agora! Meu filho só tem quatro anos, e-ele é tão pequenininho, sabe? Não, ele... Me diga que isso não é verdade... DIGA!

Eu comecei a chorar compulsivamente, e de repente o mundo ficou escuro de novo. Eu apaguei. A dor que senti foi insuportável. Pior do que as dores físicas, era a dor da minha alma.

Acordei umas horas depois, abri os olhos e gritei de dor. Uma enfermeira veio correndo, querendo me dar um analgésico, mas eu a olhei chorando e afirmei:

— Para a dor que estou sentindo não tem remédio. Nada vai fazer essa dor passar. A não ser que você tenha um remédio que cure dores da alma. Você tem?

Minha irmã logo apareceu no quarto e veio se sentar em uma cadeira ao meu lado.

— Emily, meu amor, você precisa ser forte. Você precisa...

— Me conte o que aconteceu de fato. Como... como aconteceu?

— Emily...

— Quero saber agora! Por favor...

— Está bem... vou lhe contar o que sei. Vocês estavam viajando para Curitiba, e durante a viagem, me parece que o motorista dormiu ao volante e o ônibus invadiu a pista contrária e acabou saindo da estrada, caindo em uma ribanceira, capotando mais de cinco vezes. O motorista morreu na hora.

— Mais alguém além de mim sobreviveu?

— Você e mais dois passageiros.

— Heitor? Miguel?

— Meu amor, eles se foram.

— Não... Eu não posso ter ficado aqui sozinha. Eles não podiam me deixar sozinha.

— Meu amor, Deus quis assim. Se ele te deu uma nova oportunidade é porque tem planos para sua vida. Não temos como explicar ou entender as vontades de Deus.

— Por que DEUS não poupou meu filho?! Por que ele não deixou meu filho viver ao invés de mim?! Por que ele não me levou no lugar dele?! Meu filho tinha apenas quatro anos. QUATRO anos! Ele estava aprendendo a escrever o próprio nome, sabia? Ele é tão inteligente, ele é tão amoroso, ele... E-eu quero vê-lo agora!

— E-Emily, fique calma, minha irmã. Eu sei que dói, mas eu estou aqui, eu vou estar aqui para te apoiar, eu...

Arranquei aqueles cateteres do meu braço, puxei minha perna que estava com aquela gaiola pesada e ia cair no chão, quando dois enfermeiros chegaram a

tempo e me colocaram de volta na cama.

— ME SOLTA! ME DEIXA VER MEU FILHO! EU QUERO MEU FILHO! POR QUE, MEU DEUS?! POR QUE MEU FILHO?! POR QUÊ?! POR QUE EU TENHO QUE FICAR SOZINHA AQUI?! POR QUE NÃO DEU UMA SEGUNDA CHANCE A ELE?! POR QUE EU?!

Eu chorava como se o choro fosse acabar com o ar dentro dos meus pulmões e questionava a Deus por que eu tinha ficado e Ele havia levado meu filho, por que Ele não me levara junto. Como eu iria viver sem meu marido e sem meu filho? O que seria de mim agora? Minha vida havia acabado naquela ribanceira, meu coração estava morto dentro do meu peito, e os médicos só sabiam me falar que eu era um milagre. Que milagre? Por que Ele havia me poupado? Por que Deus havia tirado tudo de mim e me deixado ali sozinha?

Infelizmente ninguém sabia as respostas. Ninguém estava no meu lugar para sentir as minhas dores, ninguém sabia, ninguém me entenderia.

Por fim, aplicaram um calmante muito forte em minha veia, e eu apaguei novamente.

Cada vez que eu acordava, gritava de dor, e as enfermeiras vinham correndo me dar analgésicos e até morfina, achando que minhas dores eram físicas. No entanto, meu sofrimento era interno, era na alma. Meu coração estava estilhaçado, minha alma estava partida. Duas partes importantes de mim haviam morrido, e eu não queria acreditar naquela realidade. Eu não queria viver em um mundo onde o Heitor e o Miguel não existissem. Por que Deus tivera de me deixar? Por que não me levara junto? Eu não era forte o suficiente para seguir sozinha. Ao menos, se eu tivesse morrido, se Ele, Deus, tivesse me levado e deixado meu “Patetinha” no meu lugar, tudo seria diferente. Ele teria uma vida! Ele nem ao menos chegara a ir à escola, ele nunca saberia o que era estudar, ter uma professora. Nunca descobriria uma paixãozinha por uma coleguinha de sala de aula. Nunca aprenderia a dirigir, nunca me encheria de orgulho segurando um diploma de faculdade. Ele não tivera chance nenhuma... Ele simplesmente dormira e nunca mais acordaria.

Será que ele se fora dormindo? Será que ele sentira dor? Será que tivera medo e chamara por mim? E Heitor? Será que estava acordado? Ele estava com Miguel no colo. Quem sabe, se eu estivesse com o Miguel nos braços, ele tivesse sobrevivido? Eram tantas as coisas que se passavam pela minha cabeça a cada vez que eu acordava gritando de dor. E ela me acompanharia até o meu último suspiro.

Na manhã seguinte, não sei de que maneira, no horário de visitas no hospital, um advogado veio até meu quarto com uma papelada para eu assinar.

— Para que isso? Vocês não respeitam meu estado e meu luto?

— É para isso que estamos aqui, senhora Emily. Sou advogado e peguei o caso a pedido da minha cliente Lorena Vila Velha. Ela perdeu o marido e o pai no acidente, e, junto com familiares das outras vítimas, nós queremos processar o motorista causador de tanto sofrimento.

— Mas, até onde sei, o motorista morreu também.

— Sim, mas de qualquer forma iremos processá-lo, e a família dele terá que arcar com as consequências desse erro. Ou mesmo a empresa onde o sujeito trabalhava.

— Eu não irei assinar nada. Esse infeliz acabou com a própria vida e com a vida de pessoas que eu amava e, de certa forma, com a minha também, mas seus familiares nada têm a ver com o assunto. Isso não é justo. E se o senhor não se incomoda, peço que se retire. Respeite a dor de uma esposa e de uma mãe que acaba de perder o marido e o filho de quatro anos em um acidente. Respeite minha dor. Não concordo com esse absurdo e jamais irei assinar isso. Vá embora.

— Fique, então, com meu cartão, caso mude de ideia.

— Mudar de ideia? Como se isso fosse mudar o fato de que perdi meu marido e meu filho! Isso não trará meus amores de volta, nem tão pouco irá amenizar a dor que agora habita em meu peito! Agora RESPEITE minha dor e suma daqui!

Era só o que faltava. Sim, eu estava cheia de dores, mas não seria injusta nem desumana com os familiares do desgraçado que me destruía. Ele já havia pagado com a própria vida.

Uma enfermeira que passava pela porta do meu quarto viu que eu estava ficando alterada e pediu para o advogado se retirar ao notar que ele ainda insistia em ficar ali. Eu ficara agitada demais, o que alterara a minha pressão, e lá veio novamente outra enfermeira aplicar um calmante e um remédio em minha veia.

Ninguém respeitava mais a dor alheia.



*Não, o amor não é uma luta
Mas vale a pena lutar por ele
Eu vou lutar por você
Você lutaria por mim?
Vale a pena lutar por ele
– Warren Barfield*

Ouvir Emily revivendo toda a sua dor me partia o coração. Eu conseguia imaginar seu sofrimento. Ela chorava, e eu estava triste, pois não queria vê-la chorar, mas talvez fosse necessário ela abrir seu coração e fazer essa viagem de volta ao seu passado.

Peguei um lenço, entreguei-o a Emily para que enxugasse suas lágrimas e

me sentei ainda mais perto dela, que, num gesto que me deixou surpreso, deitou sua cabeça em meu ombro e chorou mais um pouco.

— Emy, se quiser, não precisa falar mais nada. Eu entendo sua dor, eu...

— Tudo bem, o pior eu já te contei.

— Desculpe por ter feito você me contar tudo. Achei que ajudaria, falar sobre isso. Eu não fazia ideia de que você teve um filho.

— Agora entende por que não consigo me envolver? Por que não posso? Não acho justo eu retomar minha vida quando meu filho não teve chance disso. Era para ele estar em meu lugar. Hoje ele estaria com 12 anos. E imagino tudo o que ele não viveu. Quando olho para seu filho, fico imaginando como o meu seria quando tivesse essa idade.

— Emy, já faz muito tempo. Você merece recomeçar sua vida. Eu duvido muito que o Heitor e o Miguel iriam querer que você ficasse o resto da sua vida sozinha.

— Mas eles me deixaram sozinha.

Ela me olhou ainda com os olhos cheios d'água, pegou minha mão e pressionou meus dedos sobre a tatuagem que tinha no pulso esquerdo. Senti um relevo embaixo da tatuagem.

— Consegue sentir?

— O que é isso, Emy? — Olhei-a assustado, já imaginando o porquê daquela tatuagem.

— Essa tatuagem não foi só em homenagem ao Miguel. Foi também para esconder uma cicatriz... que eu mesma provoquei.

— Na-não me diga que...

— Sim. Essa cicatriz foi da última tentativa, há quase cinco anos, quando estava internada pela segunda vez em uma clínica psiquiátrica. E eu quase consegui. Se não fosse o padre Luiz ter visto em tempo, eu não estaria contando isso para você agora.

Eu podia ver o sofrimento em seus olhos, eu entendia toda a dor que ela sentia. Juro que entendia. Passara por uma dor parecida, porém, minha esposa e minha filha não foram tiradas de mim assim, sem aviso. Minha esposa ficara doente. Já o marido e especialmente o filho dela lhe foram arrancados de um modo inesperado.

Quando o desespero atinge nossa alma, deixa-nos cegos a tudo e todos. Não nos importamos com mais nada. A dor fala mais alto em nosso coração, e nada, nem ninguém pode trazer a luz, a paz para nosso interior. Pensando em como ela sofrera, perguntei-lhe:

— Se arrependeu por ter tentado?

— No começo, não. Depois de muita terapia e conversa com o padre Luiz,

sim. Eu demorei para passar por aquela fase de luto, de revolta. Me perguntava se Deus realmente existia e, se Ele existisse, que espécie de Deus Ele era, que me deixara viver aqui sozinha, nessa vida e não salvara o meu menininho. Talvez, só talvez, se ele estivesse comigo, eu teria tido forças suficientes para continuar minha vida. Mas já era difícil ficar sem o Heitor, imagina sem o meu filho.

— Eu entendo. Só quem sente a dor sabe como é. Mas, Emy, a vida continua. E eu só quero cuidar de você. Quero te dar amor, quero ficar ao seu lado, enxugar suas lágrimas, amenizar sua angústia. Te fazer sorrir.

— Lorenzo, você é um homem interessante, é bonito, inteligente. Só não é inteligente o bastante por ter se interessado justamente por mim.

Peguei em suas mãos e as coloquei sobre o meu peito. Olhando em seus olhos, afirmei:

— Eu não tenho o poder de tirar a dor que ainda existe dentro do seu coração, nem apagar da sua vida o que aconteceu. Essa ferida sempre vai existir, mas eu te quero e sei que você pode abrir um pedacinho do seu coração e me deixar entrar. Prometo que não vou te fazer sofrer, nem vou te deixar sozinha, pois é isso que eu sinto, Emily. Você tem medo. Tem medo de amar tão imensamente novamente e perder tudo.

— Eu não posso. Eu não tenho condições de perder mais ninguém em minha vida, eu não vou aguentar.

— Não vai me perder. Sempre vou estar aqui para você. Mas entenda que a perda para a morte é uma realidade. Todos perdemos alguém que amamos, é uma questão de tempo, nós também vamos partir, mas cabe a cada um viver intensamente a vida. Então, Emily, abra seu coração para mim. Me deixe remendar seu coração, que tanto está ferido.

Aproximei-me dela com cuidado, peguei em seu queixo e ergui seu rosto para mim. Ela me olhou dentro dos olhos, e, mesmo sabendo que ela poderia recusar, eu a beijei com cuidado e demoradamente. Não sei se pela emoção de me ter contado toda a sua história, ela não me afastou de imediato.

Tentei transmitir através do beijo tudo o que eu estava sentindo desde que colocara meus olhos nela. Emily era linda e tinha uma história triste, mas ao mesmo tempo precisava recomeçar, e tudo o que eu queria era ficar perto dela.

Afastei-me depois do beijo, e ela ficou me olhando nos olhos.

— Não vou mentir, você mexe comigo de uma forma diferente. Mas não sei se consigo corresponder às suas expectativas...

— Só uma chance. Me dê só uma chance. Não vai se arrepender.

Ela me encarou e disse tudo o que eu mais queria ouvir:

— Mas vamos com calma. Eu ainda preciso entender o que estou sentindo

por você. Eu preciso saber como recomeçar.

— Tudo bem, eu sou paciente. Vou esperar o tempo que precisar.

Não entendia por que, em tão pouco tempo, eu havia me apaixonado assim. Era como se meu destino estivesse ligado ao dela. Era algo muito familiar, era como se, de algum modo, fosse obra de Deus estarmos nos encontrando naquele momento. Talvez eu fosse seu bote salva-vidas e ela fosse de algum modo o meu.

Desde a morte de Lisandra eu não me sentia assim. Havia tido alguns encontros, mas nada com sentimento, nada como aquela vontade que eu tinha de estar ao lado de Emily, essa vontade de cuidar dela, de lhe dar carinho, atenção. Agora que eu sabia de toda a sua história, estava ainda mais encantado por ela. Minha missão era fazer aquela mulher feliz, dar-lhe esperança, dar-lhe aquilo de que ela havia desistido... amor.

Era tarde da noite quando Emily terminou de contar a sua história, passava da meia-noite, e, por mais perto que fosse sua casa, eu não podia deixá-la sair assim, sozinha. Como eu não podia deixar o André sozinho, sugeri a ela que dormisse em minha casa. Ela podia dormir em meu quarto, e eu ficaria no sofá da sala.

— Não quero incomodar, professor.

— Não é incômodo nenhum, Emily. Por favor, eu faço questão.

— Está com muito sono?

— Não, ainda estou tentando digerir tudo o que aconteceu com você.

— Quer ouvir como e por que fiz as tatuagens em meus pulsos e como conheci o padre Luiz?

— Se quiser me contar, estou aqui para te escutar. Vou buscar um cobertor para a gente, está um pouco frio.

Peguei uma manta e me sentei bem ao lado de Emily para a dividirmos; ao contrário do que pensei, ela se aproximou mais de mim e ficou segurando minha mão enquanto voltava novamente para o seu passado.

Continuei a ouvir cada detalhe do seu relato e fiquei de certa forma chocado. Realmente Emily devia ter sentido uma dor insuportável. Agora eu entendia o motivo de ela ter falado que eu tivera o André para me dar forças para prosseguir, enquanto ela não tivera nada. A dor da perda a deixara depressiva. Ela havia tentado suicídio três vezes. Fora internada em três clínicas diferentes, sendo duas delas, psiquiátricas. E confessou que só parara de tentar acabar com a própria vida depois da amizade do padre Luiz, que aos poucos, com conversas e com a leitura da bíblia, conseguira ajudá-la a ver o quanto era errado o que vinha fazendo. Depois ela tivera um sonho no qual o Heitor ia até ela e lhe pedia para parar de chorar, pois o desespero dela deixava tanto ele quanto o Miguel tristes, e

dizia que ele sempre estaria no coração dela.

Eu nunca fora do tipo supersticioso, mas minha mãe era. E, antes de eu me mudar aqui para Esperança, ela me olhara nos olhos e dissera que sentia que, nessa cidade, eu iria conhecer alguém especial. Eu sorri e lhe perguntara como ela sabia, e ela me respondera que quem lhe dizia era seu sexto sentido.

Sexto sentido ou não, a Emily estava ali, na minha frente, jogando para fora toda a dor que existia em seu peito. Não só a dor da perda, mas o seu medo de se envolver novamente com alguém, suas angústias e os arrependimentos pelas tentativas vãs de acabar com a própria vida.

Senti por aquela mulher todos os sentimentos que eu poderia ter: ternura, admiração, respeito, compaixão, e ali no meu coração, já brotava um sentimento ainda maior. Não sabia de onde vinha, mas me sentia ligado a Emily de alguma forma, não só pelas coincidências de nossas histórias de vida, mas também como se nosso encontro nessa cidade não fosse algo ao acaso, e sim obra do destino, algo escrito por alguém maior que eu, maior que ela. Era para ser. Simples assim.



*Amor não é um lugar
Para ir e vir quando quisermos
É uma casa em que entramos
E nos comprometemos a nunca partir*
– **Warren Barfield**

Foi tão difícil e tão fácil ao mesmo tempo contar tudo pelo que passei ao Lorenzo. Ele não me julgou em momento algum, ao contrário, tentava me entender. Talvez ele fosse o único que conseguisse compreender minha situação e tudo que tentei fazer de ruim contra mim mesma. Ele sabia como era aquela dor.

Eu não queria admitir no início, mas ele mexia comigo, ele me fazia sentir

coisas que havia muito tinha deixado de sentir. Entretanto, se ele queria realmente me conquistar e ficar comigo, merecia saber toda a verdade, inclusive as minhas três tentativas de ir para junto de Heitor e Miguel.

Lorenzo era um homem muito honrado e respeitoso, eu iria dar uma chance a ele, mas ainda precisava contar tudo o que acontecera depois da perda do meu marido e do meu filho. Portanto, novamente viajei de volta ao passado.



Outubro, 2006.

Após três meses em coma e pouco mais de um mês consciente, mas à base de morfina, remédios para dormir e conversas intermináveis com o psicólogo, meu médico decidiu me dar alta. Eu havia tirado a gaiola da perna esquerda, mas usava gesso em seu lugar. Por isso, tive de sair do hospital numa cadeira de rodas.

Meu pai e minha mãe foram me buscar, e lá estava eu de volta à casa de onde havia fugido anos antes. Fez-se uma mistura de sentimentos em meu interior. Eu não falava com meu pai, embora ele se esforçasse muito para que eu o escutasse.

Eles haviam montado um quarto para mim no andar de baixo, já que eu não podia subir as escadas por causa do gesso em minha perna. Entrei no cômodo, que devia ter quase metade do tamanho do apartamento em que eu morava em Londrina, e me lembrei de que eu tinha uma casa e precisava voltar para ela.

— Ainda não pode, meu bem. Você precisa de cuidados especiais. Tem seus remédios, que são muito fortes, para tomar e...

— Assim que eu tirar essa droga da minha perna, vou para casa.

— Não seja ingrata, Emily. Estamos fazendo de tudo para que fique bem, que fique confortável. Além do mais, essa também é sua casa — intrometeu-se meu pai, encarando-me.

— Ah, agora vocês querem que eu fique bem e confortável. Até onde eu sei, meu “papai amado”, eu estava morta para o senhor! O senhor se lembra disso? Porque eu me lembro de cada palavra!

— Emily, o fato de eu não ter aprovado seu marido na época não quer dizer que tenha deixado de te amar. Você é minha filha e agora está sozinha. Precisa de mim.

— Claro... típico de você. Agora vai dizer o quê? Que sente muito? Que não era isso que o senhor queria para mim? Tente convencer seu próprio eleitorado, pai, porque a mim, o senhor não convence mais.

— Escuta aqui, eu e sua mãe sofremos quando soubemos do acidente! Você quase morreu! Nós quase a perdemos de novo! Eu não posso apagar as coisas do passado e nem desdizer o que disse anos atrás no dia do seu casamento. Mas agora as coisas mudaram. Você está mal, você está de luto e nós queremos só o seu bem. Nunca desejei a morte daquele seu marido, muito menos do menino. Foi uma tragédia, mas a sua vida continua. Eu sinto muito.

— Minha vida continua? Nunca desejou a morte *daquele meu marido* e do... *menino*? Por que não diz *seu neto*? SEU NETO, QUE O SENHOR NEM SABIA QUE EXISTIA! VOCÊ NEM CHEGOU A VER O ROSTINHO DELE! VOCÊ NUNCA O VIU JOGANDO BOLA, NÃO O VIU NASCER, NÃO VIU O QUANTO ELE ERA MARAVILHOSO! AGORA VEM DIZER QUE SENTE MUITO?! VÃO PARA O INFERNO VOCÊ E SEUS SENTIMENTOS!

— Emily! Pare com isso, minha filha. Nós sabemos da sua dor, mas...

— Ah, descobriu que tem boca para falar agora, dona Vera?! Sinto muito, mas vocês não sabem de nada, mãe. Vocês não sabem da minha dor, aliás, vocês não sentem nem um pinga da dor que eu sinto dentro da minha alma! Sabe como é? Perder parte de si? Sabem como vão fazer para me ensinar a viver de volta? Como vou viver sem parte de mim? Não, vocês não fazem ideia de nada! Então me deixem aqui sozinha, por favor.

Minha mãe se agarrou ao meu pai, e ambos saíram do quarto, deixando-me chorando sozinha.

Eu não conseguia dormir, eu não pregava os olhos. Quando eu fechava minhas pálpebras, vinha uma espécie de flashes em minha mente da noite do acidente. Eu só queria esquecer, eu só queria sumir. Eu só queria me juntar a meu marido e ao meu filho.

Na manhã seguinte, uma enfermeira se apresentou. Meus pais a tinham contratado para me ajudar com tudo, inclusive com os remédios, que eram muitos. Ela ia ficar dia e noite lá. Eu não via necessidade de ter alguém me vigiando o tempo todo.

Ela, assim que chegou, perguntou-me se eu tinha dormido bem, e eu respondi que não dormia de forma natural desde que acordara do coma. Dormia apenas com remédios.

— Essa é sua primeira noite em casa? Não conseguiu dormir?

— Não. Eu não gosto de fechar os olhos. Tenho pequenos flashes do acidente.

— É normal após o trauma. Vou lhe dar um remédio para que consiga dormir um pouco agora, o que acha?

— Não quero dormir.

— Você precisa descansar.

— Não quero descansar, não estou cansada. Fico o dia inteiro na cama.

— Vamos, não seja teimosa.

Ela me fez engolir um comprimido para dormir, e em menos de dez minutos, eu já estava desmaiada. Acordei com a voz da minha mãe dizendo para eu acordar, pois tinha uma visita. Imaginei que talvez fosse a Rafa, mas era o vovô Jojo. Eu quase não o reconheci; ele estava magro, com olheiras e aparência fraca.

— Oi, filha. Como você está?

— Vovô?!

Ele chegou mais perto de mim, e comecei a chorar. Notei que ele se segurou para não chorar, fortaleceu-se e conteve as lágrimas. Ele olhou para minha mãe e a enfermeira e perguntou se podia conversar comigo a sós. Em seguida se sentou no canto da minha cama, segurou minha mão e começou a falar:

— Filha, você precisa reagir. Sua mãe diz que você não come direito, por isso ainda tá no soro. Você tem que reagir, você acha que o Heitor ia querer isso?

— Vovô, o Heitor se foi. Ele não está aqui para cuidar de mim.

— Filha, eu a amo como um vó. Vi o sofrimento seu e de Heitor para ficarem juntos. Vocês tiveram uma história linda de amor, e eu tive o privilégio de ver tudo de pertinho. Mas agora a missão dele aqui acabou. Você tem que seguir sem ele. Eu entendo sua dor, também sou viúvo.

— Mas eu perdi meu “Patetinha” também, vovô. Meu bebê, meu filho, minha razão de viver. Como vou seguir em frente?

— Eu sei. Você deve estar com o coração em carne viva, mas Deus sabe o que faz. Deus sabia que você ia ser forte para seguir em frente. Agora têm dois anjos cuidando de você lá no Céu.

— Deus? Deus me abandonou. Por que Ele tinha que tirar os dois de mim assim? Por que Deus não me levou junto? Ou então Ele devia ter dado uma chance ao meu menino e não a mim! Meu filho era tão novo, ele tinha tanta alegria de viver!

— Os bons morrem jovens. Deus já tinha tudo reservado para os dois, filha. Vim aqui porque eu precisava te falar para seguir em frente com sua vida. Eu também não vou durar muito tempo, sabe? Sinto que minha vida também está no fim.

— Não, vovô, por favor, não diga isso!

— Só queria ver você e lhe dizer que não se revolte contra Deus. As coisas acontecem quando têm de acontecer. Eu não quero partir dessa vida sem saber que vim aqui te dizer que prossiga, que recomece sua vida, apesar de tudo.

Havia uma pergunta entalada em minha garganta que eu precisava desesperadamente fazer. Ia doer, mas eu tinha de questionar:

— Vovô, disseram no hospital que foi o senhor que foi reconhecer... enfim, reconhecer os corpos... Co-como eles estavam?

— Filha, você não precisa saber dessas coisas. Você não precisa passar por isso.

— Eu preciso saber. Pelo menos o senhor sabe me dizer se o Miguel sentiu dor, se ele estava acordado?

Ele viu em meus olhos a súplica, respirou fundo e começou a falar:

— Eles disseram que não. Disseram que o Miguel dormia profundamente na hora do acidente e que ele não sentiu e nem viu nada. Simplesmente dormiu e não abriu mais os olhos. Disseram que encontraram os corpos juntos. O Heitor estava abraçado tão forte ao Miguel que foi trabalhoso tirar o menino dos braços dele.

— Jura?

— Sim... Eles sempre foram tão unidos. Pai e filho morreram juntos, abraçados. Eles disseram que, se Miguel não estivesse no colo de Heitor, tão abraçado como estava, o corpo dele não estaria intacto.

— Intacto?

— Sim, filha. Na maioria dos corpos do acidente, foi feito exame de DNA para reconhecimento. Só descobrimos qual era o corpo do Heitor por ele estar agarrado ao nosso “Patetinha”.

Lágrimas escorriam dos meus olhos. Quer dizer que o corpo de meu marido estava irreconhecível também? Eu queria saber a causa. Eu queria saber o que havia tirado a vida dos amores de minha vida, mas o vovô, vendo meu estado, apenas disse que o tempo não ia voltar atrás e que em nada ia me ajudar eu saber as causas da morte dos dois. Nada ia fazer com que eles voltassem para mim e nem ia diminuir a dor que eu sentia.

O vovô se despediu de mim e disse apenas “resista e seja forte”. Deu um beijo em minha testa e foi embora. Aquelas foram suas últimas palavras para mim. Ele faleceu duas semanas depois de um ataque cardíaco fulminante. Devido ao meu estado depressivo, eu não pude ir ao seu velório em Curitiba, mas liguei para tia Leonora e disse que sentia muito. Ela apenas respondeu que sentia também.

Na noite em que eu soube da morte do vovô Jojo, eu não tomei meu remédio para dormir. Fingi que engoli o comprimido para a enfermeira de plantão e o escondi dentro da fronha do travesseiro. A enfermeira ficava dia e noite cuidando de mim, eu não ficava um minuto sozinha. Parecia que estava sendo vigiada. E, na verdade, estava.

Eu estava decidida a fazer uma coisa, e seria naquela noite. Fingi estar dormindo para a enfermeira, e assim que ela pegou no sono, levantei-me bem

quietinha da cama. Foi difícil por causa do gesso, mas me ergui sem fazer barulho.

Fui em direção à escada, segurei no corrimão e fui subindo degrau por degrau arrastando a perna engessada. Fui ao meu antigo quarto. A porta estava aberta, e caminhei para a varanda, que dava para o jardim da casa. Era no primeiro andar; se eu me jogasse de cabeça, talvez conseguisse acabar logo com aquilo tudo. Abri as portas da varanda e, quando fui me lançar perto do parapeito, meu pai correu até mim e me agarrou pela cintura, impedindo minha queda.

— Filha, pelo amor de Deus, não faça isso!

— Me deixa, pai! Me deixa! Eu preciso fazer isso parar! Eu preciso acabar com essa dor!

Caí, então, sentada aos pés do meu pai, em prantos. Ele sentou-se ao meu lado, abraçou-me, e, pela primeira vez em minha vida, vi-o chorando.

— Filha, perdão! Perdão por todo o mal que te fiz! Não faça isso! Pense em como eu e sua mãe ficaríamos sem você! Pelo amor de Deus, não faça isso!

— Se o senhor e minha mãe sabem como ficariam sem mim, imagina como me sinto sem meu menino? Ele era tão lindo, pai! Sabia que ele tinha seu queixo? Era quadradinho igual ao seu. Sabia que ele tinha uma risadinha gostosa? Ele tinha um cheirinho tão bom de leite e chocolate, ele não colocava as meias até o fim e ficava com as pontas soltas em seus dedinhos, e por isso eu e o Heitor o apelidamos de “Patetinha”... Por que Deus o tirou de mim?! Por quê?!

Eu soluçava. Meu pai apenas me abraçava e não falava nada. Devo ter adormecido chorando em seus braços, pois, quando acordei, estava de volta ao meu quarto no andar de baixo. Escutei uma conversa no corredor entre meu pai, minha mãe e minha irmã.

— Ai, meu Deus, pai! Graças aos Céus o senhor estava acordado!

— Tenho medo que ela tente coisa pior.

— Será que ela seria capaz?

— No estado em que ela está, Rafaela, sua irmã é capaz de tudo. A dor que ela sente é insuportável demais. Temos que ficar de olho nela 24 horas por dia.

Todavia, eu estava decidida. Minha dor era intolerável, eu não estava mais aguentando. Eu acordava todos os dias gritando. Eu ainda conseguia ouvir a vozinha fina do meu menininho dizendo “também te amo, mamãe, para sempre” e queria me juntar a ele e ao Heitor. Podia demorar, mas minha família em algum momento ia me deixar sozinha, e eu teria a minha chance. Eu até já sabia um modo simples. Deveria ter pensado naquilo antes.



*O suicida na verdade,
Não quer se matar
Mas quer matar a sua dor
– Augusto Cury*

Duas semanas depois, fui até o hospital tirar o gesso. Minha mãe e minha irmã me acompanharam, e mamãe começou a conversar com o médico sobre as minhas atitudes.

— É normal a pessoa que está de luto ficar um pouco depressiva. A deixem chorar o que tiver de chorar, mas fiquem de olho, não a deixem sozinha. Saiam com ela, a levem para passear, qualquer coisa que a distraia. A depressão existe e

é uma doença muito séria, não é frescura, não. Qualquer coisa, se a senhora precisar, faça uma visita a essa clínica. É de um amigo meu, é para pessoas com depressão. Aconselho vocês a fazerem a visita, caso o quadro de depressão da Emily fique mais grave.

— Não falem de mim como se eu não estivesse aqui.

— Emily, eu soube que você não anda comendo direito, que não dorme, que só chora, que não tem vontade de sair, nem escova os cabelos e que tem dias que nem banho toma. Não faça isso. Tenho certeza de que seu marido e seu filho não iam querer que...

— Já chega, doutor. O que o senhor sabe a respeito do meu marido e do meu filho? O senhor não os conhecia para dizer isso, o senhor não *me* conhece. A consulta já acabou? Posso ir embora agora?

Chegamos à casa de meus pais, fui até meu quarto, peguei algumas coisas e ia saindo pela porta quando Rafaela me barrou.

— Aonde você pensa que vai?

— Quero ir embora. Para minha casa.

— Para Londrina? Sozinha?

— Por que não? Não sou criança.

— Não, realmente não é. Mas sei bem o que anda pensando ultimamente, e se quer mesmo saber, eu não vou deixar que você saia sozinha por aquela porta. Quer ir até seu apartamento antigo pegar algumas coisas, tudo bem, mas sozinha você não vai e não vai ficar mais só.

— Mas o que é isso, Rafaela? Por acaso sou prisioneira agora, é? Você não tem marido e filha para cuidar, não?

— Tenho, mas eles estão muito bem, você é que precisa de mim agora. Você quer ir para Londrina? Tudo bem, eu vou com você. Vou pedir para a enfermeira separar uma mala com os seus remédios e vou te levar até lá e te trazer de volta.

Eu ia responder a ela “e quem disse que eu vou voltar?”, mas, àquela altura, não ia adiantar discutir.

Ela ligou para o seu marido, avisando da viagem rápida, e me fez entrar em seu carro. Seguimos para Londrina.

Eu não entendia muito bem o que estava fazendo. Realmente não tinha vontade nenhuma de fazer nada. Meu desejo era de me recolher em um quarto escuro e ficar lá até que a morte viesse me buscar.

Eu e a Rafaela não trocamos uma única palavra durante todo o caminho. Chegamos ao apartamento onde eu morava passava das 10h da noite. O porteiro me reconheceu e me entregou umas correspondências me olhando com pesar. É engraçado quando você perde alguém e percebe no olhar das pessoas os seus

sentimentos de pena. Eu não queria que tivessem pena de mim, eu queria era que me entendessem e me deixassem em paz para eu fazer o que tinha vontade. Contudo, isso era impossível.

Quando chegamos em frente à porta do apartamento, eu comecei a tremer.

— Irmã, tem certeza de que quer fazer isso?

— Eu preciso.

Ao destrancar a porta, todas as lembranças da minha vida ali naquele lugar vieram à tona, como a recordação de nós três comendo pipoca no sofá e assistindo pela milionésima vez ao desenho do “Mickey”. Entrei na cozinha e ainda recordava aquela imagem do Heitor tomando seu café da manhã com o “Patetinha” no colo, todo descabelado e ainda de pijamas, do plano para nosso segundo filho... Ah, por quê?

As lágrimas começaram a rolar devagar pelo meu rosto. Voltei para a sala e vi um quadro que tínhamos de nós três na casa do vovô Jojo, no quintal, colhendo ameixas no pé. Nós três sorrindo e felizes na fotografia.

— Que foto linda, irmã. Vocês foram felizes. Lembre-se disso e se fortaleça com as lembranças boas.

Eu nada disse, nem olhei para ela. Segui em direção ao meu antigo quarto com o Heitor. Ainda tinha o nosso cheiro ali. As lembranças de noites de amor com ele naquela cama me queimavam por dentro. Saber que eu nunca mais sentiria aquela paixão, que eu nunca mais o veria, que nunca mais beijaria sua boca, que sua pele nunca mais tocaria a minha, me matava um pouco a cada suspiro que eu dava.

Peguei uma mala de dentro do guarda-roupa e fui colocando umas roupas minhas. Pus uma camisa de Heitor que eu amava quando ele vestia, uma social azul-marinho; ainda tinha o seu aroma. Fui até a penteadeira e peguei seu frasco de perfume. Borrifei-o pelo quarto todo e enfiei o frasco dentro da mala.

Ai, que falta você me faz, meu amor. Por que você me deixou? Logo, logo estarei junto a você e ao nosso filho, nada pode destruir meu amor por vocês, nem mesmo a morte. Se tudo der certo, irei me juntar a vocês em breve, amor, me espera.

Eu pensava que ia ter algum êxito no que tinha em mente, mas não era bem assim.

O pior foi quando entrei no quarto do Miguel. Seu cheirinho ainda dominava o lugar. Ao ver todos os seus brinquedos, dei um grito de dor e me deitei em sua cama, agarrando-me ao seu cobertor e a uma camisetinha dele que ficara em cima da cama e desabei a chorar.

Minha irmã apareceu atrás de mim e me abraçou, deitando-se comigo na pequena cama.

— Schiu... Calma, eu estou aqui, irmã. Eu estou aqui. Pode chorar.
— Quando esta dor vai parar?!

— Oh, meu amor, eu não sei. Se eu pudesse, carregava um pouco desse seu martírio, mas não posso. Eu sofro tanto vendo você padecer, mas não faço ideia de como dói. Então só estou aqui para você chorar comigo, desabafar... se sentir segura e amada.

Amada e segura eram as últimas coisas que eu ia conseguir me sentir.

Demorei mais de duas horas lá. Não consegui carregar muita coisa do meu “Patetinha”. A Rafa ficou de procurar um orfanato ou alguém necessitado para doar as roupinhas dele, seus brinquedos e as roupas do Heitor. Eu fiquei apenas com uma camisa do Heitor, e do Miguel, apenas com seu cobertor, seu pijaminha do Homem-Aranha – o último que ele havia usado – e um ursinho de pelúcia que ele amava.

O álbum de fotografias, que eu não tinha coragem de olhar, foi a Rafaela quem trouxe, afirmando:

— Um dia você vai querer essas fotos.

Olhei pela última vez para o meu lar, onde eu fora feliz por uns poucos anos, mas que amara intensamente.

Chegamos a casa de madrugada. A Rafa, coitada, estava exausta. No entanto, não quis dormir fora. Ela dormiu no meu quarto, ao meu lado na cama. Minha mãe dera folga à enfermeira que ficava de plantão, já que a Rafa estava comigo. Esperei que minha irmã pegasse no sono, levantei-me devagar para não acordar e fui até a gaveta da cômoda, onde a enfermeira guardava todos os meus medicamentos. Tinham muitos com nomes estranhos, fluoxetina, amitriptilina e vários outros frascos cujos rótulos eu não entendia.

Enchi um copo com água e tomei todos os comprimidos que encontrei. Não lembro quantos foram, lembro apenas que, em menos de dez minutos, tudo foi ficando meio embaçado, o quarto parecia estar girando, e eu só pensava “estou indo para vocês, meu Heitor e meu Miguel”. Depois disso eu apaguei. A escuridão chegou.

Não me lembro de nada depois disso. Acordei na tarde do dia seguinte em um quarto de hospital. Haviam me trazido de volta. *Mas que droga!*

Assim que acordei, meus pais estavam ali me olhando, e a Rafaela me fitava chorando.

— Eu juro que foi questão de minutos! Eu adormeci e ela se aproveitou e tomou os remédios. Assim que escutei o barulho dela caindo no chão, eu os chamei.

— Emily, quando você vai parar com isso, minha filha? — questionou meu pai.

— Não enquanto eu estiver viva.

— Para com isso! Irmã, sabe que você não está em um hospital comum? Você está em uma clínica psiquiátrica e não vai sair daqui até que os médicos digam que você pode!

Eu pouco me importava. Dei as costas para eles e fui trancada dentro do quarto. Eu não poderia receber visitas por um período. Eu não ligava.

Naquela clínica, passei meu primeiro Natal e meu primeiro Ano Novo sozinha. Eu estava ficando louca, fora de mim.

Lembro-me que, na noite de Réveillon, quando os enfermeiros fizeram uma pequena festa para os pacientes, eu encontrei uma tesoura dessas de criança, que não cortam nem papel. Fui até o banheiro e cortei meu cabelo, meu cabelão comprido, que o Heitor amava e que ia até abaixo da cintura, deixando-o como o de um homem, mas totalmente irregular. Eu seria outra Emily; eu seria, não, eu já era.

Quando as enfermeiras sentiram minha falta, foram me procurar e me encontraram no banheiro, olhando-me no espelho e dizendo coisas sem sentido.

Minha segunda tentativa tinha sido um fracasso novamente. Agora era a fase de procurar respostas.



*Fiz essa canção simples para dizer
Tem coisas que só Deus pode responder para nós
– Thaeme e Thiago*

Coloquei na cabeça que queria respostas. Eu queria entender os motivos de Deus ter levado meu filho e não a mim.

Quando meus pais foram me visitar na clínica após eu ter cortado todo o meu cabelo, minha mãe me olhava horrorizada e me perguntava por que eu tinha feito aquilo com meu cabelo *tão lindo*, mas eu não estava nem prestando atenção ao que ela dizia. Mantinha meus olhos fixos, vidrados num ponto distante em uma parede. Mal piscava.

Meu pai abriu a boca:

— Até quando você vai agir assim, Emily? Já faz sete meses que está internada aqui e não tem qualquer progresso. É isso que você quer da sua vida? Ficar internada em uma clínica de loucos? Quer acabar assim?

— Sabe o que eu queria, pai? — Dessa vez ergui meus olhos e o encarei. — Eu queria era estar morta. MORTA, entendeu?!

— Minha filha, não diga uma insanidade dessas! Você é muito jovem, tem apenas 24 anos. Não diga uma barbaridade dessas.

— Minha vida acabou no momento em que aquele ônibus capotou naquela ribanceira levando meu marido e meu filho. E eu só queria entender por quê.

— Emily, têm coisas que só Deus vai poder te responder. Nós não temos essa resposta. Você tem que colocar na sua cabeça que você amou e foi amada intensamente por aqueles dois anjos...

— Anjos? O senhor nem os conhecia. Viu o Heitor apenas duas vezes na vida e proibiu nosso namoro, e quanto ao Miguel, seu neto, você nem chegou a colocar os olhos nele.

Então ele desabou. Caiu de joelhos a minha frente, pegou em minhas mãos e desabafou:

— O que você quer que eu faça, minha filha? Estou aqui de joelhos, implorando para que você me perdoe. Eu não desejava isso para sua vida, mas aconteceu, e eu sinto muito de verdade. Se eu pudesse pegar a dor que você sente e passá-la para mim, juro que eu o faria. Estou fazendo tudo o que posso para aguentar firme, em pé, para que você supere tudo isso.

— Sabe que dia é hoje? Hoje está fazendo um ano; um ano que o grande amor da minha vida e meu filhinho tão amado se foram. E eu nem sequer sei onde eles foram enterrados, não sei como é o túmulo deles, não sei como eles se foram.

— Quando você melhorar, eu prometo que a levo ao cemitério. Sua mãe escolheu tudo. Eles tiverem um velório e um enterro muito bonitos, eu te garanto.

— Vão embora, por favor?! Quero ficar sozinha.

Eu mesma me havia surpreendido por já se ter passado tanto tempo. Eu precisava sair daquela clínica. Entretanto, para isso, eu precisaria fingir que estava me sentindo bem. Eu queria tirar aquela angústia do meu peito, queria saber como o Heitor e o Miguel haviam morrido, se tinham sentido dor, se tinham falecido na hora ou se haviam ficado agonizando.

Parecia loucura eu desejar saber essas coisas, mas era o que eu queria. E fiquei com uma grande fixação para ter respostas sobre isso. Porém, meu tratamento na clínica durou mais algum tempo. Fiquei quase um ano e meio lá.

Quando finalmente obtive alta, voltei novamente para a casa dos meus pais, ocupando meu antigo quarto, e sempre alguém parecia me vigiar. Eu nunca ficava mais de 15 minutos sozinha. Sair de casa, então, só acompanhada pela minha mãe ou pela minha irmã.

Eu não tinha amigos, e até a Carmem se afastara. Na verdade, eu soube depois que ela estava morando na Alemanha e que, por essa razão, não pudera me ver quando tudo acontecera. Ela me ligava algumas vezes, mas eu pouco falava. Minha vida estava no piloto automático. Eu saía do quarto e ia para a cozinha, da cozinha, para o banheiro, e do banheiro voltava para o meu quarto. Dormia com a camisa do Heitor e abraçada ao cobertor do Miguel, que ainda tinham seus aromas.

Por mais que o tempo passasse, eu não conseguia me conformar. De tanto insistir, um dia a Rafaela acabou me levando ao IML de Curitiba para eu ter acesso ao prontuário da morte do Miguel e do Heitor. Foi uma viagem de quase seis horas.

Eu não sabia o que estava escrito ali e nem se estava realmente preparada para ler o que continha. A verdade da morte já existia; suas causas seriam um tapa na minha cara.

No prontuário do Miguel, estava escrito que a causa da morte havia sido um traumatismo craniano e que ele estava dormindo profundamente na hora em que tudo acontecera. Provavelmente ele não sentira nada, apenas dormira e nunca mais acordara.

Já a leitura do prontuário do Heitor deixou meu coração ainda mais despedaçado do que já estava. Na descrição da causa da morte, estava escrito decapitação. Eu me senti perder as forças na hora. A cor devia ter sumido de minha face, pois minha irmã, que estava comigo, precisou me segurar antes que eu caísse no chão. Desmaiei na mesma hora.

Acordei uns dez minutos depois com cerca de meia dúzia de pessoas a minha volta. Minha irmã me perguntou se eu estava bem, e eu disse que tudo o que eu queria era ir ao cemitério. Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça e me apoiou até o carro. Assim que entramos no veículo, com as portas já fechadas, antes de dar a partida, ela explodiu comigo:

— Emily, posso saber que merda você está fazendo?!

— Eu precisava saber como foi.

— Por que não me perguntou?

— Você sabia?

— Não. Eu não quis saber. O avô do Heitor, o seu Jojo, sabia. Ele apenas falou que a morte do Heitor foi horrível, mas que nãoalaria as causas, e nos proibiu de contar a você. O velório do Heitor foi com o caixão lacrado. Ninguém

pôde ver seu rosto. Já o Miguel parecia um anjo. A Leonora, tia do Heitor, e a mãe dele, a dona Eloísa, o vestiram com um terninho branco, e ele parecia um anjo dormindo. Todos disseram, inclusive os médicos do Instituto Médico Legal, que o Miguel não sentiu absolutamente nada. E que, se não fosse o abraço do Heitor...

— Eles eram tão unidos que morreram abraçados, o vovô me disse isso quando foi me visitar. E, duas semanas depois, ele também se foi.

— Então... quer realmente conhecer os túmulos deles?

Fiz com a cabeça que sim. Estavam enterrados ali mesmo, em Curitiba. Todavia, quando chegamos ao cemitério, não tive coragem de entrar. Fiquei no carro, travei. Era como se eu estivesse aceitando a morte dos dois, e eu não estava. Eu nunca aceitaria.

Depois que chegamos a casa após outra longa viagem, Rafaela me sugeriu ir a uma igreja, conversar com um padre, aproximar-me de Deus, mas eu estava irredutível, dizendo que Deus não existia.

Naquele dia senti o mundo desabar na cabeça. Tranquei-me no quarto e fiquei três dias lá dentro, sem beber, comer, nem tomar banho, até que meu pai, em uma atitude desesperada, arrombou a porta e disse que agora ele havia esgotado todas as esperanças e a paciência que tinha comigo.



Dois anos e meio haviam-se passado desde a tragédia, e eu continuava deprimida, só pensava em Heitor e Miguel, não tinha vida. Então, como último recurso, fui internada outra vez em uma clínica psiquiátrica em Santos, um lugar longe de casa, longe das minhas lembranças, onde eu ficaria um longo tempo sem ver ninguém, nem mesmo meus familiares. Era uma clínica com padres e freiras, uma instituição católica. Claro, era algo que eu não queria. Contudo, fui forçada.

A única coisa que meu pai me disse foi:

— Quem sabe aqui, minha filha, você encontre as respostas que tanto procura.

O lugar parecia um convento, mas era uma clínica, tinha médicos, psicólogos, mas também tinham os padres e freiras que trabalhavam ali, levando conforto e palavras de fé para os pacientes.

Eu fiquei em um quarto simples e, logo no primeiro dia, deixaram-me uma bíblia na cômoda.

Eu me sentia uma prisioneira. Os talheres e copos eram todos descartáveis. O lugar era todo murado, mas ali dentro éramos livres para ir e vir. Tinha jardim,

pomar, horta, piscina, mas eu só queria ficar no quarto, isolada.

Todos tentavam se aproximar de mim, conversar, mas eu sempre ficava quieta, não respondia. Eu parecia em estado vegetativo.

Dez meses haviam se passado desde a internação ali, e eu não me abria com ninguém. Não conversava e via pessoas entrando e saindo de lá bem, conformadas, felizes, e eu sempre ficava ali sozinha. Meus pais e minha irmã tinham vindo me ver apenas duas vezes; visitas frequentes eram proibidas.

Fazia três anos e quatro meses que minha vida havia acabado. Eu não era mais a mesma. Eu me havia tornado uma pessoa amarga e só. A solidão era minha companhia... até aquele padre que deveria ser uns cinco minutos mais velho que eu chegar àquela clínica.

Era outubro, estava uma tarde estranha, chuvosa. Ele chegou já sabendo dos meus problemas, tentando se aproximar como todos os outros que antes tinham vindo até mim.

— Boa tarde, minha filha.

— Filha? Qual é? Você é jovem demais para falar desse jeito. Se é que realmente é um padre.

— Sim, eu sou um padre, sim, senhora. Idade não importa para minha vocação. — Ele estava todo sorridente. Sentou-se ao meu lado e, ainda sorrindo, continuou: — Serei seu novo conselheiro. Prazer, sou o padre Luiz.

— E o que veio fazer nesse lugar, padre? Vai mesmo me dar outra bíblia de presente e encher minha cabeça dizendo o quanto Deus é maravilhoso em me dar uma segunda chance, que Deus sabe o que faz e blábláblá...?

— Já fizeram tudo isso antes?

— Sim. Acredite, padre, o senhor perde seu tempo comigo.

— Não estou perdendo meu tempo contigo. Acredito que tenho muito a te ensinar e muito a aprender com você.

— Me poupe desse entusiasmo, padre. A única coisa que quero, ninguém pode me dar.

— E o que você quer, minha filha?

— Quero meu marido e meu filho de volta! O senhor pode me dar isso, padre?

— Você sabe que não.

— Eu só queria me unir a eles, e agora me chamam de louca por isso.

— E acredita mesmo que se uniria a seu marido e seu filho se acabasse com sua própria vida?

— Não sei, o senhor deve saber melhor do que eu, não é mesmo?! Vai dizer que eu vou para o inferno e coisas assim?

— Não... Há certas coisas para as quais não temos resposta, Emily, talvez

nunca as teremos. Nos resta nos conformar. Deus te dará forças.

— Eu não aguento mais abrir meus olhos a cada amanhecer e sentir essa dor insuportável em meu peito, essa angústia que não cessa. Não tem um único mísero dia em que eu não acorde gritando de dor. Minhas dores não são físicas, padre. Estão na minha alma.

— E é por essa razão que eu estou aqui. E não irei desistir.

E ele batia à porta do meu quarto todas as manhãs, fazendo-me levantar e ir até o refeitório e engolir uma comida da qual eu não sentia o gosto, porque eu não tinha mais prazer em nada. Tudo era ruim, amargo, ou sem sabor nenhum. Minha vida era em preto e branco.

Eu estava indo bem, por um certo tempo. O padre Luiz não era como os outros padres que conversavam comigo, ele tinha paciência, tinha alegria, queria ser meu amigo. Entretanto, ele ainda não me entendia.

Passaram-se, então, dois meses. Naquela manhã, o padre Luiz não foi me buscar em meu quarto, então eu me levantei e fui sozinha até o refeitório. Uma das freiras me disse que o padre passaria o dia fora, pois fora cuidar de um batizado em uma paróquia ali próxima, mas que, até o fim da tarde, ele estaria ali para nossa conversa diária.

Aproveitei e fui para fora, até o jardim da clínica, sentei-me embaixo de uma das árvores, recostei-me nela e fiquei olhando o céu meio acinzentado. Um ventinho frio batia em minha face. Passei a mão pela grama, quando senti algo pontiagudo debaixo da terra. Disfarçadamente, fui tirando a terra a seu redor e percebi que era um caco de vidro. Desenterrei-o e o escondi dentro do bolso do meu moletom.

Fui para a parte lateral da clínica, um corredor estreito onde ninguém iria me encontrar. Sentei-me no chão, peguei o caco de vidro e olhei novamente para o céu cinzento. Disse mais para mim mesma do que para Deus:

— Se o Senhor não me ouve daqui e não me dá as respostas de que preciso, irei encontrá-lo pessoalmente e eu mesma irei atrás das respostas para todas essas perguntas. Eu mesma farei essa dor maldita passar. Acabou. Finalmente encontrarei o alívio para todo esse sofrimento que venho sentindo... Nada mais importa...

Peguei o caco e fiz um corte em meu pulso direito, depois cortei o esquerdo. Não sentia dor. O alívio logo chegaria. Minhas lágrimas cessariam, o sofrimento iria finalmente passar.

Senti algumas gotas de chuva caírem em meu rosto e me deitei no chão. O sangue demorava a sair, embora eu houvesse feito cortes bem profundos, mas eu não tinha pressa. Logo estaria acabado.

Não sei quanto tempo havia-se passado, não sei se havia cochilado no chão,

só lembro que, ao abrir meus olhos, escutei o padre Luiz gritar meu nome desesperadamente e o vi correr em minha direção. Ele chegou perto de mim e falava algumas palavras que, embora ele estivesse ali ao meu lado, pareciam longe, sua voz parecia estar tão distante de mim... Era como se eu estivesse mergulhada dentro de um lago e aos poucos estivesse me afogando.

Mergulhada em meu desespero, perdida na escuridão de minha dor, eu finalmente fechei os olhos e não vi mais nada.

Acordei dois dias depois. Estava em um quarto de hospital novamente. Ao abrir os olhos, vi ao lado da minha cama, sentado em uma cadeira, o padre Luiz.

— Seja bem-vinda à vida, Emily!

— Eu quase consegui, não foi?

— Sim, mas graças a Deus, senti uma sensação estranha, muito ruim e voltei o mais rápido que pude até a clínica, onde não te encontrei em seu quarto, e te procurei pela clínica toda, mas, por Deus, lembrei-me daquela lateral não muito frequentada, onde a encontrei quase sem consciência. Por que fez isso, Emily?

— Eu quero morrer, padre! Será que ainda não entendeu isso?!

— Não. E não irei aceitar algo assim, filha! Que resposta você iria ter com um suicídio? Isso é o que o inimigo quer. Não ouça essa voz em sua cabeça. Deus não quer isso. Deus te ama e tem planos para sua vida.

— Eu não quero uma vida sem o Heitor e o Miguel!

— Mas, filha, é essa a vida que você tem agora. Seja forte! Tenho certeza de que não era isso que Heitor e Miguel iriam querer para você.

— O senhor acredita que eu nunca, NUNCA sonhei uma única vez com eles? Por quê?

— Minha querida, eu não tenho essas respostas. Mas converse sinceramente com Deus, dentro de seu coração, e terá as respostas que tanto procura. Agora feche os olhos e descanse; irei velar e orar pelo seu sono.

No dia seguinte, tive a visita dos meus pais. Meu pai me olhava com aqueles olhos cheios de mágoa, não entendendo minhas atitudes. Ele jamais entenderia. Minha mãe só rezava agradecendo de novo a Deus por eu ter me salvo novamente.

Fiquei quatro dias naquele hospital e voltei direto para a mesma clínica, onde o padre Luiz já estava à minha espera.

Assim que cheguei ao meu quarto, ele me entregou uma bíblia e, com autoridade, ordenou:

— Leia.

— Não. Isso não tem resposta nenhuma.

— Não quer ler? Tudo bem, então vai me escutar: “Senhor, abre meus olhos

para que possa perceber que meus entes queridos não morreram, não me abandonaram. Ajuda-me a crer que sua presença me envolve como uma nuvem. Senhor, abre meus olhos na fé!”. “Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá. E todo aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá. Crês nisto?”

— Padre, pare com isso!

— Não, tenho muito mais! “Porque o senhor não o desprezará para sempre. Embora ele traga tristeza, mostrará compaixão, tão grande é seu amor infalível”, Lamentações, 3:31-32. Isaías 57,1-2:

“O justo perece, e ninguém pondera isso em seu coração; homens piedosos são tirados, e ninguém entende que os justos são tirados para serem poupados do mal. Aqueles que andam retamente entrarão na paz; acharão descanso na morte.” Posso citar várias outras passagens aqui para você. Mas quero que você pegue a bíblia e me acompanhe nessa leitura. Vamos!

Muito a contragosto, começamos a ler a bíblia desde o princípio. Foi o que começou a tornar meus dias mais claros. Fui me acalmando sem perceber.

Algumas semanas depois, o padre Luiz chegou à parte que diz respeito aos suicidas, em Ezequiel, 18:30:

— “Portanto, ó, nação de Israel, eu os julgarei a cada um de acordo com os seus caminhos. Palavra do Soberano, o Senhor. Arrependam-se! Desviem-se de todos os seus males, para que o pecado não cause a queda de vocês. Livrem-se de todos os males que vocês cometeram e busquem um coração novo e um espírito novo. Por que deveriam morrer, ó, nação de Israel? Pois não me agrada a morte de ninguém. Palavra do Soberano, o Senhor. Arrependam-se e vivam!”

Eu já estava muito sensível depois de tantos sermões do padre Luiz, depois de tantas conversas e discussões, e algo dentro de mim se entristeceu. Arrependeu-se. Se Deus havia me tirado Heitor e Miguel, era por alguma razão que eu jamais saberia. Eles tinham sido muito amados, certamente estariam em um lugar melhor, não estariam em paz enquanto eu ainda sofresse e me rebelasse tanto com a partida deles. Eu precisava de paz.

Então, naquela noite, seis meses após a terceira tentativa de suicídio, depois de estar com o coração quase arrependido do que eu fizera, sonhei com o Heitor.

Eu estava sentada em um banco em um jardim, observando as nuvens do céu, quando o Heitor apareceu sorridente, daquele jeito que me fez me apaixonar por ele na adolescência. Ele me perguntou se podia se sentar ao meu lado; eu balancei a cabeça afirmativamente. Assim que se sentou, ele olhou para mim, e seu semblante sempre sorridente e alegre se fechou. Ele não sorria mais. Parecia triste. Eu queria perguntar o que ele tinha, mas não entendia por que não conseguia mexer minha boca, não conseguia falar nada, quando ele pegou em

meu rosto e declarou:

— Ei, princesa, não chore mais. Não sofra tanto. Eu estou bem. Eu sempre te amei e sempre te amarei. Nosso “Patetinha” está feliz. Não imagina o quanto. Não nos chame mais. Ver seu desespero me deixa triste. Eu sei que não é fácil, mas eu estarei sempre aqui com você. — Ele pousou a mão no meu peito, onde fica o coração, e continuou: — Minha morada é em seu coração. Cuide bem dele, amor. Seu filho e eu seremos sempre parte de você, assim como você é parte nossa. Não chore mais. Erga essa cabeça e continue sua vida. Coisas maravilhosas virão. Eu sei. Basta você dar uma segunda chance a si mesma. Minha jornada terminou, mas a sua está só no começo. Me deixe orgulhoso, princesa. Lembre-se, estarei sempre aqui, no seu coração.

Ele me deu um sorriso daqueles que eu tanto amava e jamais veria novamente, e eu acordei chorando. Era madrugada. Não consegui voltar a dormir. Peguei a bíblia e fiquei lendo até o amanhecer. Quando o padre Luiz chegou, eu o abracei e chorei de soluçar. Daquela vez não era de tristeza, nem de dor, e sim de arrependimento.

Contei ao padre sobre o sonho, e ele disse que podia ser um recado do Heitor, mas também podia ser por eu ter pensado muito nele nos últimos dias e pelas leituras da bíblia que andávamos fazendo.

Encontrei algumas respostas que eu procurava, mas outras, porém, eu jamais encontraria.

Um ano depois, fiz as tatuagens em cima das cicatrizes em meus pulsos, não só em homenagem a Heitor e a Miguel, mas também para esconder o que eu mais me arrependia de ter feito no meu luto eterno.



*Um novo começo, uma nova oportunidade,
Uma nova chance para curar as feridas
Que a saudade deixou
– Taila Ribeiro*

Eu terminei de contar tudo ao Lorenzo, e ele parecia ter absorvido toda a minha história. Ele, todo gentil, ofereceu-me um lenço para que eu enxugasse minhas lágrimas e ficou ali parado, olhando-me. Eu não sabia mais o que lhe dizer.

Quando olhei que horas eram no relógio, já passava das 2h da madrugada. Fiquei envergonhada.

— Meu Deus, olha como está tarde! Você deve estar cansado. Eu fiquei falando, falando e falando e nem senti as horas passarem. Preciso ir.

— Não. Fique. Eu já te falei para ficar. Pode dormir em meu quarto, eu ficarei aqui no sofá da sala. Não posso deixar que vá embora sozinha a essa hora. Por mais que seja uma cidade pequena, não seria cavalheiresco de minha parte te deixar sair sozinha tão tarde da noite.

— Não quero incomodar.

— Não é incômodo algum. Emily, obrigado por dividir sua história comigo.

— Agora entende os meus motivos?

— Não. E não desistirei. Eu posso te fazer feliz e farei o possível para isso.

Não olhei em seus olhos, apenas disse que precisava descansar, estava exausta. Não fisicamente, é claro; sentia-me muito cansada emocionalmente falando.

Timidamente Lorenzo me acompanhou até o quarto, pegou um travesseiro e um cobertor e foi para o sofá da sala, deixando-me na sua suíte e fechando a porta assim que saiu. Eu olhei ao redor, e tudo ali tinha o cheiro dele. A cama estava bem-arrumada, e, em cima da sua cômoda, havia algumas fotos, incluindo uma dele com sua finada esposa e o André, que devia ter uns quatro ou cinco anos na época da foto. Eles pareciam felizes. Assim como eu fora um dia.

De repente, causando-me um pequeno susto, Lorenzo bateu à porta e falou do lado de fora:

— Emy, se quiser, pegue uma camiseta minha na primeira gaveta da cômoda para você não dormir com a sua roupa.

— Posso pegar mesmo?

— Claro, fique à vontade. Boa noite.

— Obrigada, boa noite.

Peguei uma camiseta sua e a vesti. Tinha o perfume dele. Algo dentro de mim balançou.

Deitei-me em sua cama gigante e adormeci. Por incrível que pareça, dormi muito bem. Talvez o melhor sono em todos aqueles anos. Pela manhã, levantei-me e abri a porta do quarto com cuidado. Era cedo, o Lorenzo ainda dormia tranquilamente no sofá. Tentando fazer o mínimo barulho possível, pus-me a fazer café e, quando estava terminando, levei um susto ao ver Lorenzo encostado na parede, braços cruzados, olhando-me sorridente.

— Bom dia!

— Ai, que susto! Bom dia. Desculpe se te acordei, mas queria fazer um café da manhã em agradecimento por ter me ouvido sem julgamentos.

— Presente melhor é ter essa visão a minha frente: ver você com um ar mais leve no rosto e vestindo só minha camiseta. É a visão mais linda que já vi

em minha vida.

Senti meu rosto queimar de vergonha. Quando eu me levantara para preparar o café, nem me dera conta de que ele poderia acordar e me flagrar com a sua camiseta, que cobria um pouco abaixo do bumbum apenas.

— Fica linda corada. Mas vou deixar que vista sua roupa para tomarmos o café juntos. Se preferir, pode tomar um banho.

— Tomarei em casa, já abusei demais da sua boa vontade.

Fui até seu quarto e me troquei, colocando novamente a minha roupa. Quando voltei, Lorenzo já tinha arrumado tudo na mesa e me pediu para me sentar e tomar o café da manhã com ele.

— Já abusei demais da sua gentileza.

— Você pode usar e abusar de mim, Emily, sempre que quiser.

— Lorenzo... eu...

— Não diga nada. Já falou o suficiente ontem. Eu só quero te fazer uma pergunta.

— Fique à vontade, pode fazer. Agora já não tem nada que eu não possa te contar.

— Emily, quer namorar comigo? Deixa eu fazer você feliz, fazer você entender por que teve uma segunda chance, fazer você voltar a sorrir.

— Lorenzo, eu...

— Não, deixa eu terminar de falar. Não precisa me responder agora. Prometo que não vou forçar a barra, mas não posso mais esconder nem negar o que estou sentindo por você. Agora, depois de saber de tudo pelo que você passou, eu me sinto ainda mais apaixonado.

— Não quero te magoar, não quero que crie falsas expectativas.

— Quem decide isso sou eu, não é mesmo? Mas faremos assim: vou te dar um tempo para que pense. Hoje é domingo; se sua resposta for sim, me encontre às 20h na quarta-feira em frente ao cinema da cidade. Estarei lá esperando por você. Se você não aparecer, vou entender que sua resposta é não.

— E-eu não posso, eu...

— Não diga não antes de pensar. Vamos ver se isso te ajuda a decidir.

Ele se aproximou de mim, pegou em meu rosto e me beijou. Um beijo lento, sem pressa. Era diferente, senti sua língua se enroscar na minha e meu coração bateu mais rápido naquele momento. Eu sabia o que aquilo podia significar e, sim, eu estava com medo, mas, ainda assim, eu não queria interromper o beijo.

Todavia, ele mesmo se afastou. Assim que terminou de me beijar, afastou-se e me deu uma piscadinha de olho, dizendo que não falaria comigo até a quarta-feira à noite. Ia resistir à tentação para que eu sentisse sua falta e dissesse

“sim”.

Nem consegui tomar café da manhã depois daquele beijo, corri para minha casa e encontrei Rafaela e Sophia sorridentes, olhando-me com *aquelas caras* e dizendo que minha noite pelo visto tinha sido boa.

— Ai, como vocês são bobas. Eu contei toda a minha história para o Lorenzo. Quando me dei conta, já estava muito tarde, e ele pediu que eu passasse a noite na casa dele.

— E...?

— E nada! Eu apenas dormi lá.

— Só isso? Não, nos conte mais. O que ele te falou? Ficou horrorizado com sua história? Desistiu de você?

— Não. Ele me pediu em namoro...

— E você aceitou? — minha irmã inquiriu já com brilho nos olhos e toda esperançosa.

— Ele me deu até quarta-feira à noite para dar uma resposta.

— E você vai aceitar?

— Eu vou pensar. Como você já sabe, minha irmã, não me sinto preparada.

— Você sabe que está. E sabe que sente algo diferente por ele.

— Eu tenho tanto medo.

— Medo de quê?

— De acontecer tudo de volta. De sofrer, de perder de novo. Eu não vou aguentar.

— Minha irmã, nós só temos certeza de uma coisa, que todos nós um dia partiremos dessa vida. Nada é garantido. Você não pode deixar de amar outra vez por medo de perder. Isso é um fato da vida. Não podemos prometer que viveremos eternamente, pois isso não é verdade. Apenas viva o momento. Deixe seu coração falar mais alto e seja feliz pelo tempo que for.

Eu subi até meu quarto, tomei um banho e, à tarde, como não tinha ido à missa de manhã, fui conversar com meu velho amigo padre Luiz. Contei-lhe tudo o que acontecera.

— Deus te enviou um anjo. Lorenzo é um belo rapaz. Ele vem às vezes à missa aos sábados à noite. O pequeno André começará a catequese na próxima semana. Acho que vocês formam um belo casal.

— Tenho tanto medo, padre...

— Minha amiga, eu entendo, mas esse medo que você sente é vão. É coisa do inimigo, que só quer te puxar para baixo. E tem mais, você sente algo por ele, não sente?

— Sim, mas não sei o que isso significa.

— Emily, não pense. Apenas ouça o seu coração. Se não aceitar, pode se

arrepender de perder a oportunidade que Deus está te dando.

Na segunda-feira, como prometido, o Lorenzo sequer apareceu em frente à minha casa. Quando cheguei à escola, ele já havia chegado e já estava em sua sala de aula. O pequeno André parecia não saber de nada, veio até mim para me perguntar se eu havia brigado com o seu pai.

Na hora do almoço, o Lorenzo nem veio sentar-se ao meu lado, como fazia, sentou-se a uma mesa, ao lado do Mathias, que parecia estar conseguindo conquistar finalmente a Mariana.

Eu não conseguia parar de olhar para ele na hora do almoço, e ele nem disfarçava também, ficava me olhando com aqueles olhos azuis atrás das lentes dos óculos de leitura.

Assim que terminei de almoçar, fui levar minha bandeja até a cozinha, quando senti um braço roçar no meu. Era ele, que pigarreou e disse:

— Como vai, Emily?

— Bem, obrigada, professor. E você, como vai?

— Ansioso para a chegada da quarta-feira. Até mais, professora.

— Até, professor.

Cada simples gesto dele estava mexendo comigo, eu não conseguia parar de sorrir, estava parecendo uma adolescente boba.

No fundo do meu coração, eu já sabia a resposta. Mesmo que ainda o medo me dominasse, estava nascendo dentro de mim um sentimento totalmente novo, conhecido, mas diferente da primeira vez. Não sabia se era tão intenso, mas os sentimentos nascem e crescem com o tempo. Contudo, já era nítido que meu coração estava se abrindo para Lorenzo. Eu já não era só sofrimento e dor.



*Me dê uma chance, posso te mostrar
Que meu amor não vai te machucar
E tudo o que eu mais quero nessa vida é você...*
– **Onze:20**

Então a noite de quarta-feira chegou. Eu estava nervosa. Deu-me dor de barriga de ansiedade. Eu não sabia o que vestir, o que fazer ou o que falar. Sophia e Rafaela quase tiveram um ataque quando eu lhes disse que minha resposta seria sim, que eu iria tentar, mas o Lorenzo teria de ter paciência e calma, já que, para mim, era como começar do zero.

Enquanto eu tomava banho, elas fuçavam em meu guarda-roupa para

escolher um traje decente para um encontro.

A noite estava fresca, fazia um calor gostoso típico da primavera. Quando saí do banho, elas me vieram com a roupa escolhida para o encontro. Era um vestido azul-claro, com mangas curtas e decote em V que fazia anos que eu não usava e nem sabia se iria me servir novamente, mas, de tanto elas insistirem, vesti-o, e, por incrível que pareça, ele serviu perfeitamente. Ficou até um pouco frouxo na cintura, e minha sobrinha colocou um cinto combinando para ele ficar mais justo. Eu estava tremendo de nervosismo.

— A-acho que não vou mais.

— Ah, você vai, sim, senhora!

— Mas eu não sei mais como fazer isso. Não sei o que fazer quando chegar lá. Não sei como me comportar.

— Essas coisas são como andar de bicicleta: uma vez que você aprende, nunca mais esquece.

— Será que é a coisa certa a fazer?

— Claro que é.

Minha irmã me emprestou seu carro, e segui em direção ao cinema da cidade. Lorenzo tinha marcado às 8h da noite, mas, com todo o meu nervosismo e demora para me arrumar e com a falação de minha irmã e minha sobrinha em meus ouvidos, saíra atrasada.

Estacionei o carro do outro lado da rua e, quando olhei para o relógio, já eram 8h45. Gelei. Lorenzo já teria ido embora e desistido, achando que eu não iria? Olhei para o meu celular dentro da bolsa, mas não havia nenhuma mensagem, nem ligação.

Segui rumo à entrada do cinema, e eu tremia, mesmo não estando com frio. Será que ele esperaria aquele tempo todo por mim ali? Ao chegar, não o encontrei. Olhei ao redor, mas nem sinal dele.

Como eu sabia que o atraso era meu, na manhã seguinte iria conversar com Lorenzo e, se ele me desse a chance, eu diria sim, caso ele já não tivesse desistido.

Cabisbaixa, comecei a voltar para onde havia estacionado o carro. Escutei um “Emily, espere” e, quando olhei para trás, vi-o. Lorenzo estava com uma calça jeans escura, uma camisa social preta, sem os óculos, com um buquê de rosas numa das mãos e um saco de pipocas na outra.

— E-eu pensei que...

— Eu sabia que você viria. Fui comprar um pacote de pipocas, já estava ficando com fome. Ficaria esperando até a meia-noite se fosse preciso.

— Essas flores são para mim?

— Ah, sim. São, sim. Falei que lhe daria flores especiais em uma data

especial.

— São lindas, obrigada.

— Nunca duvidei de que você viesse. Eu sei que é você, Emily, eu sei...

— Schiu, professor. Sabe qual é o seu problema? Você fala demais!

E, não resistindo mais ao que meu coração pedia, aproximei-me dele e tomei a iniciativa de beijá-lo. E foi o melhor beijo que eu poderia dar em minha vida, pelo menos naquela nova que estava começando.

Senti que ele sorria ao corresponder ao meu beijo. Abraçou-me forte, derrubando até seu saco de pipocas.

— Você derrubou...

— Deixa para lá, eu compro outro; é só pipoca!

E voltou a me beijar. Meu coração disparava, e eu me sentia como uma adolescente boba. Assim que nos beijamos, eu sabia que minha vida estava prestes a mudar. Senti-me até mais leve.

Depois que nos beijamos longamente, fomos escolher um filme para assistir, e Lorenzo comprou outra pipoca para nós.

Eu parecia realmente uma adolescente. Trocamos beijos durante o filme, ficamos de mãos dadas. Eu nunca imaginara fazer aquilo novamente na minha vida.



Lorenzo

Sentir minha mão entrelaçada à de Emily era algo que eu sonhava desde que a conhecera. Parecia que uma corrente elétrica percorria todo o meu corpo. Era a sensação mais maravilhosa que eu poderia sentir. Sua mão era macia e delicada, como eu já imaginava.

Eu sabia que ela estava dando um grande passo ao me dar aquela chance e eu faria de tudo para que ela fosse feliz. Vê-la sorrir era meu maior objetivo. Não teria pressa. Sabia quanta dor ela carregava em seu coração. Sabia de tudo o que ela havia passado; por essa e várias outras razões eu me apaixonei por ela.

Após o filme, acompanhei-a até onde Emily havia estacionado o carro da sua irmã, e minha vontade era de não a largar nunca mais.

— Tem mesmo que ir?

— Você sabe muito bem que sim. Temos aula cedo amanhã.

— Tem certeza de que eu não estou sonhando? Você está realmente aqui comigo?! Você realmente será minha namorada? — perguntei todo empolgado. Eu estava parecendo um moleque bobo apaixonado.

— Você não está sonhando, não. E, sim, sou sua namorada a partir de hoje!

Ela me deu um selinho casto, e eu a puxei para mim, dando-lhe um beijo longo. Ela entrou no carro e partiu. Eu entrei no meu e segui para casa rindo à toa.

Paguei a Aline, uma babá recomendada pela diretora Ana, e fui dar uma olhadinha no meu filhote. André dormia profundamente, um sono sereno e terno.

Tomei um banho e adormeci ainda sorrindo de orelha a orelha. Eu estava namorando a Emily!

Na manhã seguinte, levantei-me cedo, fiz café da manhã, acordei o André e, como sempre, após nos arrumarmos e comermos, pegamos nossas bicicletas para ir para a escola. Claro que, antes disso, passei pela casa da Emily e a chamei. Ela logo saiu com seus livros e pastas nas mãos e, quando me viu, deu uma risada.

— Bom dia, namorada! E agora? Aceita minha garupa?

Sorri para ela e dei dois tapinhas na garupa da minha bicicleta, e ela veio até nós sorrindo de uma maneira que eu ainda não tinha visto. Era tão lindo vê-la sorrir. Emily primeiro deu um beijinho no rosto do André e depois veio até mim, deu-me um selinho casto e subiu na minha garupa enquanto eu via sua irmã e sua sobrinha à porta de casa, sorrindo.

Senti-a abraçar minha cintura e segui pedalando para a escola.

Durante o café da manhã, eu já tinha conversado com meu filho, que ficara muito feliz por nós, até porque ele adorava a professora Emily.

Assim que chegamos à escola, era nítida a curiosidade de todos. Fiz questão de entrar no prédio e na sala dos professores de mãos dadas com a minha namorada. Todos nos olhavam, até que a diretora nos chamou até a sua sala.

— Fico feliz por vocês dois, é sério. Mas espero não ter problemas com isso.

— Ana, não se preocupe, nossa relação não irá atrapalhar nosso desempenho profissional. Nós não...

— Emily, não tenho dúvidas disso. Mas ainda assim me preocupo e espero que sejam cuidadosos.

— Seremos.

— Ai, sejam felizes. Formam um casal lindo, e Emily, é tão bom vê-la sorrir. Está até mais bonita e jovem.

— Obrigada.

Percebi que a Emily ficou meio envergonhada, mas, agora que eu tinha a chance de tê-la ao meu lado, não a soltaria nunca mais.



*Temos muito a aprender
Deus sabe que somos dignos
Não, eu não desistirei*
– **Jason Mraz**

E assim o resto da semana se passou, conosco seguindo nossa rotina. No sábado a Rafaela, irmã da Emy, convidou-me para almoçar com elas, o que eu aceitei de imediato.

No horário combinado, eu cheguei com o André, que logo ficou brincando com o cachorro que eu havia adotado para ele um tempo atrás. Perguntei se eu poderia ajudar de algum modo, mas ninguém me deixou fazer nada. Não vi

minha namorada ali e logo perguntei onde Emily estava. Rafaela me indicou a escada e me pediu para subir, dizendo que a porta do quarto de Emy era a segunda à esquerda.

Subi as escadas e, como não sabia se podia entrar logo, bati à porta e a abri assim que escutei um “pode entrar”. E lá estava ela. Minha namorada estava secando o cabelo. Usava um short jeans e uma camisa branca. Estava simples, mas linda.

— Nossa, namorado, já chegou?

— Já. Sou superpontual. Você está linda.

— Para, você vai me deixar mal-acostumada.

Peguei em suas mãos, virei as palmas para mim e dei um beijo em cada uma das tatuagens em seus pulsos. Ela me olhou com estranheza, mas logo abriu aquele sorriso que iluminava meus dias.

— Precisamos arrumar um apelido um para o outro — comentei. — Não dá para ficarmos nos chamando de namorado e namorada o tempo todo.

— Sou péssima com apelidos, mas posso pensar em alguma coisa.

Ela veio em minha direção, colocou os braços em volta do meu pescoço e me deu um beijo longo. Eu a envolvi com os meus braços e senti cada célula do meu corpo responder a ela. O beijo, de calmo e doce, passou a urgente e cheio de desejo. Eu sentia que algo logo abaixo da minha cintura estava querendo dar sinais de vida, mas, logo que baixei um pouco a mão e dei um apertão de leve em seu bumbum, Emy logo interrompeu o beijo e se afastou.

— Desculpe, Lorenzo. Mas precisamos ir com calma.

— Claro, sim, eu entendo. Me perdoe, tá? Tudo no seu tempo.

— Ei, os pombinhos aí em cima podem parar de namorar? Desçam, que o almoço já está na mesa! — Rafaela gritou lá debaixo.

Emily deu aquele sorriso pelo qual eu já era apaixonado, e eu estendi minha mão para pegar na sua. Descemos para almoçar.

Era incrível como a Emy era atenciosa com o meu André. Ela o fez lavar as mãos para almoçar e fez o seu prato. Às vezes eu me esquecia de que ela já havia tido um filho. E esse tipo de coisa, ela jamais esqueceria.

Após o almoço nos sentamos na escada em frente à casa dela, observando o André tentar jogar vôlei com a Sophia e os amigos adolescentes dessa. Ele era pequeno, mas os garotos gostaram dele e curtiram a brincadeira.

Emily fazia carinho em minhas mãos quando senti em meu bolso meu celular vibrar e logo começar a tocar. Ela me perguntou se eu não ia atender, mas eu já sabia até quem seria. Eles sempre me ligavam para confirmar tudo. Poxa, eu sabia que era uma ordem judicial, mas odiava ter de passar o Natal longe do meu filho. Pedi licença para Emy e fui atender o celular dentro da casa dela.

— Olá, Hermínia. Como vai?
— Eu estou bem, e como vai nosso menino?
— Está ótimo. Se adaptou bem a Esperança e fez muitos amiguinhos aqui.
— E como está sua vida?
— Estou seguindo em frente. A vida continua.
— Sim, desejo que você seja feliz, Lorenzo. Não desejo seu mal.
— Eu sei. Agora vamos direto ao ponto. A senhora quer saber se está tudo certo para o André ir para São Paulo passar o Natal com vocês, não é?
— Não se sinta ofendido, Lorenzo. Sabe que temos direito. É ordem do juiz. Somos os avós do André e queremos tê-lo por perto.
— Faz dois anos que não fico com meu filho no Natal.
— Você o terá no Réveillon. Sabe disso. É apenas uma semana. Estamos com tanta saudade.
— Ele passa também metade das férias de julho com vocês.
— Sim, mas ainda assim é pouco. Então está tudo certo? Ele passará a semana do Natal conosco? Você irá trazê-lo? — perguntava já com medo de que eu dissesse que não o levaria, mas que escolha eu tinha?
— Como sempre, Hermínia.
— Deus o abençoe, meu filho.

Hermínia era a mãe de Lisandra. Eu sabia que ela sentia falta do André, e meu filho também era muito apegado aos avós, tanto os paternos quanto os maternos, mas poxa, passar mais um Natal longe do meu filho acabava comigo.

No entanto, eu fazia isso pela Lisandra e pelo André. Meus ex-sogros a sentiam por perto quando o neto estava com eles. Quando ela era viva, eles moravam perto da gente e conviviam muito com o André, e o meu filho também sentia a falta deles. Então, mesmo triste com a situação, eu o levava.

Tentei não demonstrar meu desânimo para Emy, mas ela parecia já me conhecer.

— Está tudo bem?
— Está, sim... É só a mãe da Lisandra... Ela sempre liga na primeira ou na segunda semana de outubro para confirmar se vou levar o André para passar o Natal com eles. Acho que liga tão cedo para ter tempo de acionar a justiça se eu disser que não; foi decidido na justiça que meu filho tem de passar a semana do Natal e metade das férias do meio do ano com os avós maternos.
— Você também passa o Natal com eles?
— Não, normalmente, nesses dois anos depois da morte da Lis, eu passei o Natal e a virada do ano sozinho porque não tinha ânimo para festas.
— Nossa... E eu reclamo porque todo ano preciso enfrentar a festa de virada de ano novo na casa dos meus pais, que é sempre muito cheia de gente, e a

maioria me olha estranho, pensando em como vou tentar acabar com minha vida de novo, não me deixam sozinha nem por meio segundo... Enfim, é um caos.

— Passaria a noite de Natal comigo? Só nós dois?

— Hum... se eu não tiver planos melhores... — Olhei-a sério, mas sabendo que ela estava brincando. — Claro. Eu adoraria.

Talvez agora eu não estivesse mais sozinho. Entretanto, para o Natal faltavam uns dois meses e meio, e até lá muita água ia rolar. Não que eu não estivesse seguro com relação aos meus sentimentos pela Emily, mas não sabia se ela se sentia segura com relação ao que sentia por mim.

Porém, eu não queria ficar sofrendo nem me preocupando por antecipação. No fim as coisas se ajeitam sempre.



*Pode-se ter saudade dos tempos bons
Mas não se deve fugir ao presente
– Michel de Montaigne*

Eu estava feliz. No domingo de manhã fui à missa e, como de costume, assim que a mesma acabou, fiquei para ajudar o padre Luiz a limpar a igreja, e ele logo veio com aquele sorriso, perguntando-me:

— Minha amiga, pelo seu sorriso, você finalmente abriu seu coração para o professor Lorenzo, não foi?

— Sim. Estou tentando, padre. Eu gosto muito dele. Não sei dizer o que sinto, mas é de verdade, vem daqui de dentro do meu coração. Ele não me olhou de forma estranha nem com pena depois que lhe contei tudo o que aconteceu

comigo, depois de tudo o que fiz contra mim mesma.

— Deus sabe o que faz, eu lhe disse. Agora vem cá me dar um abraço! Como estou feliz por você, minha amiga! Não imagina como sonhei com este momento.

Abracei-o e sorri. Na verdade, Deus estava me dando uma segunda chance, e eu tinha de aproveitar cada minuto da minha vida em honra a tudo que eu vivera com Heitor e a tudo o que meu filho não pudera viver.

Depois da limpeza da igreja, passei a tarde na casa do Lorenzo. Almoçamos juntos. Dessa vez ele fez o almoço em sua casa, e eu limpei a cozinha depois, nada mais justo. Ficamos sentados no sofá da sua sala conversando e vendo TV enquanto o André brincava lá fora.

Aproveitando que estávamos a sós, Lorenzo começou a me beijar. Eram beijos mais quentes, nos quais sua língua explorava toda a minha boca e eu sentia seu gosto. Senti sua mão descer do meu rosto para o pescoço e ir devagar para o meu seio. O beijo estava bom, mas quando senti a proximidade de sua palma em meu busto, mesmo por cima da camiseta, eu travei. Não que meu corpo não ansiasse por seu toque, mas eu não estava preparada para dar aquele passo. Não fazia nem uma semana que estávamos juntos. Na verdade, não era pelo tempo, pois éramos adultos, viúvos, mas eu não sabia se iria conseguir me entregar totalmente a ele. Pelo menos, não naquele momento. Eu precisava de mais tempo.

— Professor, melhor acalmar os ânimos.

— Desculpe. Eu sei que é cedo demais. Mas é que você beija tão gostoso, e faz tanto tempo que eu não...

— Eu entendo, Lorenzo. Você é homem e, se puder esperar, eu prometo que vou tentar, mas preciso de mais tempo.

— Claro. Emy, vou te esperar o tempo que for. Eu estou apaixonado por você e respeitarei sua vontade. Tudo no seu tempo.

Beijei sua boca de um modo delicado e fiquei com vergonha. Vergonha, sim, porque, de certa forma, era como se ele fosse meu primeiro namorado. Não deixava de ser. Depois de mais de quatro anos casada com o Heitor, então pouco mais de oito anos sozinha e querendo desaparecer, eu me sentia estranha. Todavia, sabia que não poderia demorar. Afinal, Lorenzo era um homem, e homens sentem falta dessas coisas muito mais que nós, mulheres.

Sem saber onde enfiar minha cara, eu disse que ia para casa.

— Mas já?

— Preciso corrigir umas provas para dar a nota para os alunos depois de amanhã — menti descaradamente.

— Está bem, minha linda. Nos vemos amanhã, então. Te adoro, você mora

no meu coração.

— E você se tornou um pedaço do meu. Te adoro.

Dei um selinho de despedida em seus lábios e me despedi de André, que brincava com seu cachorro no quintal. Como eu gostava daquele garoto... No modo de ser, eu acreditava que, se o Miguel tivesse tido chance, ele seria do jeitinho do André.

Voltei para casa meio desanimada. A Rafa estava na casa do namorado, e a Sophia, na casa da sua amiga. Eu estava sozinha em casa. Se antes era algo que eu gostava e preferia, agora era estranho. Tomei um banho e fiquei na sala assistindo à TV. Contudo, o Lorenzo não saía do meu pensamento. Recordava como ele era gentil, carinhoso comigo.

Acabei cochilando no sofá sem perceber. Acordei assim que a Rafa chegou, toda alegre, cantando pela casa. Até ela parecia mais feliz depois que eu começara a namorar Lorenzo.

Aproveitando que a Sophia não estava em casa e que estávamos só nós duas, chamei-a para conversar sobre certos assuntos.

— Rafa, preciso de conselho.

— Ah, não, não vai me dizer que já quer terminar o namoro!

— Não, não é nada disso. Pelo contrário. Lorenzo é um homem muito carinhoso, mas enfim... estamos juntos há quatro dias, e hoje, no sofá da sala dele... ele veio com uma mão boba, nada demais. Ele é homem, não levei a mal, mas não sei se me sinto preparada para dar esse passo.

— Ai, que linda! Você está parecendo a Sophia, sabia? Tudo parece a primeira vez na sua vida.

— E é realmente como se fosse, Rafa. Não brinca. Estou falando sério. Falei a ele que preciso de mais tempo, mas tenho medo desse tempo ser longo demais e ele desistir de mim.

— Senhor! Quanta insegurança, minha irmã. Lorenzo está apaixonado por você. A gente vê isso dentro dos olhos dele. Vocês dois são lindos juntos. Não pense coisas assim dele. Tenho certeza de que, se ele é apaixonado assim como demonstra, vai esperar seu tempo. Ele vai te respeitar, e duvido muito que ele vá desistir de você só por isso.

— Eu gosto tanto dele. Hoje no sofá me deixei levar pelos seus beijos. É muito diferente de como era com o Heitor, além disso, eu era adolescente quando começamos, agora eu sou uma mulher, mas não sei como agir nem como me portar na frente de Lorenzo. Ele fica me olhando com aqueles olhos azuis, e é como se eu pudesse ver o universo ali dentro. Ele é tão...

— Ai, para! Irmã, você está realmente apaixonada por esse homem. Mas para de neuras. As coisas vão acontecer naturalmente, você verá. Não fique

criando chifres em cabeça de cavalo. Tudo virá no devido tempo.

Minha irmã era simplesmente a pessoa em quem eu mais confiava em toda a minha vida. Eu era uma mulher de sorte por ela ser minha irmã. Ela me entendia como ninguém.

O jeito era esperar o tempo passar. Não havia nada que ele não resolvesse, agora eu sabia disso. Era tudo novo para mim. Eu não pensava mais com tanta tristeza em Heitor e Miguel. Ao contrário, o que sentia agora era só aquela saudade, saudade do cheirinho do meu “Patetinha”, do sorriso do meu Heitor, mas isso não significava que eles deixariam de ser fundamentais em minha vida, porque jamais deixariam de ser. Eles sempre seriam parte de mim, parte de quem eu era. Meu luto podia finalmente ter acabado, mas a ferida sempre estaria dentro do meu coração, porém, agora eu escolhera seguir em frente e ser feliz, viver tudo o que Deus estava planejando para minha vida. Era hora de parar de chorar.



Passaram-se duas semanas. O domingo da próxima semana seria uma das datas mais sofridas para mim, dia 2 de novembro, Dia de Finados, feriado nacional quando os mortos eram homenageados e era uma tradição os túmulos receberem visitas de familiares, que levavam flores, rezavam. No entanto, em oito anos, eu nunca tivera a coragem de ir até o cemitério de Curitiba visitar o túmulo dos meus amores. Tentara ir uma vez, mas não conseguira passar da porta do cemitério. Era como admitir que Heitor e Miguel não mais existiam, que eu não os veria nunca mais, que eles haviam me deixado. Eu sabia no fundo do meu coração que era bobagem, que eu já não os tinha mais perto de mim, mas mesmo assim, encarar o lugar onde os corpos físicos deles haviam sido enterrados seria como se eu aceitasse o que não estava preparada para aceitar.

Na época, quem havia pago o sepultamento tinha sido meu pai. Fora minha mãe quem escolhera tudo, desde os caixões até o túmulo, que eu desconhecia, e toda vez que minha irmã tocava no assunto, dizendo quão bonita tinha ficado sua lápide, eu mudava de assunto.

Todavia, agora minha realidade era outra. Eu estava tentando fazer com que não doesse tanto, tentando deixar a memória deles em paz, fazer com que eles se orgulhassem de mim ao ver que eu realmente estava tentando levar uma vida normal e recomeçar de novo. Amar e me deixar ser amada novamente.

Foi na volta do trabalho para casa, na sexta-feira, que fiz aquele convite ao Lorenzo.

— Ir com você para Curitiba?

— Sim... É a cidade onde o vovô Jojo nasceu, e foi lá que meu marido e meu filho foram enterrados. Sei que você deve querer ir até São Paulo visitar o túmulo da sua esposa e de sua bebê, mas eu queria tanto você comigo. Eu nunca fui visitar os túmulos deles, nunca tive forças para isso. Era como encarar de frente toda aquela dor novamente, sabe? E eu não sei como será minha reação. Queria ter você ao meu lado para que eu pudesse me sentir com mais coragem.

— Emy, eu sempre visito o túmulo de Lisandra, independentemente se é Dia de Finados ou não. Então é claro que eu vou com você. E vou te abraçar e secar as lágrimas que você deixar cair.

— Obrigada! Eu não sei se vou conseguir, mas com você comigo, eu sinto mais segurança.

E era verdade. Eu tinha medo de como reagiria. Com o Lorenzo ao meu lado talvez eu ficasse mais corajosa, não sei. Assim, combinamos de sair no domingo às 6h da manhã. Fomos no carro dele. Eu estava com o meu coração na mão, mas sabia que precisava fazer aquilo, devia aquilo ao Heitor e ao Miguel.

Lorenzo pareceu perceber meu nervosismo, pois me deu a mão durante o caminho.

— Se quiser chorar, quiser fazer qualquer coisa, pode contar comigo, está bem? Eu estarei com você.

Dei um sorriso para ele, e não falamos mais nada durante todo o caminho. Ao chegarmos à frente do cemitério, eu sentia um tremor em minhas pernas, um aperto no peito. Mesmo assim passamos na floricultura ali em frente, e comprei dois buquês de flores brancas para levar para o túmulo.

Passamos pela entrada do cemitério, e apertei ainda mais a mão do Lorenzo, que não largava a minha nem por um decreto. E fomos em direção ao jazigo, cuja localização minha irmã havia me indicado.

E já no corredor o vi. O túmulo se destacava por ter uma imagem de um anjo gigante acima, todo em mármore preto. Realmente era uma sepultura muito bonita. Ao chegar à frente dela, chorei ao ver a foto do meu marido e a do meu “Patetinha”. Minha mãe escolhera uma fotografia em que ele estava sorrindo muito. Ele sempre dava aquele sorrisinho quando o pai lhe fazia cócegas na barriga. Fui invadida pela saudade e me ajoelhei ao lado da lápide, passando a mão pelas escrituras em baixo-relevo ao lado dos nomes de Heitor e Miguel.

Heitor Soares Carvalho – 14/09/1983 + 08/05/2006 – Marido amado, homem de honra, deixa saudades. De tanto que amou o filho, não pôde deixá-lo partir só. Cumpru sua missão. Descanse em paz. A saudade é uma dor que fere nos dois mundos.

Miguel Soares Carvalho – 20/03/2002 + 08/05/2006 – Filho adorado, a dor de tê-lo perdido não deve fazer-nos esquecer a alegria de tê-lo tido conosco e a esperança de reencontrá-lo.

Beije as fotos dos dois e coloquei os buquês em cima do túmulo. Fiz uma oração ainda de joelhos ao lado dele. O Lorenzo estava em frente ao túmulo, em pé, rezando. Agradei por ter um anjo como ele na minha vida. Cada vez mais eu me apaixonava por ele, que simplesmente estava se tornando uma das partes mais importantes da minha nova vida.

Assim que terminei minha oração, beijei novamente as fotos no túmulo, caminhei até Lorenzo e lhe dei um abraço forte enquanto as lágrimas ainda escorriam por meu rosto. Senti que ele me abraçou ainda mais forte.

— Chore, pode chorar, mas não esqueça que agora eu estou aqui. Eu sempre estarei aqui! — Ele me fez olhar para seu rosto e enxugou minhas lágrimas. — É um túmulo muito bonito.

— É, sim...

Além do Heitor e do Miguel, estava enterrado ali também o Vovô Jojo. Eu nem sabia, notei depois uma foto perto da do Heitor.

Assim que pedi ao Lorenzo para irmos embora, eis que encontrei a dona Eloísa lá. Ela me parecia tão diferente. A última vez que a havia visto, tinha sido na festinha de aniversário de quatro anos do Miguel, quando ela tinha ficado uns dias em minha casa. Depois do que acontecera, eu nunca mais a vira nem tivera contato com ela. Ela me olhou e quase não me reconheceu.

— E-Emily? Emily, é você mesmo, minha filha?

— Sou eu, sim, dona Eloísa.

— Jesus Amado, que saudade de você, minha menina! Vem aqui, me dá um abraço.

Quando o acidente acontecera, depois que eu acordara do coma, não tivera coragem de olhar nos olhos daquela mulher. Ela também devia ter sofrido bastante, pois havia perdido o filho e o neto. Porém, eu estava tão cega em minha dor que nunca quisera ir procurá-la. Eu soube que ela vivia ligando para minha mãe, perguntando como eu estava, mas eu não queria conversar com ela; bastava aguentar minha dor, não gostaria de ver a dela, o que fora puro egoísmo da minha parte.

Ela me deu um abraço tão carinhoso, ficou emocionada e lágrimas escorreram de seus olhos.

— Finalmente você conseguiu vir. Tomou coragem. Filha, fico tão feliz de ver você reagindo. Ficou ótima com o cabelo curto.

— A vida não foi nada fácil para mim, dona Eloísa, depois daquele maio de

2006. Desculpe-me por não a ter procurado.

— Imagina, filha. Eu soube pela sua mãe tudo sobre a sua luta e seu sofrimento e depressão. Sei que não deve ter sido fácil mesmo. Perder um filho é uma dor que só quem é mãe sabe.

— É uma dor que nunca se cura.

— E quem é o rapaz bonito?

— Ah, que descuido o meu. Eloísa, esse é meu namorado, Lorenzo.

Ela o olhou surpresa, mas logo me fitou com ternura.

— Fico feliz que esteja finalmente reagindo depois de tantos anos. Tenho certeza de que o Heitor deve estar orgulhoso de você. Você está morando aqui na cidade?

— Não, apenas vim visitar o túmulo hoje... trazer flores... É a primeira vez que venho, então...

— Eu voltei a morar aqui. Saí de São Paulo pouco depois da morte do meu pai. Vocês não querem ir almoçar conosco? Sei lá, conversar um pouco. O que me dizem?

Olhei para o Lorenzo, e ele falou que, se eu quisesse, poderíamos ir. Ele achava que era uma ótima ideia. Então saímos juntos do cemitério e fomos até a casa onde a dona Eloísa estava morando, e a ajudei a fazer o almoço enquanto Lorenzo conversava com o novo marido dela e o seu genro. Uma das suas filhas, irmã do Heitor, havia se casado e já era mãe de uma menina.

— Meu filho te amava, minha querida. E você também o amou muito. Tenho certeza de que ele deve estar orgulhoso por saber que você está seguindo em frente, assim como eu.

— Eu conheci o Lorenzo em Esperança... Faz algumas semanas que começamos a namorar... Foi difícil... Fiquei esses oito anos num luto interminável. E ainda dói.

— Sempre vai doer. Mas não podemos deixar que a dor nos consuma. Precisamos seguir em frente.

Tivemos um almoço tranquilo, e conversamos bastante. Através da conversa, eu soube também da dona Leonora, tia do Heitor e irmã da dona Heloísa, que morava não muito distante e continuava com seu mercadinho. Agora dona Eloísa ajudava a irmã, como eu fizera no passado. Eu também evitara contato com ela – egoísmo de minha parte, mas um meio de evitar ainda mais a minha dor.

A dona Eloísa quase chorou ao se despedir de mim. E prometi lhe ligar e a visitar com mais frequência. Ela se despediu do Lorenzo e cochichou alguma coisa em seu ouvido, ao que ele sorriu e disse “pode deixar”.

Quando voltávamos para casa, eu lhe perguntei o que a dona Eloísa tinha

falado, e ele respondeu que ela lhe pedira que ele cuidasse bem de mim, porque eu era uma menina de ouro e merecia ser feliz.



Fazia cinco semanas que estávamos namorando. Num sábado, logo após o café da manhã, Lorenzo veio me convidar para dar uma volta de bicicleta. Fomos só nós dois, e ele levou uma cesta de piquenique junto.

Paramos no parque da cidade. Era um lugar tranquilo, onde muitos namorados iam para conversar, fazer piquenique, descansar. Sentamo-nos na grama verde, e Lorenzo logo estendeu uma toalha e foi tirando as coisas da cesta: sanduíches naturais, suco de laranja, frutas. Ele se sentou, encostando-se a uma árvore, e me pediu para me sentar entre suas pernas e me recostar nele. Fiz como ele pediu, e ficamos assim, grudados, olhando as árvores em volta e conversando sobre o futuro.

— Você pode me achar meio louco, mas eu sabia que esse momento chegaria, que você aceitaria ser minha namorada.

— Você pode ser louco, Lorenzo, mas é o louco mais lindo, romântico e o namorado mais paciente do mundo. Eu tenho sorte de ter esbarrado com você nesse caminho de nossas vidas.

Ele pegou minha mão e a levou até sua boca, depositando um beijo quente ali e me fazendo me desmanchar de amor por ele.

— Acho que fomos destinados um para o outro. Eu acho que me apaixonei por você desde a primeira vez em que meus olhos grudaram nos seus, naquele dia na escola.

— Não posso dizer o mesmo. Mas confesso que você de algum modo mexeu comigo, com esses olhos azuis e esse jeito brincalhão.

— Eu sei que sou irresistível.

— Convencido!

— Estou brincando, linda.

— Se bem que a Mariana até tentou...

— É... Mas nenhuma outra mulher dessa ou de outra cidade teria chance, só você. Não sei como, mas já sinto algo tão grande por você, Emy, que não tenho como te explicar em palavras.

Eu sorri e o beijei. Não tinha como eu não me apaixonar por ele. Cada gesto, cada palavra de carinho tocava profundamente meu coração.

O tempo estava fechando para chuva, então decidimos voltar logo. Lorenzo recolheu nosso piquenique, e fomos para sua casa.

Estávamos sozinhos, pois o André estava na casa da Dudinha junto com

mais quatro amiguinhos. O pai dela havia decidido fazer um churrasco especial, e os melhores amigos de sua filha foram convidados.

Sentei-me no sofá da sua sala, e, como estava calor, Lorenzo veio até mim sem camisa e se deitou com a cabeça em meu colo. Ele me olhou diretamente nos olhos, ergueu-se um pouco e começou a me beijar. Era aquele tipo de beijo quente, através do qual você sabe que a pessoa está ali inteira para você, cheia de desejo. Por um momento eu me deixei levar, mas quando ele se sentou sem desgrudar os lábios dos meus e tentou tirar minha camiseta, eu simplesmente travei novamente e o afastei.

— M-me desculpe. Eu não consigo. Não sei o que está acontecendo comigo. Não que eu não sinta vontade, mas... é tudo tão novo para mim.

— Tudo bem, Emy. Eu já disse que espero o seu tempo. Mas agora acho melhor eu ir tomar um banho de água fria e esfriar o meu amigo aqui embaixo, sabe?

— É melhor eu ir para casa.

— Não quero que vá.

— Mas eu acho melhor ir. Nos vemos amanhã.

Dei-lhe um beijo casto, mas podia sentir toda a sua frustração com minha negação. Fazia cinco semanas que estávamos juntos. Não que fosse tempo demais, nem tempo de menos, mas ele era um homem, tinha necessidades... Eu estava ficando insegura e com medo de que talvez ele perdesse a paciência comigo. Tentei não pensar mais nisso, ou acabaria ficando louca.



22

Tudo no seu devido tempo

LORENZO

*Tudo acontece no seu tempo.
Tudo acontece, exatamente,
Quando tem de acontecer.
– Guns N' Roses*

Eu precisava me controlar, ou melhor, controlar meu desejo infinito de levar Emily para a cama. Na verdade, não era apenas isso. Eu queria fazer amor com ela. Cada parte do meu corpo ansiava por isso. Quando eu a beijava, meu corpo respondia a esse desejo. Todavia, eu precisava me conter, ela ainda não estava preparada.

Eu tinha chegado até a cogitar a ideia de que Emily travava porque não

gostava de mim o suficiente para deixar acontecer. Contudo, não era isso. Era que talvez, de certa forma, fosse estranho para ela, já que seu falecido marido tinha sido seu primeiro e único homem. Eu precisava de paciência para provar a ela que eu já a amava de uma forma tão grande e sincera que esperaria a sua hora, o seu tempo, nem que para isso eu precisasse tomar um banho de água gelada depois de cada encontro com ela.

Não queria perdê-la. Fazia tão pouco tempo que estávamos juntos, e eu já a amava daquela maneira. Não era como se ela estivesse substituindo a Lis. Isso nunca. Era um amor diferente. Um amor de resgate. Um amor puro. E eu só queria vê-la feliz, sorrindo. Ah, se ela soubesse como seu sorriso era lindo!

Tomei a decisão de que ia me esforçar e só tentar algo quando ela me desse uma pista ou um sinal de que estava pronta. Demorasse o tempo que fosse, eu tinha paciência. Então ia esperar e seria o homem mais carinhoso e mais delicado do mundo.

O resto de novembro passou num piscar de olhos. Combinei com minha ex-sogra de levar o André para passar o Natal com eles no fim da terceira semana de dezembro. Doía-me deixar a Emily por alguns dias, mas eu logo estaria de volta. Já havíamos combinado de passar o Natal juntos.

Assim os dias, as semanas se passaram tão rápido que mal deu para sentir o baque. Logo vieram as provas finais, a semana de recuperação e o fim do ano letivo.

Dezembro havia chegado rápido demais. Mal tínhamos respirado, e ele batia à nossa porta. Com o fim das aulas e a proximidade do Natal, eu tinha de viajar para São Paulo e levar o André para passar a semana natalina com os avós maternos.

Eu ia fazer isso com a maior dor no coração, mas sabia que era necessário. Meu namoro com a Emy não poderia estar melhor, embora fizesse mais de dois meses que estávamos juntos, mas até então ela ainda não conseguia se entregar inteiramente a mim. Eu já não insistia mais e nem tentava nada, por mais vontade que eu tivesse. Fazia um esforço descomunal para poder me controlar ao estar perto dela e aguentaria até a hora certa dela chegar. Tomaria cuidado para ir com calma.

Naquele sábado, dia 20 de dezembro, eu ia viajar para levar o André e, já que iria para São Paulo, queria comprar um presente de Natal especial para Emily. Queria algo diferente, que ela usasse e se lembrasse de mim. Iria a uma joalheria para ver se havia algo que fosse a cara dela.

Quando disse isso ao André, ele falou que fazia questão de me ajudar a escolher, então partiríamos para São Paulo bem cedo.

Mandeí uma mensagem de texto para o celular da Emy e pedi que ela desse

uma passadinha na minha casa naquele momento. Cinco minutos depois ela chegou, e o André colocou sua última mochila no carro. Ouvi-os lá de dentro.

— Oi, tia Emy!

— Oi, André. Como está, meu querido?

— Bem, vou visitar minha vó e meu vô.

— É mesmo, seu pai me contou.

Saí de casa.

— Emy, chamei você aqui para te dar um beijo de despedida. Ficarei dois dias fora, vou levar o André para a casa da dona Hermínia, mas já estou com saudades.

— Ah, meu professor, carregue contigo meus pensamentos e meu coração, pois é com você que eles estarão. Ainda bem que estamos de férias, imagina ir para a escola a pé, sem estar grudada na garupa da sua bicicleta?!

— Ah, sei, sei. Eu vou, mas eu volto. Comporte-se, viu?!

— Te digo o mesmo, professor. Você é que chama a atenção com esses olhos azuis aí e esse charme.

— Sabe que tudo isso aqui pertence só a uma pessoa: você. Te adoro, minha professora.

— Eu também, meu professor.

Beijei-a de um jeito apaixonado na frente do André mesmo. Ele já estava acostumado a isso e, por gostar da Emy, nunca falara nada. Apoiara-me e ficara feliz com esse namoro. No entanto, a Emy pegava no pé dele em sala de aula do mesmo jeito, pois, assim como o pai, o forte dele era matemática, não português, então Emy não lhe dava trégua, chamava a sua atenção quando errava, igual aos outros alunos. Não tinha de ser diferente. Isso me fazia admirá-la ainda mais.

Eu era um bobo apaixonado mesmo, a cada dia mais encantado por seu sorriso, por seu carinho com meu filho, por seu jeito de ser. Ela agora estava até usando roupas mais coloridas e estava deixando seu cabelo crescer.



Antes de irmos para a casa da Hermínia, fui com o André até um shopping famoso de São Paulo e entramos numa joalheria. Queria comprar o presente de Natal da Emy, e o André me mataria se eu comprasse algo sem ele aprovar.

A vendedora encheu o balcão com colares, pulseiras e anéis. Eu pretendia dar um anel a Emily, mas apenas naquele momento em que eu a roubaria para sempre para viver comigo, quando fosse fazer um pedido de casamento. Embora eu tivesse a certeza de que aquilo aconteceria cedo ou tarde – a certeza vinha da minha alma –, eu não queria assustá-la fazendo esse pedido com dois meses e

meio de namoro. Ela ia me achar mais louco do que já achava.

O André não estava gostando de nada, até que olhou um par de brincos em formato de estrela na vitrine da loja. Realmente os brincos eram lindos. Eram duas pequenas estrelas brilhantes e cintilavam demais naquela vitrine. A peça chamava a atenção entre as outras expostas, mas deveria ser muito cara. Ainda assim pedi à vendedora que me mostrasse aquela joia. A moça, muito educada, pegou sorridente os brincos e os colocou em minha mão. Eram realmente lindos, seriam o presente perfeito para a Emy, e o André adorou.

Perguntei o seu valor, porque, apesar de eu ter minhas economias, eu era professor e meu salário não era tão bom assim para esbanjar. Entretanto, a vendedora falou que a peça estava em promoção, com 50% de desconto, pois havia se esgotado e aquela era a última da loja. Com o desconto, não ficou um valor tão absurdo, mas ainda assim dei uma entrada em dinheiro e parcelei o restante em duas vezes no cartão. A Emy, minha estrela, ia amar.

Chegamos à casa da Hermínia bem na hora do almoço, e eu conversava animadamente com ela, quando o André lhe contou sobre a Emily.

— Namorada? Não sabia que estava namorando, Lorenzo.

— Sim, ela é de Esperança, é professora lá também. Eu a conheci na escola. Ela é professora do André.

— E o André, pelo que vejo, gosta muito dela, não?

— Sim, ele gosta. — Já estava me sentindo incomodado com aquelas perguntas.

— Lorenzo, eu nada tenho a ver com seus relacionamentos amorosos, mas tenha sempre muito cuidado por causa do André. Não seja daquele tipo de homem que troca de mulher como quem troca de roupa.

— Nunca fui desse tipo de homem, dona Hermínia, não começarei a ser agora. Se assumi um namoro para o meu filho, é porque eu estou apaixonado e tenho certeza dentro do coração de que é sério.

— Claro, só não quero que isso atinja de forma negativa o meu neto.

— Lhe garanto que não vai. Bom, vou para o hotel e amanhã estarei voltando para a cidade. Qualquer coisa, não hesite em me ligar na hora que for. Eu venho buscar o André.

— Sei muito bem como cuidar do meu neto. Não se preocupe.

Fui até meu filho e me despedi dele lhe dando um abraço apertado.

— E você, mocinho, comporte-se. Se quiser voltar para casa a qualquer hora que seja, me liga, que venho te buscar na mesma hora.

— Está bem, papai. Meus primos logo vão chegar também, vovô me falou.

— Que bom, filho. Divirta-se muito. E o seu presente de Natal, o pai te entrega quando vier te buscar. Lembre que não posso te entregar antes, que dá

azar.

— Te amo, papai!

Ele me abraçou, e escutei o Guilherme chegar. Guilherme era o meu ex-cunhado. Ele era divorciado e passava a semana do Natal com os filhos, dois meninos, o Júnior, de 13 anos, e o Leandro, da idade do André.

Fiquei um pouco mais para cumprimentá-lo, afinal, ele fora meu melhor amigo por anos. Entretanto, depois da morte da Lis, afastamo-nos sem motivos. Ele me cumprimentou, beijou o André, conversou um pouco com seus pais e me convidou para ir até um bar tomar umas cervejas, conversar. E eu aceitei. Fazia muito tempo que não nos falávamos.

Enquanto bebíamos, ele me falou um pouco sobre sua vida, sobre como andavam as coisas depois que se separara da esposa havia um ano.

— Não é fácil, sabe, cara? Ainda mais agora, que ela está namorando um almofadinha que me dá nos nervos. Um professorzinho de faculdade que se acha. Não querendo te ofender, cara, você é um professor gente boa.

— Sem problemas, amigo, não me ofendeu, não.

— E como está a vida na cidade pequena? Tem mulher bonita lá?

— Olha, até que tem... mas a mais bonita já tem dono... Olha só a foto dela.

— Uau, cara, que gata! Ué, mas o que a foto dela está fazendo de “papel de parede” no seu celular?

— É minha namorada. Emily.

— Sério, cara? Parabéns, irmão! Fico feliz por você. Estava na hora de desencilhar, né?

— É... Não foi muito fácil conquistar essa aí, não... Temos histórias um pouco parecidas, mas ela enfrentou uma depressão profunda por alguns anos... Eu me apaixonei desde a primeira vez em que coloquei os olhos nela. Me deu um instinto, sabe...? Quero protegê-la, quero cuidar dela, amá-la como nunca na vida.

— É, amigo, está apaixonado mesmo. Isso é bom, tem que seguir em frente mesmo. Já eu não quero nem saber de amarrar meu bode tão cedo.

Ficamos umas três horas jogando conversa fora, e fui para o hotel. Queria voltar logo para a minha Emy. Estava com esperanças, não nego, de que no Natal finalmente ela se entregasse, mas iria com calma, não queria fazer nada contra a sua vontade.



*Que Deus envie anjos para guardar a porta
Não, o amor não é uma luta.
Mas vale a pena lutar por ele
– Warren Barfield*

Dois dias longe do Lorenzo, e eu já sentia a falta que ele fazia no meu cotidiano. Nesse tempo, aproveitei para ir ao cinema com minha irmã e minha sobrinha, estava devendo isso a elas. Na fila do cinema, encontrei a Mariana e o Mathias. Eles finalmente assumiram o namoro. A Mariana estava muito feliz, e eu fiquei contente por ela. Antes de as férias escolares chegarem, ela tinha conversado comigo e falado que havia ficado feliz por mim e pelo Lorenzo. Ela

sabia que não teria chances com o professor bonitão, porque, desde que ele havia chegado à cidade, não tirava os olhos de mim.

Diverti-me muito com minha irmã e minha sobrinha. Depois do filme fomos comer uma pizza numa pizzaria ali perto, no centro da nossa pequena cidade. Enquanto esperávamos o pedido e a Sophia ia ao banheiro, a Rafaela desabafou comigo:

— Emy, estou tão nervosa.

— Por quê? O que houve, irmã?

— É essa descabeçada da minha filha. Acredita que ela quer prestar vestibular para odontologia em São Paulo e em Curitiba? Ela disse que vai para onde passar. Ela quer morar longe de mim.

— Ai, Rafa, você sabia que isso ia acontecer. Sabia que ela não ia ficar escondida nesse fim de mundo em que nós moramos.

— Ah, eu pensei que ela fosse querer me ajudar na floricultura. — Rafaela tinha uma pequena floricultura no centro da cidade. Era o seu ganha-pão.

— Tenha orgulho dela, minha irmã. Imagina uma filha dentista, que orgulho!

— Mas onde essa menina vai morar, meu Deus?! Se ela passar em São Paulo, ela pode ficar na casa dos nossos pais, mas se for em Curitiba, o que eu faço?

Nesse instante a Sophia chegou, e Rafa fez um sinal para finalizarmos nossa conversa. Eu conseguia entender o lado de ambas, mas minha irmã precisava entender que nós criamos os filhos para o mundo e que, se a Sophia queria voar, ela tinha de a apoiar. No entanto, eu não iria opinar, só ia mostrar a Rafa que a Sophia já tinha maturidade para morar sozinha em uma cidade grande. Se era para ela estudar, por que não deixar que ela fosse?

O assunto mudou para as comemorações de Natal e Ano Novo. A minha irmã iria passar o Natal na casa do Lucas. A família dele a havia convidado para participar da festa. A Sophia não iria com ela, pois viajaria com o seu pai. A Rafaela até me convidou para ir junto, mas então expliquei que já tinha combinado de passar a comemoração com o Lorenzo.

— Hum... que lindo! Isso vai dar em casamento, hein? Posso até ver.

— Não pira, Rafa. Eu estou com ele há dois meses e meio só... e você sabe que eu nem...

— Ah, hum... mas isso você logo resolve, você vai ver. Quero ser madrinha de casamento, hein?

— Com o Heitor foi a Carmem, mas ela mudou-se para a Alemanha e eu nunca mais soube dela e do Johnny. Mas sei que estão bem.

— Essa modernidade afasta mesmo a gente dos amigos, né? Também ajuda

a correria do dia a dia, e quando vemos, lá se foi mais um ano que deixamos de ter notícias dos amigos.

Não estava pensando muito no Réveillon, era sempre a mesma coisa, minha mãe nos obrigava a ir até São Paulo para passarmos a virada do ano na mansão com um bando de gente – parentes e amigos – e com aquela festona exagerada. Todavia, nesse ano, como a Rafa ia levar o Lucas, eu ia convidar o Lorenzo para enfrentar essa provação comigo, pois não ia querer ir sozinha. Restava-me saber se ele toparia.

A noite foi de fato agradável. Voltamos para casa e, antes de eu fechar meus olhos para dormir, escutei meu celular tocar. Era Lorenzo.

— Oi, professor!

— Olá, minha estrela!

— Estrela?

— Sim. Minha estrela. Sabe aquela mais brilhante do céu, que se destaca no meio de milhões? Essa é você para mim.

— Adorei o apelido novo. Você está bem?

— Ah, sim. Estou morrendo de saudade. Amanhã cedo já pego a estrada de volta e corro para os seus braços. Está com saudades de mim também?

— Sabe que até estou com um pouquinho?

— Um pouquinho, é?

Gargalhei.

— Estou brincado, professor. Sinto sua falta em cada hora do meu dia — confessei sorrindo ao imaginar aqueles olhos azuis.

— Assim está melhor. Já está deitada?

— Na verdade, ia fechar os olhos para dormir no momento em que você ligou.

— Hum, que bom que ainda te peguei acordada. Só liguei para desejar boa-noite, estrela, e dizer o quanto te adoro e o quanto estou com saudade do seu beijo.

— Eu também. Amanhã vou ver seu presente de Natal. Já sei até o que vou te dar.

— Hum, me deixou curioso agora. Mas também vou te surpreender com seu presente. Vou dormir também, minha estrela, amanhã quero sair cedo.

— Descanse mesmo, e Deus te acompanhe na viagem. Tome cuidado na estrada.

— Tomarei. Boa noite, estrela.

— Boa noite, meu professor.

Ouvi-lo me chamar de estrela me deixou toda derretida. Eu estava decidida, na noite de Natal iria aproveitar que estaríamos sozinhos e me entregaria a ele.

Deixaria meu medo bobo de lado e seguiria meu coração. Tinha certeza de que o que eu sentia pelo Lorenzo era algo forte e mais do que correspondido.

No dia seguinte, assim que Lorenzo chegou à cidade, foi direto lá para casa. Almoçou conosco e foi para sua casa dizendo que precisava fazer uma limpeza geral. Aproveitaria que o André não estava.

Eu admirava cada vez mais o ser humano lindo que ele era. Na verdade, ele era tão bonito por dentro quanto por fora. E eu me vi amando novamente. Sim, amando. Eu já o amava.

Três dias depois, véspera de Natal, o pai da Sophia veio buscá-la cedo, e a Rafa foi para a casa dos pais do seu namorado logo em seguida. Eu fui para a casa do Lorenzo. Havíamos combinado de comprar alguns ingredientes para nossa ceia, que, mesmo sendo só para nós dois, tinha de ser especial.

O mercado estava cheio. Lorenzo já havia comprado um chester, mas queria comprar mais umas frutas. Comprou um champanhe também, e eu comprei alguns ingredientes para fazer uma sobremesa. Talvez fosse muita comida para duas pessoas, mas estávamos tão empolgados.

Eu mesma fizera o seu presente de Natal. Sem que Lorenzo percebesse, eu havia “furtado” da sua casa uma foto dele com o André e fizera um pôster gigante, colocando-o em uma moldura linda que ia ficar perfeita numa das paredes da sala ou do seu quarto.

Lorenzo fez questão de cozinhar. Fez salpicão, arroz branco e colocou o chester para assar. Eu fiz a sobremesa, bombom de colher de chocolate e abacaxi.

Enquanto esperávamos o chester assar, sentamo-nos perto de uma árvore às margens do lago de sua propriedade. Já era noite, devia ser umas 9h, e, como de costume, ele se sentou encostado na árvore, e eu me sentei entre suas pernas.

A noite estava linda, o céu, estrelado, perfeito para uma noite de Natal.

— Estrela, estou tão feliz por você estar aqui comigo esta noite. Passei os últimos dois anos sozinho no Natal, mas não gostava muito disso.

Eu me virei para ficar de frente para ele.

— No que depender de mim, você nunca mais vai ficar um Natal sozinho.

— É tão bom ouvir isso de você. Olhe lá no céu, rápido, é uma estrela cadente! Faça um pedido!

Eu olhei para o céu e vi a estrela cadente. Fiz meu pedido em silêncio, e Lorenzo fez o dele também, mas não podíamos contar um ao outro. Eu pedi do fundo do meu coração que isso que eu e ele estávamos vivendo fosse forte e verdadeiro e durasse muito tempo, pois só ele me fazia sentir assim, segura, desejada e amada. Não igual ao Heitor, mas de um modo diferente, mais maduro, talvez.

— Emy, minha estrela, sei que ainda faltam algumas horas para o Natal, mas não aguento mais de ansiedade. Quero te dar um presente e te explicar por que te chamo de estrela.

Ele tirou do bolso da sua bermuda jeans uma caixinha preta. Meu coração gelou. Contudo, quando abri a caixinha com as mãos tremendo, em seu interior havia um lindo par de brincos em formato de estrela, e suspirei de alívio por não ser um anel. As pedras pareciam diamantes, brilhavam intensamente. Era impossível não se encantar com uma joia daquelas.

— E então, gostou?

— Lorenzo, você é maluco? Isso deve ter custado uma fortuna e...

— Não vou mentir, não foi barato. Mas não é nada se comparado aos meus sentimentos por você, minha estrela. Gostou?

— E-eu amei. Vou colocar já!

Eu estava com os olhos cheios d'água, tremendo toda, e ele me ajudou a colocar os brincos.

— Ficaram lindos em você, como eu imaginei!

— Mas nem pense que farei o mesmo, só te darei o seu presente após a meia-noite.

— Malvada.

— Mas não é nada comparado ao que você me deu.

— Tudo o que vier de você para mim terá um grande valor. Não pelo que valer financeiramente, mas por vir de você.

— Agora não me enrole, por que me chama de estrela?

Ele riu. Seu sorriso balançava meu coração, era como uma fonte de alegria que ia direto da sua alma para a minha.

— Promete que não vai rir de mim?

— Prometo!

— Bom, é que, nesses dois anos em que fiquei sozinho, viúvo, levei cantadas de algumas mulheres interessadas, mas nenhuma delas mexeu com meu coração como você. Te chamo de estrela porque você é como uma estrela brilhante no céu. Nele existem milhões de estrelas, mas você se encanta e se apaixona por aquela que é a mais brilhante, aquela que não te deixa olhar para as outras porque é simplesmente divina. As outras não têm a menor chance. Quem avistou os brincos foi o André, e, quando eu vi o quanto brilhavam e o seu formato de estrela, me veio você à mente.

— Professor, será que mereço tudo isso?

— Merece até mais. E, no que depender de mim, vou me esforçar sempre para te ver sorrir.

— Espero te corresponder à altura.

— Já está fazendo isso muito bem.

Beijamo-nos e sentimos algumas gotas de água em nossas cabeças. Por causa do calor, começara a chover. Saímos correndo e entramos em casa. Apesar de ser uma chuva leve, nós nos molhamos. Lorenzo me trouxe uma toalha e deu uma olhada no chester no forno, dizendo que ainda ia demorar um pouco.

Eu comecei a me secar, e Lorenzo ficou me olhando. Ri.

— Para de me olhar assim, devo estar descabelada. Vem aqui, me deixa secar você.

Peguei a toalha e comecei a secar seu rosto, e ele continuava me encarando sem piscar com aqueles olhos azuis. Eu não resisti, larguei a toalha no chão e o beijei. Lorenzo me abraçou apertando minha cintura, e o beijo foi ficando mais quente.

Não sei de que maneira, mas acabamos no sofá da sala. Lorenzo estava em cima de mim, e não parávamos de nos beijar. Quando eu simplesmente tomei a iniciativa e tirei a camiseta que ele usava, ele me olhou com os olhos azuis brilhando e me perguntou se eu tinha certeza. E eu simplesmente falei:

— Mais certeza que isso é impossível.

— Está bem, mas vamos lá para o meu quarto, então. Quero que seja algo especial.

— Com você será especial em qualquer lugar.

— Eu sabia que você ia dizer isso, mas mesmo assim venha, tenho mais um presente para você lá no quarto.



*Porque eu quero te envolver
Quero beijar seus lábios,
Eu quero fazer você se sentir desejada
Quero chamar você de minha
Quero segurar sua mão para sempre
Nunca deixar que se esqueça
Sim, eu quero fazer você se sentir desejada
– Boyce Avenue*

Eu não sabia que Emily iria decidir que seria minha naquela noite. Mesmo assim, minha intuição tinha prevalecido, algo me dizia para surpreendê-la caso acontecesse o que eu tanto ansiava, então, antes de ela chegar a minha casa, eu já

havia deixado tudo meio arrumado. Comprara algumas rosas vermelhas e jogara suas pétalas pela minha cama e também comprara umas velas aromáticas.

Quando ela me deu aquele sinal no sofá, pedi para irmos para o quarto. Ao chegarmos à porta, que estava fechada, questionei:

— Estrela, você pode esperar um pouquinho aqui fora?

— Por quê? Seu quarto está superbagunçado e você vai querer dar uma ajeitada nele agora para eu não reparar no quanto você é bagunceiro?

— Hum... não, porque você sabe que eu não sou bagunceiro... talvez só um pouco... Fica aí, eu já abro a porta para você. É uma surpresa.

Entrei rápido em meu quarto e acendi as velas o mais rápido que pude, então abri a porta para Emily.

— Pode entrar, minha estrela!

Ela entrou e ficou olhando para o quarto iluminado apenas pelas velas. Viu as pétalas em cima da cama e me olhou com um sorrisinho no rosto.

— Ah, professor, o senhor já estava com segundas intenções?

— Segundas, terceiras, todas as intenções do mundo. Mas, se não rolasse, tudo bem... Gostou?

— Adorei... como adoro tudo em você, meu professor.

Emily veio em minha direção, ficou na ponta dos pés, já descalça, e me beijou. Como era bom sentir o gosto do seu beijo, aquele beijo em que eu sentia o quanto ela também me queria, que me mostrava que não era apenas eu que esperava por aquele momento.

Eu iria com calma, queria provar cada pedaço dela. Quando tirei meus lábios de sua boca, fui descendo lentamente minha boca por seu pescoço, sentindo o cheiro do seu perfume levemente doce e gostoso. Senti sua pele começar a ficar arrepiada. Parei de beijar seu pescoço e fiquei encarando Emily, olhando dentro daqueles olhos. Por mais que sua boca não tivesse falado ainda que me amava, eu podia ver aquilo dentro daquelas íris, assim como eu acreditava que ela enxergava aquele sentimento nas minhas. Sempre achei que os olhos são a porta da alma, você pode demonstrar tudo apenas com um olhar.

Peguei na barra da sua camiseta e fui subindo-a devagar por sua cabeça. Ela ergueu os braços para facilitar. Por baixo vestia um sutiã de renda verde-água muito bonito, e já senti algo abaixo da minha cintura ganhar vida e deixar minha bermuda apertada.

Mesmo que meu “amigo” lá embaixo implorasse, eu queria ir com calma. Voltei a beijar sua boca, mas não com rapidez, não querendo fazer Emily perder o fôlego. Beije-a com amor, com carinho, com a calma que ela precisava. E ela me correspondeu da mesma maneira.

Aquele momento estava sendo mágico. Voltei a descer minha boca por seu

pescoço, chegando aos ombros, onde parei e fiquei olhando para ela enquanto descia as alças do seu sutiã. Ela fechou os olhos, e eu parei.

— Está tudo bem?

— Sim, continue, professor!

Continuei baixando lentamente as alças do sutiã, e quando elas já estavam caídas de seus ombros, voltei a beijá-la agora com mais fogo. Emily correspondeu com o mesmo ardor, então eu abri seu sutiã e senti em meu peito seus seios nus, bem como o contato de meu abdômen com o seu já desnudo. Aquela sensação de sentir pele contra pele me deixava ainda mais aceso. Senti minha bermuda apertar ainda mais, eu já estava pulsando de desejo. Peguei Emy no colo e finalmente a joguei em minha cama. Ela riu.

Fui para cima de seu corpo e voltei a beijar sua boca com uma ferocidade que até eu estranhei. Desci meus lábios por seu queixo, pescoço, até chegar perto do primeiro dos meus alvos, seus seios. Ela era linda. Abocanhei o seio direito enquanto massageava o esquerdo com minha mão, que se encaixava perfeitamente naquele pedaço do seu corpo perfeito. Emy gemeu baixinho quando dei uma mordidinha no seu mamilo. Troquei de seio, sugando agora o esquerdo, sem tirar a boca de sobre sua pele. Assim que percebi que ela estava se contorcendo embaixo de mim, fui descendo os beijos por sua barriga, umbigo, até chegar à base da sua saia, que tirei bem devagar. A calcinha era do mesmo verde do sutiã, era de renda e pequena, linda. Tirei-a com rapidez. Não aguentava mais. Despi minha bermuda e, antes de retirar minha cueca boxer branca, peguei na gaveta um preservativo. Voltei a beijar a boca de Emy, que já estava sôfrega ali, sem roupa alguma.

Finalmente me despi completamente e vesti o preservativo. Voltei à sua boca, beijando-a do jeito mais apaixonado que um homem pode beijar uma mulher, e a penetrei devagar para que ela se acostumasse com meu tamanho. Emily gemia baixinho embaixo de mim.

— Por favor, professor! — sussurrou.

— Por favor o quê, estrela?

— Me possua logo. Quero te sentir inteiro dentro de mim.

— Vamos com calma, minha linda. Quero sentir cada pedacinho seu.

Continuei penetrando-a até estar por inteiro em seu interior e ela gemer ainda mais. Aquilo me deixou louco, e comecei lentamente as estocadas. Nossos corpos pareciam feitos um para o outro, se encaixavam tão perfeitamente.

Enquanto eu fazia os movimentos de vai e vem, Emily se contorcia ainda mais. Eu percebi como a amava mais do que podia imaginar. Eu a queria mais, eu a queria para sempre.



Emily

Eu mal acreditava no que estava acontecendo finalmente. O Lorenzo estava sendo perfeito, carinhoso, romântico como eu jamais podia imaginar. Minha insegurança foi para o espaço com cada gesto e olhar seu. Tudo estava sendo mágico como nunca fora em toda a minha vida.

Quando ele me jogou em sua cama e começou aquela tortura, eu sentia meu sexo umedecer e implorar para o ter dentro de mim logo. E ele me torturou um pouquinho mais, porém, quando finalmente entrou em mim, foi aos poucos e delicioso.

Lorenzo começou as estocadas lentamente, depois foi acelerando. Eu não estava aguentando mais. Ele, percebendo que eu já estava quase explodindo de prazer, beijou-me, e senti sua língua quente e desejosa na minha boca. Dei de leve uma pequena mordida em seu lábio, o que o fez rir.

— Diga meu nome, vamos... — ele pediu.

Quando percebi que não ia conseguir segurar mais, entreguei-me ao prazer e gozei. Não consegui gritar, mas sussurrei em seu ouvido:

— Meu Lorenzo...

Ele logo em seguida chegou ao seu êxtase e me beijou novamente, dando sua última estocada em meu interior. Saiu de dentro de mim e foi até o banheiro do seu quarto, tirou a camisinha e voltou para deitar-se ao meu lado. Ficou ali deitado sem dizer nada, apenas me olhando com aqueles olhos azuis enigmáticos, mas com um sorriso de dentes brancos e perfeitos que enfeitava sua boca perfeita. Não resisti e o beijei.

— Foi tão mágico para você quanto foi para mim? — inquiriu sussurrando.

— Sim.

— Não diga mais nada, eu posso ver em seus olhos como foi especial. Emy, eu não sei mais como te dizer o quanto sou apaixonado por você. Isso já não é mais paixão, é amor. Eu te amo!

Eu não estava esperando ele me falar aquilo. Tentei dizer que o amava também, mas apenas o olhei e murmurei “eu também” antes de beijar sua boca. Trocamos alguns carinhos ainda ali. Ele acariciou e beijou todo o meu corpo, acendendo-me de volta, e eu também o toquei por todo canto, por seus ombros largos, sua barriga de tanquinho que podia fazer qualquer garotão de vinte anos morrer de inveja.

Acabamos cochilando abraçados um ao outro. Eu acordei sentindo um

cheiro de queimado.

— Meu professor? Acorde, estou sentindo um cheiro de queimado. Você sente?

— Ai, meu Deus! Esquecemos do chester da nossa ceia!

Ele pulou da cama correndo, vestiu rapidamente uma bermuda e disparou até a cozinha. Peguei uma de suas camisas e a vesti, correndo atrás dele.

Ao chegarmos à cozinha, o cheiro de queimado havia infestado o cômodo todo. Lorenzo tirou o chester do forno, e a ave estava preta. Não havia queimado, havia torrado. Se tivéssemos demorado mais um pouco, teríamos colocado fogo na casa.

— Acho que ficamos sem chester para a ceia. Enquanto minha cama pegava fogo no quarto, aqui na cozinha o negócio também esquentava. — Ele gargalhou, e eu o acompanhei nas risadas.

— Sem problemas, ainda temos o salpicão, o arroz, as frutas e a sobremesa que eu fiz — comentei dando a volta pela mesa e o abraçando pelas costas.

— Sabe que eu tive uma ideia com a sua sobremesa?

— É? E no que está pensando, professor?

— Não vou te contar. Vamos comer salpicão antes de partirmos para a sobremesa?

— Você que manda.

Ajudei-o a colocar a mesa, e degustamos nossa ceia, um fazendo o outro comer de seu garfo.

Aquela era uma nova fase na minha vida. Eu estava plenamente feliz novamente, e o melhor, sentindo-me novamente uma mulher amada, desejada e não mais aquele robô que eu havia me tornado. Lorenzo trouxera cor a minha vida, que, por oito longos anos, estava em preto e branco.

Depois de comermos e limparmos a cozinha, Lorenzo pegou a sobremesa da geladeira e me arrastou para o seu quarto novamente.

— Ei, espera, que horas são?

— Que importa que horas são agora, estrela?!

— É sério.

— Hum... meia-noite e 15.

— Ai, preciso dar seu presente de Natal. Espere aí.

— Vai aonde, sua maluca?

Eu havia escondido o presente no quarto do André uns dias antes. Peguei-o do esconderijo e fui até o quarto de Lorenzo, onde o encontrei comendo a sobremesa direto da tigela. Parecia um menino bobo, um menino que eu amava.

— Feliz Natal, meu lindo!

— Nossa, que pacote grande!

— Espero que goste.

Ele rasgou com ansiedade o papel e viu o quadro gigante dele com o André.

— Estrela, que lindo! Obrigado, eu amei! Feliz Natal.

— De nada!

Ele me deu um beijo casto na boca, levantou-se e colocou o quadro no chão, encostado na parede. Voltou para a cama, pegando novamente a tigela de sobremesa.

— Amanhã você me ajuda a escolher um lugar bem lindo para colocar meu presente. Mas agora... sabe o que seria muito bom com essa sobremesa?

— Não faço ideia...

— Emily. O gosto de Emy com bombom de colher me parece ótimo.

Antes que eu dissesse qualquer coisa, ele lambuzou meu rosto com o doce. Eu ri, e Lorenzo veio para cima de mim, lambendo onde havia sobremesa.

— Hum... Delícia... Amei esse doce com gosto de Emy.

Eu não queria deixar barato. Peguei a colher de sua mão e lambuzei seu tórax com o doce. Ele olhou sério para mim e mandou:

— Agora vai ter que lamber!

— Não precisa pedir duas vezes.

Sentei-me em seu colo e o fiz se encostar à cama de modo que eu alcançasse seu peito nu. Lambi vagarosamente o doce de seu tórax. Lorenzo fechou os olhos em resposta, e senti que um certo lugar em sua bermuda ficou com um volume maior. Continuei com a brincadeira, lambuzando sua barriga e lambendo onde deixava a sobremesa. Desci a língua até chegar à sua bermuda.

— Estrela, você está me matando com isso...

— Adorei essa ideia, bombom de colher com gosto de Lorenzo fica muito melhor... Que delícia!

Tirei sua bermuda, e seu membro já estava semiereto. Sem pudor nenhum, peguei o doce da tigela com o dedo e o lambi, fazendo Lorenzo me olhar com uma cara de safado que até então eu desconhecia. Dei um sorriso igualmente safado para ele e peguei mais doce, lambuzando seu membro. Comecei a lambê-lo lentamente, alternando com chupadas. Escutava seus gemidos, e quando ele estava quase gozando, eu me detive.

— Nem pense nisso, quero você dentro de mim agora!

Ele, muito rápido que era, entregou-me a camisinha, que eu mesma vesti nele. Lorenzo me puxou para cima de si e desabotoou a sua camisa, que eu vestia, então beijou meu pescoço. Voltei à posição em que estava anteriormente, sentada sobre ele, e encaixei seu membro em mim até senti-lo me preencher. Lorenzo apertou minha bunda, e começamos nosso ritmo de amor devagar, depois mais rápido, até sentirmos o êxtase juntos.

Aquilo era amor, não era só sexo. O amor mais puro, mais verdadeiro, o amor mais lindo do mundo.



*A família é como uma árvore com galhos
Que cresce em diferentes direções
Mas que tem a mesma raiz
– Autor desconhecido*

Pela manhã acordei nos braços de Lorenzo, que permanecia dormindo tranquilamente. Fiquei a admirá-lo. Parecia um anjo.

Nunca eu poderia imaginar que, cinco meses depois da chegada de Lorenzo em Esperança, eu estaria assim, apaixonada e boba.

Ele abriu os olhos, fitou-me sorrindo e me deu bom-dia. Eu fiz o mesmo e perguntei se ele não queria ir comigo à missa das 8h, especial de Natal, que o

padre Luiz sempre fazia. Ele estava com muita preguiça, mas se levantou e correu para debaixo do chuveiro. Enquanto ele entrava no boxe do banheiro, eu fui atrás dele para avisá-lo de que ia para casa tomar um banho também e trocar de roupa. De repente ele abriu a porta do boxe, mostrando-se todo molhado.

— Venha aqui, tome banho comigo, tem espaço para você. — E deu aquele sorriso mais lindo do mundo.

— Teremos outras oportunidades, professor. Mas eu preciso mesmo trocar de roupa com urgência. Eu vou, mas não demoro.

Fui até a porta do boxe, que ele segurava aberta, e dei um selinho em sua boca, quando ele me puxou para mais perto de si e me beijou intensamente.

— Lorenzo, para, você vai me molhar toda!

— Te amo!

— Eu também, mas preciso me trocar, não quero chegar atrasada à missa.

Ele me soltou e fez uma carinha de cachorro que caiu da mudança, falando que ficaria me esperando.

Fui para casa. Minha irmã não tinha aparecido ainda, na certa ia passar o dia todo na casa da família do Lucas.

Escolhi um vestido simples, azul e longo. Tomei um banho e voltei para a casa de Lorenzo, que já me esperava todo arrumado e cheiroso. Ele vestia uma calça jeans e uma camisa no mesmo tom do azul do meu vestido, parecia até que tínhamos combinado.

Fomos andando de mãos dadas até a pequena igreja da cidade, e Lorenzo me perguntou como o padre Luiz também havia aparecido em Esperança. Contei-lhe que, na verdade, ele viera para Esperança uns meses antes de mim. Minha irmã, que o tinha conhecido na clínica onde eu estivera internada, comentara com ele que estavam à procura de um novo padre para a igreja de São Cristóvão, pois o padre dali havia falecido. Como padre Luiz sempre quisera ir para uma cidade pequena, ofereceu-se para ir cuidar da paróquia de Esperança e fora aceito. Aquela também fora uma das razões de eu ter vindo morar com a minha irmã. Ter meu melhor amigo e conselheiro por perto me trazia paz. Além disso, não queria mais morar com os meus pais. Meu apartamento em Londrina, o apartamento onde eu tinha vivido com Heitor e Miguel, além do nosso carro, fazia uns anos que eu os tinha vendido com a ajuda do meu pai e doara todos os móveis, eletrodomésticos e utensílios que eu possuía para a caridade.

Eu e Lorenzo assistimos à missa sem desgrudar nossas mãos, e quando ela terminou, pedi a Lorenzo que fosse na frente, pois eu sempre ajudava o padre a limpar a igreja depois das missas.

— Hum... está bem. Vou pensando no que fazer para o nosso almoço. Você vem almoçar comigo, não é?

— Com certeza!

Ele se despediu depositando um beijo em cada pulso meu e partiu.

Quando a igreja ficou vazia, restando apenas a mim e meu amigo padre, ele veio até mim e me deu um abraço caloroso.

— Minha amiga, como é lindo ver você assim, tão bem! O amor lhe faz bem.

— Preciso desabafar com o senhor...

— Estarei sempre aqui para te ouvir.

— Bem, ontem o Lorenzo acabou falando “eu te amo”.

— E isso é ruim?

— Não! Claro que não! Mas eu não consegui dizer a mesma coisa. Eu respondi com “eu também”, e hoje foi a mesma coisa. Eu sei que o que eu sinto é amor, mas tenho medo de nunca conseguir dizer isso a ele.

— Minha filha, tudo tem seu tempo certo. Seu namorado não surgiu na sua vida no momento certo? Então tenho certeza de que, na hora certa, você irá dizer. Tenha fé.

— Tenho medo de ele me cobrar ou ficar chateado comigo por eu não falar.

— Olha, eu conheço pouco o Lorenzo, mas já sei que ele é um bom rapaz e que, pelo que vejo nos olhos dele, te ama de verdade. E tenho certeza de que ele não vai te cobrar isso e muito menos ficar chateado, pois o modo como você o trata, o modo como você o olha já diz tudo. Não se preocupe com isso.

Por isso eu gostava de conversar com o padre Luiz, ele sempre sabia o que falar. Ajudei-o a limpar a igreja e notei que a imagem de Nossa Senhora segurando o menino Jesus estava quebrada. Era uma imagem grande. Meu coração se entristeceu, porém, já que havia muito tempo eu queria dar um presente para meu amigo por tudo que ele fizera por mim, por ter ficado ao meu lado nos piores momentos da minha vida, ele merecia um presente. Era claro que não seria necessariamente para ele, e sim para a igreja, mas eu sabia que, no seu coração, seria como se fosse para ele mesmo. Eu sabia que, na virada do ano, iria para a casa dos meus pais. Então aproveitaria a oportunidade de estar em São Paulo e compraria uma imagem nova para a igreja. Era uma questão de honra.

Em quarenta minutos terminamos de limpar toda a igreja, e fui para a casa do Lorenzo, cuja porta estava aberta, mas ele não estava em lugar algum. Fui para a parte dos fundos da casa e gritei seu nome. Vi-o acenar de dentro do lago; ele havia aproveitado o calor e fora nadar. Fui até onde ele estava e lhe estendi uma toalha que ele tinha deixado separada ali no chão. Ele começou a se secar.

— A água está ótima, quer nadar comigo?

— Não, essa água deve estar gelada.

— Você demorou, será que vou ter ciúmes de um padre?

Eu tive de rir.

— Claro que não, ele é um padre!

— É um padre, mas é homem e não é dos feios e velhos.

— É só um amigo e é super religioso. É sua vocação, era seu destino. Deus o escolheu.

— Assim como escolheu nosso encontro, minha estrela. Pena ter demorado tanto.

— Não, Deus não tarda, ele faz as coisas na hora certa. Ele capricha. Você apareceu na minha vida no momento certo.

— Acredito nisso também. Mas você está muito suada, está precisando de um banho de lago.

Ele me pegou no colo e, mesmo contra minha vontade e meus gritos, jogou-me na água. Caiu na gargalhada, e eu, não resistindo ao vê-lo rir, caí na risada também. Ele entrou atrás de mim, e nos beijamos ali, no lago. Entramos em casa, e ele me deu uma toalha e uma camisa sua para eu vestir enquanto minha roupa secava na secadora.

— E eu vou ficar só de camisa?

— Por que não? Prefere ficar sem? Por mim é até melhor!

— Seu bobo!

Vesti sua camisa, e fomos preparar nosso almoço. Fizemos um *rondale* ao molho branco. Depois que almoçamos, ficamos deitados no sofá fazendo massagem nos pés um do outro e conversando. Nesse instante comentei com ele sobre o Ano Novo, e ele ficou sério de repente.

— Conhecer seus pais?

— É, e aguentar uma festa cheia de gente, e comida, e bebida, e música...

— Claro, estrela. Irei, sim.

— Pode levar o André também!

— Não, amor, o André passou essa semana do Natal com os avós maternos, e amanhã provavelmente minha mãe irá buscá-lo para ele passar a semana e o Ano Novo com meus pais. Eles vão viajar para Joinville, têm uma casinha lá.

— Poxa, mas você ia passar sozinho a virada do novo ano?

— Se você não me convidasse, dia 28 agora eu iria viajar para Joinville e passar com eles.

— Mas você não prefere...

— Não. Quero estar com você. E, já que irei conhecer meus “sogros”, você também irá conhecer os seus. Você topa, depois do Réveillon, ir para Joinville comigo buscar o André?

Gelei nessa hora. Conhecer os pais do meu namorado me dava frio na barriga. No entanto, eu estava imensamente feliz pelo convite.

— Claro que eu topo! Mas agora chega de falação, me dá um beijo.

Beijei-o, e o resultado foi uma tarde cheia de carícias, prazer e muito amor.

No comecinho da noite, voltei para casa, e minha irmã já estava lá. Quando me viu, já veio me perguntando tudo, querendo saber dos mínimos detalhes. Eu contei a ela como tinha acontecido, mas não dei detalhes, é claro.

— Não sei dizer, é diferente de tudo o que já vivi. Não é maior nem melhor do que com Heitor, é diferente, é mais maduro, não sei explicar.

— Nossa, irmã, você está diferente. Bonita. Ai, que feliz eu estou por você! Deixa eu te dar um abraço, porque eu não aguento de tanta alegria no meu coração! Só Deus sabe como pedi isso!

— Você, nossa mãe, o padre Luiz. Deus deve ter ficado com os ouvidos cheios de tanto vocês pedirem.

— Verdade, não teve um único dia em que eu não pedisse sua felicidade e um anjo da guarda para cuidar de você, um homem digno de você. Deus te deu Lorenzo no momento certo, Deus é maravilhoso.

— Tem mais um detalhe... Lorenzo vai com a gente para São Paulo para a festa de Réveillon na casa dos nossos pais.

— Meu Pai do Céu! A mãe vai surtar, você já ligou para ela avisando?

— Não. Pretendo ligar um dia antes de viajarmos para lá.

— Nossa, a mãe vai ficar muito feliz. O pai também.

— É, só espero que o pai o receba bem.

— Vai, sim, ele já aprendeu uma vez, então fica tranquila. Ah, irmã, esqueci uma coisa...

— O quê?

— Feliz Natal!

Eu ri.

— Feliz Natal, minha irmã.

E nos abraçamos feito duas bobas.



No dia 30 de dezembro, liguei para minha mãe para confirmar que iríamos para o Réveillon e para avisar que eu levaria um acompanhante.

— Acompanhante?

— Sim...

— Quem?

— O Lorenzo.

— E quem é Lorenzo, menina?

Respirei fundo antes de responder e soltei de uma vez:

— Lorenzo é meu namorado.

— NAMORADO? Eu ouvi bem? Ai, meu Deus, mas isso é maravilhoso, Emy! Minha filha, há quanto tempo estão juntos?

— Pouco tempo, mãe, vai fazer três meses no começo do ano...

— TRÊS meses?! Por que não me contou antes?! Ai, vou fazer uma limpeza no seu quarto antigo. Comprar lençóis novos e...

— Mãe, só não surta perto dele, está bem?

— Posso ficar emocionada pelo menos? Gente, preciso conhecer esse homem. E você, como está? Até pela sua voz percebo que está ótima.

Eu sorri, e começamos a conversar sobre coisas banais. Ela me fez contar tudo, onde eu tinha conhecido Lorenzo, como começamos a namorar, como ele era, se tinha filhos, no que trabalhava, enfim, encheu meus ouvidos de perguntas. Coisas de mãe.

E assim, no dia seguinte, por volta das 6h da manhã, seguimos viagem para São Paulo, eu e o Lorenzo no seu carro, e a Rafa e o Lucas no carro dele. Fomos em carros separados porque, de São Paulo, eu e Lorenzo partiríamos para Joinville para buscar o André na casa dos avós paternos.

No caminho, Lorenzo vez ou outra pegava em minha mão, fazia um carinho, coisa de segundos, pois estava dirigindo. Trocávamos poucas palavras, mas estávamos os dois escutando música e sorrindo feito bobos, até que, no meio do caminho, surgiu em nossa frente um ônibus de viagem igual àquele do meu acidente. Eu fiquei tensa na hora.

— Lorenzo, não fique muito perto desse ônibus, vai devagar.

— Calma, estrela, assim que puder, irei ultrapassá-lo.

— Vai devagar, por favor.

Ele viu o desespero em meus olhos e percebeu o medo que me dominava. Mais uma vez pegou minha mão, depositou um beijo nela e a colocou em cima do seu joelho.

— Fica tranquila, está tudo bem. Eu estou aqui com você.

Olhei-o e só me acalmei quando ele pôde fazer a ultrapassagem com segurança.

Se havia algo de que eu nunca me recuperaria seria o trauma de estar no interior ou mesmo perto de ônibus de viagem. Se preciso fosse, pagava mais caro, ia de avião ou de carro, mas eu nunca mais entraria em um ônibus.

Por volta das 2h da tarde, chegamos ao nosso destino. Lorenzo ficou admirado com o tamanho da casa dos meus pais. Na verdade, era uma mansão, lugar onde eu passara minha infância e adolescência e algum tempo da fase adulta, após o acidente.

— Não imaginava que seus pais tivessem essa condição de vida.

— É, eles têm... Exagero, na minha opinião, viverem só os dois em uma casa desse tamanho, mas, como as lembranças de nossa infância, minha e de minha irmã, estão nessa casa, minha mãe se apegou.

Fomos recepcionados pelos meus pais. Fiz as apresentações, e minha mãe deu um abraço exageradamente apertado em Lorenzo, que achou graça do jeito dela.

Meu pai logo arrastou os homens para a churrasqueira, e minha mãe puxou a mim e minha irmã para a cozinha. Como eu já imaginava, a casa já estava cheia. Algumas tias já estavam lá com seus maridos e filhos.

Minha mãe sentou-se ao meu lado e ficou cochichando comigo:

— Emily, minha filha, seu namorado é um gato! Adorei ele, e que olhos azuis são aqueles? Que absurdo de homem! E o filho dele?

— Nós vamos buscar o André em Joinville amanhã ou depois, ainda não sei quando Lorenzo pretende ir.

Ela me olhou, passou a mão pelo meu rosto e constatou:

— Você está apaixonada e feliz. Como é bom te ver assim, filha. Não sabe como rezei para você ser feliz novamente, ter gosto pela vida.

— É, Lorenzo veio para mudar minha vida e meu mundo. Ele trouxe cor a minha vida. Ele é simplesmente um anjo.

— Eu acredito.

Lorenzo e Lucas se entenderam muito bem com meu pai e meus tios.

Perto das 10h da noite, fui até meu antigo quarto, que minha mãe havia arrumado para a nossa chegada, e ela havia colocado lençóis e cortinas novas. Aquele cômodo me trazia tantas lembranças. Meu banheiro também fora reformado, ela havia trocado todos os azulejos.

O Lorenzo ficou admirado. Enquanto ele ficava ali olhando umas fotos minhas em porta-retratos, eu fechei a porta do quarto, tirei o vestido e, olhando para ele, ofertei:

— Vem tomar um banho comigo!

Ele olhou para mim, deu um sorrisinho safado e já arrancou a camiseta, indo para o banheiro tirando o resto da sua roupa.

Pela primeira vez fizemos amor debaixo do chuveiro, e foi simplesmente maravilhoso.

Arrumamo-nos e descemos para a festa de Réveillon. A casa estava tão cheia de gente, eu não conhecia metade daquelas pessoas, todos amigos políticos do meu pai.

Lorenzo se enturmou bem com o Lucas e com todos os homens lá, e percebi que meu namorado era um homem que atraía muitos olhares. Não era à toa, pois era alto, tinha 1,85m de altura, cabelos escuros e aqueles olhos azuis,

não passaria despercebido nunca. Eu o olhava admirada e suspirava sozinha quando minha mãe me chamou para ir até a sala com ela, pois tinha uma surpresa para mim.

Fiquei encucada. O que minha mãe estava aprontando? Tal foi minha surpresa quando, ao chegar à sala, encontrei a Carmem com o Johnny e os seus dois filhos. Eu os olhava, e foi inevitável as lágrimas surgirem em meus olhos. A Carmem estava igualmente emocionada.

— Então? Vão ficar aí paradas olhando uma para a outra? Cadê o abraço? — indagou minha mãe.

Então eu e minha amiga corremos uma ao encontro da outra e nos abraçamos chorando. Ah, como eu sentia saudade dela! Nós tínhamos nos afastado não por vontade, mas porque nossas vidas seguiram seus rumos.

— Que saudade, minha amiga!

Ficamos abraçadas por um tempo, até que Johnny fez aquele “ham, ham” atrás de nós, e eu o abracei também assim que soltei minha amiga. Eles me apresentaram seus filhos, Luciano, de sete anos, e o mais novo, de um ano, Miguel.

— Mi-Miguel?

— Sim. Espero que não se importe, amiga, era uma forma de te homenagear. Eu sinto tanto por tudo, queria escrever, queria estar com você quando tudo aconteceu, mas tivemos um período crítico na Alemanha e ficamos alguns anos sem voltar para o Brasil. Sua mãe me contou sobre seu estado, e aí, Emy... me perdoe por ter sido uma péssima amiga e ter te abandonado quando você mais precisava de mim.

Ela chorou e me abraçou. Eu sabia que, se ela pudesse, estaria comigo, mas, depois que se casou e se mudou para a Alemanha, viera apenas duas vezes para o Brasil, e, em uma dessas vezes, eu estava em uma clínica, tentando me matar. Eu também, de certa forma, a havia abandonado.

Minha mãe e o Johnny decidiram deixar que nós duas ficássemos na sala conversando, afinal, tínhamos mesmo MUITO o que conversar. E ficamos um bom tempo, em torno de uns quarenta minutos, falando sem parar. Ela falava da vida na Alemanha, dos filhos, da empresa que o Johnny e ela haviam aberto lá, e eu contava todo meu tormento aqui, tudo o que passara.

Então Lorenzo apareceu me procurando.

— Ah, aí está você, fujona.

Ele me deu um selinho, e eu o apresentei à Carmem.

— Fico feliz que você finalmente esteja reagindo, amiga. E está bem, MUITO BEM, pelo que vejo. Cuide bem da minha amiga, viu, Lorenzo?

— Sempre!

Nós nos juntamos a todos em volta da piscina e comemoramos a chegada do novo ano. Eu, agora mais feliz do que nunca, sabia que, assim como tinha terminado bem o ano que se despedira, o ano que chegava seria o melhor da minha vida.



Lorenzo

Ah, como estava linda a festa na casa, ou melhor, mansão, dos pais da Emy. Tudo estava muito divertido, eu adorei conhecer a todos, e a minha estrela parecia estar muito feliz, de uma maneira que eu nunca tinha visto. Seria eu o culpado por tanta felicidade?

Eu não duvidava dos sentimentos dela por mim. No entanto, quando eu havia dito que a amava na primeira vez, senti que ela estranhou, mas tudo bem, o importante não são as palavras, e sim as ações, os gestos, e eu sabia que ela realmente sentia algo verdadeiro por mim. Tinha certeza de que, na hora certa, ela falaria “eu te amo”.

No dia seguinte, ainda ficamos ali. O pai da Emily me contou um pouco da história dela, na versão dele, é claro. O homem havia mudado muito, e vi que seus olhos se encheram de tristeza quando ele me contou o quanto se arrependia de não ter conhecido o neto e não ter dado ao menos uma chance ao Heitor. Entretanto, agora ele queria fazer diferente e me agradeceu por ter dado vida nova à sua filha.

— Você a tirou da escuridão. Ela vivia no piloto automático. Agora veja como ela está! Ela está sorrindo com os olhos, coisa mais linda de se ver. Obrigado, Lorenzo. Enquanto você a estiver fazendo feliz assim, terá meu respeito. E, se me der mais netos, eu lhe agradecerei.

Ele sorriu, e eu fiquei com aquilo na cabeça. Mais netos. Será que Emily pensaria em ter mais filhos? Eu não sabia se ela estaria preparada para isso. Um dia, quem sabe, mas antes eu teria de torná-la minha esposa, coisa que eu tinha certeza de que não demoraria a acontecer.

Passamos mais aquela noite lá e, no dia seguinte, após o almoço, nos despedimos de todos. A despedida mais longa foi a da Emy com a sua melhor amiga, Carmem, que voltara da Alemanha e, pelo visto, agora ficaria de vez no Brasil. As duas trocaram telefones e endereços, enfim, demoramos cerca de meia hora só nessa despedida.

Enquanto Lucas e Rafaela seguiram para Esperança, eu e Emy, antes de seguirmos viagem para Joinville, passamos em uma loja especializada em

imagens sacras. Emily queria comprar uma nova imagem de Nossa Senhora para dar de presente à igreja, pois a que havia no templo se quebrara. Achei um gesto muito bonito da parte da minha namorada. Cada vez mais eu a amava. Ela era tão linda por fora quanto por dentro.

Às vezes um coração machucado só precisa de alguém com paciência para entendê-lo, um outro coração que remende e junte os caquinhos do coração ferido e o ajude a bater novamente. Um coração solitário é como um copo vazio, você pode achá-lo lindo na cristaleira, mas, se não o usar, não serve de nada.

Meu coração já pertencia à minha estrela. Se eu havia trazido cores à sua vida, ela havia trazido paz à minha. Ela era aquela pecinha que faltava para completar o quebra-cabeça da minha vida.

Compramos a imagem e seguimos viagem. Emily estava um pouco nervosa em conhecer minha família, mas eu tinha certeza de que meus pais iriam adorá-la.

A viagem demoraria entre umas sete e oito horas. Paramos em um restaurante para almoçar, e Emily estava ansiosa.

— Você acha mesmo que seus pais vão gostar de mim? Estou nervosa.

— Claro que vão. Eu te amo, não tem como eles não gostarem de você. Você me faz feliz, é a dona do meu coração.

— O que você viu em mim?

— O que faltava em mim. Você é centrada, é forte, é uma mulher com muitas qualidades. É meio *bravinha* às vezes, mas isso te dá um charme.

— Parece que você trouxe muitas coisas maravilhosas para a minha vida. E o que eu trouxe para você?

— Amor. Acredite, estrela, o que sinto por você é forte. É algo que não vai acabar aqui.

Ela me deu um sorriso, e naquele instante tive certeza de que ela soube que era o pedaço do meu coração que eu procurava. Nós nos completávamos, simples assim. O amor é um sentimento que se sente, não se explica.

Chegamos à casa dos meus pais em Joinville por volta das 9h da noite. Minha mãe já tinha sido avisada por mim de que chegaríamos e preparara um jantar para nos receber.

— Mãe, pai, essa é a Emily. A dona do meu coração.

— É um prazer conhecer vocês.

— Prazer, minha filha! Seja bem-vinda. Vocês devem estar exaustos.

— Um pouco, mas estou com muita fome, não nego. Esse cheirinho está demais — falei sem rodeios.

Quando ouviu minha voz, meu filho veio correndo nos abraçar. Entreguei-lhe o presente de Natal que havia trazido na mala, a coleção de bonecos de Os

Vingadores, e entreguei os presentes dos meus pais. E, para minha surpresa, a Emy também trouxera um presente para André, um relógio também de Os Vingadores, que ele amou.

Após o jantar, Emily fez questão de ajudar minha mãe a limpar a cozinha, e as duas conversavam animadamente, eu percebi. Enquanto isso, eu conversava com meu pai na sala.

— Então... essa é a eleita?

— Sim, pai. O senhor sabe que só senti uma coisa parecida uma vez na vida. Não que eu sinta algo igual ao que senti pela Lis, é diferente. Não é maior, nem menor, é diferente.

— A conhecendo agora, percebo, meu filho, que ela estava sendo preparada para você, e, quando estava pronta, Deus cruzou o caminho de vocês dois. Estavam destinados um ao outro, assim como eu e sua mãe.

Emily estava mais do que aprovada pelos meus pais. Passamos a noite e ficamos de ir embora no dia seguinte à tarde. Emily se sentiu tão bem, conversou tanto com minha mãe que já parecia da família. Família é a base de tudo; família é sempre família.



*Toda Criança é um anjo, que suas asas diminuem
À medida em que suas pernas crescem
– Provérbio francês*

Uma semana depois do ano novo, já em casa, o André veio me perguntar se eu ia me casar com a Emily.

— Talvez um dia, meu filho. Por que essa pergunta?

— É porque, se você se cassasse com a tia Emy, ela ia ser tipo uma mãe?

— Sim, querido. Mas nunca, nunca vai substituir a sua mãe. Sua mãe estará vivendo sempre aqui, dentro do seu coração.

— Eu sei, pai. Mas eu gosto da tia Emy. Eu ia gostar se ela viesse morar

aqui com a gente como se fosse minha mãe.

— Eu sei, querido. Mas vamos dar tempo ao tempo, não é?

— Pai, eu posso escrever uma carta e fazer um desenho para dar de presente para ela?

— Claro, filho, eu te ajudo.

— Não! Eu quero escrever sozinho.

— Está bem.

Meu filho estava radiante. Porém, achei estranha a sua atitude de querer escrever uma carta para a Emy. Um desenho eu entendia, mas uma carta? E sem querer minha ajuda? Todavia, respeitei sua vontade.



Emily

Eu simplesmente fiquei encantada pela dona Márcia e o seu Ronaldo, pais do Lorenzo. A dona Márcia era uma mulher muito inteligente e me contou um pouco sobre Lorenzo, que era seu filho único.

Ela me confessou que Lorenzo sempre fora diferente dos seus primos e dos seus amigos, que só queriam saber de farra. Enquanto eles ficavam em festas e bebiam, Lorenzo estudava. Sempre amara números, por isso decidira que seria professor de matemática e conseguira. Quando Lorenzo colocava uma coisa na cabeça, ele ia atrás, persistia e não desistia nunca. Disso eu já sabia.

Assim que chegamos a Esperança, na primeira oportunidade que tive, fui até a igreja entregar o presente ao padre Luiz.

— Minha filha, você sabe que não é preciso.

— Abra a caixa pelo menos. Não é necessariamente para o senhor, e sim para a igreja.

Quando ele abriu a caixa e viu que era uma imagem de Nossa Senhora, seu sorriso iluminou aquela igreja.

— Minha filha, que linda! Como soube?

— Na missa do Natal. Eu percebi que a imagem de Nossa Senhora estava quebrada, então achei que seria um bom presente.

— É linda! Que Deus te abençoe. Eu agradeço em nome da igreja.

Era pouco até, por tudo o que o padre Luiz havia feito por mim. Eu tinha um carinho enorme por ele. Respeitava-o por ser padre, mas o adorava por ser meu amigo, meu irmão.

Uma semana depois de termos voltado de Joinville, em um domingo em

que eu fui almoçar na casa do Lorenzo com ele e o André, logo depois de termos limpado toda a cozinha, decidimos assistir a um desenho que o André queria ver no DVD. Passamos a tarde vendo desenho e comendo pipoca. Quando eu ia me despedindo para ir para casa, o menino pediu que eu esperasse e foi correndo até seu quarto.

— O que aconteceu com ele? — questionei ao Lorenzo.

— Não faço ideia.

Minutos depois ele voltou com um envelope nas mãos, deu-me um abraço e um beijo no rosto e pediu que eu lesse a carta e não a mostrasse para o seu pai. Eu estranhei, e Lorenzo me olhou com dúvida. Contudo, eu disse ao André que seria um segredo meu e dele. Fiquei intrigada.

Lorenzo me acompanhou até o portão da sua casa, e eu lhe perguntei o que era. Ele, assim como eu, estava curioso e não fazia ideia do que o André tinha escrito naquela carta. Ele sabia que o filho a escrevera para mim, mas não sabia do que se tratava.

— Abra, me deixe ler.

— Mas é claro que não! Você não ouviu o que ele disse? Ele falou para eu não mostrar a você. Vamos respeitar.

— Mas depois você me conta?

— Talvez. Me deixa ver primeiro o que ele escreveu. Agora vou para casa ler minha cartinha. Cadê meu beijo de boa-noite, professor?

Ele me beijou daquela maneira que já começava a me acender, e eu o afastei.

— Lorenzo...

— Estou com saudades, amor.

— Também estou. Mas resolvemos isso no próximo fim de semana? O que me diz? Eu converso com a Sophia e pago um dinheirinho para ela cuidar do André, e nós saímos para namorar, o que acha?

— Adorei a ideia.

— Então eu vou indo. Boa noite, professor.

— Boa noite, minha estrela.

Corri para casa, mas quando cheguei lá, as caras de minha irmã e de minha sobrinha não eram as melhores. Olhei de uma para a outra e logo perguntei o que tinha acontecido.

Ambas começaram a falar ao mesmo tempo, e eu não consegui entender absolutamente nada.

— Ei, gente, calma aí. Uma de cada vez. Primeiro você, Rafa.

— Essa maluca da sua sobrinha, com essa ideia estapafúrdia de ir fazer faculdade em Curitiba!

— Espera aí... mas você passou?

— Passei, tia! E em São Paulo também! Mas eu quero ir para Curitiba, pois é a melhor faculdade de odontologia e...

— Parabéns, minha linda!

Fui em direção a Sophia e lhe dei um abraço, sentindo-me orgulhosa, enquanto minha irmã me olhava torto com os braços cruzados e cara feia.

— Qual o problema, Rafa? Não está orgulhosa da sua filha?

— É claro que estou, mas o que essa garota não entende é como ela vai se virar sozinha em Curitiba!

— Tia, acontece que meu avô falou que vai me dar uma espécie de mesada para eu me manter.

— E vai morar onde, criatura de Deus!? Acha que é fácil morar sozinha? Vai precisar cozinhar, lavar sua própria roupa. Seu avô não vai pagar tudo, você terá que arcar com livros, comida, moradia e ainda mais! — Rafaela estava histérica.

— Meu pai falou que vai me ajudar.

— Emily, me ajuda a colocar juízo na cabeça dessa menina!

— Tia, me ajuda a convencer minha mãe de que eu não sou mais criança, que vou saber me virar!

Eu olhei para as duas e pedi calma. Sophia acabou subindo para seu quarto, e eu falei para a Rafaela repensar em tudo. Eu estava com uma ideia para ajudar no dilema de ambas. No entanto, só faria qualquer coisa se a Rafa concordasse, afinal, ela era a mãe da Sophia. Ela tinha de entender que a filha tinha certa razão. Ela ia para a faculdade e faria 18 anos no meio do ano, era responsável, eu não via motivos para a Rafa fazer todo aquele drama. Afinal, Esperança era uma cidade pequena, sem futuro para uma jovem como a minha sobrinha.

— Essa menina vai se perder na cidade grande, irmã.

— Rafa, pense com carinho. Ela está indo para estudar. É responsável e já é madura o suficiente para dar esse passo. Se eu fosse você, a apoiaria. Viajaria até Curitiba, conheceria a faculdade, visitaria algumas repúblicas de estudantes, ou até mesmo procuraria com ela um apartamento para alugar. Quem sabe?

— Como vou ficar sem minha filha, Emy? Como?!

Eu sabia como era ficar sem um filho. Porém, no caso dela, ela poderia ir ver a filha todo fim de semana. Todavia, eu não iria dizer isso a ela. Ela estava nervosa demais.

— Apenas pense com carinho, Rafa. Eu vou me deitar. Boa noite.

E a deixei sentada no sofá da sala, pensativa. Subi até meu quarto, vesti meu pijama e abri o envelope do André. A cartinha era até bastante longa, tinha duas folhas de papel sulfite. Abri a carta e reconheci a letreirinha meio torta, mas

toda caprichada do André.

Para tia Emy.

Tia Emy, outro dia eu estava pensando em você. Na verdade, no seu filho, que meu pai disse que morreu ainda pequenininho, e pensei em um poema. Vou escrever ele para você no final da carta, tá bom?

Eu estou feliz porque você está feliz e o papai também. Mas sabe o que eu queria mesmo? Na verdade, eu tive um sonho com isso, só não conte pro papai, porque ele pode ficar brabo. Eu sonhei que a tia tinha se casado com o pai e estava morando com a gente e que eu ia ter um irmãozinho. Eu fiquei muito feliz, porque eu não ia mais estar sozinho, ia ser o irmão mais velho, ia ajudar você a cuidar dele.

Quero que um dia esse sonho não seja mais sonho, tia. Aí você seria tipo uma mãe para mim. Eu sei que não é como a minha mãe, mas seria uma segunda mãe, né, tia? Eu queria muito. Eu sei, tia, que eu não sou seu filhinho. Mas eu podia fingir. Faria cartões e compraria presente de Dia das Mães, e você poderia ir ver a apresentação da escola no Dia das Mães, mas não como professora. Você finge que é minha mãe e que eu sou seu filho.

Não mostre essa carta para o meu papai. Ele pode ficar triste, ou não, mas eu tenho vergonha.

Tia, igual eu e o papai podemos cuidar de você, tenho certeza que minha mãe está ajudando o seu marido que mora no Céu a cuidar do seu filhinho lá. Os três estão juntos, assim como nós estamos aqui.

Eu amo você muito mesmo, do fundo do meu coração.

Vou te mostrar o poema agora, tá? Finge que eu sou seu filho, espero que não fique braba. Beijos do seu filho de mentirinha, André.

Porque eu não posso viver para sempre

Mamãe, estou te vendo agora,

Você está triste. Por que está triste, mamãe?

Eu estou aqui mesmo que a senhora não me veja.

Não chore, porque aí eu vou ficar triste.

Mamãe, hoje eu moro entre as nuvens do céu, e os anjos da guarda são meus companheiros de brincadeira.

Mamãe, eu não pude crescer, me desculpe.

Mas meu anjo da guarda disse que eu tinha feito minha parte.

Eu deixei um amor tão grande no seu coração que nada ficou para trás.

Eu fui tão desejado que minha missão de te fazer sentir esse amor foi rápida.

Mamãe, você terá outros filhos para amar e cuidar.

Mesmo assim sei que sempre serei seu bebê.

Me desculpe se você não pode me ver crescer.

Desculpe se não vai me ver nos próximos Dias das Mães.

Eu não pude viver no seu “para sempre”.

Mas você vive no meu.

E quem disse que eu não viverei para sempre, mamãe?

Quando sentir saudades, se lembre, eu estarei aqui no seu coração.

Sim, eu vivo para sempre, mamãe, no seu abraço e no seu amor

Que mesmo aqui do Céu eu consigo sentir.

Te amo para sempre.

De um anjinho filho amado para uma mamãe professora amada.

Eu tinha começado a chorar na metade da carta, quase não conseguira ler tudo. Não fazia ideia de que o André podia escrever tão bem, pois, nas aulas, ele não parecia gostar tanto assim nem de ler, nem de escrever. A emoção tomou conta do meu coração.

Às vezes uma pessoinha tão inocente, tão pequena, pode enxergar além do que nós, adultos, podemos ver. O coração de uma criança é puro. Ela nunca irá mentir ou dizer algo que não sente a um adulto. Para elas, é tudo simples, é sim ou não, e existem os porquês, que depois a vida vai se encarregando de responder. Nós, adultos, podíamos ser como as crianças, que nada pedem, nada cobram, apenas sentem.



*Talvez amadurecer seja deixar ir embora
O que já tivemos medo de perder
– Autor desconhecido*

Depois de ler aquela carta do André várias vezes seguidas sem conseguir parar de chorar, eu adormeci. Quanto amor e carinho havia naquelas letrinhas tortas!

Quando me levantei no dia seguinte, minha irmã já tinha feito café da manhã e estava sentada na cadeira em frente à mesa tomando café, pensativa. Cheguei perto dela, deposei um beijo em sua cabeça e peguei minha caneca. Servi-me de café e me sentei ao seu lado sem dizer nada.

Ela olhou para mim e deve ter reparado em meus olhos inchados de tanto chorar na noite anterior, pois questionou:

— Irmã? O que houve? Não vai me dizer que brigou com o Lorenzo! Ou teve outro sonho com o Heitor e o Miguel?

— Não, não, nada disso. Foi o André. Ele escreveu uma cartinha e um poema para mim.

— E fez você chorar desse jeito?

— Sim, você não faz ideia do que ele me escreveu. O poema é lindo. Não sabia que ele podia tocar meu coração assim, dessa maneira tão profunda. Depois pego para você ler.

— Tudo bem. Vou querer ler mesmo!

— E você está bem?

— Ah, pensando muito na Sophia. Ela quer ir com a Jéssica, que passou em direito na mesma faculdade. Estou com meu coração na mão.

— Irmã, filhos são para o mundo, não para nós. E outra coisa, ela não pode ficar a vida toda debaixo das suas asas. Ela precisa crescer.

— Eu sei, mas precisa ser tão longe de mim?

— Não é assim tão longe. Curitiba fica a umas quatro horas de distância.

— Ai, Deus, será que não terei escolha? Será que vou ter que deixá-la ir?

— Rafa, eu estava com uma ideia... Não me leve a mal, é para ajudar...

— Ai, fala...

— Como você sabe, eu ainda tenho o dinheiro do meu antigo apartamento de Londrina, que o pai me ajudou a vender. E para ajudar a diminuir um pouco os gastos da mudança da Sophia para Curitiba, então eu estava pensando que, se você aceitar, nós poderíamos aproveitar que estou de férias e ir ver uns apartamentos em Curitiba para comprar e ela ter onde morar. E os pais da Jéssica ajudam com o pagamento das despesas de luz, água e alimentação das meninas.

— Não, Emy, não posso aceitar, esse dinheiro é seu.

— Pode, sim. Seria um presente para a Sophia. Por favor, me deixa fazer isso. Era algo que eu faria por Miguel, mas ele não teve a oportunidade nem de cursar a pré-escola, que dirá faculdade... Não diga nada agora, apenas pense com carinho.

— Mas e você, irmã, você pode ter outros filhos e...

— Isso, se acontecer, vai demorar muito, ainda mais até eles chegarem até a faculdade. Além do mais, eu moro aqui com você, não pretendo me mudar e acho que vou envelhecer nessa cidadezinha pequena e pacata. A não ser que você se case com o Lucas e decida me expulsar da sua casa.

Naquela hora ela congelou, me olhou e sorriu. Levantou-se da cadeira dando pulos de alegria, correu em minha direção, deu-me um beijo e finalmente

me mostrou um anel de noivado.

— E... Por falar em casamento... — Riu de felicidade. — O Lucas fez o pedido na virada do ano novo! Foi lindo!

— Sua vaca, você demora mais de uma semana para me contar?!

— Desculpa, irmã. Mas não pense que não pode ficar aqui, viu?! Pois o Lucas quer que eu vá morar com ele depois do casamento, e já que você vai comprar o apartamento para a Sophia, nada mais justo que...

— Então é um sim?! Você vai deixar a Sophia fazer a faculdade em Curitiba?

— Talvez, mas quero ir lá olhar tudo. Ver a faculdade, encontrar um apartamento perto.

— E eu irei com você. Mas não conte a ela ainda sobre o apartamento, vamos fazer uma surpresa.

— Ótimo.

Rafaela me contou que ela e o Lucas pretendiam se casar em junho, no dia 13, para ser mais exata, pois era dia de Santo Antônio, de quem minha irmã era muito devota. Eu fiquei muito feliz por ela. E fiquei mais feliz ainda por a minha sobrinha conseguir passar para a faculdade de odontologia em uma instituição pública em Curitiba.

Depois peguei em meu quarto o envelope com a cartinha que o André havia escrito para mim e, quando tirei novamente a carta de dentro do envelope, só então vi outro papel lá dentro. Era um desenho. Ele tinha desenhando a mim, ele e seu pai e, no céu, em uma nuvem, o meu marido, meu filho e a mãe dele olhando para nós e sorrindo. Todos estavam sorrindo. Emocionei-me novamente, e, pegando-me de surpresa, a Rafa apareceu. Entreguei-lhe a cartinha e o desenho. Assim como eu, ela ficou emocionada e derramou algumas lágrimas.

— Que fofo! Que menino inteligente! Eu fiquei até sem palavras...

— Ele é muito amoroso comigo. Ele e o pai já fazem parte da minha vida. E o que eu puder fazer para deixá-los felizes, eu farei.

— O amor é lindo! E ver você assim é mais lindo ainda, irmã.

Ela me deu um abraço, e eu liguei para Lorenzo, convidando-o e ao André para irmos tomar um sorvete mais tarde. Ele aceitou na hora.

Lorenzo apareceu com o filho no fim da tarde. Era em torno das 5h30. O tempo estava agradável, fazia muito calor. Quando vi o André, abracei-o forte e me segurei para não chorar. Agradei-lhe pela carta.

Fomos a pé até o centro da cidade e entramos na sorveteria mais famosa e frequentada de Esperança. Estava cheia, muitos dos alunos da escola estavam lá. Minha sobrinha estava ali também com o namorado e as amigas, mas já estavam de saída.

Escolhemos nossos sorvetes e nos sentamos a uma mesa, quando a diretora da escola nos viu e veio nos cumprimentar:

— Boa tarde, Emily, Lorenzo. Tudo bem, Andrezinho?

— Olá, Ana — saudamos de volta. Lorenzo perguntou: — Tudo bem?

— Tudo ótimo. Que bom que encontrei vocês aqui. Na semana que vem, irei marcar uma reunião com os professores para discutirmos o nosso ano letivo, matérias e tudo mais.

— Conte conosco, é só nos avisar, que estaremos prontos — afirmei. — Na verdade, não vejo a hora de voltar, estou com saudades dos alunos, da escola.

— Mais um mês, e voltaremos à ativa. Mas aproveitem as férias... Falando nisso... vocês três formam uma família linda, adoro vê-los juntos. Quero casamento logo.

Eu quase me sufoquei com o sorvete na boca quando Ana falou aquilo. Lorenzo e André apenas soltaram gargalhadas, e Lorenzo disse “quem sabe um dia”.

Ana se despediu, e depois que terminamos o sorvete, André pediu para brincar um pouco na pracinha ali em frente com as outras crianças. Enquanto ele brincava, eu e o Lorenzo nos sentamos em um banco da praça. Lorenzo ficou me encarando de um jeito engraçado.

— Estou com a boca suja? Tem alguma coisa no meu rosto? Por que está me encarando desse jeito engraçado? Para com isso! — disse rindo sem parar.

— Sabe o que tem no seu rosto? O amor que eu procurava. Não percebe como sou apaixonado por você, minha estrela?

— Eu também te adoro e me apaixonei por você de um jeito tão inesperado e tão de repente que mal notei. Quando dei por mim, esse sentimento já estava aqui, no meu coração.

— Claro que meus olhos azuis ajudaram. — Ele gargalhou ao notar meu olhar. — Estou brincando, amor. Mas o que quero perguntar é: você pensa em se casar de novo algum dia? Ter outro filho, quem sabe?

Minha mente naquela hora viajou para um passado dolorido. Olhei-o dentro dos olhos e fui sincera:

— Casar, sim; ter um filho, ainda não sei. Foi tão doído perder Miguel que acho que eu seria uma mãe superprotetora se tivesse outro filho. Não sei.

— Eu te entendo, amor. Há dores que jamais cicatrizam, e o Miguel sempre viverá em seu coração. Mas, mudando de assunto, quero te perguntar o que o André te escreveu.

— Não posso te contar. Mas só posso dizer que ele tocou meu coração. Me emocionou muito. Acho que ele não será um homem de números como o pai. Ele escreve muito bem.

— Ele é um menino muito inteligente.

— É, sim. E, no que eu puder fazer para vê-lo feliz e te ajudar no que ele precisar, conte comigo.

— Já disse que te amo?

— Hoje ainda não.

— Vem cá. Eu te amo!

E me deu um beijo suave e apaixonado.

Cerca de meia hora depois, decidimos ir para casa. De tanto o Lorenzo insistir, eu dormiria na sua casa. Ao chegarmos lá, o André foi tomar um banho, pois havia se sujado brincando na pracinha, e eu liguei para minha irmã para lhe avisar que passaria a noite na casa do meu namorado.

— Hum... casa logo com esse gato, irmã. Olha só, vocês podiam se casar no mesmo dia em que eu e o Lucas. Casamento duplo, o que acha?

— Eu acho que você está louca, Rafaela, isso sim. Só liguei para avisar. E as coisas com a Sophia, como estão?

— Melhores, depois que eu falei que você vai conhecer a faculdade comigo semana que vem em Curitiba. Mas não falei nada sobre o apartamento.

— Isso, precisamos fazer as coisas sem ela saber. Será uma surpresa. Agora vou desligar. Irmã, durma com Deus.

— Irmãzinha, sei que você vai dormir, ou melhor, ficar BEM acordada com o professor Lorenzo.

— Não seja indiscreta. Boa noite, Rafaela.

Ela gargalhou.

— Boa noite, Emy!

Minha irmã era fogo. Ela estava muito feliz, primeiro por eu estar bem e estar namorando havia três meses, e agora mais ainda por ela ter sido pedida em casamento.

Depois que o André saiu do banho, o Lorenzo ia fazer a oração com o filho antes de esse ir dormir, mas o menino nos surpreendeu dizendo que queria que eu rezasse com ele. Lorenzo olhou para mim, e eu falei que teria o maior prazer em orar com o garotinho.

— Bom, já que é assim, vou tomar um banho. Boa noite, então, filhote.

— Boa noite, papai. Te amo.

Lorenzo foi tomar seu banho, e eu e o André fizemos a oração do anjo da guarda:

*Santo anjo do Senhor
Meu zeloso e guardador
Já que a ti me confiou*

*A piedade divina:
Hoje e sempre me governa, rege
Guarda e ilumina.
Amém.*

— Senhor Deus, obrigado por eu ter a tia Emy por perto, e, se não for pedir muito, que um dia meu papai se case com ela e ela me dê um irmãozinho ou irmãzinha. Amém.

— André, você não existe! Nunca esqueça que você é um menino muito especial para mim.

Ele esticou os braços, deu-me um abraço e adormeceu.

Saí do seu quarto sem fazer ruído e fiquei na sala assistindo a um filme de terror que tinha começado, esperando o Lorenzo sair do banho.

Ele saiu do banheiro apenas enrolado em uma toalha e foi para o seu quarto, e eu desliguei a TV e fui atrás dele. Estava com saudades de sentir sua pele em contato com a minha.

— Hum... que cheiro gostoso — comentei o abraçando pelas costas.

— Gostou?

— Adoro tudo que é relacionado a você.

— Vou me vestir e já vou lá assistir ao filme com você.

— Quem disse que eu quero ver o filme? Eu tenho algo mais interessante em mente...

— É? Tipo...?

— Você tirar essa toalha agora.

Puxei a toalha de sua cintura, deixando-o nu a minha frente. Ele veio para mim e me puxou para si, olhando-me nos olhos.

— Sabe que eu estava com essa intenção também? Mas acho que estou em desvantagem aqui, a senhorita está com muita roupa...

Ele me despiu, deixando-me apenas de calcinha e sutiã. Olhou-me de cima a baixo passando a língua entre os lábios e me deixando ansiosa por seu toque.

— Amor, como você é linda. No fim de semana você vai realmente pagar sua sobrinha para ficar com o André para nós irmos namorar em um outro lugar?

— Sim, amanhã mesmo converso com ela.

— É porque aqui, com o André no quarto ao lado, não podemos fazer algumas coisas que eu estou muito louco para fazer com você. Vamos ter que ficar no “básico”.

— Acho que o “básico” por enquanto é o suficiente para mim.

Pendurei-me em seu pescoço, e ele me pegou no colo, beijando-me com ternura. Eu conseguia sentir o tamanho de seu desejo quando sua língua tomou

toda a minha boca. Como aquele beijo era bom!

Lorenzo passou suas mãos por todo o meu corpo lentamente, fazendo desenhos invisíveis com os dedos, causando-me arrepios. Vendo a súplica em meus olhos, já que eu tinha de me conter e não soltar gemidos muito altos e ele também tinha de se controlar, ele tomou novamente meus lábios, beijando-me ferozmente. E, sem desgrudar sua boca da minha, tirou meu sutiã e, sem demora, minha calcinha.

Pegou na gaveta um preservativo e o colocou em seu membro já ereto. Nessa hora troquei de lugar com ele, deixando-o embaixo de mim, e sussurrei em seu ouvido:

— Você é a parte da minha vida que me faz acreditar em milagres. Eu te adoro. — Eu ia dizer “eu amo você”, mas não saiu.

Ele pegou em minha cintura sem tirar os olhos dos meus, sentou-se na cama e foi me encaixando em seu membro bem devagar. Beijava meu pescoço enquanto me movimentava em cima dele. Aquela posição era novidade para mim, mas estava muito bom, pois eu podia olhar para ele. Fiquei abraçada a Lorenzo até que chegamos juntos ao êxtase. Ele olhou para mim sorrindo, deu um tapinha em meu bumbum e, com cuidado, tirou-me de cima de si. Foi até o banheiro para tirar o preservativo e voltou para os meus braços.

— Emy... eu te amo. — Ele me encarou como sempre fazia, olhando-me dentro dos olhos, fazendo com que eu me perdesse dentro daquela imensidão azul. — Não se assuste com o que eu vou te dizer agora, está bem...?

— Lorenzo...

— Me deixa falar, porque é o que eu tenho em mente para nós. Sei que estamos há pouco tempo juntos, mas parece que já faz muito tempo. Eu sei que vai durar, eu sei que o que sentimos é de verdade e eu não acredito que foi coincidência nós dois termos o nosso passado parecido e termos nos encontrado aqui. Isso tudo foi destino. Foi Deus, foi uma força maior que nós. E eu acredito que nós fomos destinados a ficar juntos. E um dia, não agora, quando você estiver preparada e a gente tiver se casado, eu quero MUITO ter um filho com você.

Eu não sabia o que dizer a ele. Eu tinha certeza de que, quando um homem fala que quer ter um filho com uma mulher, é porque ele a ama de uma maneira muito profunda e quer estender esse amor a uma terceira pessoa. Uma mistura de almas que gera uma nova. Entretanto, eu realmente não sabia se ia querer aquilo na minha vida. Talvez fosse egoísmo da minha parte, mas eu não sabia se iria querer outro filho.

Eu o beijei na boca e deitei minha cabeça em seu ombro.

— Não posso te dizer que isso nunca irá acontecer, ou que é tudo o que

mais quero, porque ainda não estou preparada. Mas o tempo nos dará as respostas certas, e Deus irá fazer tudo no Seu momento. Deus me deu você, e eu nem te queria.

— Ai, meu coração! Essa doeu.

— Mas agora eu não consigo me ver sem você.

— Sem pressa, amor. Eu vou estar bem aqui, ao seu lado, esperando por você. Porque eu sei que é você. E eu sei que nosso destino será assim, juntos.

Ele pegou minha mão e cruzou nossos dedos. Deu-me um beijo na testa, e eu logo adormeci. Dormi ouvindo o pulsar do seu coração, sentindo a sua respiração. E me dei conta de que o amor estava ali novamente.

Nada que eu sentia por Lorenzo podia ser explicado. Eu adorava aquele jeito simples e divertido com que ele enxergava a vida. O seu bom humor, o seu sorriso eram um alento ao meu coração, como se eu estivesse num canto obscuro e seu sorriso iluminasse e aquecesse todos os cantos sombrios da minha alma. Ele trazia cor e leveza a minha vida. Tudo era muito intenso com ele. Nada parecia abatê-lo ou deixá-lo incomodado. Nada. Eu comecei a me sentir uma mulher de sorte, muita sorte, por tê-lo comigo.

Na manhã seguinte, acordei com Lorenzo me trazendo uma bandeja de café da manhã na cama.

— Hum... Você vai me deixar mal-acostumada. Vou querer dormir aqui sempre.

— Vem. — Ele me olhou sério de repente.

— Quê?

— Estou falando sério. Vem. Vem morar aqui comigo.

— Você está brincando, não está?

— Não. Nunca falei tão sério. Você não quer?

— Não é isso, só acho muito cedo... Vamos esperar mais um pouco, está bem? Pelo menos até minha irmã se casar.

— A Rafaela e o Lucas vão se casar?

— Sim, hoje ela ia até à igreja marcar a data com o padre Luiz.

— Poxa... E quando será isso?

— 13 de junho, pelo menos era a data que ela queria, pois é dia de Santo Antônio, e ela é superdevota.

— Tudo bem, Emy, eu espero, até porque sou paciente e costumo conseguir tudo o que eu quero.

Ele me deu um selinho na boca, e dividimos o café na cama.

Fui para casa logo após fazer um almoço bem gostoso e almoçar com o Lorenzo e o André e encontrei Rafaela e Sophia conversando no sofá da sala.

— Ah, olha aí, sua tia chegou. Ela não mente nunca. É verdade ou não,

Emy, que semana que vem você irá comigo visitar a tal faculdade de Curitiba?

— Si-sim, é verdade.

— Sério mesmo, tia? Ela tinha me falando isso há uns dias, mas eu não tinha acreditado. Então a senhora mudou de ideia mesmo, mãe?

— Estou pensando ainda sobre o assunto. Mas irei sozinha com a sua tia, não fique toda animada, não.

— Está bem. Mas tenho certeza de que, quando a senhora conhecer a faculdade, vai mudar de ideia.

Sophia deu pulos de alegria, beijou os nossos rostos e cochichou em meu ouvido:

— Ela vai aceitar.

Eu sorri, e minha irmã me contou que conseguiu marcar a data do casamento para o dia 13 de junho. Teríamos seis meses para organizar tudo. Ela falou que pretendia marcar em breve um jantar ali em casa para convidar oficialmente a mim e o Lorenzo para sermos padrinhos.

Eu estava feliz por Rafaela e acabei desabafando com ela sobre o convite de Lorenzo para ir morar com ele.

— Uau, o rapaz é rápido. O Lucas demorou dois anos para pedir minha mão em casamento.

— Eu pedi para ele esperar pelo menos até o seu casamento para vermos o que rola até lá, porque acho cedo demais para darmos um passo desses. Eu tenho tanto medo de me precipitar.

— Deixa eu te falar uma coisa... Eu olho para vocês dois e parece que estou vendo um casal que está apaixonado e que parece que está há muito tempo junto. Você e ele foram destinados um para o outro. Irmã, não dê importância ao tempo, pois ele não significa nada quando o amor é verdadeiro.

— Mesmo assim, prefiro esperar. Mudando de assunto, Sophia está radiante.

— Está. Eu estou feliz e orgulhosa por ela, mas não minto, meu coração de mãe está despedaçado por dentro por ver minha bebê ir embora.

— Poxa, Rafa, vai se acostumando, viu? Além do mais, logo você casa e não ficará mais sozinha.

— Tem razão... Ah, e se prepare, segunda-feira que vem iremos para Curitiba, até já vi alguns possíveis apartamentos à venda para darmos uma olhada.

Minha irmã estava com o coração na mão por deixar a filha ir estudar e morar sozinha em uma cidade grande, mas ela sabia que era necessário. Acho que eu, no lugar dela, também estaria assim. Que mãe não estaria?

Contudo, isso fazia parte da vida. Agora ela tinha de viver a sua vida e

deixar a Sophia viver a dela. O que poderíamos fazer era a apoiar e, mesmo de longe, sempre demonstrar que a amávamos e estaríamos sempre ao seu lado.



*Dentre todas as formas que eu conheço
Para te dizer “eu te amo”, a minha preferida
É cuidar de você
– Autor desconhecido*

Um dia depois de a Emy ter dormido lá em casa e eu lhe ter pedido para vir morar comigo, fiquei com um medo bobo de ela ter se assustado com minha proposta. Eu falara aquilo do fundo do meu coração, era o que eu realmente desejava. No entanto, pelo que me pareceu, ela ainda não estava pronta para dar esse passo.

Naquela tarde ela me ligou para avisar que, na segunda-feira, iria viajar até

Curitiba com a irmã para procurarem um apartamento que ela pretendia comprar para dar à sobrinha, já que essa ia fazer faculdade lá. Seria uma surpresa para a Sophia.

Aproveitei a ligação, pois de repente tive uma ideia meio maluca. Eu queria realmente passar um fim de semana romântico com a minha namorada e perguntei se ela havia conversado com a Sophia sobre a possibilidade de a garota cuidar do André no sábado à noite. Ela me respondeu que ia falar com a sobrinha naquele dia, então eu disse:

— Então pergunte se ela pode olhar o André durante todo o fim de semana, começando na sexta-feira à noite e terminando quando chegarmos no domingo à noite.

— Nossa, por quê, professor? Aonde pretende me levar?

— Surpresa. Topa?

— Eu topo, mas vou conversar com a minha irmã, nesse caso.

— Ótimo. Só quero passar um fim de semana inteiro grudado em você e, quando digo isso, é grudado mesmo.

— Hum... Adorei essa ideia. Vou falar com elas e te mando mensagem mais tarde.

— Fico aguardando, então.

Ela me mandou um beijo e logo desligou o telefone. Eu, todo animado, esperei a sua mensagem, que veio meia hora depois, confirmando tudo. Então liguei para o hotel e fiz a reserva da suíte. Levaria Emily para um fim de semana em um hotel fazenda em Iporanga, São Paulo, fronteira com o Paraná. Fica a apenas duas horas de carro de Esperança.

Chamei meu filho e conversei com ele:

— Então, nesse fim de semana, o papai vai sair com a Emy... E você irá ficar na casa dela com a Rafa e a Sophia.

— Vocês vão namorar, né?

— Hum... garoto esperto.

— Pai, quando vocês vão casar?

— Filho, eu ainda não sei. Você iria gostar se eu me casasse com a Emy?

— Sim.

— Vamos dar tempo ao tempo, mas algo me diz que isso será em breve. Então? Tudo bem você ficar na casa da Emy?

— Tudo, a Sophia é muito legal comigo. Posso levar meu videogame, assim a Sophia me ajuda a passar uma fase difícil do meu jogo novo, ela é fera.

— Claro, filhote.

Antes de tudo o que eu fazia, pensava no meu filho, no seu bem-estar. Tínhamos sido só nós dois naqueles últimos dois anos, e quando a Emy surgiu,

fiquei com receio de ele se sentir meio de lado, mas, ao contrário, ele a adorava, acho que a amava tanto quanto eu, e isso me dava mais segurança. Ter o apoio do meu filho era a coisa mais importante na minha vida.

Quando falara naquela noite para a Emily que queria ter um filho com ela, eu estava falando sério. E um dia nós teríamos uma criança, eu não tinha dúvidas daquilo.



Finalmente a tão esperada sexta-feira à noite chegou. Levei meu filho com uma mochila de roupas e o seu videogame para a casa da Emily, e a Sophia já foi ligando o console na sala. Tinha estourado pipoca, e iam fazer a maior bagunça. O André ficou todo animado.

Emily estava em seu quarto e, quando a Rafa gritou que eu tinha chegado, ela desceu linda, vestindo um jeans que eu nunca a tinha visto usar, bem colado ao corpo, e uma blusinha de um ombro só com o desenho de uma rosa. Ela estava tão sexy. Cumprimentei-a com um beijo casto, despedi-me do meu filho e dei orientações para que ele obedecesse a Sophia e a Rafaela, deixando claro que elas podiam me ligar a qualquer hora se algo acontecesse.

— Ai, pai, tudo ok. Agora pode ir namorar, que eu vou ficar bem.

— Verdade, “tio” Lorenzo, nós vamos nos divertir muito nesse game hoje.

Sorri quando Sophia me chamou de tio. Eu sabia que o André estaria bem cuidado. Peguei a pequena bolsa de viagem das mãos da Emy, e fomos até o carro. Coloquei a mala no banco de trás e abri a porta para ela entrar. Assim que entrei no veículo, segurei as mãos de Emily e beijei seus pulsos.

— Prepare-se, namorada, você terá um fim de semana inesquecível.

— Estou ansiosa já.



Chegamos ao hotel fazenda por volta das 11h da noite. Fizemos o check-in, e a recepcionista nos acompanhou até a suíte que eu havia reservado. Solicitara uma das melhores suítes do hotel. Emily ficou encantada olhando tudo, e eu não resisti, abracei-a por trás e sussurrei em seu ouvido:

— Então, estrela? Gostou?

— Amei! Você é doido.

— Doido por você.

Virei-a de frente para mim e a beijei. Comecei com um beijo lento, calmo, mas logo aquele beijo tomou conta de mim. Meu corpo rapidamente respondeu. Senti os braços dela em volta de meus ombros, apertando-me ainda mais contra si.

— Calma aí, amor. Tenho planos para nós hoje. Você confia em mim?

— Confio, professor.

— Você não deveria ter falado isso, agora vou abusar de você.

Dei-lhe um sorriso torto e peguei uma venda, cobrindo seus olhos.

— Professor, o que está aprontando?

— Relaxa, que eu irei te conduzir.

Guiei-a até a cama *king size* e peguei uns pedaços de tecido que tinha trazido comigo. Peguei seu braço esquerdo, beijei seu pulso e o amarrei na cabeceira da cama, então fiz a mesma coisa com o braço direito.

— Além de me deixar com os olhos vendados, vai me deixar presa?

— Schiu, tenho certeza de que você vai gostar.

Deixei-a deitada na cama enquanto ia buscar o gel comestível sabor morango que havia comprado uns dias antes. Tirei minha camisa, minha calça jeans e fiquei apenas com a boxer branca.

Subi na cama e comecei a beijar Emily na boca lentamente. Deixei sua boca e comecei a fungar em seu pescoço, causando arrepios por todo o seu corpo. Ergui lentamente sua blusinha, e para minha surpresa ela estava sem sutiã. Peguei o gel e comecei a passar por sua barriga e seios, massageando-os com movimentos circulares. Eu já sentia minha ereção apertada dentro da minha cueca, mas me segurei.

Tomei seu seio com a boca e comecei a chupar e lambear todo o gel. Descia lambendo sua barriga e voltava aos seios, enquanto Emily se contorcia embaixo de mim, soltando pequenos gemidos, o que estava me deixando louco.

Trilhei sua barriga com beijos até chegar à base da calça, que tirei rapidamente; a sua calcinha, todavia, tirei lentamente, saboreando vê-la com os olhos vendados, sem saber qual seria minha próxima ação.

Tirei minha boxer, tentando controlar minha ereção. Voltei a sua boca, beijando-a com todo o desejo, mas ainda não tirei a venda de seus olhos, nem a desamarrei.

Desci novamente por seu corpo passeando minhas mãos por todo ele e voltei a beijá-la no pescoço, então fui descendo lentamente a boca por sua pele até chegar aonde eu queria, seu sexo, que chupei com vontade. Passei a língua por seu clitóris e, quando ela estava quase gozando, parei, tirei sua venda, desamarrei seus pulsos e terminei de tirar a sua blusa.

— Você quer me deixar louca, professor?! O que foi isso?! — indagou

ofegante.

Não lhe dei nem tempo de protestar; agarrei-a e a beijei novamente, deitando-a de novo embaixo de mim. Coloquei o preservativo e penetrei em seu interior de uma só vez, urgente e sem dó, enquanto ela me arranhava as costas e gemia de prazer.

Dessa vez não fui delicado, não pensei duas vezes antes de aumentar o ritmo, até que chegamos ao orgasmo juntos. Desabei sobre ela, beijando-a com ternura.

Corri até o banheiro, joguei o preservativo no lixo e voltei para a cama, onde Emy estava com o corpo meio mole depois do amor que acabávamos de fazer.

— Nossa, professor, nunca imaginei que...

— Eu sei, estava com muita vontade de fazer isso há muito tempo. Tomar seu corpo e chupar todinho. Você é simplesmente deliciosa.

— E você, professor, é perigosamente sexy!

— Eu te amo e quero sempre surpreendê-la.

— E que surpresa, professor... Nossa, me deixou sem fôlego! Fiquei até bamba.

Ela estava deitada de bruços ao meu lado, e conversamos um pouco antes de pegarmos no sono abraçados, grudados um ao outro.

Na manhã seguinte, tomamos um banho demorado juntos depois de fazermos amor demoradamente na cama mais duas vezes. Saímos do quarto e fomos tomar um café colonial com tudo a que tínhamos direito. E, logo após o café, demos uma volta pelo hotel fazenda, que era gigante.

Percebi que a Emy estava radiante, com uma luz própria. Acho que ela ainda não tinha reparado no quanto tinha mudado, no quanto estava feliz. Ela olhava para mim e não conseguia conter o sorriso bobo nos lábios.

— Emy, você está tão linda hoje. Não que você não esteja sempre, mas não sei, está radiante.

— Estou apaixonada, professor. Você é o culpado por isso. Não fazia ideia de que voltaria a sentir tudo o que sinto por você. É tudo tão novo para mim, me sinto uma boba. Você é o melhor namorado do mundo para mim.

— Eu amo você, Emy. — E a beijei.

Às vezes as pessoas passam a vida toda procurando por algo que nunca irão vivenciar. Eu fui muito abençoado, primeiro com a Lis, e agora com a Emily. Era uma segunda chance não só para ela, mas para mim também. Eu sei, sempre fui brincalhão, sempre tive pensamentos positivos, sempre fui alto-astrol, mesmo depois da morte da Lis, mas por dentro eu me sentia solitário. Parecia que tinha uma lacuna dentro do meu peito, um vazio que só foi preenchido depois de a

Emy entrar na minha vida. Ela e o André eram as pessoas que eu mais amava no mundo.

Enquanto voltávamos para o hotel, acabamos pegando uma chuva de verão. Emy rodopiava e chutava as pequenas poças d'água que se formavam no caminho, sorria, brincava na chuva parecendo uma criança.

— O que foi, professor? Nunca brincou na chuva, não?

— Você é doidinha, sabia?

— Doidinha por você, professor.

Ela veio em minha direção e se jogou em meus braços. Entramos no quarto do hotel encharcados pela chuva. Emily estava terrivelmente sexy com aquele vestido molhado colado no corpo.

— Vem — ela disse —, vamos tomar um banho quente e depois vamos almoçar...

Eu sorri e fui arrancando minha roupa enquanto a seguia até o chuveiro. Fizemos amor sob os jatos d'água, tomamos um banho quente e nos trocamos para irmos almoçar.

Tudo no hotel fazenda era em excesso, a comida, então, era em exagero, mas tudo uma delícia. De repente senti minha garganta arranhar e comecei a espirrar. Droga, eu ia pegar uma gripe daquelas.



Emily

Realmente o fim de semana estava cheio de surpresas. Lorenzo se mostrou um namorado carinhoso, romântico, e agora outra face sua se revelava, a de amante quente. Ele me deixou completamente louca. Eu sentia tudo por ele, carinho, afeto, amor, admiração, desejo. Não poderia estar mais feliz.

Depois que pegamos aquela chuva, fizemos amor durante o banho e fomos almoçar. Percebi que Lorenzo estava espirrando e começando a falar meio fanho. Ele ia pegar um belo resfriado. Eu iria cuidar dele, pois cuidar também é uma das formas de dizer sem palavras que se ama uma pessoa.

Após o almoço, voltamos para o quarto para curtir uma “preguicinha” e cochilamos um pouco. Quando acordei, Lorenzo ainda dormia, e o senti quente ao meu lado. Ele parecia estar com febre. Pedi na recepção um termômetro e fui buscá-lo lá. Quando voltei, Lorenzo já estava acordado e com um ar abatido.

— Onde você foi? Fugiu de mim, é?

— Fui buscar um termômetro, você está muito quente, parece febril.

— Eu estou com um pouco de dor de cabeça e de garganta, deve ser só um resfriado.

— Mesmo assim pode deixar que eu cuido de você. Coloca isso debaixo do braço, vamos ver se está mesmo com febre.

E ele realmente estava com quase quarenta graus de febre. Pedi para a recepção um chá bem quente de limão com gengibre. Dez minutos depois bateram à porta do quarto e trouxeram o chá, e perguntei se por acaso tinham algum antigripal, então me falaram que eu deveria me informar na recepção, então pedi para Lorenzo tomar o chá e disse que iria descer para perguntar sobre a medicação e pegar o remédio, caso tivesse, e que logo voltaria.

Ele fez uma cara de cachorro que caiu da mudança, mas tomou todo o chá enquanto eu me ausentava. Por sorte, o hotel mantinha estoque de medicações simples, como antigripais, relaxantes musculares, etc. Peguei um remédio para gripe, subi ao quarto e o dei para Lorenzo. A febre baixou, e ele adormeceu em meu colo enquanto eu fazia cafuné em seus cabelos. Aquele era o sentido do amor verdadeiro, respeitar, amar e cuidar.

Com cuidado, ajeitei sua cabeça sobre o travesseiro e apaguei as luzes. Também adormeci.

Na manhã seguinte, ele estava com os olhos lacrimejantes e com o nariz bastante congestionado, sintomas normais de uma gripe, mas a febre já não se mostrava.

Tomamos o café da manhã no quarto, e Lorenzo me olhava com uma mistura de tristeza e admiração.

— O que meu professor tanto olha? Já te conheço, por que está com essa carinha abatida?

— Era para ser um fim de semana perfeito. Não era para eu ter pegado um resfriado e ficar assim, sem forças para te amar, nem mesmo passear. Esse hotel fazenda tem tantas atrações legais, e Iporanga é linda, tem dois parques protegidos, cachoeiras, trilhas, cavernas, comunidades quilombolas. Sabia que é conhecida mundialmente como a Capital das Cavernas?

— Oh, meu lindo! Quer saber de uma coisa? Esse fim de semana foi um dos melhores da minha vida. E teremos muitos outros pela frente. E tem mais, seu *taradinho*, amor não é só ficar trancado num quarto “brincando” com a parceira, amar é isso, demonstrar carinho, cuidado, proteger, querer bem. Só de estar perto de você, eu já ganho meu dia.

— Essa foi a melhor declaração de amor para mim até agora.

Dei um selinho em sua boca, tomamos café da manhã e passamos algumas horas entre carinhos e cochilos no quarto. Pouco depois do almoço, lá pelas 2h30 da tarde, seguimos viagem de volta a Esperança. Eu fui dirigindo, já que

Lorenzo estava meio abatido e com dor de cabeça.

Aquele com certeza foi um dos melhores fins de semana da minha vida. Outros estavam por vir, mas aquele foi especial.



*Nunca desista. Vá em frente até acertar
E nunca deixe que o medo
Te impeça de tentar,
Leve na raça, faça o que o coração mandar.
Não deixe nada para depois, não dá para esperar...*
– **Gustavo Lima**

Chegamos a Esperança no domingo no fim da tarde. Lorenzo foi até minha casa, pegou o André, e nos despedimos, pois na segunda-feira bem cedo eu viajaria para Curitiba com a minha irmã para visitarmos a faculdade e vermos os apartamentos para a Sophia.

Ainda tive de relatar tudo o que acontecera no fim de semana para a

Rafaela, que não parava de azucrinar meus ouvidos. Então falei que ele havia pegado uma gripe forte e que ainda não estava cem por cento bom, mas estava melhorando, e minha vontade era de ficar cuidando dele.

— Isso vai acabar em casamento.

— Não sei, só sei que o quero perto, não importam as circunstâncias. Quero cuidar dele, quero ser amada por ele. E eu nem imaginava que ele tinha todo aquele fogo. Ele me deixou totalmente de pernas bambas.

— Olha, quem vê cara não vê coração mesmo. E eu, que achava que ele era do tipo certinho... Me conta aí, como foi? Quero detalhes.

Eu ri.

— Só posso te dizer que o professor de matemática não é bom só com números. Quando ele tira os olhos dos livros e retira aqueles óculos... Nossa! Ai, Rafa, estou amando.

— E já falou isso para ele?

— Tentei, porém, não sai. Só sai um “te adoro” e nada mais. Mas sei que, no momento certo, a frase vai sair.

Na manhã seguinte nós nos levantamos às 6h da manhã, tomamos um café rápido e seguimos viagem para Curitiba. Conhecemos o campus da universidade federal e fomos ver os apartamentos que a Rafa havia combinado com uma imobiliária que ela agendara.

O primeiro era a uns 15 minutos de ônibus do campus da faculdade e era um charme. Tinha dois quartos, cozinha americana já com armários embutidos, e o preço também estava bacana. Mesmo assim fomos visitar mais uns quatro.

No fim das contas, o primeiro era o mais perfeito. Entretanto, mesmo com preço bom, era o mais caro, e a Rafaela queria que eu comprasse um mais barato. Todavia, avisei-a de que seria aquele e ponto. Acertamos todos os detalhes da compra, assinando o contrato de compromisso de compra e venda e o registrando em cartório. Já deixei um cheque com o valor integral pedido pelo apartamento.

Voltamos para Esperança em posse das chaves.

— Meu Deus, minha filha vai mesmo morar sozinha.

— Ela vai para a faculdade. E estará com a Jéssica. Ela criou asas, minha irmã. Vai atrás dos próprios sonhos. Tenho orgulho dela.

— Sim, eu também, mas estou com o coração na mão.

Preparamos uma surpresa para a Sophia, compramos uma caixa enorme e colocamos a chave do apartamento e a documentação no fundo da mesma, cobrindo-as com papel picado.

Quando chegamos a casa, a Rafa disse a Sophia que sentia muito, mas não tinha gostado do lugar e que jamais deixaria sua filha única ir morar em um

lugar como aqueles. Para que Sophia não ficasse triste, ela e eu havíamos comprado um presente para ela.

A Sophia já chorava, triste com a situação, e pegou desanimada a caixa, mas falando que não ia desistir. Quando abriu o “presente” e só viu papel picado, estranhou.

— Procura, menina, seu presente está aí, no fundo da caixa. Na verdade, o presente é da sua tia.

Ansiosa, ela virou a caixa de ponta-cabeça, derrubando os papéis no chão, e vi quando a chave e os documentos do apartamento caíram.

— Ma-mas o que é isso?

— Leia.

Ela leu o contrato de compra e venda em meu nome, entendeu tudo e se pôs a chorar. Contudo, agora seu choro era de emoção, era de felicidade.

— Ai, meu Deus, tia! A senhora quer dizer... Eu não posso!

— Pode, sim. Agora sua mãe ficará mais tranquila sabendo onde você vai morar, e o melhor, é pertinho da universidade. Ele tem armários embutidos na cozinha e é um charme. O contrato está em meu nome, e o registro, a escritura, deve sair em torno de 30 dias, então a passarei para o seu nome.

— Ai, gente, cara... Eu amo vocês!

E nos abraçou. Fiquei emocionada demais e feliz por ela estar correndo atrás de seu sonho.

Eu ainda dei uma passadinha rápida na casa do meu namorado para ver como ele e o André estavam, e graças a Deus Lorenzo estava um pouco melhor. Ainda estava falando meio fanho, mas não era nada demais.

Na semana seguinte, eu e Lorenzo fomos até a escola para a reunião de início de ano letivo.

Duas semanas depois, as aulas recomeçaram, e Sophia teve uma festinha de despedida em casa com os amigos e o namoradinho. Nossa menina havia crescido, criado asas e voado.

Eu continuava pegando carona na garupa da bicicleta do Lorenzo, e nós estávamos apaixonados como nunca. Ele nunca perdia seu jeito romântico comigo.

Em meu aniversário, Lorenzo e Rafa prepararam uma pequena festa surpresa. Desde a morte de Miguel e Heitor eu não o comemorava mais. Foi bom ver todos reunidos para me surpreenderem.



Três meses depois.

O tempo estava passando rápido como um piscar de olhos. Sophia vinha a cada 15 dias nos visitar e estava amando tudo em Curitiba. Já Rafaela estava ansiosa com a aproximação do seu casamento, que seria dentro de um mês.

Já eu estava me preparando para fazer uma surpresa para o André, pois ele andava meio tristinho, pois o Dia das Mães estava chegando e, como todo ano, teria uma apresentação na escola. Ele não estava mais na minha classe, tinha outra professora. No entanto, eu o via e conversava com ele todos os dias.

Lorenzo andava bastante ocupado, pois ele e alguns alunos da sua sala – agora ele ensinava na sétima série – estavam treinando para umas olimpíadas de matemática que aconteceriam em agosto. Nossa escola, no último ano, tinha ficado entre as cinco melhores do estado. Ele andava todo orgulhoso dos seus alunos, e eu, mais ainda dele.

Uns dias antes da apresentação do dia das mães, o André veio todo animado perguntar se eu assistiria à sua apresentação como se fosse uma das mães, mas eu menti, respondendo que infelizmente não poderia ir, pois precisava organizar a apresentação da minha classe. Partiu-me o coração ver aquela carinha triste.

— Ei, mas não fica triste, não. Depois nós vamos ao cinema, você vai escolher o filme que quiser, vamos comprar um “baldão” de pipoca e depois vamos ainda comer pizza, lembra?

— Tá, tudo bem.

Mesmo assim a tristeza não saiu daquele rostinho. Quase falei a verdade, mas aguentei firme.

Então a sexta-feira, dia da apresentação, chegou. Quando foi a vez da sala do André, eu procurei por Lorenzo e o vi sentado no meio da multidão. Fui lá me sentar ao seu lado. No lugar das mães.

As crianças iam cantar uma música e cada um ia narrar uma frase que havia escrito especialmente para as mães. Quando chegou a vez do André e ele me viu lá, no meio das mães, sorriu todo feliz e quase nem conseguiu falar ao microfone:

— Existem vários tipos de mãe: a mãe protetora, aquela que não deixa você andar de bicicleta sem capacete; a mãe chiclete, que não larga da sua mão um minuto e, se pudesse, te levaria até o banheiro; e existem as mães que foram morar no Céu, mas que sempre vão estar ao seu lado; existem também aquelas mães que não são nossas mães de verdade, porque a gente não saiu delas, mas pertencemos a elas porque nossos corações as escolheram. Eu tenho duas mães: uma está no Céu, e a outra é a que meu coração escolheu. Tia Emy, amo você.

É claro que desabei no choro e corri a abraçá-lo. Podia sentir todo o amor dele. Fiquei imaginando como seria se o Miguel estivesse vivo ainda. Entretanto, deixei de lado a tristeza e comecei a agradecer pelo que eu tinha ganhado. Deus havia sido muito generoso comigo.

Após a apresentação, nós três fomos ao cinema, eu, o André, e o Lorenzo, assistir a Os Vingadores 2, que ainda estava em cartaz. Como o combinado, Lorenzo comprou o maior balde de pipoca para o André antes de irmos ver o filme.

Foi uma tarde bem animada, e à noite fomos para a casa do Lorenzo e pedimos uma pizza. Depois de comer duas fatias, o André desmaiou no sofá, e Lorenzo o colocou para dormir enquanto eu comia minha segunda fatia da massa sentada no chão vendo um filme.

Lorenzo voltou a se sentar comigo ali no chão da sala.

— O André gosta muito de você. Ele te ama.

— E eu amo esse rapazinho.

— E eu amo vocês dois.

— Você sabia que já imagino o André indo para a faculdade?

— Nossa, nem me lembre que isso um dia vai acontecer. Meu moleque está crescendo rápido demais.

— Ao menos ele vai crescer.

— Emy, amor, desculpa, eu não quis...

— Não, está tudo bem. Agora a dor não é assim tão grande, só a saudade.

Ah, essa saudade sempre vai existir. Mas estou feliz por agora ter você e o André.

— Que bom, estrela. Você me completa.

Ele me deu um selinho, e ficamos assistindo a um filme que falava exatamente sobre isso, partida. De filhos, de pais. Enfim, a vida toda é cheia de inícios e fins, partidas e chegadas. No caso de um filho, é inevitável, um dia os pássaros saem do ninho, e os filhos deixam a casa dos pais.



*Ah, coração!
Se apronta para recomeçar
Ah, coração!
Esquece esse medo de amar, de novo
– Roupas Nova*

Estávamos no fim de maio. Na segunda semana de junho seria o casamento da Rafa e do Lucas, e eu e a Emy seríamos os padrinhos. Então combinamos de ir naquele fim de semana para Curitiba comprar um presente, já que em Esperança não tínhamos muitas opções.

Eu já estava com uma ideia em mente, afinal, fazia sete meses, quase oito,

que a Emy era minha namorada, e eu queria lhe fazer uma grande surpresa. Então combinei tudo com a Rafaela e com o meu filhote. O Lucas também me apoiou.

No sábado de manhã, deixamos o André com a Rafaela, pois ele não quis ir junto com a gente, pois fazia questão de ajudar a Rafa com a surpresa. Emy não desconfiava de nada. Eu só esperava que ela aceitasse. Seguimos viagem, e, durante todo o caminho, ela não parava de falar.

— Professor, estou tão animada e feliz pela minha irmã. Meus pais chegarão na semana que vem, e a casa vai ficar pequena, mas precisa ver como todos estão bem.

— Você pode ficar lá em casa enquanto seus pais se hospedam na sua. Eles ficam com seu quarto, e você, no meu, na minha cama.

— Ah, estou percebendo segundas intenções aí, professor.

— Pode ter certeza disso.

— Aceitarei a oferta, mas somente depois de a Sophia vir. Meus pais ficarão no meu quarto, e eu ficarei no que era dela. Mas quando ela vier para o casamento, eu não terei onde ficar.

— E quando Sophia virá?

— Três dias antes do casamento.

— Ah, só?

Era tão bom fazê-la sorrir. A cada dia que passava, eu tinha mais e mais certeza do que queria para nós. E eu queria mais. Eu queria MUITO mais. Estava nervoso e ansioso.

Passeamos pelo centro de Curitiba e acabamos comprando um jogo de jantar lindíssimo e um jogo de taças de cristal. Decidimos almoçar antes de irmos para casa, lá pelas 3h da tarde, e minha estrela, como já me conhecia, perguntou-me:

— Lorenzo, o que você tem? Está tão quieto... Tem algo te incomodando?

— Não é nada, não, estrela. Estou só com um pouco de dor de cabeça.

— Está bem. Então agora, na volta, pode deixar que eu dirijo.

— Estou bem, eu dirijo, não se preocupe.

Ela me olhou com uma mistura de preocupação e estranheza, mas não disse nada. Quando ela se levantou dizendo que ia ao banheiro, eu aproveitei e liguei para a Rafaela, perguntando se estaria tudo pronto até a hora de a gente chegar.

— Pode ficar tranquilo, que, até vocês chegarem, estará tudo pronto.

— A Emy foi ao banheiro, e só estou esperando ela voltar para pagar a conta aqui no restaurante e voltarmos para casa. Acredito que lá pelas 7h, 7h30 da noite estaremos chegando.

— Fica tranquilo, futuro cunhado, está tudo no esquema. Vai dar tudo certo.

— É fácil para você falar...
— E ela nem desconfia.
— Será que ela vai gostar, Rafa? Estou tão nervoso.
— Lorenzo, fica calmo, ela vai amar a surpresa. Eu mesma, que não tenho nada com isso, só estou ajudando, já estou quase chorando aqui só com os preparativos, imagine quando vocês chegarem.
— Vou ter que desligar, ela está vindo.
— Boa sorte, Lorenzo. Vai dar tudo certo.
— Obrigado.

Ainda assim, eu estava nervoso demais. E, quando fico nervoso, eu, que sou sempre alegre, alto-astral, brincalhão, fico quieto, e Emily percebera isso logo. Entretanto, eu acreditava que ela não desconfiava de nada.

Dentro do carro, durante a viagem de volta, ela tentou puxar assunto, me distrair, mas eu não conseguia prestar atenção em nada. Respondia com palavras monossilábicas, e meu pensamento estava lá, em minha casa, onde a surpresa estava sendo preparada.

Fiquei aliviado quando, no meio do caminho, Emily cochilou. Parei em um posto de gasolina e vi algumas mensagens no celular e umas fotos que a Rafaela havia me mandado de tudo pronto. E estava lindo, perfeito. Eu só esperava que Emy gostasse.

Ela obviamente acordou quando eu parei. Abasteci o carro só para enganá-la e dar uma desculpa para a parada. Porém, a verdade era que eu só parara para atender ao celular.

A cada quilômetro mais perto de casa, meu coração acelerava. Eu estava suando frio.

Assim que chegamos, estacionei o carro na frente de minha casa, e Emy estranhou que as luzes estivessem todas apagadas. Já era noite, eram 7h30, então já estava escuro. O tempo estava perfeito, e a Rafaela, o André e o Lucas conseguiram deixar tudo como eu havia planejado.



Emily

O Lorenzo estava muito estranho desde aquela manhã. Eu cheguei a perguntar se ele estava bem, mas ele disse que era apenas uma dor de cabeça, então deixei o assunto para lá. No entanto, ele continuou o resto da tarde daquele jeito. Todavia, se ele não queria falar o que o estava incomodando, eu não iria

insistir. Já o conhecia o suficiente e sabia que, quando algo o preocupava ou o incomodava, ele preferia ficar quieto.

Quando chegamos à frente de sua casa, eu estranhei, pois a mesma estava toda no escuro. A Rafa não iria deixar a casa dele no breu total, ela passaria para acender pelo menos a luz da varanda. Contudo, todas as luzes estavam apagadas.

Estranhei também a atitude de Lorenzo, que me pediu para ficar dentro do carro. Permaneci ali, sem imaginar a surpresa que estava por vir.

Ele desceu, entrou dentro da sua casa e voltou rapidamente com uma venda.

— Feche os olhos, vou te vendar.

— O quê? Mas para que isso?

— É uma surpresa. Agora me deixe colocar essa venda em seus olhos.

— Professor, professor... o que está aprontando agora?

Lorenzo me vendou, e eu não enxerguei mais nada. Ele segurou em minha mão, e senti que a sua estava suando frio. Alguma arte ele estava fazendo.

Ele me guiou, mas senti que não entrávamos dentro de sua casa, fomos em direção ao terreno dos fundos, chegando, pelo que eu me lembrava da sua casa, perto do lago. Subitamente ouvi uma canção:

*Love is not a place
To come and go as we please
It's a house we enter in
Then commit to never leave

So lock the door behind you
Throw away the key
Work it together
Let it bring us to our knees...*²

A melodia era romântica, e enquanto ela tocava, Lorenzo comunicou:

— Eu não sei se você vai gostar do que preparei hoje, mas eu não podia esperar mais para fazer esse pedido.

Depois que ele falou isso, senti a venda ser tirada dos meus olhos, e ali, em frente ao lago, havia velas acesas no chão com lindas proteções para que o vento não as apagasse. Elas faziam o formato de um imenso coração e, dentro dele, estava escrito com tulipas vermelhas “quer se casar comigo?” A sua volta havia pétalas de flores, e bexigas em formato de coração eram seguradas pela minha irmã, o Lucas e o André.

Eu estava com os olhos marejados quando Lorenzo saiu de trás de mim e ficou a minha frente, pegando em minhas mãos, olhando dentro dos meus olhos.

— Emy, eu não posso mudar o que aconteceu com você no seu passado, nem curar todas as dores que existem dentro do seu coração, mas quero que saiba que, agora, você nunca mais vai estar sozinha. Vou estar ao seu lado para enfrentarmos tudo juntos, os dias bons, os dias ruins, o sol do verão e as tempestades que vem com ele. — Eu já estava chorando àquela altura, quando ele continuou: — Agora me deixa fazer isso direito... — Ele se ajoelhou e pediu: — Emily, quer se casar comigo e me fazer o homem mais feliz do mundo?

Eu não conseguia falar, estava tomada pela emoção, e só fiz um gesto afirmativo com a cabeça, quando minha irmã, é claro, teve de se intrometer:

— Emy, fala mais alto, que daqui eu não ouvi.

— SIM! Sim, eu me caso com você, seu professor doido!

— Doido por você!

Ele me pegou no colo e me ergueu, girando-me no ar. Nunca eu poderia imaginar que Lorenzo estava me preparando uma surpresa daquelas. Depois ele me colocou no chão e colocou em meu dedo um anel de noivado que era simplesmente o mais lindo que eu já vira.

Minha irmã, o André e o Lucas vieram correndo até nós dois, e nós nos abraçamos em grupo. Depois disso, entramos em casa, e lá tinha um enorme buquê de rosas, que o André me entregou dizendo que era presente dele. Eu me derreti toda.

O Lucas estourou um champanhe. Esse era um presente dele e da Rafa para comemorarmos o pedido.

Eu não podia estar mais feliz. Quem diria que eu iria me casar novamente? Era óbvio que, naquela noite, eu ficaria ali. E, para nos dar privacidade para “comemorarmos” do jeito certo, a Rafa levou o André para passar a noite lá em casa.

Assim que os três saíram e ficamos sozinhos na casa de Lorenzo, eu pulei em seu colo e o beijei intensamente. Ainda não conseguia dizer que o amava, então tentava demonstrar com gestos. Ele nunca havia me cobrado aquilo, mas eu me sentia culpada por não conseguir exteriorizar palavras tão simples que, com o Heitor, eram tão fáceis de serem ditas. Todavia, eu sabia que Lorenzo me entendia. Na verdade, ele me entendia como ninguém. Erámos destinados um ao outro, eu acreditava nisso.

— Gostou do anel?

— Adorei tudo. E você me enganou direitinho, eu nem desconfiava! Só percebi que estava estranho.

— Bom, agora precisamos marcar a data. Tem alguma em mente?

— Eu estou meio em choque ainda.

— Tarde demais, você já disse sim. Eu quero me casar o mais rápido

possível.

— Nossa, que pressa!

— Quero você todos os dias na minha cama. Quero que seu rosto seja a última coisa que eu veja à noite e a primeira ao acordar pela manhã. Quero saber que, ao voltar para casa, você virá comigo. Quero segurar em sua mão e te proteger de tudo.

— Você existe mesmo?

Peguei em sua mão e o guiei até seu quarto. Beijeí sua boca e eu mesma fui tirando sua camisa, e rapidamente já estávamos os dois nus, na cama. Fizemos amor de uma forma lenta e deliciosa, um sentindo o sabor do outro sem pressa e sem interrupções.

Depois disso fomos para o chuveiro, onde ele me beijou com intensidade, encostou-me à parede fria do banheiro e ergueu minhas pernas, entrelaçando-as em sua cintura de forma que ele se encaixasse entre elas. Foi me penetrando primeiro devagar, depois mais rápido e com mais vontade. Eu agarrava seu cabelo e gemia em seu ouvido, o que parecia deixá-lo mais louco.

Eu estava mais feliz do que poderia imaginar. Era a minha segunda chance. A chance de recomeçar.



*Pode ser que nós tenhamos sempre o poder
Da escolha. Mas a única escolha que não podemos
Fazer é escolher quem nosso coração irá amar.
A única escolha que temos é se nos entregarmos completamente
A este sentimento ou não
– Rafaela Alves*

Na semana seguinte, meus pais chegaram para ajudar com os preparativos do casamento da Rafa, que estava para lá de nervosa. Metade dos seus pertences já tinha sido levada para a casa do Lucas.

Seria estranho para mim ficar sozinha naquela casa, mas seria por pouco tempo, segundo a vontade do Lorenzo. Combinamos de marcar a data do nosso

casamento depois do matrimônio da minha irmã. Marcaríamos uma data para o finalzinho de outubro ou começo de novembro, embora, por Lorenzo, marcaríamos para amanhã.

Então o grande dia chegou. Eu estava na casa do Lorenzo desde que a Sophia chegara para o casamento. E, no dia, fui até minha casa para ajudar minha irmã, que estava uma pilha de nervos. Todos na casa estavam em uma correria só.

Logo a cabeleireira chegou para fazer seu cabelo e maquiagem. O casamento estava marcado para as 6h da tarde. Arrumei-me lá e ajudei a Rafa a colocar seu vestido. Era um vestido simples, mas lindo, pois ela não queria se casar novamente com um vestido branco estilo princesa, já que já havia se casado uma vez.

Seu casamento não seria na igreja da cidade, e sim no salão de festas de um restaurante no Centro, e o padre Luiz iria abençoar o matrimônio lá, já que ela não podia receber o sacramento por ser divorciada e já ter se casado na Igreja.

A Rafa estava simplesmente linda, acho que mais linda do que quando ela se casara pela primeira vez.

Às 5h30 da tarde, como o combinado, Lorenzo veio me buscar com o André para irmos até o salão juntos, já que seríamos os padrinhos. A Rafa iria no carro do nosso pai junto com nossa mãe.

Chegamos ao salão de festas, e a decoração havia ficado maravilhosa. Por mim, eu me casaria assim, mas Lorenzo fazia questão de se casar na igreja.

— Você ficará linda de noiva.

— Mas não pense que vou me casar de vestido branco, véu, grinalda. Já me casei uma vez assim. Agora será diferente.

— Não importa. Você pode se casar até de pijama, que ficará linda de qualquer jeito. E, assim que nos casarmos, iremos providenciar nosso filho.

— Sobre isso teremos que conversar um pouco mais.

— Eu já sei que vou te convencer. Então... praticar vai ser a parte mais gostosa disso.

Não demorou muito para a noiva chegar. O noivo estava muito emocionado. Era nítido o amor que ele sentia pela Rafa. A maneira como ele a olhava era a mesma como Lorenzo olhava para mim, com carinho e ternura.

A cerimônia foi linda, e então o jantar foi servido. Meus pais logo vieram perguntar quando seria o meu casamento com o Lorenzo. Até então eu não tinha falado nada sobre o pedido dele. Nesse instante levantei a mão direita, mostrando o anel de noivado no meu dedo anelar. Os olhos de minha mãe chegaram a brilhar.

— Ah, meu Deus, que coisa linda! Quando foi o pedido?

— Há umas duas semanas.

— E como você não me conta isso, meu amor?! Ah, deixa eu dar um abraço em vocês dois. Vem cá, Lorenzo. Oh, senhor, como orei por isso. Deus abençoe vocês. E já marcaram a data?

— Não, mãe, estávamos esperando passar o casamento da Rafa.

— Filha, faço questão dessa vez de estar ao seu lado e te darei o vestido de presente — afirmou meu pai com os olhos distantes, por certo se lembrando do passado, quando não me apoiara e fizera um escândalo bem no dia do meu casamento com o Heitor.

— Pai, eu...

— Eu devo isso a você, faço questão. Não só do vestido, mas de tudo que precisarem para o casamento.

Eu não disse nada, apenas o abracei, e Lorenzo fez o mesmo. Meus pais o olhavam com gratidão, tão diferente da forma como sempre trataram Heitor. Eles eram gratos a Lorenzo por ele ter-me feito renascer e reaprender a amar.

Assim que tive oportunidade, fui correndo abraçar minha irmã e meu agora cunhado Lucas.

— Estou tão feliz por você, minha irmã. Você merece ser feliz. E você, Lucas, cuide MUITO bem dela. Caso contrário, eu acabo com você!

— Pode ficar tranquila, Emy. Eu amo essa maluquinha.

— Ai, aquela casa vai ficar grande demais para mim.

— Ah, mas logo você também irá se casar, irmã. E vai morar com o professor bonito.

Depois dos noivos dançarem sua valsa, a pista foi liberada, e começaram a tocar umas músicas mais antigas. Eu e Lorenzo dançávamos quando começou a tocar uma música do Roupas Novas, *Começo, meio e fim*, que eu até gostava, mas nunca imaginara que ela fosse descrever o momento da minha vida.

Foi Lorenzo que me fez prestar atenção, pois estávamos dançando de rosto colado, uma vez que era uma música lenta.

*A vida tem sons que pra gente ouvir
Precisa entender que um amor de verdade
É feito canção, qualquer coisa assim
Que tem seu começo, seu meio e seu fim*

*A vida tem sons que pra gente ouvir
Precisa aprender a começar de novo
É como tocar o mesmo violão
E nele compor uma nova canção*

*Que fale de amor
Que faça chorar
Que toque mais forte
Esse meu coração...*

— *Ah, coração, se apronta pra recomeçar! Ah, coração, esquece esse medo de amar de novo!* — Lorenzo cantou exatamente esse refrão para mim.

Eu não tinha reparado no quanto aquilo fazia sentido para nós dois. Tinha demorado para admitir que estava apaixonada por ele por medo. Medo de recomeçar, de amar novamente.

— Você é tão romântico... Quem vê você todo brincalhão na escola não imagina quão sensível você é.

— Sou assim só com você. Não vejo a hora de chegar a nossa vez.

— Logo chegará.

— Quero uma menininha linda como a mãe.

— Ah, já disse que temos muito para conversar.

Assim que a música terminou, Lorenzo me puxou pela mão e foi correndo conversar com o padre Luiz:

— Padre, na segunda iremos até sua igreja para marcar a data do nosso casamento.

— Não me diga! Será uma honra realizar a cerimônia de casamento de uma amiga tão querida e importante para mim. Oh, que Deus os abençoe. Mas não esperem até segunda-feira, não. Vão amanhã à missa e, assim que terminar, conversaremos e veremos a melhor data. Minha amiga, como estou feliz por você. Nosso Senhor ouviu minhas preces, pedi tanto. Lorenzo, cuide bem dessa menina, ela já sofreu demais, merece ser feliz.

— Pode deixar, padre. Tudo o que mais quero na minha vida é proteger e cuidar bem da Emy. Eu fui destinado a ela para isso, e ela foi destinada a mim.

— Muito lindo ver esse amor de vocês nascer e crescer assim. Estou emocionado.

Eu e Lorenzo o abraçamos. Só Deus sabia como aquele padre era meu amigo. Estivera comigo nos piores momentos de minha vida, agora estava comigo nos mais felizes também. Essa é a verdadeira amizade. Aceitar o outro como ele é, aceitar que somos falhos e sempre estender a mão sem julgar, apenas dar o ombro para chorar, tentar ser uma luz no fim do túnel; alguém que te deseja só a sua felicidade de todo o coração.

E assim, na manhã seguinte, eu e Lorenzo assistimos à missa e, quando essa acabou, fomos ver com o padre Luiz a data para o nosso matrimônio.

— Então, que data vocês têm em mente?

— Para amanhã pode ser? — brincou Lorenzo.

— Nós estávamos pensando em uma data para o fim de outubro ou começo de novembro.

— Claro. É bom mesmo, para correr o prazo dos proclamas. Vou precisar de alguns documentos, como a certidão de batismo de vocês. É bom que também providenciem o casamento civil, embora para se casar na igreja católica ele não seja obrigatório, mas hoje em dia é recomendado. Aqui temos para o primeiro sábado de novembro, o que me dizem? Pode ser?

— Perfeito.

— Casamento de dia ou à noite?

— Queremos um para o fim da tarde. Faremos um grande jantar com churrasco — informei.

— Que tal para o dia 7 de novembro às 5h?

— Ótimo. Por mim tudo bem. E você, professor?

— Perfeito para mim.

Saímos de lá com a data marcada e Lorenzo parecendo uma criança de tão feliz que estava. Na verdade, acho que eu estava igual a ele, sorrindo à toa. Faltava apenas dar entrada no casamento civil.

Agora era só alegria. Heitor e Miguel seriam sempre parte de mim e de quem eu era, mas agora não eram mais sofrimento, eram apenas saudade. Muita saudade. Lorenzo me ensinou que, mesmo eles tendo partido tão cedo, de certa forma, nunca saíam de dentro de mim. Eles sempre fariam parte do meu ser. E tentei me lembrar dos bons momentos, assim como Lorenzo fazia quando a saudade de Lisandra e da sua filhinha não-nascida apertava em seu peito. Tristeza, não; saudade, sempre.



*Há como queria ter de volta
A inocência de uma criança
Pois somente elas, tem a pureza do coração
E a verdade no olhar
– Autor desconhecido*

Junho se foi, e o frio do inverno chegava para nos judiar. Aquele só podia ser o inverno mais rigoroso da nossa cidade.

Três semanas depois do casamento de minha irmã com o Lucas, eu perguntei ao Lorenzo quando o André faria aniversário, e ele me disse que era no dia 20 de julho. Nosso menino estava crescendo, faria dez anos. Agora eu falava

“nosso menino”, pois em meu coração ele era um pouquinho meu também.

Decidi então que faria uma festa surpresa para ele. E combinei com Lorenzo, que topou a ideia na hora.

Eu estava morando sozinha na casa da Rafaela, que agora parecia imensa. Onde antes escutava o som da Sophia no quarto da frente, e de manhã sentia o cheirinho do café feito pela Rafa, agora a casa era puro silêncio. Às vezes Lorenzo e André iam para jantar e acabavam dormindo em minha casa de tanto eu ficar choramingando que estava sozinha, e em outras vezes eu ia dormir na casa deles, a casa que em alguns meses seria minha também. Lorenzo queria que eu mudasse o que quisesse na casa, mas eu a achava tão perfeita e tão o jeitinho dele que não ia querer mudar nada. Ainda assim, ele começou uma reforma no quarto que seria nosso, disse que iria aumentá-lo e fazer um closet, pois para ele “mulheres precisavam de mais espaço”. Também queria mexer na cozinha, mas eu fui categórica, dizendo que não queria que ele a modificasse, pois a adorava.

O André estava muito feliz com o casamento. Era ele quem levaria as alianças na cerimônia para nós. E tanto ele quanto Lorenzo estavam quase implorando por um bebê. Eu estava relutante, não pensava em ter outro filho. Talvez um dia, mas não naquele momento.

— Não adianta vocês dois fazerem um complô contra mim. Quem decide isso sou eu. Então me deixem estar casada primeiro, e depois voltamos a conversar.

— Tia Emy, tem que me dar logo um irmãozinho ou irmãzinha, né?! Sempre quis ter irmãos.

— Viu, dona Emily, como não sou só eu?

— Prometo que vou pensar bem no assunto depois do casamento.

— Está bem, combinado, então.

Eu teria de ser muito mais esperta que aqueles dois. No que dependesse deles, eu me casaria grávida.

Aquela seria a última semana de aula antes das férias de julho. Lorenzo, mesmo durante as férias, continuaria dando aulas. Elas seriam para os alunos que participavam das olimpíadas de matemática, que seriam no fim do mês de agosto. Ele estava todo empolgado.

— O Henrique, a Luana e a Thamires têm grandes chances de ganhar essas olimpíadas.

— E o que acontece se eles vencerem?

— Vou para Curitiba pegar o prêmio, que são computadores novos para a escola e um troféu para os alunos e também para a escola.

— Vou torcer por vocês, então, querido!



No dia do aniversário do André, nós inventamos uma desculpa para ele sair só com o pai. O Lorenzo lhe disse que seria uma “tarde de homens”. Levou-o para cortar o cabelo e para jogar videogame num estabelecimento só de jogos enquanto eu, com a ajuda da Rafaela, arrumava tudo para a sua festinha surpresa.

Todos os amigos dele da escola foram convidados e apareceram no horário combinado. Todo o mundo sabia que seria uma surpresa.

Assim, às 5h da tarde, quando o Lorenzo chegou com o André, estava tudo pronto. Ao entrarem em casa, todo mundo começou a cantar parabéns. E o André só não chorou porque ficou com vergonha dos amigos.

Na hora de cortar o bolo e dar o primeiro pedaço, ele olhou para o Lorenzo.

— Desde que ficamos só eu e meu pai, eu sempre dou o primeiro pedaço de bolo para ele. Mas nesse ano vou dar para uma pessoa que é tipo uma segunda mãe para mim. Tia Emy, o primeiro pedaço é seu.

Eu, é lógico, me desmanchei toda. André tinha um carinho tão grande por mim que me comovia a cada gesto seu. E o sentimento era recíproco. Eu sabia que era verdade, pois as crianças nunca mentem sobre o que sentem. Seus corações são puros.

A Dudinha, minha ex-aluna e melhor amiga do André, também estava lá. E o André perguntou ao Lorenzo se ela podia dormir ali. Eles queriam brincar de acampamento dentro de casa mesmo, pois lá fora estava muito frio, e Lorenzo disse que ela podia, desde que os pais da Duda deixassem. Os dois saíram correndo em disparada atrás da mãe da menina. Eu achava linda a amizade que ambos tinham. Era óbvio que essa amizade era daquele tipo que, se não se transformasse em amor, os tornaria grandes amigos pelo resto da vida.

A paz que eu estava sentindo no meu coração e a alegria que agora morava nele eram inimagináveis. Depois de toda a dor pela qual eu passei, jamais imaginaria ser feliz daquele jeito... É uma pena que a vida sempre tenha outros planos e às vezes goste de nos pregar peças. O destino é algo cujo controle nós não temos.



*Às vezes, Deus te leva pelo
Caminho mais longo, não para te punir,
Mas sim para te preparar
– Autor desconhecido*

Dois meses e meio depois.

Eu estava ansiosa demais com os preparativos do casamento. Agora faltava apenas um mês – um mês!!! – para o casamento. O tempo passara rápido demais ao meu ver.

A costureira que meu pai contratara para fazer meu vestido já o estava

preparando. Daquela vez eu não usaria véu, nem grinalda, eu usaria um arranjo de flores no cabelo, no qual eu pretendia fazer uma trança. A Sophia se prontificara a vir me maquiar. Seria um casamento no fim da tarde, e meu vestido seria simples, de renda, com uma pequena cauda. Simples, mas lindo.

Assim como no casamento da Rafaela, meus pais viriam duas semanas antes para passear e para me ajudar também, pois minha mãe adorava organizar festas.

Naquela noite, o André e o Lorenzo vieram jantar em minha casa e acabaram passando a noite. O André dormiu no sofá logo depois do jantar, e Lorenzo foi colocá-lo para dormir no antigo quarto da Sophia.

Quando ele desceu as escadas, eu estava terminando de lavar a louça. Ele pegou um pano de prato e começou a me ajudar a secar.

— Olha só que noivo exemplar eu sou, vou secar a louça para você.

— Hum... quero ver depois do casamento...

— Por você farei tudo.

Ele largou o pano na mesa e me agarrou pela cintura, trazendo-me para mais perto de si.

— Não vejo a hora de estar casado com você.

— Falta pouco agora. No início de novembro nos casamos no religioso e, pouco depois, no civil. Vem aqui, deixa essa louça secando na pia, quero namorar um pouquinho.

— Hum, isso é uma ordem.

Ele me apertou ainda mais contra seu corpo e me pegou no colo, subindo as escadas comigo, e entramos em meu quarto.

Lorenzo fechou a porta atrás de si, e eu pulei em seus braços, beijando-o com desejo. Eu estava precisando muito dele, desejava-o demais. Ele estava tão lindo naquela noite. Não que não estivesse nos outros dias, mas naquela noite estava irresistível. Estava sem os óculos, com uma blusa de mangas longas preta e calça jeans azul-escura.

O tempo estava friozinho, era início de primavera, e uma chuvinha preguiçosa caía lá fora, era o clima perfeito para namorar.

Quando sua boca tomou a minha, mesmo com o frio que fazia, eu fiquei com calor. Um fogo foi subindo pelo meu corpo, e eu o empurrei na cama. Ficamos trocando beijos e carícias por um tempo, até que, quando eu não aguentei mais, tirei sua cueca boxer, já passando a mão por sua ereção, fazendo com que ele gemesse alto. Lorenzo começou a beijar meu pescoço, morder minha orelha, causando-me arrepios pelo corpo todo. Foi quando ele se lembrou:

— Emy, eu não trouxe preservativos, você tem?

— Ah, não quebre o clima desse jeito. Não, não tenho, mas que se dane!

Quero você aqui e agora.

Ele me obedeceu, e fizemos amor pela terceira vez desde que noivamos sem preservativo. Nós iríamos nos casar mesmo, eu me cuidava tomando a pílula anticoncepcional e confiava de olhos fechados no meu noivo.

Adormecemos agarrados um ao outro. Como era bom dormir nos braços de Lorenzo. Eu me sentia segura e amada, como se nada no mundo pudesse atrapalhar nossa felicidade.

Ainda me perguntava todos as noites, conversando com Deus, se eu realmente o merecia. Agradecia também por ele ser tudo o que eu precisava. Era minha segunda chance.

Têm pessoas que vivem uma vida toda atrás do que eu estava vivendo e nunca têm a oportunidade de amar e ser amadas dessa forma. O amor é uma coisa estranha mesmo, quando o procuramos, ele parece fugir de nós, e quando não o queremos e já desistimos dele, ele nos persegue. Amar é inevitável, cedo ou tarde o amor bate à nossa porta e, por mais que o recusemos, ele pula uma janela e nos pega da forma que for. E quando a gente menos espera, nossos corações já estão acelerados, nossos amados já estão em nossos sonhos, e a gente sorri à toa.

Na manhã seguinte, eu, Lorenzo e André tomávamos café da manhã. Os dois ficavam cochichando e rindo de mim.

— Ei, vocês dois, qual é a graça?

— Eu e o André estamos comentando que você ficaria linda com um barrigão enorme.

— Vocês estão me pressionando.

— Quero um irmão ou uma irmã, tia Emy.

— Eu sei, meu querido. Mas... Ai, está bem, mas me deem um prazo depois do casamento, por favor?!

— Um mês depois?

— Não, Lorenzo, que tal um ano?

— Dois meses?

— Seis meses, tia.

Os dois me olharam com aquele brilho nos olhos, ansiosos pela minha resposta, quando concedi:

— Combinado. Seis meses depois do casamento nós tentaremos engravidar e termos um bebê. Satisfeitos?

— Te amo, tia Emy!

E os dois homens da minha vida vieram em minha direção, dando-me um beijo e um abraço.

Ai, que Deus me ajudasse! Ter outro filho não estava em meus planos, mas,

pensando por outro lado, por que não? Se eu estava recomeçando minha vida, tinha de ser de uma maneira completa, com um novo amor, um enteado que era como um filho do coração e a geração de uma nova vida, um anjo para trazer ainda mais luz para as nossas existências. Se fosse da vontade de Deus, aconteceria.

Naquela mesma tarde, fui visitar minha irmã em sua casa nova. Ela estava radiante e feliz. O Lucas e ela pareciam ter nascido um para o outro.

Conversamos sobre coisas banais do cotidiano, e falei para minha irmã do que havia combinado com Lorenzo e André sobre um bebê.

— Sério mesmo, minha irmã? Ai, Emy, isso é uma notícia maravilhosa!

— Pedi a eles seis meses depois do casamento para depois tentar engravidar.

— Tentar nada, Emy, vai engravidar. Sabe por que eu sei? Porque Deus faz as coisas na hora certa. E tenho certeza de que é Deus soprando nos ouvidos do André e do Lorenzo para você ter esse bebê. Que Deus te abençoe! Desejo isso tanto quanto os dois.

Minha irmã não existia. Ela tinha sido meu porto seguro, minha fortaleza naquele tempo todo. Apoiara-me nos meus piores momentos e agora estava me apoiando nos melhores momentos que estavam surgindo em minha vida.

Eram sonhos e planos lindos. Se fosse da vontade de Deus, logo se tornariam realidade.



*Se houver um dia que não estaremos juntos,
Mantenha-me em seu coração.
Eu ficarei por lá para sempre.
– Autor desconhecido*

Para a Emy, que estava organizando nosso casamento, o tempo havia passado depressa demais. Faltavam apenas duas semanas para o nosso matrimônio, e ela andava muito ansiosa, com os nervos à flor da pele. Eu estava mais animado ainda depois do nosso acordo de ela engravidar seis meses depois do casamento. Eu sabia que ela cederia. Eu não podia estar mais feliz.

A reforma em minha casa havia finalmente terminado, e de tanto eu insistir,

Emy trouxe alguns de seus pertences para minha casa. Nosso quarto já estava com a nossa cara. Eu mal podia esperar para tê-la ali comigo todos os dias. Emily não queria mudar-se para minha casa sem estarmos casados.

Naquela manhã tivemos uma reunião com a diretora e todos os professores da escola, e, para a minha surpresa, a diretora Ana avisou que eu e meus alunos havíamos ficado em primeiro lugar nas olimpíadas de matemática que tinham acontecido no fim de agosto e me avisou que eu precisaria ir até Curitiba receber o troféu simbólico do prêmio, bem como passar todas as informações para a entrega dos novos computadores.

Notei que Emy ficou meio estranha na mesma hora e inquiriu:

— Mas, diretora, tem que ser o Lorenzo?

— Sim, professora Emily. Ele foi o professor que incentivou os alunos, nada mais justo do que ele ir representando a escola.

— Minha noiva já está com saudades, que linda! — brinquei e lhe beijei a face. Perguntei, então, em que data seria a cerimônia de premiação.

— Ah, sim, você deverá ir no dia 31 de outubro e voltará no dia quatro de novembro, pois o prêmio inclui visita a uns museus. Será tudo por conta da empresa organizadora das Olimpíadas, hospedagem em um hotel em Curitiba e alimentação, bem como os passeios.

— Mas, diretora Ana, ele vai voltar apenas três dias antes do nosso casamento.

— Amor, não se preocupe, estarei aqui para me casar com você nem que seja a última coisa que eu faça. É a coisa que eu mais quero na vida.

— Você não me diga isso nem de brincadeira. Você vai vir se casar comigo, sim, e não será a última coisa que fará em sua vida.

— É modo de falar, amor.

Percebi que ela ficou meio incomodada, mas disse que estava tudo bem.

E assim, na manhã do dia 31 de outubro, sábado, a Emy veio até minha casa para se despedir.

— Lorenzo, promete que vai se cuidar na estrada? Promete para mim.

— Prometo, estrela, prometo. — Eu entendia o seu medo, eu iria com meu carro, dirigindo.

— E me ligue de hora em hora, está bem?

— Vou ligar, sim. Amor, não precisa ficar com esse medo. Eu vou, mas volto. Vai ser rápido. Não vai dar nem tempo de você sentir minha falta.

— Disso eu discordo. Já sinto sua falta antes mesmo de você sair.

— E o vestido de noiva?

— Está quase pronto. Meu pai fez questão de pagar a uma costureira para fazer. Eu achei um exagero, mas ele insistiu tanto.

— Estou curioso para saber como ele será.
— Em breve você descobrirá, professor.
— Preciso ir. E você, filhote, obedeça a Emy e se comporte.
— Ah, quanto a isso, você nem precisa se preocupar, André ficou de me ensinar a jogar videogame. Você vai ver na hora em que você voltar, estarei craque.
— Olha só. Veremos. Preciso ir. — Dei um beijo e um abraço no meu filho e um beijo demorado em minha noiva.

Emy ficaria em minha casa naqueles dias para cuidar do André, que, pelo visto, não largaria mais o videogame, já que Emy topara aprender a jogar.

Segui viagem para Curitiba, mas com um aperto no coração. Com certeza era pelo fato de deixar meus amores sozinhos e faltar tão pouco tempo para meu casamento.



Emily

Foi estranho me despedir de Lorenzo. Senti uma dorzinha no coração. No entanto, era bobagem, já que em quatro dias ele estaria de volta e logo nos casaríamos.

Era sábado, e o André me ensinou a jogar videogame. Jogamos muitas horas, na verdade, até meia-noite. Se Lorenzo ficasse sabendo, me mataria, pois o menino tinha seu horário de dormir.

— André do céu, já passou da hora de você ir dormir. Vamos já para a cama, meu querido.

— Ah, tia, agora que já estamos passando dessa fase...?

— Amanhã nós continuamos, não tem aula amanhã mesmo. Prometo que ficamos o dia todo jogando se você quiser.

— Está bem.

Levei-o até o quarto, fizemos a oração do anjo da guarda, e ele adormeceu. Eu estava sem sono. Peguei um cobertor, comecei a assistir a um filme na televisão e acho que acabei cochilando.

Durante aquele cochilo, acabei tendo um sonho, na verdade, um pesadelo. Eu sonhei que estava em um cemitério e fui levar flores para um túmulo. E, nesse túmulo, em sua lápide estava escrito o nome do Lorenzo.

Acordei chorando.

Não, Deus não faria isso comigo. O senhor não faria isso comigo de

verdade, não é mesmo, Deus?, pensei comigo mesma.

Desliguei a TV e fui para o quarto. Peguei uma das camisas de Lorenzo e a vesti. Queria dormir com o cheiro dele pertinho de mim. E, antes que eu me deitasse, meu celular vibrou. Era ele.

— Boa noite, minha noiva!

— Boa noite, meu noivo.

— Te acordei?

— Não, estava indo dormir agora mesmo. — Não sei por que, assim que ouvi sua voz, lembrei-me daquele pesadelo. Porém, não iria falar aquilo para ele. — E como foi a viagem?

— Tranquila. Estou aqui no hotel, deitado em uma cama grande, sozinho.

— Ainda bem que está sozinho, não é? — Ri. — Mudando de assunto, adivinha o que estou vestindo para dormir?

— Aquela camisola linda, vermelha, que eu amo.

— Errou feio. Estou com aquela sua camisa de botões, de mangas longas, sentindo seu cheiro.

— Você fica tão sexy nela.

— Só de imaginar que esse tecido tocou em sua pele e que está tocando a minha agora é quase como se eu estivesse sentindo sua pele colada na minha.

— Não me tente, estou longe.

— E você está vestindo o quê, professor?

— Sabe que me dá um arrepio quando você me chama de professor com esse tom de voz sedutor, né?

— Não sabia, não. Agora vou falar professor mais vezes.

— Não brinca! — Ele riu animado. — Eu estou de pijamas, porque você não está aqui; se estivesse, eu estaria sem nada.

— Volta logo, *tá*? Já sinto saudades.

— Eu também. Amanhã será a cerimônia de entrega dos prêmios, na segunda eu terei aquele dia de visita aos museus, então na terça é só resolver a entrega dos computadores, e volto correndo para seus braços na quarta-feira de manhã.

— Só não corra muito, professor. Quero meu noivo inteiro no casamento.

— Pode deixar, amor. Agora vou dormir, estou cansado da viagem.

— Está bem. Te adoro, professor.

— Te amo, estrela.

Desligamos os telefones ao mesmo tempo. Deitei-me na cama e senti uma coisa horrível, um embrulho no estômago que não era normal. Corri para o banheiro do quarto e tive ânsias, mas não vomitei.

Que coisa esquisita. Deve ter sido o empadão que eu comi no almoço.

Voltei a me deitar e tornei a me sentir mal. No entanto, não era uma dor física, era uma angústia, um aperto no peito, um mau pressentimento. Decidi não dar atenção a isso, devia ser apenas saudades de Lorenzo. Era estranho dormir em sua cama sem sua companhia. Além do mais, ficar pensando coisas ruins só as atraem.

Fechei meus olhos, mas a imagem daquela lápide com o nome de Lorenzo havia me impressionado demais. Demorei para dormir naquela noite. Pouco dormi, na verdade.

Acordei na manhã seguinte com o celular tocando e, ainda assustada, meu coração gelou, mas fiquei aliviada ao ver que era meu Lorenzo me ligando.

— Só liguei para te dar bom-dia, estrela.

— Oi, professor. Que bom que me ligou.

— Dormiu bem?

— Não tão bem como quando você está aqui ao meu lado.

— Sério mesmo?

— Sim, mas é sério, dormi muito mal.

— Sonhos ruins?

— Não, perdi o sono mesmo — menti, pois não queria preocupá-lo. Conversamos um pouquinho, e fui até o quarto do André, acordando-o com um beijinho em sua testa. — Acorda, meu dorminhoco, seu pai está ao telefone.

Ele se espreguiçou todo, esfregou os olhos e pegou o telefone das minhas mãos. Enquanto eles conversavam, fui até a cozinha preparar o café da manhã e senti aquela coisa estranha em meu estômago novamente. Se aquilo continuasse, eu teria de ir ao médico, pois aquilo não era normal.

Quanto à sensação ruim dentro do meu peito, ela ainda estava ali. Parecia que iria me sufocar.



Era domingo, então a Rafaela convidou a mim e o André para tomarmos um café da tarde na sua casa. Meus pais estavam lá, tinham chegado havia três dias. Não tinham vindo antes porque haviam decidido fazer uma viagem a passeio para o Rio de Janeiro.

Na casa de minha irmã, o assunto não podia ser outro, meu casamento. Minha mãe estava mais empolgada que eu, e meu pai, louco para ver o vestido.

— Ah, pai, quarta à tarde, depois que a Emy voltar da aula, nós vamos à costureira fazer os últimos ajustes do vestido dela. O senhor e a mãe podem ir junto.

— Podemos mesmo ir, filha? — ele indagou olhando para mim.

— Mas é claro, pai.

— E eu posso ir junto, tia Emy?

— Mas é claro que pode. Só não pode contar nada para o seu pai, está bem? Será nosso primeiro segredo de família — falei isso para o André, e aquela coisa ruim no meu estômago voltou. Fiz uma careta, e a Rafa perguntou o que eu tinha.

— Estou com dor no estômago desde ontem à noite. Deve ter sido um empadão que comi. Rafa, podemos conversar em particular?

— Claro.

Deixei meus pais conversando com o André. Como aquele menino cativava as pessoas, meu pai estava encantado por ele.

Minha irmã me levou até seu quarto, e lá contei tudo a ela sobre o pesadelo e sobre a sensação ruim que eu estava sentindo, aquele aperto no peito. Foi quando me dei conta de que eu já havia sentido algo parecido nove anos e meio antes.

— Rafa... Ai, não, irmã... E-eu já senti isso antes. Não, Ele não faria isso comigo de novo, faria?

— Emy, se acalma, você está me assustando. Do que você está falando?

— Esse aperto no peito, essa angústia, eu já os senti! Senti antes da minha viagem com o Heitor e o Miguel, antes daquela tragédia ter acontecido! Foi um aviso na época, e eu não dei atenção, e agora está acontecendo de novo! Deus não me tiraria o Lorenzo, não é? Deus não me faria passar por tudo aquilo de novo!

— Imagina, irmã. Não fale bobagens. Isso são apenas saudades, pois, desde que você e Lorenzo começaram a namorar, não deixaram de se ver um único dia. Deve ser apenas isso. Deve ser, não; é.

— E o pesadelo que tive?

— Trauma, Emy. E não pense mais nisso. Vamos pensar em coisas boas, como o seu casamento. Na quarta-feira o Lorenzo já vai estar de volta, e você verá como tudo voltará ao normal.

Rafaela tinha razão, era isso. Eu me preocupava demais. Tinha de me concentrar no meu casamento. No entanto, aquele aperto no peito não passou, sequer diminuiu.

Assim, na quarta-feira após as aulas, no fim da tarde, fomos todos à costureira para eu fazer a última prova do vestido. Eu não sabia se estava mais ansiosa para experimentá-lo ou pelo fato de Lorenzo estar voltando naquele dia.

Meus pais, quando me viram com o vestido de noiva, lacrimejaram de emoção. Eu sorri satisfeita com o trabalho da costureira. O traje havia ficado

perfeito.

— E então, André? Estou bonita? Gostou do vestido?

— Tia Emy, se meu pai não fosse apaixonado por você, ele ia se apaixonar vendo você nesse vestido.

Dei-lhe um beijo na bochecha. Após isso escutei meu celular tocar. Tirei-o da bolsa e vi na tela que a chamada era de Lorenzo.

— Olha só quem está ligando! Oi, meu professor, adivinha onde eu estou?

A voz do outro lado da linha não era a do meu Lorenzo. Era uma voz estranha, de uma mulher.

— É a Emily?

— Si-sim, quem é? — perguntei já sentindo aquele aperto no peito me esmagar por dentro.

— Por favor, não se assuste. Eu estou na BR 277, e seu namorado sofreu um acidente.

Na hora em que eu ouvi aquilo, senti minhas pernas amolecerem. O mundo ao meu redor parecia estar girando, e eu não consegui mais firmar minhas pernas. Perdi o controle do meu corpo e acabei perdendo os sentidos. Veio logo a escuridão. Não me lembro de nada, simplesmente apaguei.



*Prefiro acreditar que não dissemos adeus,
Mas que nos separamos para que o destino
Nos dê um reencontro feliz*
– **Raphael Barcelar**

Acordei não sei quanto tempo depois, meio desnorteada, não entendendo onde eu estava, o que tinha acontecido, como em um momento quando se tem consciência de tudo e, num passe de mágica, tudo se apaga.

Pensei que tinha sido apenas um pesadelo, mas não era. Vi meu pai me abanando e a costureira me trazendo um copo de água enquanto a Rafaela terminava de conversar com uma pessoa pelo meu celular.

— Filha, você está bem?

— Sim, estou um pouco tonta. O-onde está o André?

— Sua mãe o levou para tomar um sorvete para distraí-lo.

Fui logo arrancando o vestido sem tomar cuidado algum, e vi os olhos da minha irmã em mim. Eu a conhecia muito bem, e aquele olhar era de pena. Ela tentou disfarçar, mas eu não deixei que mentisse ou omitisse qualquer fato de mim. Fui em sua direção e até com certa força exagerada a segurei pelos braços e a fiz olhar dentro de meus olhos.

— Como ele está, Rafa? Não mente para mim! Como está meu professor?

— minha voz estava falhando com o choro que queria sair.

— Minha irmã, você terá que ser forte mais uma vez — ela disse num suspiro que veio lá de dentro de sua alma, como se soubesse que eu desabaria a qualquer momento.

— Não. Não, não ele. Não. Meu Lorenzo não! Não! “Ele” não vai me fazer passar por tudo aquilo de novo, não! Eu não vou aguentar! Por favor, Rafa, fale!

Eu já chorava descontroladamente, e meu pai me puxou por trás, segurando-me, tentando em vão me abraçar. Foi quando eu falhei mais uma vez e desabei. Chorava enquanto a Rafa tentava me explicar o que tinha acontecido:

— Irmã, me escute, não se desespere. O Lorenzo sofreu um acidente. Parece que um carro bateu de frente com o dele, e ele foi socorrido, mas seu estado parece ser bastante delicado. A moça que ligou foi testemunha, foi ela que chamou o socorro. Emy, está me ouvindo?

Não sei o que deu em mim. Era como se eu tivesse perdido o chão e sentisse que a qualquer momento perderia o equilíbrio e cairia num grande precipício. Eu surtei e comecei a gritar com toda a força, olhando para o céu, em busca de uma explicação, uma satisfação:

— Você não pode fazer isso de novo comigo! Por quê?! Por quê?! O Senhor acha que eu sou tão forte assim?! Eu não sou, eu não vou aguentar, Você não pode fazer isso comigo! Se quiser me levar, me leva de uma vez, mas não me faça passar por toda aquela dor novamente! Eu não posso suportar passar por tudo aquilo de novo! Eu não aguento!

Ajoelhei-me no chão, e meu pai me ergueu e me abraçou. Então pedi que ele me levasse até onde o Lorenzo se encontrava. Ele estava em um hospital em Curitiba. E, antes que eu saísse, a Rafa veio falar comigo:

— Vai, Emy, eu cuido do André. Seja forte pelo garoto, pois ele não tem ninguém aqui perto dele a não ser você.

— Não conte para ele ainda, até eu saber exatamente como o Lorenzo está.

— Fica tranquila.

Eu nem percebi quanto tempo demoramos para chegar lá. Entretanto, já era

noite. Assim que chegamos ao hospital, corri desesperada à procura de alguma informação.

— Gostaria de informação sobre o estado de saúde de um paciente que chegou há algumas horas, sofreu um acidente de carro. O nome dele é Lorenzo Di Fiorini Andreozzi.

— Um minuto por favor, senhora.

A atendente me olhou com pouco interesse e começou a digitar alguma coisa no computador da recepção. Finalmente encontrou o nome de Lorenzo e questionou:

— A senhora é o que do paciente?

— Noiva.

— A senhora suba até o quinto andar, ele está neste momento na UTI. Lá a recepcionista lhe dará mais informações.

Quase não deixei a moça terminar de falar, peguei meu pai pelo braço, e tomamos o elevador. Meu peito doía como se alguém estivesse apertando meu coração com todas as forças. Eu conhecia aquela dor, eu sabia como aquilo machucava, só queria saber por que eu tinha de passar por tudo aquilo de novo.

Chegamos ao andar da UTI, e a recepcionista de lá nos informou que Lorenzo no momento estava sendo atendido, mas que logo o médico viria para nos dar mais informações.

Então meu pai me conduziu até uma cadeira, e o que me restou foi esperar.

Esperar. Esperar era tudo o que meu coração não gostaria. Aquela angústia, aquela falta de ar, aquela sensação de que tudo estava demorando demais. Era como esperar tanto para ver uma noite de céu estrelado e todas as estrelas do céu se apagassem, como se o céu as tivesse perdido. Todavia, eu não tinha escolha a não ser aguardar. Abracei a mim mesma em uma tentativa vã de me consolar, de parar com aquela angústia.

Passou-se meia hora, quarenta minutos, uma hora, e nada de informações sobre o estado do meu professor. Depois de uma hora, os pais do Lorenzo chegaram lá; haviam sido avisados pela Rafaela e vieram de avião. Assim que os vi, fui correndo abraçar os dois. Dona Márcia estava inconsolável, assim como eu. Choramos juntas.

— Não se preocupe, Emy, meu Lorenzo é forte. Ele vai sair dessa. Eu sei que vai — afirmou o seu Ronaldo.

Aquela demora por notícias estava me matando por dentro. Passou-se mais uma hora, duas, três. E, à 1h da manhã, o médico apareceu.

— Parentes de Lorenzo Di Fiorini Andreozzi?

Eu e os pais de Lorenzo nos levantamos na mesma hora. O médico pediu para que nós o acompanhássemos. Meu pai ficou na recepção nos aguardando.

— O que vocês são do paciente?

— Nós somos os pais, e a Emily é noiva dele, doutor, inclusive estão com o casamento marcado para daqui a três dias.

— Me desculpem, deixem eu me apresentar. Eu sou o doutor Joaquim Novaes, sou médico-cirurgião e estou cuidando do caso do Lorenzo.

— E co-como ele está, doutor? Por favor, nos diga a verdade! — implorei já sabendo que aquele médico estava enrolando demais para falar.

— Vamos lá, preciso que vocês tenham calma e que nesse momento orem muito pelo Lorenzo. — Um médico nos pedindo para orar? O caso devia ser mesmo grave. — Soubemos que um rapaz menor de idade e embriagado perdeu o controle do carro em uma curva da BR e acabou invadindo a pista contrária, dando de frente com o carro do Lorenzo, que capotou três vezes. Quando o socorro chegou, ele já estava inconsciente. O quadro clínico dele, eu não vou mentir para vocês, é muito delicado. Ele teve múltiplas fraturas, três costelas quebradas, fratura exposta na perna direita, alguns ferimentos leves no rosto, traumatismo craniano e teve hemorragia interna, que estávamos tentando cessar até agora há pouco.

— Mas conseguiram controlar a hemorragia? — indagou seu Ronaldo.

— Sim, conseguimos. Porém, por causa do baque, um dos rins de Lorenzo parou de funcionar e o outro se encontra inchado, o que é normal quando se tem uma hemorragia interna. Vamos fazer algumas sessões de hemodiálise para ver se esse rim volta a funcionar normalmente como esperamos. No momento, ele encontra-se em coma induzido.

Eu quase desabei no chão. Saímos da sala do médico completamente abalados. Encontrei meu pai cochilando sentado no banco da recepção e pedi para ele ir para o apartamento da Sophia para dormir e poder voltar para Esperança descansado no dia seguinte, afinal, era uma viagem de quatro horas, e seria perigoso para ele voltar à noite naquele estado de sono e sozinho, sem ter alguém para o manter acordado.

— Você não quer vir junto comigo para Esperança, filha? Amanhã você volta.

— Não. Eu não vou arredar os meus pés daqui até que eu possa vê-lo, pelo menos.

— Filha, você precisa descansar...

— E o senhor acha mesmo que eu vou conseguir pregar os olhos sabendo que ele vai estar aqui? Não, eu vou ficar. Pode ir o senhor.

Meu pai abraçou-me e, com os olhos cheios d'água, me falou:

— Eu sinto muito mesmo, minha filha. Sinto muito pelo Heitor, pelo Miguel, por não ter estado com você nos momentos felizes da sua vida ao lado

deles. Me perdoa por todo o mal que eu causei na época. E conte comigo para o que precisar. Se precisar transferir o Lorenzo para um hospital particular, não hesite em me chamar. Não se preocupe com gastos, vou te apoiar, porque você é minha filha, e o Lorenzo é parte de você.

— Obrigada, pai — consegui apenas dizer isso. Chorei e o abracei.

Os pais de Lorenzo também ficariam ali até que o médico deixasse que a gente pudesse vê-lo. Meu pai se despediu deles e foi para o apartamento da Sophia, que não era muito perto do hospital, mas me deixou um de seus cartões de crédito para eu usar para comer ou se quisesse ficar em algum hotel próximo, já que eu não queria ficar longe do meu noivo.

Lá pelas 4h30 da manhã, eu precisei de ar, precisava ficar um pouco sozinha e fui até uma capela dentro do hospital. Dessa vez, sozinha, sem ninguém por perto, fiz a oração que meu coração me ordenou. Ajoelhei-me em frente a uma imagem de Jesus na cruz e falei em alto e bom som:

— Deus, meu Deus, eu não sou tão forte quanto o Senhor pensa. Por que o Senhor está fazendo isso comigo? O que eu fiz de errado para passar por essa dor novamente? Por favor, tenha misericórdia dessa Sua filha. Não leve meu professor embora. Eu não vou suportar passar por toda essa dor de novo. Então, Deus, me ouça. Eu te imploro, sei que o Senhor não gosta de que imploremos, mas eu imploro. Não leve meu Lorenzo, pois, se ele partir, dessa vez não terei ninguém que poderá juntar os pedaços que sobrarem do meu coração. Dessa vez eu não vou suportar.

E, sozinha, chorei. Chorei novamente, de soluçar, de perder todo o meu fôlego.

Por que tudo tinha de ser assim? Em um momento eu estava feliz, experimentando meu vestido de noiva, e no outro estava ali, de joelhos, implorando para o meu noivo sair daquele hospital.



*A confusão toda que acontece dentro de mim
É que a razão me manda ir embora
Mas meu coração não sabe se fica
Ou vai com ela
– Ana Carolina*

Ah, como eu estava feliz por ter recebido aquele prêmio. E mais feliz ainda por estar voltando para casa. Voltando para meu filho e para a mulher que eu amava. Dentro de três dias, iríamos nos tornar marido e mulher.

Nada podia estragar minha felicidade. Tudo me lembrava a Emy. Eram 4h30 da tarde quando peguei a estrada para voltar para casa. Eu estava animado.

Comprara uns jogos novos de videogame para o André e levava um buquê de rosas cor-de-rosa para a minha noiva.

Distraído, liguei o som do carro, e naquela hora começou a tocar na rádio a música que eu havia cantando para a Emy, do Roupá Nova, *Começo, meio e fim*. A música combinava muito com a gente.

A viagem estava tranquila, mas eu estava ansioso. Como num passe de mágica, em microssegundos a vida pode mudar. Como nossa vida é realmente frágil...

A canção tocava:

*A vida tem sons que pra gente ouvir
Precisa entender, que um amor de verdade
É feito canção, qualquer coisa assim
Que tem seu começo, seu meio e seu fim*

E vi aquele carro vermelho do nada, cuja velocidade eu não sabia deduzir, mas que era impressionantemente rápida, embora isso passasse pela minha mente em câmera lenta, e veio ao meu encontro.

O baque foi horrível. Senti minha perna quebrar e os ossos rasgarem minha calça jeans. Meu carro saiu da estrada e capotou algumas vezes, não sei dizer quantas, e, quando parou, abri meus olhos, e tudo estava meio nebuloso. Escutei vozes ao longe. A última coisa de que me lembro é da letra da música, que dizia que um amor de verdade tem um começo, um meio e um fim, mas eu não queria que tivesse um fim. Não naquela hora, não quando a Emy seria minha esposa, não agora, que ela me amava, embora nunca tivesse dito isso em palavras, mas bastava olhar em seus olhos. Naquele instante minhas pálpebras foram ficando pesadas, e eu simplesmente deixei a escuridão me dominar.

Eu não conseguia me mexer, não conseguia abrir meus olhos. Quando voltei, ou melhor, quando tentei acordar, eu não conseguia fazer movimento algum. Contudo, escutava o barulho de uma ambulância que parecia estar correndo. Eu estava com frio. Muito frio.

Eu estava morrendo? Não, aquilo não podia acontecer. Eu tinha um filho que precisava de mim, eu me casaria em três dias. Não, aquilo não podia estar acontecendo. Tentei fazer qualquer movimento com meu corpo, tentei abrir os olhos, mas não tinha mais controle nenhum do meu corpo. Foi quando eu escutei:

— Cara, ele está suando frio, pode estar com alguma hemorragia. Precisamos chegar rápido ao hospital.

— Se esse aí sobreviver, será um milagre de Deus. Não sei como ainda está

aguentando. Cara, foi muito feia a batida. O carro capotou várias vezes, houve perda total.

— Tudo por culpa de um adolescente irresponsável sem habilitação e ainda embriagado. Meu Deus, como os pais podem permitir isso?

— Ele se machucou também?

— Que nada. Teve apenas alguns arranhões. Mas está indo para o mesmo hospital para avaliação. O casal que nos chamou, ligou para a polícia também, e os policiais iam acompanhar o menor até o hospital, pois queriam a declaração dele. Provavelmente os pais serão responsabilizados. Por isso, amigo, seja forte. Não sei se você tem família, mas se tiver, se agarre a ela e ore para Deus te tirar dessa.

Escutei as palavras do meu socorrista, e logo a escuridão voltou para me levar. E não vi nem ouvi mais nada. Entreguei-me a ela.



Emily

Por volta das 8h da manhã, depois da primeira sessão de hemodiálise, o médico deixou os pais de Lorenzo irem vê-lo. Eu teria de esperar eles voltarem para depois poder vê-lo rapidamente.

Depois de cerca de 15 minutos, eles voltaram ainda mais devastados do que antes. Não perguntei nada, eu os entendia. Então seu Ronaldo me avisou:

— Filha, nós estamos indo para um hotel que tem a duas quadras daqui. Vou deixar reservado um quarto para você. Nós vamos descansar um pouco, comer alguma coisa, depois voltamos para você também poder ir descansar.

Eu não estava cansada. Não mesmo. E não arredaria os pés daquele hospital enquanto Lorenzo não tivesse uma melhora.

Assim que eles se despediram de mim, a enfermeira de plantão me chamou para que eu visse meu namorado.

— Você terá apenas alguns minutinhos, está bem? Tome, vista essa paramentação.

Vesti um protetor de pés, touca e jaleco, e a enfermeira me guiou até o quarto da UTI onde meu Lorenzo estava.

— Vou deixá-la à vontade. Voltarei daqui a dez minutos.

— Dez minutos?! Só isso?!

— Infelizmente sim, senhora. Então aproveite e converse com ele, talvez ele possa te ouvir. Quem sabe ele reaja mais rapidamente, não é?

Ela me deu um sorriso compreensivo e saiu. Fui me aproximando de Lorenzo, que estava ligado a um monte de tubos e aparelhos. Quando cheguei perto dele, segurei meu choro. Seu rosto tão lindo, tão perfeito estava todo ferido do lado esquerdo.

Aproximei-me mais dele e segurei em sua mão, acariciei seu cabelo e cochichei em seu ouvido:

— Oi, professor. Onde quer que você esteja, saiba que estou aqui. Por favor, eu te peço, volte para mim. Volte para mim e para o André, nós precisamos de você. Eu te amo — consegui finalmente confessar o que estava na minha garganta havia muito tempo. Eu sabia que eu o amava, apenas não conseguia dizer isso assim. Entretanto, enfim consegui, e foi tão natural. Lágrimas rolaram por meu rosto, e continuei conversando com ele: — Meu amor, volte para mim. Seja forte, você sabe que eu não terei forças para continuar aqui sem você. Sabe que eu não posso passar por isso novamente. Por favor, fique comigo.

Acariciei seu rosto, apertei suas mãos gélidas e beijei sua palma, quando a enfermeira chegou. Dez minutos haviam se passado tão rápido como segundos em um relógio.

Voltei para a recepção do hospital, e a enfermeira me falou que não adiantava eu ficar ali, que eu podia ir para casa, tomar um banho, descansar, comer alguma coisa.

— Eu não tenho vontade nenhuma de fazer essas coisas. Não me sinto cansada fisicamente. Eu preciso saber que ele ficará bem.

— Minha querida, sei que não há nada que eu possa te dizer que vá te consolar, mas nada vai adiantar você ficar aqui.

— Ficarei até que ele acorde.

— O estado de coma dele é induzido, pode demorar muito tempo ainda.

— Eu sei, mas não vou desistir dele. Porque ele nunca desistiu de mim.

Fui até a cantina do hospital e pedi um café. Entretanto, não comi nada. Não estava com fome. Estava com aquele nó em minha garganta que fazia dolorido até o simples ato de engolir.

Perto de 1h da tarde, os pais de Lorenzo voltaram ao hospital e insistiram para eu ir para o hotel tomar um banho. A minha futura sogra até roupa arrumara para mim, mas eu não queria me afastar daquele lugar, era como se a qualquer momento o Lorenzo pudesse acordar e eu não queria estar longe dele.

Porém, eu realmente precisava de um banho. Então peguei a sacola com as peças de roupa que a dona Márcia havia me trazido e fui até o hotel. Pedi à recepcionista a chave do quarto que meu futuro sogro havia reservado para mim e descobri que ele já havia pago duas diárias.

Entrei no quarto simples e fui para o banheiro. Despi-me e liguei o

chuveiro. Deixei que a água quente lavasse meu corpo e aliviasse a minha tensão. Todavia, as dores musculares por passar a noite em claro no hospital não eram nada perto da dor em meu peito.

Assim que saí do banho, escovei meus cabelos e logo voltei ao hospital. Chegando lá, encontrei a Rafaela e o Lucas. Ambos vieram me abraçar.

— Você conseguiu vê-lo?

— Sim. Ele está muito machucado, cheio de tubos e cateteres por todo seu corpo. Meu Lorenzo está partindo.

— Não diga isso, irmã. Vamos ter fé. Avisei ao padre Luiz, ele falou que virá amanhã.

— Obrigada. E como está o André? O que disse para meu menino?

— contei a verdade, Emy. Claro que de uma maneira mais suave. Ele chorou um pouquinho, mas está bem. Ontem à noite fiz a oração do anjo da guarda antes de ele dormir, e nós oramos pelo Lorenzo. A mamãe agora ficou com ele. Para distraí-lo, prometeu que amanhã o levará até um shopping na cidade vizinha para comprar vários jogos de videogame para ele.

— Que bom. Temos que cuidar e proteger o André.

— Você comeu alguma coisa?

— Não estou com fome.

— Emy, você precisa se alimentar. Eu entendo que você não queira e não tenha apetite, mas você precisa se manter forte. Pense no André.

Ao ouvir o nome do neto, a dona Márcia e o seu Ronaldo vieram conversar e saber notícias dele. Eles também estavam tão abatidos quanto eu.

À noite, meus futuros sogros foram para o hotel, descansar. Contudo, eu não iria arredar meus pés do hospital até Lorenzo ter uma melhora e decidi que passaria mais uma noite lá. O médico havia passado um pouco antes de eles partirem para nos dar mais informações sobre o estado de Lorenzo:

— O quadro está estável, mas seu rim continua inchado, e o outro infelizmente perdeu sua função. Faremos mais uma sessão de hemodiálise amanhã, e caso o rim não reaja, precisaremos de um doador, o que pode demorar um pouco sua recuperação até conseguirmos um doador compatível.

— Se Deus quiser, não será necessário, não é, doutor? — comentara dona Márcia esperançosa.

— Vamos pensar positivo e esperar.

Naquela noite, liguei para a Rafaela e pedi a ela que fizesse o que me doía o coração: telefonar para os convidados avisando-lhes da interrupção do casamento e cancelar tudo com os fornecedores.

— Emy, não se preocupe, já cuidei de tudo. Mas não cancelei. Fiz um acordo com todos os fornecedores, com a confeitaria, com a floricultura, enfim,

com todo mundo, para adiarmos o casamento, e todos entenderam. Pode ficar tranquila, minha irmã. Assim que Lorenzo acordar e voltar para casa, o casamento será feito como vocês planejaram, está bem? Você dormiu?

— Não consigo. Então fico aqui no hospital.

— Minha irmã, se cuide, você precisa ficar forte, não se esqueça disso. A Sophia está aqui, veio para o seu casamento. Mandou dizer que está orando pelo Lorenzo e que amanhã ela vai aí com o padre Luiz.

— Obrigada.

Despedi-me dela e desliguei o celular. Lá pelas 3h da manhã, eu já estava quase dormindo sentada, quando uma enfermeira, a mesma que me levava para ver o Lorenzo, apareceu, trazendo-me um cobertor e um prato de sopa quente.

— A senhora vai ficar doente desse jeito. Então, como eu não aguento ver ninguém sofrendo assim e sem comer, tomei a liberdade de te trazer um cobertor e uma sopa quentinhos. Tome a sopa.

— Eu não sinto fome.

— Não é um pedido, é uma ordem! Você precisa ficar forte para, quando o seu Lorenzo acordar, você estar linda e não cheia de olheiras, e magra, e fraca, não acha? — Ela me entregou a sopa e o cobertor e só saiu do meu lado depois que comi. — Muito bem. Se precisar de qualquer coisa, estarei por aqui. Ah, a propósito, meu nome é Valentina.

— Obrigada, Valentina.

Aquela enfermeira era realmente um amor de pessoa, sempre tão atenciosa. Eu ficaria eternamente grata a ela por tudo o que estava fazendo por mim.

Decidi deitar-me em um pequeno sofá que tinha na recepção e acabei cochilando. Durante esse meu cochilo rápido, sonhei com Lorenzo. Eu vestia meu vestido de noiva, e ele estava com um terno branco, todo sorridente, com aqueles olhos azuis brilhando, e quando eu chegava perto dele e ia tocá-lo, havia uma parede de vidro nos separando. Eu não conseguia senti-lo, nem ele a mim. Ele então me olhava com um sorriso triste e me acenava com a mão, dando um “tchauzinho”, então abaixava a cabeça, virava-se de costas para mim e caminhava para longe, e eu ficava lá parada, vestida de noiva.

Acordei assustada, chorando. Sentei-me no pequeno sofá e decidi pegar uma revista para me distrair.

Mais um dia amanhecia, e, por volta das 8h da manhã, meu amigo padre Luiz veio até o hospital. Deu-me um abraço, e eu desabei. Sabia que, assim que ele chegasse, minhas lágrimas logo voltariam a surgir.

Ele ergueu minha cabeça, enxugou minhas lágrimas e disse:

— Logo conversaremos, mas antes alguém veio aqui te ver.

E logo atrás dele estava a Sophia, que me olhou com cumplicidade, deu-me

um abraço demorado e falou que ficaria comigo.

— E sua faculdade?

— Tia, eu estou de férias. Por isso fui para Esperança, por isso e para seu casamento.

— Férias... Meus Deus, a escola! Meus alunos, a diretora Ana... esqueci totalmente.

— Não se preocupe, Emily. Todos na cidade já sabem do acontecido, e a professora Mariana assumiu seus alunos até que você possa voltar. Ela mandou lembranças e disse que também está em oração por Lorenzo.

Como eu tinha sido irresponsável, não pensara em meus alunos. Entretanto, sabia que a Ana entenderia.

Sophia ficou na recepção, e o padre Luiz me chamou para irmos até a capela do hospital para conversarmos.

— Minha amiga, como você está?

— Estou destruída. Deus não pode fazer isso comigo. De novo, não, eu não vou aguentar.

— Emily, confie em Deus. Ele sabe de todas as coisas. Até que Deus decida o que vai acontecer com Lorenzo, sejamos positivos e vamos continuar firmes em nossa fé, orando, rezando para Deus curá-lo. Estou preocupado com você. Você está com olheiras enormes. Dormiu essa noite?

— Cochilei.

— Você precisa ir para um hotel e tirar umas horas de sono, descansar.

— Não. Não até que eu saiba que Lorenzo está reagindo aos medicamentos.

— Isso pode demorar. E você precisa se manter firme.

— Prometo que hoje à noite irei para o hotel dormir um pouco.

— Só dormir, não; você irá dormir e comer alguma coisa e só depois voltará aqui.

— Não quero sair daqui. Não quero estar longe quando ele acordar.

— Isso é bobagem, você sabe que vão te avisar assim que ele abrir os olhos.

— Eu estou com tanto medo, padre.

— Eu sei. Eu entendo. Mas não deixe seu medo ser maior que sua fé. Mantenha-se firme, minha amiga. Muitas pessoas estão rezando por Lorenzo. Você não tem ideia. Esperança inteira está numa corrente de oração. Tenha fé.

O padre Luiz me convenceu a ir para o hotel naquela mesma hora para tomar um banho, comer alguma coisa e dormir um pouco. Minha sobrinha foi comigo. Agora eu estava entendendo tudo, no mínimo minha irmã tinha pedido para ela vir e ficar me vigiando, pois ela, além de ir comigo até o hotel, fez-me tomar um banho, entregou-me roupas limpas que havia trazido em uma mala, comprou uma marmita em um restaurante para eu comer e não me deixou largar

o prato até que não sobrasse mais um grão de arroz.

Deitei-me na cama, fechei meus olhos e me entreguei à exaustão. Deixei a escuridão me dominar, desmaiei em menos de cinco minutos.



*Nossas vidas são definidas
Por momentos.
Principalmente aqueles que
Nos pegam de surpresa
– Bob Marley*

Não sei por quantas horas dormi. Tive um sono sem sonhos, nem pesadelos, o que era ótimo. Meu corpo estava descansado. Eram 6h da noite. Eu havia dormido a tarde toda.

Fui para o hospital, mas não antes de comer um lanche comprado pela minha sobrinha, que não me deixou sair até que eu comesse. Ela iria ficar no

hotel, e eu saí sozinha.

Ao chegar ao hospital, encontrei o padre Luiz lá conversando com a dona Márcia e o seu Ronaldo, e percebi que ela chorava. Surgiu um bolo em minha garganta, um aperto no peito. Aproximei-me e perguntei o que houve.

— Minha filha, Lorenzo não está reagindo à hemodiálise, vamos ter que procurar um doador compatível.

— Claro, vou ser voluntária. Sei que é difícil, mas se for destino, não me importo, eu doarei um rim para ele, doaria minha vida por ele.

— Obrigada, filha. Por isso ele ama tanto você. Em seu lugar, ele faria a mesma coisa. Eu e Ronaldo já fizemos os testes, e o resultado sai somente amanhã. Agora que você chegou, vamos voltar ao hotel para descansar.

— Podem ir, passarei a noite aqui. Padre Luiz, obrigado, meu amigo, por ter ficado.

— Não precisa me agradecer. Amigos são para isso. Eu também fiz o exame; se for compatível, doarei meu rim a Lorenzo com o maior amor do mundo.

— O que seria de mim sem você?

Abracei-o e conversei com a enfermeira de plantão, que logo me levou para fazer todos os exames necessários.

— A senhora fuma?

— Não.

— Consome bebidas alcoólicas com frequência?

— Não.

— Está gestante?

— Não. Mas que bando de perguntas é esse?

— Desculpe, senhora, é só o procedimento padrão. Os resultados dos exames devem sair todos amanhã à tarde.

— Obrigada.

Essa enfermeira era muito grosseira. Não gostei nada dela. A Valentina estava no seu dia de folga. Eu perguntei por ela na recepção.

Durante a noite enviei mensagem para a Rafaela para saber sobre o André, e ela disse que ele e minha mãe estavam se dando superbem e que ele perguntava do pai, mas estava tranquilo.

Contei a Rafa sobre a cirurgia que Lorenzo precisaria fazer, e ela logo se prontificou a fazer o exame para saber se podia ser compatível. Assim, no dia seguinte, sábado, dia em que eu e Lorenzo deveríamos estar nos casando, minha irmã, meu cunhado, minha sobrinha e até meu pai fizeram os exames para descobrir se podiam ser doadores.

Fiquei até umas 3h da tarde no hospital, esperando saírem os resultados dos

exames. A enfermeira entregou os resultados de todos em um envelope, menos o do padre Luiz, pois ele não podia ir naquele dia, e o meu, dizendo-me para eu acompanhá-la, pois o médico de plantão queria conversar comigo sobre os meus exames.

Entrei na sua sala. Ele me fez um sinal para que eu me sentasse na cadeira à sua frente. Estava com meus exames em mãos, e logo um frio percorreu minha espinha. Não estava entendendo nada. Será que eu era compatível com Lorenzo?

— Então, dona Emily, eu a chamei aqui porque precisamos conversar sobre os seus exames.

— O que aconteceu, doutor? Estou ficando preocupada.

— Deveria estar mesmo, pois em um de seus exames, nós encontramos uma coisa. — Eu gelei na hora, devo ter perdido a cor, porque o médico logo me disse: — Bom, vamos lá, então. Em primeiro lugar, dona Emily, mesmo que fosse compatível, a senhora não poderia doar um de seus rins para Lorenzo por uma simples e única razão. A senhora está grávida, dona Emily.

— Grá-grávida?

— Sim. Seu exame de beta HCG deu positivo. O resultado deu 725 mUi/mL, o que significa que a senhora pode estar de três a quatro semanas de gestação. Vou encaminhá-la para fazer uma ultrassonografia na área da obstetrícia, e lá eles lhe dirão com exatidão de quantas semanas a senhora está. Então, sabendo disso, espero que se cuide mais, se alimente melhor e durma em uma cama, não aqui no hospital, nesses sofás e cadeiras velhos.

— Posso lhe pedir um favor? Não conte isso a ninguém da minha família, pelo menos, não por hora.

— Claro, conte com minha descrição. E parabéns.

Eu peguei o exame das mãos do médico, ainda incrédula e tremendo. O que Deus queria de mim? Corri para a capela do hospital, ajoelhei-me e conversei com o Pai novamente:

— O Senhor deve estar de brincadeira comigo. Como isso pode estar acontecendo? Justo agora? É uma piada de muito mau gosto. E, já que me deu de presente um anjo que crescerá em meu ventre, por favor, Deus, seja misericordioso comigo... traz de volta o pai desse anjo. Não me deixe sozinha novamente, embora eu saiba que sozinha de verdade agora jamais estarei, pois um pedacinho de Lorenzo cresce dentro de mim...

Passei a mão pela minha barriga, e foi inevitável uma lágrima escorrer pelo meu rosto. Uma lágrima fruto de dois sentimentos, a dor por Lorenzo estar naquela situação e a alegria por eu ter um pedacinho dele junto comigo. Decidi não contar a ninguém pelo menos por enquanto.

Ninguém que havia recebido os resultados dos exames era compatível com

Lorenzo. Agora era rezar para encontrar alguém com compatibilidade no banco de doadores. O problema é que tinha uma fila gigantesca de espera. Já que o caso de Lorenzo era de urgência, colocaram o nome dele na lista de prioridade. Tínhamos de rezar para que logo surgisse algum doador.

Antes de eu ir para o hotel, o médico deixou que eu visse o Lorenzo por alguns minutos. Fui até o quarto, e agora ele tinha pinos na perna direita, onde tivera a fratura exposta. Doía-me tanto vê-lo naquele estado. Justo ele, que era tão cheio de vida, tão sempre bem-humorado, animado. Cheguei perto dele e lhe falei:

— Amor, eu preciso de você. Volte logo para mim. Por favor. Se você acordar, eu juro que você não vai se arrepender. Tenho uma surpresa e tanto. Eu te amo. Eu sei que nunca falei isso assim, mas você nunca se importou, não é? Porque você me conhece tão bem que, só de olhar em meus olhos, sabe o tamanho do amor que sinto por você. E não podia ser diferente. Você trouxe de volta a minha alegria de viver. Trouxe meu coração de volta à vida. Então não me deixe. Eu não posso viver em um mundo em que você seja só uma lembrança. Esteja onde estiver, amor, vou estar aqui te esperando. Não me abandone, pois eu não vou desistir de você nunca. Estarei aqui quando você acordar, porque, diferente daquela música que você cantou para mim, que diz que o amor de verdade tem começo, meio e fim, o meu amor por você teve um começo, tem um meio, mas nunca terá um fim. Você tomou posse do meu coração, e dele você jamais sairá.



*Eu sei que é difícil esperar,
Mas Deus tem um tempo para agir
E para curar, só é preciso confiar
– Padre Fábio de Melo*

No dia seguinte, fui cedo ao hospital e, ao chegar, fui avisada pela dona Márcia que Lorenzo tivera uma pequena parada cardíaca, mas os médicos haviam conseguido trazê-lo de volta. Aquilo esmagou meu coração. Ele estava sofrendo. Fui até a capela do hospital, e dona Márcia me acompanhou. Nós duas começamos a rezar para Deus, e mentalmente eu pedi:

Deus, eu já te implorei, te supliquei que o Senhor não me deixasse sozinha

novamente, que eu não passasse por aquela dor que eu já conhecia, mas se o meu professor, se o meu Lorenzo estiver sofrendo muito, o leve, Senhor. Eu vou sofrer, o Senhor sabe que eu vou sofrer. Mas prometo que não tentarei nada parecido com o que eu fiz quando o Senhor levou o Heitor e o meu Miguel. Prometo que tentarei ser forte pelo André e por esse bebê que cresce dentro de mim. Mas não deixe que meu Lorenzo sofra. Sei que o Senhor sabe de todas as coisas, só o Senhor tem o poder de decidir. Sei que fará o que for melhor para Lorenzo. Confio em Ti, Senhor. Apenas Lhe imploro forças e sabedoria para enfrentar a vida, se caso Sua decisão for tirá-lo de mim.

Eu não sabia se era pelo fato de estar grávida ou se era por minhas lágrimas já terem se esgotado dentro de mim, mas me sentia mais serena, mais forte.

Perto do horário de almoço, o padre Luiz apareceu, e ficamos sabendo pelo médico que o meu amigo era compatível com Lorenzo e poderia ser o doador do rim para ele. Eu o abracei forte; mais uma vez ele me salvava. Primeiro salvara minha vida me mostrando as bobagens que eu estava tentando contra mim mesma, e agora tentaria salvar a vida do grande amor de minha vida.



Uma semana se passou. O transplante havia sido um sucesso, não houvera rejeição nenhuma. E o padre Luiz já tinha recebido alta.

Desde que Lorenzo chegara ao hospital, eu mal saía de lá. Eu praticamente morava no hotel. Minha vida se resumia a esses dois locais.

A Sophia continuava comigo, fazendo-me companhia... e me vigiando, pois todos temiam que, como no passado, eu tornasse a atentar contra a minha vida. A Rafaela e meus pais, que ainda não tinham saído de Esperança, estavam cuidando de André. Todavia, eu sabia que precisava voltar. Precisava pegar umas roupas, precisava conversar com o André. Devia isso a ele.

O Lorenzo continuava respirando por aparelhos e continuava em coma, dessa vez, não mais induzido. O médico me explicou que, se ele comesse a respirar sem a ajuda das máquinas, seria transferido para um quarto só dele, e eu poderia ficar direto com meu noivo.

Contudo, isso demoraria a acontecer.



Era uma sexta-feira, e eu estava como sempre no hospital, quando um casal

perguntou sobre o Lorenzo. Eu os ouvi e indaguei quem eram eles, e a mulher respondeu:

— Olá, eu me chamo Helena. E esse é meu marido, Felipe. Fomos nós que chamamos o socorro quando aconteceu o acidente.

— Então deve ter sido com você que falei ao telefone antes de desmaiar e minha irmã continuar a conversa.

— Oh, sim. Você é a Emily, namorada do Lorenzo.

— Sim. Noiva, na verdade. Se nada disso tivesse acontecido, estaríamos casados há duas semanas.

— E como ele está?

— Em coma. Passou por um transplante de rim. Quebrou três costelas, está usando pinos na perna direita devido a uma fratura exposta... e continua respirando com a ajuda de aparelhos. Seu estado ainda é muito delicado.

— E-eu sinto muito. Nós viemos aqui para saber notícias sobre ele e também para entregarmos alguns pertences que estavam no carro dele. Os documentos, nós entregamos a...

— O médico socorrista me entregou os documentos, obrigada.

— É, eu estou com o celular dele, e tinha um pacote de presente dentro do carro, estava rasgado, mas o que tinha dentro está inteiro. Então eu o trouxe.

Ela me entregou uns jogos de videogame para o André dentro de uma sacola.

— Muito obrigada. O André, filho dele, irá gostar.

— Imagina. Eu sinto muito mesmo. Temosorado muito pela recuperação dele na nossa igreja também.

— Muito obrigada, do fundo do meu coração.

Mesmo com muito receio, perguntei se eles haviam presenciado o acidente.

— Então, nós estávamos vários metros atrás do carro do seu noivo, então vimos tudo. Foi uma irresponsabilidade. Era um rapaz menor que dirigia o outro carro e, além disso, estava embriagado.

— É, isso eu soube.

— Ele queria fugir. Mas eu o segurei — informou Felipe. — Eu o segurei porque, de alguma forma, ele teria que pagar pelo que fez. Ele podia ter matado um pai de família.

— É, estamos rezando para que Lorenzo viva. Ele é tudo para nós.

Agradei ao casal por tudo. E Helena me passou seu telefone para receber notícias sobre Lorenzo.

No dia seguinte, pedi a meu pai que viesse me buscar. Eu precisava ir para Esperança resolver alguns assuntos, pegar algumas roupas, e o principal, conversar com o André.

Assim que coloquei os pés na casa da minha irmã, o menino veio correndo de braços abertos me abraçar e já perguntando do pai, achando que ele tinha vindo junto.

— Querido, seu pai ainda está muito doente. Ainda não pode sair do hospital.

— A tia Rafa disse que ele está dormindo, mas que vai demorar para acordar.

— Isso, meu amor. Mas, assim que ele melhorar um pouquinho, eu prometo que levo você para vê-lo, está bem? Você gostaria de vê-lo mesmo que ele esteja dormindo?

— Sim, tia, eu quero.

— Então está combinado. Olha só o que seu pai comprou para você, mas não conseguiu te entregar. Então eu trouxe para você.

— Obrigado, tia.

Eu me sentei na cadeira da cozinha da minha irmã e nunca havia me sentido tão exausta em minha vida. Como eu estava cansada.

— Emy, se quiser, pode passar a noite aqui hoje. Não precisa ir para casa sozinha.

— Não. Eu vou para a casa do Lorenzo. Quero sentir o cheiro dele, quero ficar com as coisas dele, quero me sentir perto dele. Você pode ficar com o André?

— Isso você nem precisa pedir. Ele, o Lucas e o papai estão *viciadinhos* naquele videogame.

— Muito obrigada, minha irmã, por tudo que tem feito por nós. A dona Márcia também não teria condição nenhuma de cuidar do André agora.

— Nós adoramos esse menino. Você sabe que esse tempinho com ele está até me dando vontade de ter um filho? É sério.

— Que Deus te abençoe, Rafa. Bom, agora vou para casa.

— Se precisar, dê um grito.

Despedi-me de todos, dei um beijinho de boa-noite no André e fui para a casa do Lorenzo. Tudo estava do jeitinho que ele havia deixado, tudo em ordem, e, pelo que percebi, minha irmã havia limpado toda a casa; ela estava brilhando.

Fui até o quarto que seria meu e de Lorenzo, peguei uma das suas camisas que ainda tinha o seu perfume, vesti-a e me deitei na cama. Fiz um carinho em minha barriga, e os sentimentos dentro de mim estavam à flor da pele.

Mentalmente agradei a Deus por ter me presenteado com a amizade do padre Luiz. Ele fora meu grande salvador, com a benção de Deus. Quem sabe agora Lorenzo despertasse do coma e melhorasse. Contudo, infelizmente, a vida não funciona da maneira como queremos.



*A tristeza é uma telha quebrada
Na casa da nossa vida,
Mas a Esperança é um
Cobertor que nos protege
– Padre Fábio de Melo*

Acordei com meu celular tocando. Era a dona Márcia. Atendi no primeiro toque. Alguma coisa teria acontecido com meu noivo? Meu coração acelerou.

— Dona Márcia? Aconteceu algo com o Lorenzo?

— Não, minha filha. Quer dizer, aconteceu, mas acho que é uma boa notícia. Nosso Lorenzo está conseguindo respirar sozinho, sem a ajuda dos

aparelhos.

— Ma-mas como isso aconteceu?

— Uma fisioterapeuta chegou aqui para a primeira sessão, e o doutor Joaquim teve que erguer o Lorenzo da cama e percebeu que algo estava errado. Ele sentiu que Lorenzo estava respirando rapidamente. Então fez um teste e desligou por cinco minutos o aparelho, e Lorenzo continuou respirando sozinho. Ficou dez, vinte, trinta minutos. Agora está há mais de quatro horas respirando sozinho.

Percebi que ela falava rindo ao telefone. Então agora tínhamos uma esperança. Era incrível que tinha sido só eu chegar a Esperança para que ele tivesse uma melhora. Dona Márcia falou que não era para eu me preocupar, pois ela e o seu Ronaldo estavam se revezando para cuidar do Lorenzo e que naquela tarde ele já seria transferido para um quarto particular. Minha vontade era de voltar correndo para lá, mas sabia que precisava fazer uma pequena mala de roupas para mim, tomar um banho, ir até a casa da diretora Ana e ver como estavam as coisas na escola, já que a Mariana estava se virando em mil assumindo meus alunos. Soube que o Mathias também se esforçara para assumir a turma do Lorenzo.

Fiz tudo o que devia. E a Ana foi muito condescendente comigo, dizendo que a Mariana estava seguindo o cronograma e que as crianças estavam bem, que as aulas logo acabariam, então eu não precisava me preocupar. Fiquei mais aliviada.

À noite, fui até a casa da minha irmã para me despedir. Dessa vez eu iria dirigindo, minha irmã me emprestara seu carro, assim meu pai não precisava ficar indo e voltando. Ele e minha mãe haviam se instalado em minha casa. Meu pai informou que ficariam morando ali até que Lorenzo voltasse para casa. Ninguém nunca cogitara a hipótese de ele não voltar, e agora, depois que eu falei que ele já estava respirando sem os aparelhos, a esperança só aumentava.

Prometi ao André que, no próximo fim de semana, viria buscá-lo para ele ver o pai. Ele precisava daquilo, era um direito que ele tinha, e talvez, se Lorenzo sentisse a presença do filho, voltasse para nós.

Antes de voltar para Curitiba, fui até a igreja conversar com o padre Luiz e lhe contar a novidade.

— Mas isso é uma ótima notícia! Que Deus o abençoe!

— Eu vou voltar para lá agora. Só queria dar essa boa notícia a você, meu amigo, que tem estado comigo nestes e em todos os momentos escuros da minha vida.

— Não perca a fé, minha amiga. Eu tenho fé em que logo o seu Lorenzo irá acordar e ainda terei a honra de realizar o casamento de vocês.

— Padre, eu preciso lhe contar uma coisa, mas não quero que ninguém saiba, pelo menos não por enquanto... Você guardaria um segredo?

— Não precisa nem me perguntar, digo isso não só como padre, mas como seu amigo.

— Então... quando fiz os exames para ver se eu podia ser compatível para fazer a doação de um rim ao Lorenzo, eu descobri algo que me deixou totalmente surpresa. E isso, tenho certeza, foi uma benção dos Céus, pois, desde que eu soube, me sinto fortalecida e com mais fé de que tudo vai ficar bem.

— Isso me deixa imensamente feliz, Emy.

— E-eu estou esperando um filho de Lorenzo. Estou grávida, meu amigo. Eu não imaginava que pudesse acontecer, eu devo ter me descuidado com a pílula anticoncepcional, sei lá, mas só sei que aconteceu, e agora um pedacinho dele cresce dentro de mim.

— Mas isso é uma notícia maravilhosa, Emily! Que Deus te abençoe muito, minha amiga! Com certeza, Deus faz as coisas na hora certa. Essa é a esperança de uma vida nova. Não importa o que aconteça, tenha fé; logo Lorenzo irá abrir aqueles olhos da cor do céu e vocês formarão uma família linda. Perdão, eu me equivoquei, vocês aumentarão essa família linda que vocês já formam. Mas, por favor, casem-se o mais rápido possível.

Eu tive de rir.

— Assim que Lorenzo acordar e se recuperar, padre Luiz! Eu prometo!

Agora eu conseguia sorrir um pouco, embora, por dentro, meu coração ainda carregava aquela angústia da espera.



Quando cheguei ao hospital, encontrei-me com o seu Ronaldo sentado na cadeira da recepção.

— Então, seu Ronaldo? Lorenzo já foi para o quarto?

— Ah, sim. A Márcia está lá agora. Daqui a meia hora vocês poderão trocar de lugar. Como está o André?

— Está bem. Está morrendo de saudades do pai. Prometi que, no fim de semana que vem, ele poderá vir vê-lo.

— Mas ele sabe sobre o estado do pai?

— Minha irmã, Rafaela, explicou que ele está doente, que dorme profundamente e não consegue acordar. Então não vejo problemas. Mas e aí, o que o médico disse sobre o Lorenzo?

— Depois que ele começou a respirar sozinho e foi transferido para um

quarto, o médico nos disse que ele não tem mais nada grave. Tem as fraturas e tudo mais e continua em coma. Não me deram mais explicações, só disseram que agora depende de ele querer acordar.

— Como assim? Que tipo de médico é esse? Ninguém fica em coma porque quer!

— O doutor disse que é assim mesmo. Em alguns pacientes em coma, depois que conseguem respirar sem a ajuda dos aparelhos, podem ficar ainda alguns dias desacordados.

— Não! Eu quero uma explicação melhor desse médico! Como assim?!

— Filha, existem coisas mais profundas com relação a nossa alma que não podem ser explicadas. Agora só depende de Lorenzo. Somente ele pode ter essa decisão de acordar ou nos deixar.

Eu fiquei revoltada com aquela explicação e fui procurar o doutor Joaquim. Eu precisava de explicações melhores. Então, com toda a paciência, ele me explicou que o coma do Lorenzo acontecera assim que ele dera entrada no hospital. Fora um coma induzido a princípio. Como Lorenzo finalmente conseguiu voltar a respirar sozinho, o doutor Joaquim tinha esperanças de que, em questão de horas, ele pudesse acordar. Por enquanto a perda da sua consciência permanecia. Ele não tinha reação alguma ao toque, parecia não ouvir e não sentir nada ao seu redor. Seu estado vegetativo podia demorar semanas, meses ou, num caso pior, até anos. Nós teríamos de ter muita paciência e esperar, nunca desistir de conversar com ele. Ler para ele ajudaria muito.

A palavra esperar já estava fazendo parte do meu cotidiano. Falar “tenha paciência” é fácil. Porém, na prática, é uma angústia que nunca termina. Eu não podia aceitar que Lorenzo ficasse meses assim, ou até, como o doutor Joaquim explicara, anos. Todavia, que outra escolha eu tinha? Eu jamais o abandonaria. E, se precisasse me mudar para Curitiba, modificar totalmente minha vida e minha rotina por ele, eu o faria. Ele nunca desistira de me conquistar quando nós nos tínhamos conhecido, e eu também não desistiria dele. Nunca, jamais. O amor não permite desistência. O amor de verdade é paciente, é generoso, é perspicaz e perseverante.



*O pai é o maior herói
De Todos os filhos
– Tiago Augusto*

Assim como eu havia prometido, no fim de semana seguinte, fui buscar André para que visitasse o pai. No meio do caminho, ele me perguntou se seu pai podia conversar com ele.

— Não pode, meu amor. Lembra que eu falei que ele está dormindo? Ele dorme e não acorda. Ele não pode te responder, mas você pode falar com ele. Ele te escuta.

— Tá bom. Eu só tenho tanta saudade dele, tia.

— Eu sei, meu bem. Eu também.

Chegamos ao hospital no horário de visitas. André viu os avós, deu um beijo e um abraço neles e me pediu para ir logo ver Lorenzo. Eu tinha medo da sua reação ao ver o pai naquele estado. Não sabia se ele iria chorar, se ele iria só olhar o pai de longe.

Quando entramos no quarto, ver a cena de ele ir correndo ao encontro de Lorenzo ali, deitado sem reação nenhuma, partiu meu coração. André, com todo cuidado, deu um abraço meio torto no pai e, olhando sério para mim, perguntou:

— Tia, será que eu posso conversar com meu pai sozinho? Só um pouco?

— Claro, meu lindo. E-eu vou esperar aqui do lado de fora, está bem?

Saí do quarto, mas fiquei em pé em frente à porta, que deixei com uma fresta; queria escutar o que o André iria dizer, estava preocupada com ele. Porém, ao começar a ouvir sua voz, a emoção foi tomando conta de mim:

— Oi, papai! Tia Emy disse que você não pode me responder porque você dorme o tempo todo. Mas sabe, pai, eu estou com saudades. Por que você não acorda? Quem vai jogar bola comigo? Quem vai me levar para andar de bicicleta? Não que eu não goste da tia Rafa e do tio Lucas e da Sophia, tem também a vó Vera e o vô Elivir, que são os pais da tia Emy. Eles são bem legais, brincam comigo, cuidam de mim, mas não é como você, pai. Só você sabe brincar comigo de Vingadores. Fim de semana passado eu vi a tia Emy chorando escondido quando pensava que eu não estava vendo. Então, pai, pare de ser preguiçoso e acorde logo. Meu herói preferido não é o Thor, nem o Capitão América, é você, pai.

Abri a porta do quarto e o vi fazendo carinho no rosto do pai, algumas lágrimas caindo por seu rosto. Fui até ele, ajoelhei-me a sua frente para ficar mais ou menos da sua altura e afirmei:

— Seu pai vai acordar, meu querido, quando ele estiver preparado.

— Eu queria que meu pai acordasse agora, tia Emy. Eu não quero que ele vá morar com a minha mãe lá no Céu. Eu não quero ficar sem meu pai, tia.

Naquele momento ele começou a chorar em voz alta. Eu o abracei e, enxugando as suas lágrimas com as mãos, prometi que eu sempre o protegeria, que nunca iria deixá-lo sozinho e pedi para ele não ficar triste.

— Tia, podemos orar por ele?

— Claro!

Ele então pegou minha mão e, com a mão livre, pegou uma das mãos do Lorenzo. Juntos fizemos uma oração. No fim dela, ele disse:

— Papai do Céu, eu sei que o Senhor é dono de todo o mundo. Mas podia fazer meu pai acordar? Eu preciso dele porque minha mãe já está aí no Céu, então, por favor, o Senhor podia mandar meu pai acordar? Eu preciso de alguém

para ficar comigo. A tia Emy, a tia Rafa, o tio Lucas, a Sophia e meus avós de mentirinha também cuidam de mim, mas eu quero meu pai. Meu pai é meu herói. Não posso ficar sem ele.

Lágrimas vieram aos meus olhos novamente, mas eu me segurei. Precisava ser forte por André. Se eu me desmanchasse em desespero à sua frente, não seria nada bom. Todavia, eu estava orgulhosa dele. O André estava se mostrando uma criança madura demais para a sua idade. Eu sabia que uma hora ele entenderia tudo o que havia acontecido com o seu pai, mas nunca, jamais imaginaria que ele fosse ter a reação de um adulto. Uma criança não merece passar por uma dor assim.

Depois do hospital, eu levei André para tomar um sorvete e o deixei escolher tudo o que queria, o que pareceu animá-lo um pouco.

— Tia Emy, quando meu pai acordar, você ainda vai casar com ele?

— Mas é claro que vou! Ele não vai fugir de mim, não.

— Aí você vai me dar um irmãozinho, né? Ou irmãzinha.

— Você realmente quer um irmão, não é?

— Sim, eu vou amar muito meu irmão ou irmã.

— Eu sei, meu amor. Assim que seu pai acordar, nós vamos nos casar e vamos te dar um irmão ou irmã. Mas agora eu e você precisamos nos unir e ser fortes, continuar orando e pedindo para o “Papai do Céu” curar seu pai.

— Faça isso todas as noites, tia. A tia Rafa ora comigo toda noite a oração do anjo da guarda.

— Isso mesmo, meu amor. E estou muito feliz com você, viu? A tia Rafa falou que a sua nota em português foi a mais alta da sala.

— Eu gosto mais de português do que de matemática, mas não pode contar para o papai, porque ele pode ficar triste.

— Pode deixar, vai ser um segredo nosso.



Cheguei a Esperança passava das 8h da noite. Passaria a noite lá e, na manhã seguinte, voltaria a Curitiba.



*Saber esperar é uma virtude
Aceitar, sem questionar, que cada coisa
Tem um tempo certo para acontecer
É ter fé
– Blue Shell*

Haviam se passado quase dois meses desde o acidente de Lorenzo. Era véspera de Natal, e eu tinha prometido que iria passar essa data com minha irmã e meus pais, para a ceia. Minha vida era uma rotina de idas ao apartamento da Sophia para comer e tomar banho – ficara inviável financeiramente falando permanecer no hotel quando o coma do Lorenzo se estendera, e me hospedei lá

junto com o seu Ronaldo e a dona Márcia – e voltar ao hospital para ficar com meu noivo. Eu mesma o limpava, ajudava a fisioterapeuta a fazer os exercícios para os músculos dele não atrofiarem.

Ninguém sabia que eu estava grávida, não queria contar a ninguém. Somente o padre Luiz e os médicos do hospital sabiam. E, claro, a enfermeira Valentina, que se mostrara mais que uma enfermeira, uma amiga.

Tinha começado a fazer o pré-natal às escondidas. Outro dia a Valentina me perguntara se eu não estava cansada de praticamente morar no hospital e se eu não perdia minhas esperanças, e eu havia respondido:

— Esperança, às vezes, em algum momento dos meus dias, sim, mas a fé, não.

Às 18h, antes que eu seguisse viagem para Esperança, fui até o quarto de Lorenzo. Não deixava ninguém me ver desanimada e nem abatida. Contudo, por dentro, eu estava exausta.

Aproximei-me de meu noivo; olhando para ele agora, que não estava mais com o rosto machucado, apenas com uma pequena cicatriz, e com a perna direita engessada, ele parecia estar apenas dormindo. Passou pela minha cabeça onde sua mente andava, por que ele não acordava. E, exausta demais para ler um livro para ele, daquela vez segurei em sua mão, beijei-lhe a face e, não conseguindo mais ser forte, chorei.

— Ah, professor, por que você não acorda? Já se passaram quase dois meses. Hoje é Natal, nós podíamos estar em casa, preparando nossa ceia de Natal, abrindo presentes... Eu não sei se você me ouve. Eu não sei onde você está. Eu sei que você está lutando internamente, eu sei. Você não desistiria assim tão fácil. Você é forte. Mas eu não sou. Se você estiver cansado demais, vá. Vá embora, vá encontrar sua Lisandra e sua bebê. Eu prometo que não ficarei revoltada com Deus. Mas, do fundo do meu coração, eu quero que você volte. Eu quero olhar em seus olhos absurdamente azuis e dizer o quanto eu te amo e dizer que aquilo que você e o André tanto queriam aconteceu. Não foi como planejamos, mas Deus sabe das coisas... Sim, meu amor, tem um pedacinho de você crescendo dentro de mim. Ainda é recente. 11 semanas, quase três meses, mas está aqui, e é por esse serzinho que serei forte. Então, amor, se estiver cansado demais, vá. Eu vou entender. Te prometo cuidar do André, que é meu filho do coração, e cuidar desse bebê. Mesmo sozinha... Só não quero mais ver você assim... Vou cantar agora aquela música que você cantou para mim, lembra? No casamento da Rafaela. *A vida tem sons, que pra gente ouvir, precisa aprender que um amor de verdade é feito canção, qualquer coisa assim, que tem seu começo, seu meio e seu fim...* Pode ter certeza, amor, o meu amor por você nunca terá fim. Você arrombou as portas do meu coração e de lá jamais sairá.

Feliz Natal, querido.

Beijei-lhe a testa e saí do quarto enxugando as lágrimas.



Lorenzo

Eu escutei umas palavras e uma música lá ao fundo:

— ... Sim, meu amor, tem um pedacinho de você crescendo dentro de mim. Ainda é recente. 11 semanas, quase três meses, mas está aqui, e é por esse serzinho que serei forte. Então, amor, se estiver cansado demais, vá. Eu vou entender. Te prometo cuidar do André, que é meu filho do coração, e cuidar desse bebê. Mesmo sozinha... Só não quero mais ver você assim... Vou cantar agora aquela música que você cantou para mim, lembra? No casamento da Rafaela. *A vida tem sons, que pra gente ouvir, precisa aprender que um amor de verdade é feito canção, qualquer coisa assim, que tem seu começo, seu meio e seu fim.* Pode ter certeza, amor, o meu amor por você nunca terá fim. Você arrombou as portas do meu coração e de lá jamais sairá. Feliz Natal, querido.

Emy! Era a minha Emy! Será que eu estava sonhando? Escutei um som de porta se fechando, tentei abrir meus olhos, mas não consegui. Então senti lágrimas escorrerem pelo meu rosto.

Eu estava deitado, isso pude perceber. No entanto, onde eu estava? O que tinha acontecido? Eu não me lembrava de nada. Lembrava de estar dirigindo de volta para casa depois da premiação das olimpíadas de matemática e de que estava ansioso, já que em três dias eu me casaria com a Emily.

Depois daquilo, eu não conseguia me lembrar de mais nada. Eu sentia dores por todo o meu corpo. Tentei me mover, mas foi em vão, não conseguia sequer abrir meus olhos.

Escutei alguém abrir a porta do quarto e trocar alguma coisa em meu braço. Parecia soro, mas eu não sabia identificar exatamente o que era. Essa pessoa trocou tudo do meu braço delicada e gentilmente. Então percebi que ela parou de repente e saiu correndo. O que teria acontecido? Eu queria abrir os olhos, queria fazer algum movimento, mas não conseguia.

Não sei quanto tempo depois, aquela pessoa voltou conversando com alguém, e escutei a conversa entre eles:

— Olhe para ele, doutor! Olhe!

— Lágrimas? São lágrimas?

— Sim! Acho que ele pode nos escutar, doutor.

— Quem esteve aqui com ele hoje? A mãe ou a noiva?

— A noiva.

— Essa é uma reação muito positiva. Mas não daremos falsas esperanças à família. Vamos continuar estimulando-o, vamos ver se ele tem algum outro tipo de reação nas próximas horas. Mas, por enquanto, não falaremos das lágrimas. É isso aí, amigão, só depende de você. Você quer viver, não quer? Então volte para nós. Quando você estiver preparado, estaremos aqui.

Depois daquilo, voltei a dormir. Acordei não sei quanto tempo depois, mas ainda não conseguia abrir meus olhos. Escutei gente ao meu redor:

— Bom dia, amigão. Eu sei que você me ouve. Eu tenho certeza. Então, para provarmos que você está voltando à sua consciência, preciso que me ajude, está bem? Lorenzo, se estiver sentindo minha mão na sua, tente apertá-la. Não precisa ser muito forte. Um leve fechar de dedos já me fará feliz.

Que médico era aquele? Parecia que ele estava falando com uma criança. Era claro que eu sentia a sua mão na minha. Entretanto, não sabia se conseguiria apertá-la. Fiz um esforço tremendo, mas nada se movia.

Porém, o médico era persistente. Ele abriu a palma da minha mão e passou levemente o dedo sobre ela. Dessa vez, meu esforço não foi em vão; consegui fazer um leve movimento com o polegar e o dedo indicador.

— Sim, isso mesmo, meu amigo. Que alegria! Nós não estávamos enganados. Você está voltando. Se você entende o que eu digo, mexa novamente o dedo indicador.

Consegui mexer levemente o dedo, e ouvi risos dentro do quarto.

— Muito bem, amigo. Descanse. Logo, logo você irá conseguir abrir esses olhos e se recuperar. Você está voltando ao mundo dos vivos, meu amigo. Hora de avisar à família. Olha só que presente de Natal!



Emily

Nosso Natal não foi um dos mais felizes. Fizemos a ceia, trocamos alguns presentes, mas meu coração e pensamentos estavam lá, naquele bendito hospital. Eu sabia que cedo ou tarde aquele sofrimento ia cessar. Todavia me perguntava quando.

Eu e o André decidimos ir dormir na nossa casa, ou seja, na casa do Lorenzo, que eu já tinha como minha. Fiz a oração do anjo da guarda com o André antes de ele ir dormir e fui para o quarto. Tomei um chá antes de dormir e

fiquei meio que conversando com a minha barriga. Ainda era pequena demais para alguém notar, mas eu sabia que era questão de tempo. Eu estava apenas esperando o momento certo para contar para toda a família. Na verdade, esperava Lorenzo acordar. Eu tinha grandes esperanças de que aquilo aconteceria.

Adormeci imaginando-o acordado, vivo, saudável, risonho e alegre como quando eu o conhecera, cheio de surpresas para mim, todo romântico. No entanto, ao adormecer, tive um sonho horrível. Sonhei que haviam me ligado no celular pedindo minha presença com urgência no hospital, e, quando eu lá chegava, o médico me dava a notícia de que Lorenzo havia finalmente “descansado”, partido daquela vida, levando consigo tudo o que sobrara do meu coração.

Acordei em prantos quando ouvi meu celular tocar. Já era em torno das 10h da manhã, e era o número que eu já conhecia. Era o número do hospital. Eu gelei na mesma hora. Não podia estar acontecendo aquilo, aquele sonho não podia ser um aviso ou uma preparação para o pior! Atendi já com a voz embargada:

— A-alô?

— Senhora Emily?

— Sim, é ela.

— Senhora Emily, é aqui do hospital Santo Inácio, e estou ligando porque aqui consta seu número para contato. A senhora é noiva do paciente Lorenzo?

— Si-sim. A-aconteceu alguma coisa com ele? O estado de saúde dele piorou? Foi isso?

— Senhora Emily, tenha calma. Estou ligando porque o médico pediu para entrarmos em contato com a senhora, pois ele necessita da sua presença aqui o quanto antes.

— Está bem. Logo estarei aí.

O que mais poderia ser? Por que o médico iria me querer lá? Algo grave deveria ter acontecido, caso contrário, teriam me falado por telefone. Pulei da cama, troquei de roupa e acordei o André. Dei-lhe o seu café da manhã e o deixei na casa da Rafa, explicando que haviam me ligado do hospital. Ela, que já me conhecia, percebeu meu desespero. Ao me abraçar para se despedir de mim, pediu-me:

— Irmã, não deixe que seu medo te domine. Tenha fé.

E fui com essa frase em mente dirigindo até Curitiba, pronta para receber boas ou más notícias. Era inevitável não pensar em coisas ruins depois do sonho que eu tivera. Contudo, eu tinha de ser forte, não podia desabar. Não naquele momento.



*O amor nos salvará
Se nós apenas chamarmos
Ele não nos pedirá nada
Mas exige tudo de nós
– Warren Barfield*

Cheguei ao hospital e estranhei ao não encontrar nem a dona Márcia, nem seu Ronaldo ali. Eles só podiam estar no quarto ocupado por Lorenzo. Perguntei à recepcionista se eu podia entrar, mas ela me disse que não, que era para eu esperar, pois o doutor Joaquim queria falar comigo. Meu coração ficou pequeno dentro do peito. Como manter a calma e esperar assim?

Em torno de cinco minutos depois, o doutor Joaquim apareceu e me pediu para acompanhá-lo até sua sala. Pediu que eu me sentasse e foi logo falando:

— Entramos em contato com a dona Márcia e o seu Ronaldo, mas eles ainda vão demorar um pouco para chegar...

— Por favor, doutor, não me enrole. Fale logo. Lorenzo nos deixou, não foi?

— Por que está chorando, dona Emily? Nem sabe ainda o que tenho para dizer. Se acalme, por favor. Não tenha medo. Lorenzo não te deixou. Pelo contrário, parece estar reagindo.

— Como é...?

— Ontem, véspera de Natal, depois de a senhora ter saído, uma das enfermeiras de plantão foi trocar o soro de Lorenzo e percebeu que havia lágrimas em seu rosto. Ela chamou o médico que estava de plantão, que fez alguns testes para ver se ele reagia, mas ele não fez nada. Porém, hoje de manhã, quando eu cheguei, ele reagiu. Ele está aos poucos ficando consciente. Ele nos escuta, Emily. Embora ainda não abra os olhos e não solte um único ruído, ele faz um leve movimento com o dedão e o dedo indicador. Por isso eu a chamei. Quem sabe, se a senhora o estimular, ele reaja melhor e acorde de vez.

Eu agora chorava de alegria e tinha certeza de que ele ia abrir os olhos, depois de quase dois meses, bem no dia de Natal. Ele ia voltar para nós.

Fui acompanhada até o quarto do Lorenzo pelo doutor Joaquim, que me deixou a sós com ele.

— Oi, amor! Soube que está ouvindo tudo ao seu redor e que consegue mexer o dedão e o dedo indicador. Se estiver me ouvindo, por favor, mova-os para mim. Por favor?

Entretanto, para a minha total decepção, ele não moveu um único músculo do corpo. Repeti o pedido, e nada. Então peguei em sua mão e a encostei em minha barriga.

— Amor, eu sei que está cansado. Eu sei, eu entendo. Mas aqui, bem aqui dentro de mim, está crescendo um pedacinho seu que precisa de você, assim como o André precisa, assim como eu preciso. Faça um pequeno esforço por nós e acorde, amor. Por favor.

E nada. Suspirei, profundamente cansada. Eu precisava de um café. Segurei em sua mão e disse:

— Está bem, professor, tudo no seu tempo. Vou tomar um café e já volto.

Quando ia tirar minha mão da dele, senti um pequeno aperto e ouvi um sussurro:

— Emy...

Foi muito baixo, foi tão leve que eu pensei ter imaginado. Porém, quando

decidi olhar em seu rosto, seus olhos azuis estavam ali, abertos, olhando para mim e com lágrimas os invadindo.

Eu não poderia ter uma reação diferente, abracei-o e, chorando, senti que seus braços se levantaram levemente para me entrelaçar, mas lembrei que ele tinha soro e medicamentos sendo injetados em suas veias. Afastei-me de seu abraço e disse:

— Bem-vindo de volta, meu amor.

— Amor...? Água — ele ainda estava falando meio enrolado, mas eu entendi, ele estava com sede. Apertei a campainha, e logo a enfermeira apareceu correndo e foi buscar um pouco de água para ele. Não demorou muito para o doutor Joaquim aparecer.

— Bem-vindo ao mundo dos vivos, professor! Nunca desisti de você, meu amigo. Sente dor?

Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Consegue falar?

— Si-sim.

— Ok, ok. Não precisa se esforçar tanto. Você terá a vida toda para tagarelar o quanto quiser. Você se lembra do que aconteceu e por que está aqui?

— Não.

— Muito bem. Emily, preciso fazer alguns exames em Lorenzo. Se puder ficar lá fora aguardando... Assim que eu puder, te chamo.

— *Tá bom.* Lorenzo, eu te amo.

Eu não podia me conter de tanta felicidade. Meu Lorenzo estava acordado, falando. Se antes eu chorava, agora eu estava sorrindo à toa. Fui correndo até a capela do hospital, local onde muitas vezes eu pedira e suplicara a Deus para que salvasse meu Lorenzo. Agora iria fazer uma oração em agradecimento. Deus novamente estava me dando a chance de recomeçar. E eu era só gratidão.

Uma hora depois mais ou menos, o médico deixou que eu voltasse para o quarto e avisou que Lorenzo estava com fome e que logo a enfermeira traria uma sopa bem leve para eu a dar a ele.

— Oi, professor.

— Vem cá. Senta aqui perto de mim. Estou muito atrasado para nosso casamento?

— Eu diria que quase dois meses.

— Perdão, eu não queria que isso tivesse acontecido.

— Você não teve culpa. Mas eu morri de medo de te perder.

— Agora estou aqui e nunca mais, nunca mais vou te deixar.

Ele me pediu para lhe contar tudo o que tinha acontecido, e passei a explicar, até que ele me interrompeu e me surpreendeu dizendo aquilo e

passando a mão em minha barriga:

— Se for menino posso escolher o nome?

— Vo-você me ouviu?

— Sim, mas eu não conseguia fazer meu corpo me responder. Agora não sei como, juro que não sei, consegui ter o controle dele de volta. Foi Deus. Tenho certeza de que Deus me deu uma chance de recomeçar minha vida ao seu lado, ao lado do grande amor da minha vida. O doutor disse que você não saiu daqui do hospital. Mais morava aqui do que em qualquer outro lugar.

— Você não desistiu de mim, eu não ia desistir de você. O amor não é uma luta, mas vale a pena lutar por ele.

— Tradução da música que coloquei para tocar no dia em que pedi sua mão.

— Sim!

— Obrigado por não desistir de mim.

— Você não desistiria de mim.



Foi o melhor presente de Natal que poderíamos ter ganhado. Assim que os pais de Lorenzo chegaram, deixei-os a sós com o filho e liguei para a Rafaela para dar a boa notícia e para ela trazer o André, pois Lorenzo estava morrendo de saudades dele.

Assim que o garoto chegou, peguei em sua mão e o levei até o quarto. Lorenzo estava sentado na cama, tomando mais um remédio, e seu filho o abraçou. Aquela era a cena mais linda que eu já tinha visto na minha vida.

Lorenzo me viu espiando pela abertura da porta e me fez sinal para entrar no quarto. Aproximei-me dos dois, e ele nos envolveu em um abraço coletivo.

— Essa é a razão de eu estar vivo. Sem vocês eu não sou nada. Amo vocês.



No dia 29 de dezembro, Lorenzo teve alta. Todavia, ainda teria de voltar regularmente para exames no hospital. Depois de tirar o gesso, também precisaria fazer fisioterapia na sua perna, mas isso poderia ser feito em Esperança mesmo. Nós dois e os pais dele iríamos fazer uma surpresa, chegando sem avisar à casa da Rafaela.

Por causa do gesso, Lorenzo estava andando de muletas para se apoiar.

Contudo, segundo o médico, no mais ele estava saudável. Fora um verdadeiro milagre.

Compramos todos os medicamentos de que o Lorenzo precisava e seguimos viagem de volta para Esperança. O seu Ronaldo foi dirigindo o carro da Rafa com a dona Márcia na frente, e eu fui com Lorenzo no banco de trás. Além da surpresa de Lorenzo estar voltando para casa, decidimos que, já que todos estariam reunidos, contaríamos sobre a gravidez também para que juntos comemorássemos tudo.

Ao chegarmos, ajudamos Lorenzo a descer do carro, e, quando entramos na cozinha da casa da Rafa, ela estava colocando o jantar na mesa. De repente o André viu o pai ali e saiu correndo em disparada, abraçando-o com toda a força e quase derrubando o pai no chão.

— Tem comida para mais quatro?

— Emy?! Lorenzo! Deus do Céu, que benção! Claro que tem! Por favor, entrem, sentem aí. Fiquem à vontade.

O jantar foi agradável, meus pais e a Sophia também estavam presentes, e, antes de eu e a Rafa tirarmos a mesa e lavarmos a louça, Lorenzo se esforçou para se levantar, mas ficou de pé e pediu a atenção de todos:

— Queria aproveitar que estão todos da minha família aqui e agradecer por tudo: pelas orações, por cuidarem do André, por tudo o que fizeram por mim; a minha Emy, por ter largado tudo e ter ficado comigo sempre, não ter desistido de mim. Ao padre Luiz, de quem para sempre terei literalmente um pedaço dentro de mim, amanhã irei à igreja para lhe agradecer. Deus me deu pessoas especiais e maravilhosas para conviverem comigo. Sou eternamente grato. Eu podia ter morrido, mas Ele me deu uma segunda chance. Agora é só recomeçar. E nada melhor para isso do que uma vida nova, que veio de maneira inesperada, veio mais rápido do que imaginávamos. Emy... acho que é melhor você dar a boa notícia.

— Tem certeza de que você não quer...

— Fala logo, amor.

— A notícia veio de uma forma inesperada para mim também. Eu levei um susto, pois veio em um momento em que eu estava muito desesperada, e foi isso que me deu forças para lutar. Eu e Lorenzo estamos grávidos. André, meu amor, você terá o irmão ou irmã que tanto queria.

Todos vieram nos abraçar e felicitar. Agora era só pensar em vida nova. Nada de tristeza e sofrimento.



Lorenzo

Era como se eu tivesse realmente voltado do mundo dos mortos. Como era bom estar em casa.

Emily ajeitou a cama para eu me deitar. Depois, enquanto ela fazia a oração do anjo da guarda de todas as noites com o André, eu fiquei em silêncio só escutando a conversa dos dois:

— Tia Emy, como eu *tô* feliz que vou ter um irmão. Vou agradecer um montão a Deus por isso.

— Isso mesmo, meu lindo. Agora só temos que agradecer.

— Que bom que meu pai *tá* acordado, né, tia? Não deixa ele nunca mais dormir daquele jeito.

— Pode deixar, meu amor, ele nunca mais vai dormir assim.

A vida é mesmo uma caixinha de surpresas, umas boas, outras nem tanto. Passei a perceber que eu era um homem muito afortunado, rico de amor.

Emily logo veio para o quarto, deitou-se ao meu lado e apoiou sua cabeça em meu peito. Senti seu cheiro. Que saudades que eu estava dela! Do seu cheiro, do seu calor. De tudo, enfim.

— Eu estava com tantas saudades de me deitar assim, em seu peito, sentir o ritmo de sua respiração.

— Eu estava pensando exatamente o mesmo.

Beijei sua boca, invadindo-a com minha língua, sentindo o seu gosto. Contudo, assim que o beijou foi ficando mais quente, ela se afastou.

— Amor, ainda não podemos.

— Eu sei. Mas eu tenho tanta saudade.

— Eu também. Mas serão só mais três dias.

— Eu te amo, Emy!

— Eu te amo, Lorenzo. Agora consigo dizer. Não entala mais em minha garganta.

— Eu nunca duvidei de que você me amasse mesmo, Emy; não é só com palavras que se prova o que sentimos, mas também por gestos. Mas admito, gostei de ouvir.

— Está confortável?

— Muito.

— Está com dor?

— Eu estou bem, amor. Só o gesso incomoda um pouco, mas eu renasci.

Isso é o mínimo. Amanhã cedo você vai comigo até a igreja? Preciso agradecer pessoalmente ao padre Luiz por ter sido o meu salvador, ter doado um rim para mim.

— Claro.

— E, de quebra, vamos remarcar nosso casamento, tanto o religioso quanto o civil, já que nossa autorização se venceu para esse. Tem que ser para o quanto antes.

— Como você quiser!

Assim, na manhã seguinte, eu e Emy fomos cedo até a igreja, e fui agradecer ao padre Luiz. Ele nos recebeu com um largo sorriso e nos abraçou. Fiquei bastante emocionado ao lhe agradecer. Ele foi, além de um grande amigo, um salvador.

— Não tem que me agradecer. É uma grande honra doar um órgão e dar uma chance a um grande amigo, a um irmão.

— Agora queremos remarcar nosso casamento. Já atrasei demais.

— Vamos lá, meus amigos, vamos ver a melhor data.

E marcamos para o último sábado de janeiro. Minha cunhada entrou em contato com todos os fornecedores e o buffet, e tudo deu certo. Refaríamos os convites, agora sem atrasos, sem imprevistos, sem acidentes na estrada.



*Mas acabei entendendo que amar
É mais do que resmungar três palavrinhas antes de dormir.
O amor é sustentado por ações,
Pela constante dedicação às coisas que
Um faz pelo outro diariamente
– Nicholas Sparks*

Passamos o Réveillon em minha casa, numa festa enorme em que todos os amigos e familiares compareceram, inclusive a Carmem, amiga da Emily, que soubera do acontecido e prometera nunca mais ficar distante, o que deixou minha Emy bem feliz.

Passaram-se, então, 30 dias, e o grande dia, o dia com o qual eu havia

sonhado tanto, finalmente chegou: o dia do meu casamento. A igreja estava linda. E meu filho parecia um príncipe com seu traje de pajem.

Eu estava muito nervoso. Suava frio. Ainda em que não estava mais com o gesso em minha perna. A pequena igreja estava cheia. Esperança em peso estava lá. Nossos padrinhos foram a Rafaela e o Lucas e a Carmem e o seu marido, que estavam morando em Curitiba e agora passavam os fins de semana lá em casa, o que nos deixava animados. Era bom receber os amigos. E eu, o Johnny e o Lucas nos tínhamos tornado grandes amigos.

— Calma aí, meu amigo, logo sua Emy chega. Sou padre e posso afirmar com certeza absoluta que as noivas sempre atrasam.

— Estou ansioso demais, padre.

— É normal. Esperou tanto por esse momento.

E, mal ele terminou de falar, o carro que trazia Emy chegou, e meu coração bateu descompassado dentro do peito. Podem-se passar anos, mas nunca vou me esquecer de como Emily estava linda. Ela usava um vestido simples de renda, na cor bege, com uma pequena calda, usava uma trança de lado, e algumas flores enfeitavam seu cabelo. Parecia uma princesa do campo.

Fiquei lá no altar com aquela cara de bobo, enquanto ela era só sorrisos. Não, eu não estava sonhando, ela estava ali. Linda. E seria minha para sempre.

Desde que Lisandra morrera, eu sonhava em me reerguer, reconstruir minha vida, voltar a amar, mas não imaginava que, em uma cidadezinha chamada Esperança, isso fosse acontecer. Já Emy não queria aquilo. Não sonhava mais com aquilo, achava que sua vida tinha acabado, e eu a entendia. No entanto, acredito, no fundo do meu ser, que as coisas acontecem porque têm de acontecer. Deus tem um propósito para tudo. Ele sabe o que virá à frente. Então eu sei que, se eu me apaixonei pela Emy desde o primeiro esbarrão, foi porque era para ser. Minha história e a dela estavam entrelaçadas desde a nossa primeira troca de olhares. Esse encontro meu e dela estava escrito por uma força maior, éramos destinados a ficar juntos. Eu acredito nisso com todo o meu coração.



Emily

Olhar-me naquele espelho com os cabelos já mais compridos, toda maquiada, com aquele vestido de noiva, parecia-me meio surreal. Eu não parecia ser a mesma de um ano e meio antes. Aliás, deixara para trás aquela Emily depressiva e triste. O que me restava de meu Heitor e meu Miguel eram as

lembranças mais lindas de um amor que tivera seu tempo, mas que infelizmente fora interrompido cedo demais. Sim, eu amaria os dois eternamente, eles eram parte de quem eu era, e eu os levaria comigo para todo o sempre. Entretanto, a roda da vida estava girando ao meu favor. E Deus fora tão misericordioso comigo que me enviara dois anjos para que eu pudesse entender que, por mais dores que meu coração tivesse, ele sempre seria capaz de amar. Sempre teria um espacinho para mais amor.

— Vamos, filha? — inquiriu meu pai, despertando-me dos meus devaneios.

— Como eu estou?

— Linda!

Seguimos para a pequena igreja de Esperança, e o frio em minha barriga já me dominava. Aquele papo de parecer ter borboletas voando em nossos estômagos era verdade.

As portas da igreja se abriram para mim, e vi que ela estava lotada. Ver meu professor tão lindo e saudável no altar, em pé, à minha espera foi a maior emoção da minha vida depois da minha grande perda.

O padre Luiz realizaria a cerimônia, que, sem sombra de dúvidas, ficaria em minha memória eternamente.

— Caros amigos, estamos hoje aqui reunidos para celebrar essa união tão esperada de Emily e Lorenzo. Com conhecimento de causa, posso dizer que estou de fato emocionado por realizar essa união. Lorenzo, conheci-o há cerca de um ano e meio, quando veio morar aqui na cidade, e posso afirmar que, além de ele ter um pedaço de mim, no caso, meu rim — todos riram nesse momento —, ele me conquistou, e tenho certeza de que foi alguém enviado especialmente para cuidar da minha amiga Emily, que hoje é uma mulher diferente, mais madura, mais feliz. Acreditem quando eu digo que ela renasceu, porque é realmente uma verdade. Ninguém sabe quanta dor e quanto sofrimento eu vi nessa menina. Mas eu nunca desisti dela, porque, quando Deus me colocou no seu caminho, eu sabia que minha missão era cuidar dela e a colocar no caminho da luz.

“Não foi uma tarefa fácil. Deus deve ter ficado impaciente com tantos pedidos que eu fiz para que ele mandasse um amor para Emily para amá-la e cuidar de seu coração havia muito ferido. Demorou, mas Deus não tarda, Deus capricha. Deus cruzou o caminho desses dois filhos. Ambos têm uma história de perdas, mas também hoje nos servem de exemplo. Sim, exemplo. Exemplo de fé e esperança. Um foi para o outro um porto seguro. Foram um amor para recomeçar. E que esse recomeço dure até o fim de suas vidas. Então, meus queridos, lembrem-se, o casamento não é fácil, mas as pequenas atitudes e o cuidado um com o outro são como uma plantinha, devem ser regados

diariamente, com gestos simples, e isso eu sei que vocês sempre farão.”

“Deus é sabedor de todas as coisas, nada é em vão. Nada é por acaso ou pura coincidência. Que me perdoem os que são descrentes, mas um dia vocês descobrirão que existe um ser superior que cuida de vocês. A palavra recomeçar significa que alguém caiu, levou um tombo feio, uma rasteira da vida e perdeu todas as suas esperanças, mas nem tudo está perdido, pois é quando estamos lá no chão que Deus estende sua mão sobre nós e nos puxa de volta. Recomeçar é se levantar, segurar nas mãos de Deus e seguir em frente. Não estou dizendo que as dores sumirão, mas que elas te ensinarão e te darão sabedoria para enfrentar o que vier e viver plenamente. A cena de hoje é um recomeço; um amor para recomeçar, e que este recomeçar seja o desejo do coração de cada um de nós.”

Eu e Lorenzo nos emocionamos muito durante toda a cerimônia. Assim que ela acabou, fomos para a festa, que seria ao ar livre, em frente ao lago da casa do Lorenzo, ou melhor, da nossa casa.

Tiramos algumas fotos e fomos dançar nossa música, a mesma que Lorenzo fez tocar quando me pediu em casamento, *Love Is not a Fight*. Foi um momento mágico, parecia que não havia mais ninguém ali, só eu e ele. Era uma música lenta, pois a perna dele ainda não estava totalmente curada.

— Agora finalmente você é minha esposa. Está feliz?

— Muito. Mais do que poderia imaginar ser um dia.

— Eu tive uma ideia; não sei se você topa.

— Com você eu topo qualquer coisa.

— Eu queria que o padre Luiz fosse padrinho do nosso bebê. Será que padre pode ser padrinho?

— Eu acredito que sim. Ele ficaria muito feliz.

— Vamos falar com ele depois de cortarmos o bolo.

Lorenzo sempre tivera respeito pelo padre Luiz, e agora também se tornara amigo dele, o que me emocionava.

Depois da dança cortamos o bolo, e o primeiro pedaço foi para o André, que ficou todo bobo.

Assim que nos servimos de bolo, jantamos e a pista de dança foi liberada, fomos conversar com nosso amigo padre Luiz.

— Então, meu amigo, o que está achando da festa? — questionei.

— Tudo muito lindo. Que Deus abençoe sempre a união de vocês.

— O senhor também nos emocionou muito com aquelas palavras durante a cerimônia.

— São palavras vindas do meu coração, minha amiga.

— Nós sabemos, e por essa e várias outras razões, eu e Lorenzo... Fala você, amor, que teve a ideia.

— Padre, o senhor, além de ter salvado uma vez a vida da Emy, como também a minha me doando um de seus rins, é nosso amigo, e nós gostaríamos de saber se o senhor aceitaria ser o padrinho do nosso bebê.

— Padrinho? E-eu? Eu faço batismos, mas nunca fui padrinho.

— O senhor aceita?

— Mas é claro! Fico até emocionado.

Ele nos abraçou, e percebi que seus olhos estavam cheios d'água. Fora o fato de ele ser padre e ter me ensinado muitas coisas sobre Deus e a vida, uma das coisas mais lindas que me ensinou e demonstrou nesses anos todos foi a amizade verdadeira. Aquela amizade que nada pede, nada cobra, apenas existe.

Não demorou para as “solteironas de plantão” pedirem para eu jogar meu buquê. Havia algumas primas solteiras também que tinham vindo para o meu casamento, além da Mariana, que estava namorando firme o Mathias. Antes que eu fosse até elas para jogar o buquê, o Lorenzo me chamou num canto e cochichou ao meu ouvido:

— Amor, o Mathias pediu um favor, se você concordar, claro.

— Hum... Vocês estão de arte. Vai, diz logo.

Ele me contou, e eu sorri, aceitando a proposta. Corri até as solteironas loucas para pegarem o buquê. Dei as costas para elas e contei até três, porém, no três, em vez de jogar o buquê, eu corri em direção a Mariana e entreguei o buquê em suas mãos. Atrás dela veio o Mathias, que pegou em sua mão, ajoelhou-se e pediu sua mão:

— Mari, eu sei que você e eu somos meio doidinhos, mas nós nos encontramos em nossa loucura. Aceita casar comigo?

E lhe estendeu um anel de noivado lindo. Todos ficaram comovidos e aplaudiram. É claro que ela aceitou.

— E-eu não sabia, Emy. Quando você soube disso?

— Ah, Mari, alguns minutos atrás... Parabéns ao casal. Vamos fazer um brinde!

Mariana chorou de tão emocionada que estava. Ela merecia, a sua personalidade que a fazia sempre correr atrás de um par de calças e ser meio “oferecida” no fundo era apenas carência. E agora ela parecia ter encontrado finalmente o grande amor de sua vida.



A dona Márcia e o seu Ronaldo, agora oficialmente meus sogros, iriam ficar ali em casa cuidando do André, pois eu e Lorenzo iríamos para uma viagem de

lua de mel de sete dias para Fortaleza, presente dos meus pais.

Nós viajaríamos na manhã seguinte. Os últimos a saírem da festa foram a Rafa e o Lucas e a Carmem com seu marido e seus filhos. Já passava das 4h30 da manhã.

Uma empresa viria para limpar e arrumar o terreno na tarde seguinte, então nem com isso precisaríamos nos preocupar. Quando ficamos só nós dois ali, no meio daquela decoração, eu, que estava sentada no colo de Lorenzo, levantei-me e peguei em sua mão.

— Vamos entrar, marido?

— Hoje foi um dia perfeito, não foi?

— Foi, sim. Mas foi só o primeiro do resto dos nossos dias. Agora vamos entrar, descansar um pouco, pois precisamos ir cedo para Curitiba para pegar nosso voo para Fortaleza!

— Vamos, sim. Pena eu não poder fazer como manda o figurino!

Por causa da sua perna, Lorenzo não podia me pegar no colo, então fomos andando abraçados até dentro de casa. Andamos com cuidado para não acordar os que já estavam dormindo – meus sogros e o André.

Entramos no quarto, e Lorenzo foi tão romântico e suave como na nossa primeira vez. Ele fechou a porta atrás de si quando entrou. Eu estava de costas para ele, que me abraçou por trás, começou a fungar em meu pescoço, deu um beijo molhado e quente ali e devagar foi desabotoando meu vestido. Assim que ele terminou, eu me virei de frente para ele e ergui meus braços para ele puxar o vestido por minha cabeça, o que ele fez delicadamente. Deixou o vestido no chão e me tomou em seus braços, dando-me um beijo lento e doce. Ele não precisava dizer mais nada depois daquele beijo, porque tudo o que precisava ser dito já o fora através dele.

Eu tomei a iniciativa de interromper o beijo e passei a tirar suas roupas peça por peça. E logo nos perdemos um no outro.

Na manhã seguinte viajamos para a nossa lua de mel, e foi simplesmente inesquecível. E se reparassem bem, minha barriguinha de quase quatro meses já estava aparecendo.

Nós ainda não sabíamos o que seria, se menino ou menina, mas pouco importava; estávamos tão felizes que o que viesse, era com certeza um presente de Deus.



*Só o amor muda o que já se fez
E a força da paz junta todos outra vez
Venha, já é hora de acender a chama da vida
E fazer a terra inteira feliz*
– **Roupa Nova feat Padre Fábio de Melo**

Dez anos depois.

Com o passar do tempo, o amor entre mim e Lorenzo só aumentou. Fazia quase dez anos que nosso menininho nascera, grande, forte e bonito, e, como o combinado, eu deixara Lorenzo escolher o nome e me surpreendera ainda na

maternidade.

— Professor, professor... está me deixando ansiosa. Como será o nome do nosso bebê?

— Ah, sim, tome, já está aqui a certidão de nascimento dele. Espero que você goste do nome que escolhi.

Eu tinha pegado a certidão de sua mão, e meu coração quase saíra pela boca quando vira o nome.

— Luiz Miguel?

— Luiz por causa do nosso amigo padre e dindo do nosso filho, e Miguel... em homenagem ao seu anjinho que mora no céu.

— É lindo, eu amei!

Eu sentia orgulho da família que tínhamos construído havia dez anos. Estava colocando o café da manhã na mesa e chamando o Luiz Miguel para ele se apressar, pois chegaria atrasado à escola.

— Já vou, mãe. Oh, mãe, dá para tirar a Valentina do meu quarto?! Ela destrói todos os meus brinquedos.

— Já estou indo, mas você tem que ter um pouquinho de paciência com a sua irmã.

Nem precisei ir até lá, Lorenzo já vinha com a nossa princesinha no colo. Valentina fora muito desejada, viera para nós havia quatro anos.

O André já era um moço de vinte anos lindo e estudioso e, como eu previra um dia, hoje ele namorava a Dudinha, sua amiguinha de escola. Ele não morava mais conosco, havia ido cursar direito em São Paulo e tinha se tornado um moço muito bonito. Todavia, sua beleza lembrava muito sua falecida mãe, apenas seus olhos eram azuis iguais aos do pai. Eu e Lorenzo nos orgulhávamos muito dele.

Sophia se casara e até o momento não tinha filhos. Já Rafaela, dois anos depois que o Luiz Miguel nascera, tivera uma menininha chamada Lisa.

Perdida em pensamentos, fiquei observando minha pequena Valentina e na hora me lembrei do meu eterno “Patetinha”:

— Lorenzo, olha só como a Tina está usando as meias.

Ele gargalhou.

— Minha filha, o que é isso?! Está parecendo o Pateta.

— O... o Miguel usava as meias dele assim, por isso eu e o Heitor o chamávamos de “Patetinha”.

— Te trouxemos lembranças tristes?

— Não, mas cada vez que penso nele, dá uma dorzinha no coração, uma saudade. Hoje ele seria um homem feito, completaria 24 anos em poucas semanas.

— Eu te amo! — Ele chegou perto de mim, percebendo que lágrimas

tinham invadido meus olhos.

Peguei minha Valentina no colo e beijei sua testa. Ela tinha os cabelos castanho-claros como os meus, quase loiros, e os olhos do pai. Tanto ela quanto Luiz Miguel haviam puxado os olhos do pai. Contudo, Valentina era mais parecida comigo fisicamente, enquanto Luiz era a cara de Lorenzo.



André viera passar o fim de semana com a gente. Eu e Lorenzo estávamos sentados na varanda da casa olhando os nossos três filhos (porque André também era um pouco meu) nadarem no lago. Se isso não é felicidade, então eu não sei o que é, pois eles me completavam em todos os sentidos, e aquele rombo em meu coração, aqueles buracinhos que pareciam uma peneira tinham sido preenchidos por esse amor. O amor de Lorenzo e de meus filhos.

Há várias formas de recomeçar, várias maneiras de se amar. Perder alguém que se ama e depois voltar a tocar a vida não significa que se deixou de amar os que partiram, mas sim que foram tão amados que não se pode ficar preso a uma solidão e escuridão profundas. Recomeçar não é fácil, é uma forma de homenagear quem partiu. Deve-se viver cada dia como se fosse o último, pois a vida é frágil, uma dádiva divina que deve ser aproveitada. Não, eu não deixei de amar Heitor, muito menos Miguel, eles sempre morarão em meu coração, sempre serão parte de quem eu sou. Meu coração apenas ficou maior, com um pedacinho que pertence a cada um deles – Heitor, Miguel, Lorenzo, André, Valentina. Minha dica é essa... recomece, não importa qual o tamanho da sua dor ou o tamanho do seu tombo, pois tem um “cara lá em cima” que sempre terá suas mãos estendidas para te ajudar, basta você permitir.

Fim.



Sobre a autora



Nascida em 1984, em Curitiba-PR, sempre foi fascinada pelos livros, e aos 14 anos começou a escrever. Se aventurou e aos 33 anos seu primeiro livro *Mudança Radical* foi publicado por uma editora em 2016.

Atualmente trabalha como auxiliar administrativo e Rh em sua cidade natal, onde mora com seus pais e seus 3 Pit Bulls. Mas sua verdadeira paixão é a escrita.



Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Facebook](#) | [Instagram](#) | [Wattpad](#)

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada!

Notas

[[←1](#)]

Nota da autora: cidade fictícia.

[[←2](#)]

Nota da autora: *Amor não é um lugar / Para ir e vir quando como desejamos / É uma casa que entramos / E nos comprometemos nunca partir // Então tranque a porta depois de entrar / E jogue a chave fora / Vamos resolver isso juntos / Deixe que nos leve a ajoelhar. Love Is Not A Fight – Warren Barfield.*

Table of Contents

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

[Contato](#)

[Notas](#)